



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CÍCERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA

**O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM  
PRODUÇÕES ESCRITAS E ORAIS DE ALUNOS PERNAMBUCANOS E  
PORTUGUESES**

Recife

2022

CÍCERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA

**O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM  
PRODUÇÕES ESCRITAS E ORAIS DE ALUNOS PERNAMBUCANOS E  
PORTUGUESES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva.

Coorientadora: Profa. Dra. Amália Mendes.

Recife

2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

S586f Silva, Cícero Kleandro Bezerra da  
O fenômeno variável da concordância nominal de número em produções escritas e orais de alunos pernambucanos e portugueses / Cícero Kleandro Bezerra da Silva,. – Recife, 2022.  
395f.: il., tab.

Sob orientação de Cláudia Roberta Tavares Silva.  
Sob a coorientação de Amália Mendes.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Linguística. 2. Concordância nominal. 3. Variação linguística. I. Silva, Cláudia Roberta Tavares Silva (Orientação). II. Mendes, Amália (Coorientação). III. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-171)

CÍCERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA

**O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM  
PRODUÇÕES ESCRITAS E ORAIS DE ALUNOS PERNAMBUCANOS E  
PORTUGUESES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Aprovada em: 14/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Amália Mendes (Coorientadora)  
Universidade de Lisboa

---

Profa. Dra. Ernestina Maria Reia Carrilho (Examinadora Externa)  
Universidade de Lisboa

---

Profa. Dra. Renata Livia de Araújo Santos (Examinadora Externa)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

---

Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

À minha mãe, Helena da Silva (*in memoriam*), que me concedeu a vida e a base da educação.

## AGRADECIMENTOS

Principalmente a Deus, sem o qual não conseguiria ter trilhado todo o caminho desta pesquisa.

O agradecimento principal, na esfera humana, vai para a minha mãe, Helena da Silva (*in memoriam*), que, durante o tempo da sua vida e pelos poucos anos que pude conviver, além de me conceder a vida, também me deu a base do principal legado que os pais podem deixar para os seus filhos — a educação — me motivando nos primeiros anos da educação escolar. Embora não fosse alfabetizada, era letrada na prática de ser mãe.

No âmbito acadêmico, os agradecimentos principais vão para as minhas orientadoras: Cláudia Tavares e Amália Mendes, que me lapidaram durante esse processo de produção acadêmica e sempre foram democráticas em minhas decisões com relação a este trabalho, além de estarem dispostas a ajudar sempre que eu precisei.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos quais alimento um grande carinho: Marcelo Sibaldo, Stella Telles, Joice Armani Galli e Kazue Saito. Aos componentes da secretaria: Adriel Pergentino, Jozaías e Claudyvane, pelo bom atendimento e pela amizade.

Aos componentes da banca: Medianeira Souza, Ernestina Carrilho, Renata Livia e Adeilson Sedrins, por terem aceitado participar de um momento tão importante da minha vida pessoal e acadêmica, que é a defesa da tese, e também pelas contribuições feitas por meio das considerações tecidas para melhoria do trabalho.

Aos amigos e colegas de curso: Edite Consuelo, que é alguém que sempre me ajudou como se fosse uma pessoa da sua família; Alane Luma, por me ajudar a organizar alguns dos resultados nas tabelas, depois que eu os rodei; Déreck Kássio, que esteve presente em minha vida acadêmica no período do mestrado, com quem também vivenciei momentos desafiadores na transição entre defesa de mestrado e seleção de doutorado.

Ao amigo e colega de curso, Sivaldo Correia, que sempre foi muito presente no período de preparo para a minha primeira viagem internacional e que, durante todo o tempo em que estive em solo português, foi um familiar, sempre preocupado e atencioso. À Paula Mendes, por várias informações sobre a entrada e estadia em âmbito internacional, além do seu constante apoio. À Patrícia Fernandes, pelos momentos de descontração, humor acadêmico e disponibilidade em ajudar.

Agradeço também a Herbertt Neves, por algumas revisões de texto no decorrer da vida acadêmica, pelo apoio e pela amizade. À Flávia Karolina, pelo constante apoio acadêmico e

pela hospitalidade, concedendo-me momentos de lazer e alegria, junto ao seu esposo Judson Passini. À Letícia Cunha, pela amizade e pelo apoio acadêmico.

Aos colegas da Universidade de Lisboa: Daise Cardoso, Alessandra Nunes, Luciana Cannizza, Sayhara Sampaio e Adam Woods, pelos bons momentos na universidade e pelo apoio concedido com palavras e ações nos momentos difíceis.

Aos professores, gestores e alunos participantes das escolas pernambucanas onde o trabalho foi realizado: a) cidade de Belo Jardim: Colégio Diocesano Monsenhor Francisco de Assis Neves, Erem João Monteiro de Melo, Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello; b) cidade de Carpina: Colégio Juntos, Escola Pio X, Escola João Cavalcante Petribú; c) cidade de Petrolina: Colégio Dom Bosco, Erem Dom Malan, Escola Municipal Nossa Senhora Rainha dos Anjos; d) cidade do Recife: Colégio Geração, Colégio Estadual Senador Novaes Filho, Escola Municipal Rodolfo Aureliano; e e) cidade de Serra Talhada: Colégio Aplicação, Escola Estadual Irmã Elizabeth (atualmente municipal), Colégio Municipal Cônego João Torres.

Agradeço ao Colégio Valsassina, em Lisboa, a toda a coordenação, aos professores, funcionários da escola e alunos — que me acolheram com calor humano —, principalmente ao diretor João Gomes. Também agradeço ao Escritório Nacional dos Escutas, principalmente aos chefes Luís Lucas Lopes e Nelson Pantaleão.

Agradeço aos chefes regionais e locais no Algarve: António Picamilho, Nelson Maló, Sílvia, João Gema, por terem me ajudado na recolha dos dados no Algarve. Nesse contexto, agradeço também a participação dos jovens Margarida e João Coelho, que me ajudaram nas entrevistas no agrupamento Ferreiras em Albufeira.

No distrito de Braga, agradeço a Hugo Cunha, Catarina Carvalho e Bruno Pereira, por me receberem e acolherem calorosamente, mesmo não sendo possível obter a amostra do norte pelos impedimentos da pandemia.

Agradeço ainda às pessoas que me apoiaram e ajudaram em minha pesquisa no Algarve: Brisa Braga, Raquel Gomes, Vanda Andrade, Cláudia Andrade e Fátima Esberard (esta última, uma senhora portuguesa muito amável, que me ajudou em entrevistas). Ao grande homem e chefe escoteiro, Rui Castanheira, que me apoiou em minha pesquisa, especificamente na recolha dos dados em Faro.

Aos amigos brasileiros que tentaram me ajudar com contatos internacionais para a realização da minha pesquisa em Portugal: Patresson Ferreira e Wendel Barros em Natal, e ainda a Jair Lira, em Recife. A Silvestre Frittoli, pelo seu grande apoio em minha primeira

viagem internacional, com suas várias dicas e vários conselhos, disponibilidade incessante em me ouvir e ajudar.

À Luciene Gomes e Maria Lúcia Araújo, pelo apoio administrativo na concessão da minha licença.

À Prefeitura Municipal de Belo Jardim, por conceder a minha licença; e aos colegas da Escola Professor Antenor Vieira de Mello (os quais, em parte, não estão mais nessa escola), por torcerem e se alegrarem pela minha conquista.

À FACEPE, pelo Auxílio Mobilidade Discente, que me ajudou no custeio de algumas despesas em minha viagem para Portugal.

## RESUMO

Este trabalho investigativo discute o fenômeno da concordância nominal (doravante CN) de número na língua falada e na língua escrita de alunos pernambucanos e de alunos portugueses sob o viés de análise atomística e de análise não atomística. Constituindo-se em um estudo realizado à luz da Sociolinguística Variacionista, em que, ao mesmo tempo, se faz uso de princípios funcionalistas e variacionistas, com base em Scherre (1988), esta tese seleciona variáveis linguísticas e extralinguísticas, no intuito de verificar quais dessas variáveis influenciam mais a marcação de pluralidade nos elementos do sintagma nominal. Para tanto, a amostra do português brasileiro (PB), em particular, do português falado e escrito em Pernambuco, conta com um total geral de 9.103 dados (dados de fala: 8.824; dados de escrita: 279) de 360 informantes pernambucanos (estudantes de duas escolas públicas e uma particular em cada cidade, a saber: Recife, Carpina, Belo Jardim, Petrolina e Serra Talhada) que estão no 6º e 9º ano do Fundamental e 3º do Médio, devidamente estratificados em idade, escolaridade, sexo e tipo de escola; já a amostra do PE é constituída, no geral, por 2.171 dados (dados de fala: 1.920; dados de escrita: 251) de 36 informantes lisboetas e 28 algarvios, com idades e níveis de escolaridade equivalentes aos pernambucanos, sendo que os lisboetas são estudantes de uma escola particular, e os algarvios, adolescentes que fazem parte do movimento mundial do escotismo. Com base nos tipos de regra linguística propostos por Labov (2003), por meio das rodadas no programa Goldvarb X, observou-se que, no PB, na análise atomística e também na não atomística da fala em cada localidade pernambucana, a regra da CN de número é variável, enquanto no PE, é categórica na atomística em ambas as localidades e, na não atomística, o Algarve apresentou uma regra semicategórica, permanecendo Lisboa com a regra categórica. Nos dados da escrita, o PB apresentou uma regra semicategórica em todas as localidades na análise atomística, enquanto na não atomística apresentou uma regra variável em Carpina e semicategórica nas demais localidades pernambucanas; já no PE, Lisboa apresentou uma regra categórica na análise atomística e semicategórica na não atomística, e o Algarve obteve uma regra semicategórica em ambas as formas de análise nos dados da escrita. De uma forma geral, observaram-se poucos cancelamentos nos dados do PE em comparação aos dados do PB.

**Palavras-chave:** concordância nominal; fala; escrita; variação linguística.

## ABSTRACT

This work investigates the phenomenon of nominal number agreement (henceforth NNA) in the spoken and written language of students from Pernambuco (Brazil) and Portugal through atomistic and non-atomistic analyses. This is a variationist sociolinguistic study which is based on both functionalist and variationist principles, according to Scherre (1988). Linguistic and extralinguistic variables were selected to verify which of them influence the most the marking of plurality in noun phrases. To this end, a sample of Brazilian Portuguese (BP) was collected in Pernambuco, in particular of spoken and written Portuguese. A total 9103 data sets were collected (speech data: 8824; writing data: 279) from 360 students from two public schools and one private school in each of the cities studied (namely Recife, Carpina, Belo Jardim, Petrolina, and Serra Talhada). Subjects were in the 6<sup>th</sup> grade of elementary school and in the 1<sup>st</sup> and last years of high school and duly classified according to age, education, sex, and type of school. The sample of European Portuguese (EP) consisted of 2171 data sets (speech data: 1920; writing data: 251) from 36 participants from Lisbon and 28 from Algarve, with age and education level similar to those of the Brazilian subjects. Participants from Lisbon are students at a private school and from Algarve are teenagers who are part of the Boy Scout Movement. Based on the types of linguistic rules proposed by Labov (2003), through data analyses in the Goldvarb X software, it was observed that the rule of NNA in BP is variable according to the atomistic and non-atomistic analyses of speech in each city from Pernambuco. On the other hand, for EP, the atomistic analysis was categorical for both cities. In the non-atomistic analysis, however, Algarve and Lisbon presented semi-atomistic and categorical rules, respectively. Considering the writing data, in the atomistic analysis, BP presented a semi-categorical rule in all locations, while in the non-atomistic one, it presented a variable rule in Carpina and a semi-categorical rule in the other cities in Pernambuco. Regarding EP, data from Lisbon presented categorical and semi-categorical rules in the atomistic and non-atomistic analyses, respectively, while Algarve obtained a semi-categorical rule in both analyses of the writing data. In general, few cancellations were observed in the EP data compared to the BP data.

**Keywords:** nominal agreement; speech; writing; linguistic variation.

## RESUMEN

Este trabajo de investigación discute el fenómeno de la concordancia nominal (en adelante la CN) del singular o plural en la lengua hablada y escrita de estudiantes pernambucanos y portugueses bajo el sesgo de un análisis atomista y no atomista. Trata de un estudio realizado a la luz de la Sociolingüística Variacionista, en el que a la vez se utilizan principios funcionalistas y variacionistas, basado en Scherre (1988), se seleccionan variables lingüísticas y extralingüísticas, con el fin de comprobar cuáles de estas variables influyen más el marcado de pluralidad en los elementos del sintagma nominal. Para ello, la muestra de portugués hablado en Brasil (PB), en particular el portugués hablado y escrito en Pernambuco, tiene un total general de 9103 datos (datos de habla: 8824; datos de escritura: 279) de 360 informantes de Pernambuco (estudiantes de dos escuelas públicas y un colegio privado en cada ciudad (a saber: Recife, Carpina, Belo Jardim, Petrolina y Serra Talhada) que se encuentren en los grados 6o y 9o de Enseñanza Fundamental y 3o Medio, debidamente estratificados por edad, escolaridad, sexo y tipo de escuela; por otro lado, la muestra de PE consta, en general, de 2171 datos (datos de habla: 1920; datos escritos: 251) de 36 informantes de Lisboa y 28 del Algarve, con edades y niveles educativos equivalentes a los de Pernambuco, siendo los lisboetas estudiantes de un colegio privado y los algarvios son adolescentes que forman parte del movimiento de escoters mundial. Con fundamentación en los tipos de reglas lingüísticas propuestos por Labov (2003), a través de las rondas en el programa Goldvarb X, se observó que, en BP, en el análisis atomístico y también no atomístico del habla en cada localidad de Pernambuco, la regla de la CN en singular y plural es variable, mientras que en PE es categórica en atomística en ambas localidades y, en no atomística, Algarve presentó una regla semicategórica, quedando Lisboa con la regla categórica. En los datos de escritura, PB presentó regla semicategórica en todas las localidades en el análisis atomístico, mientras que en el no atomístico presentó regla variable en Carpina y semicategórica en las demás localidades de Pernambuco; en PE, Lisboa presentó una regla categórica en el análisis atomístico y semicategórica en el no atomístico, y el Algarve obtuvo una regla semicategórica en ambas formas de análisis en los datos de escritura. En general, se observaron pocas cancelaciones en los datos de PE en comparación con los datos de PB.

**Palabras clave:** concordancia nominal; habla; escritura; variación lingüística.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do estado de Pernambuco na Região Nordeste.....	144
Figura 2 – Mapa da Mesorregião Metropolitana do Recife.....	145
Figura 3 – Carnaval do Recife.....	147
Figura 4 – Mapa da Mesorregião da Zona da Mata.....	151
Figura 5 – Festa de São José de Carpina.....	152
Figura 6 – Mapa da Mesorregião do Agreste.....	154
Figura 7 – Entrada da cidade de Belo Jardim.....	156
Figura 8 – Mapa da Mesorregião do Sertão.....	159
Figura 9 – Xaxado.....	160
Figura 10 – Mapa da Mesorregião do São Francisco.....	163
Figura 11 – Produção de vinho no Vale do São Francisco.....	167
Figura 12 – Queima das Fitas.....	172
Figura 13 – Mapa da divisão territorial de Portugal em distritos.....	173
Figura 14 – Mapa do distrito de Lisboa.....	174
Figura 15 – Festa de Santo Antônio na cidade de Lisboa.....	175
Figura 16 – Mapa da Região do Algarve.....	177
Figura 17 – Praia da Oura em Albufeira.....	179
Figura 18 – Vista da Orla em Portimão.....	179
Figura 19 – Marina de Faro.....	182

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Expressões do PB e do PE.....	129
Quadro 2 – Codificação das variáveis linguísticas na análise atomística.....	232
Quadro 3 – Codificação das variáveis linguísticas na análise não atomística.....	241
Quadro 4 – Codificação das variáveis extralinguísticas em análise não atomística.....	242

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fatores linguísticos e extralinguísticos mais favorecedores na análise atomística.....	38
Tabela 2 – Resultado das variáveis linguísticas na análise não atomística em Scherre (1988).....	41
Tabela 3 – Resultado das variáveis extralinguísticas em Scherre (1988).....	43
Tabela 4 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Lopes (2014).....	50
Tabela 5 – Maiores percentuais e PRs em Lopes (2001).....	54
Tabela 6 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Dória (2014).....	56
Tabela 7 – Maiores PRs e percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Tabosa (2016).....	60
Tabela 8 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Fernandes (1996).....	63
Tabela 9 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Capellari (2004).....	67
Tabela 10 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Mangabeira (2016).....	70
Tabela 11 – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Carvalho (1997).....	73
Tabela 12 – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Martins (2013).....	76
Tabela 13 – Maiores PRs de marcação da pluralidade das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Dias (1993).....	81
Tabela 14 – Estratificação da escolaridade e do gênero em Mariano (2013).....	83
Tabela 15 – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Mariano (2013).....	85
Tabela 16 – Estratificação em Mariano (2019).....	86
Tabela 16 – Estratificação em Mariano (2019).....	87
Tabela 17 – Menores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas para ausência de CN em Mariano (2019).....	88

Tabela 18 – Maiores PRs de uso da CN nas variáveis linguísticas e extralinguísticas na língua falada e escrita em Fiamengui (2011).....	92
Tabela 19 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Araújo (2015).....	97
Tabela 20 – Maiores PRs de presença da marcação das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Santos (2017).....	100
Tabela 21 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Silva (2017).....	104
Tabela 22 – Menores PRs de ausência das marcas em Brandão e Vieira (2012).....	107
Tabela 23 – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada no PB.....	110
Tabela 24 – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua escrita no PB.....	112
Tabela 25 – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada/escrita no PB.....	113
Tabela 26 – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada no PE.....	114
Tabela 27 – Tipos de regras linguísticas.....	122
Tabela 28 – Aspectos educacionais de Recife.....	148
Tabela 29 – Aspectos educacionais de Serra Talhada.....	161
Tabela 30 – Aspectos educacionais de Petrolina.....	165
Tabela 31 – Aspectos populacionais do concelho de Lisboa.....	176
Tabela 32 – Aspectos populacionais do concelho de Albufeira.....	178
Tabela 33 – Aspectos populacionais do concelho de Portimão.....	180
Tabela 34 – Aspectos populacionais em Faro em números ou percentuais.....	181
Tabela 35 – Estratificação social dos informantes pernambucanos por turma.....	190
Tabela 36 – Estratificação social dos informantes portugueses por turma.....	190
Tabela 37 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 6º ano/6º ou 7º do Básico.....	192
Tabela 38 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 9º ano/8º ou 9º do Básico.....	192
Tabela 39 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 3º ano do Médio/12º do Secundário.....	193
Tabela 40 – Nível de <i>status</i> das profissões dos pais dos alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	194
Tabela 41 – Nível de <i>status</i> das profissões dos pais dos alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	194
Tabela 42 – Nível de <i>status</i> das profissões dos pais dos alunos do 3º do Médio/Secundário.....	195

Tabela 43 – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	195
Tabela 44 – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	199
Tabela 45 – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 3º do Médio/Secundário.....	202
Tabela 46 – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	205
Tabela 47 – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	206
Tabela 48 – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 3º do Médio/Secundário.....	207
Tabela 49 – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	207
Tabela 50 – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	208
Tabela 51 – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 3º Médio/Secundário.....	208
Tabela 52 – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	209
Tabela 53 – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	209
Tabela 54 – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 3º Médio/Secundário.....	210
Tabela 55 – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	210
Tabela 56 – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	213
Tabela 57 – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 3º Médio/Secundário.....	217
Tabela 58 – Frequência de leitura por alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	220
Tabela 59 – Frequência de leitura por alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	221
Tabela 60 – Frequência de leitura por alunos do 3º Médio/Secundário.....	221
Tabela 61 – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	222

Tabela 62 – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	223
Tabela 63 – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 3º Médio/Secundário.....	223
Tabela 64 – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico.....	224
Tabela 65 – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico.....	224
Tabela 66 – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 3º Médio/Secundário.....	225
Tabela 67 – Total de dados que compõem os <i>corpora</i> por cidade pernambucana.....	229
Tabela 68 – Total de dados que compõem os <i>corpora</i> por distrito português.....	230
Tabela 69 – Percentual de CN+ na fala de cidades pernambucanas.....	246
Tabela 70 – Percentual de CN+ na fala do PB em outros estudos.....	248
Tabela 71 – Percentual de CN+ na fala de regiões portuguesas.....	249
Tabela 72 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável classe gramatical em dados de fala do PB.....	253
Tabela 73 – Uso de CN+ com base na variável classe gramatical.....	255
Tabela 74 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável posição linear do elemento no SN em dados de fala do PB.....	256
Tabela 75 – Posição linear dos elementos no SN: análises A e B.....	258
Tabela 76 – Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais de plural”, segundo a variável posição linear.....	258
Tabela 77 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável processos morfofonológicos na formação de plural em dados de fala do PB.....	260
Tabela 78 – Processos morfofonológicos de formação do plural em todos os dados dos adultos.....	261
Tabela 79 – Processos morfofonológicos de formação do plural em Fonseca (2016).....	262
Tabela 80 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tonicidade dos itens lexicais singulares em dados de fala do PB.....	263
Tabela 81 – Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares de todos os dados dos adultos.....	264
Tabela 82 – Resultados da tonicidade na presença de CN.....	265

Tabela 83 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável número de sílabas dos itens lexicais singulares em dados de fala do PB.....	265
Tabela 84 – Marcação de pluralidade na variável número de sílabas (adultos).....	266
Tabela 85 – Número de sílabas dos itens lexicais singulares: frequência, porcentagem e peso relativo referente à CN+.....	267
Tabela 86 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável marcas precedentes em dados de fala do PB.....	268
Tabela 87 – Marcas precedentes em função da posição em Scherre (1988).....	271
Tabela 88 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade dos substantivos em dados de fala do PB.....	273
Tabela 89 – Animacidade dos substantivos nos dados de todos os falantes.....	274
Tabela 90 – Animacidade x CN.....	274
Tabela 91 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável <i>grau de substantivos</i> e adjetivos em dados de fala do PB.....	275
Tabela 92 – Marcação de Pluralidade em Grau dos Substantivos.....	276
Tabela 93 – Grau dos substantivos e adjetivos x CN em Mangabeira (2016).....	276
Tabela 94 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável formalidade dos substantivos e adjetivos em dados de fala do PB.....	277
Tabela 95 – Formalidade dos substantivos.....	278
Tabela 96 – Formalidade dos substantivos e adjetivos no CT em Mangabeira (2016).....	279
Tabela 97 – Percentual de CN+ na fala não atomística em cidades pernambucanas.....	280
Tabela 98 – Percentuais de CN+ na fala não atomística em Portugal.....	281
Tabela 99 – Percentuais de CN+ na fala não atomística em cidades pernambucanas.....	282
Tabela 100 – Percentuais de CN+ na fala não atomística em Portugal.....	282
Tabela 101 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável grau e formalidade do SN em dados de fala do PB.....	283
Tabela 102 – Grau e formalidade do SN em Scherre (1988).....	284
Tabela 103 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável pluralidade do SN em dados de fala do PB.....	286
Tabela 104 – A pluralidade do SN.....	286
Tabela 105 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade do SN em dados de fala do PB.....	287
Tabela 106 – Animacidade do SN em Scherre (1988).....	288

Tabela 107 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística tipo de escola em dados de fala do PB.....	289
Tabela 108 – Peso relativo relacionado ao tipo de escola.....	290
Tabela 109 – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística faixa etária em dados de fala do PB.....	291
Tabela 110 – Variável faixa etária CN+.....	291
Tabela 111 – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística escolaridade em dados de fala do PB.....	292
Tabela 112 – Marcação de pluralidade na variável escolaridade em Scherre (1988).....	293
Tabela 113 – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística sexo em dados de fala do PB.....	294
Tabela 114 – Variável sexo (CN+) em Scherre (1988).....	294
Tabela 115 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	296
Tabela 116 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Carpina-PE.....	297
Tabela 117 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Petrolina-PE.....	299
Tabela 118 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Recife-PE.....	300
Tabela 119 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	303
Tabela 120 – Resultados do cruzamento marcas precedentes x posição do elemento no SN em outros estudos.....	304
Tabela 121 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	305
Tabela 122 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Carpina-PE.....	306
Tabela 123 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Petrolina-PE.....	307
Tabela 124 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Recife-PE.....	308
Tabela 125 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	308

Tabela 126 – Marcação de plural na 1ª posição do SN e classe gramatical.....	310
Tabela 127 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	311
Tabela 128 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Carpina-PE.....	312
Tabela 129 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Petrolina-PE.....	313
Tabela 130 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Recife-PE.....	314
Tabela 131 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	315
Tabela 132 – Fatores mais marcados nos cruzamentos entre classe gramatical e posição do elemento no SN em estudos do PB.....	316
Tabela 133 – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	317
Tabela 134 – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Carpina-PE.....	317
Tabela 135 – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Petrolina-PE.....	318
Tabela 136 – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Recife-PE.....	318
Tabela 137 – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	319
Tabela 138 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	320
Tabela 139 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Carpina-PE.....	320
Tabela 140 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Petrolina-PE.....	321
Tabela 141 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Recife-PE.....	321
Tabela 142 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	322
Tabela 143 – Fatores mais marcados no cruzamento entre sexo e escolaridade em estudos do PB.....	322
Tabela 144 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	323

Tabela 145 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Carpina-PE.....	324
Tabela 146 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Petrolina-PE.....	324
Tabela 147 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Recife-PE.....	325
Tabela 148 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	326
Tabela 149 – Fatores mais marcados nos cruzamentos entre sexo e faixa etária em estudos do PB.....	326
Tabela 150 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Belo Jardim-PE.....	327
Tabela 151 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Carpina-PE.....	328
Tabela 152 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Petrolina-PE.....	328
Tabela 153 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Recife-PE.....	329
Tabela 154 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Serra Talhada-PE.....	329
Tabela 155 – Ordem de significância das variáveis nas rodadas da análise atomística.....	330
Tabela 156 – Ordem de significância das variáveis nas rodadas da análise não atomística.....	331
Tabela 157 – Percentuais de CN+ (análise atomística) na escrita em cidades pernambucanas.....	332
Tabela 158 – Percentuais CN+ na escrita do PB da variável dependente em outros estudos.....	334
Tabela 159 – Percentuais de CN+ (análise atomística) na escrita em localidades portuguesas.....	335
Tabela 160 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável classe gramatical em dados de escrita de Carpina.....	336
Tabela 161 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável posição do elemento no SN em dados de escrita de Carpina.....	337
Tabela 162 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável processos morfofonológicos em dados de escrita de Carpina.....	339
Tabela 163 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tonicidade dos itens lexicais singulares em dados de escrita de Carpina.....	340

Tabela 164 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável número de sílabas dos itens lexicais singulares em dados de escrita de Carpina.....	341
Tabela 165 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável marcas precedentes em dados de escrita de Carpina.....	341
Tabela 166 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade dos substantivos em dados de escrita de Carpina.....	343
Tabela 167 – Variável Animacidade CN+ em Mariano (2013).....	345
Tabela 168 – Percentuais de CN+ (análise não atomística) na escrita em cidades pernambucanas.....	346
Tabela 169 – Percentuais de uso de CN+ na análise não atomística dos dados de escrita do PE.....	347
Tabela 170 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável pluralidade do SN em dados de escrita de Carpina.....	348
Tabela 171 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade do SN em dados de escrita de Carpina.....	349
Tabela 172 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tipo de escola em dados de escrita de Carpina.....	350
Tabela 173 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável faixa etária em dados de escrita de Carpina.....	351
Tabela 174 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável escolaridade em dados de escrita de Carpina.....	352
Tabela 175 – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável sexo em dados de escrita de Carpina.....	353
Tabela 176 – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na escrita da cidade de Carpina-PE.....	354
Tabela 177 – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na escrita da cidade de Carpina-PE.....	356
Tabela 178 – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na escrita da cidade de Carpina-PE.....	357
Tabela 179 – Cruzamento entre sexo e escolaridade na escrita da cidade de Carpina-PE.....	358
Tabela 180 – Cruzamento entre faixa etária e sexo na escrita da cidade de Carpina-PE.....	359

Tabela 181 – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na escrita da cidade de Carpina-PE.....	359
--	-----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>2</b>	<b>QUADRO GERAL DE ESTUDO.....</b>	<b>34</b>
2.1	PESQUISAS SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO.....	34
<b>2.1.1</b>	<b>A concordância nominal no PB.....</b>	<b>34</b>
2.1.1.1	<i>A concordância nominal na língua falada do PB.....</i>	<i>34</i>
2.1.1.1.1	<i>Região Sudeste.....</i>	<i>35</i>
2.2.1.1.1	<i>Região Nordeste.....</i>	<i>52</i>
2.3.1.1.1	<i>Região Sul.....</i>	<i>61</i>
2.4.1.1.1	<i>Região Norte.....</i>	<i>71</i>
2.5.1.1.1	<i>Região Centro-Oeste.....</i>	<i>77</i>
2.1.1.2	<i>A concordância nominal na língua escrita do PB.....</i>	<i>82</i>
2.1.1.2.1	<i>Região Sudeste.....</i>	<i>83</i>
2.2.1.2.2	<i>Região Nordeste.....</i>	<i>95</i>
<b>2.1.2</b>	<b>O fenômeno da concordância sob uma ótica de comparação entre o PB e o PE.....</b>	<b>105</b>
2.1.2.1	<i>Brandão e Vieira (2012).....</i>	<i>105</i>
2.1.2.2	<i>Brandão (2015).....</i>	<i>108</i>
2.2	QUESTÕES E HIPÓTESES: ENFOCANDO AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS.....	115
<b>2.2.1</b>	<b>Questões sobre a variável dependente na análise atomística e não atomística na fala e na escrita.....</b>	<b>115</b>
2.2.1.1	<i>Hipóteses para a variável dependente na análise atomística e não atomística na fala e na escrita.....</i>	<i>116</i>
<b>2.2.2</b>	<b>Questões sobre as variáveis linguísticas na análise atomística.....</b>	<b>116</b>
2.2.2.1	<i>Hipóteses para as variáveis linguísticas na análise atomística.....</i>	<i>117</i>
<b>2.2.3</b>	<b>Questões sobre as variáveis linguísticas: a análise não atomística.....</b>	<b>118</b>
2.2.3.1	<i>Hipóteses para as variáveis linguísticas: a análise não atomística.....</i>	<i>118</i>
<b>2.2.4</b>	<b>Questões sobre as variáveis extralinguísticas.....</b>	<b>119</b>
2.2.4.1	<i>Hipóteses para as variáveis extralinguísticas.....</i>	<i>119</i>
<b>3</b>	<b>QUADRO TEÓRICO.....</b>	<b>121</b>
3.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E SEUS PILARES.....	121

3.1.1	A heterogeneidade linguística.....	121
3.1.2	A comunidade de fala.....	123
3.1.3	Conceitos de variedade, variação, variáveis e variantes.....	125
3.1.4	Tipologia das variações.....	127
3.1.5	Múltiplos usos da língua: a língua falada e a língua escrita.....	130
3.2	PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS ADOTADOS NO ESTUDO.....	134
3.2.1	Princípio da economia.....	134
3.2.2	Princípio do paralelismo.....	134
3.2.3	Princípio da saliência fônica.....	135
3.2.4	Princípio da marcação.....	136
3.2.5	Princípio da iconicidade.....	137
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	138
4.1	MÉTODOS UTILIZADOS.....	138
4.1.1	Método de abordagem: indutivo.....	138
4.1.2	Métodos de procedimento.....	138
4.1.2.1	<i>Comparativo.....</i>	139
4.1.2.2	<i>Estatístico.....</i>	139
4.2	NATUREZA DA PESQUISA.....	140
4.3	COLETA DOS DADOS.....	141
4.3.1	Caracterização do <i>locus</i> da coleta.....	141
4.3.1.1	<i>Brasil: mesorregiões do estado de Pernambuco.....</i>	142
4.3.1.1.1	<i>Breves incursões de aspectos gerais do Brasil.....</i>	142
4.3.1.1.2	<i>O estado de Pernambuco.....</i>	143
4.3.1.1.3	<i>Mesorregião Metropolitana do Recife.....</i>	144
4.3.1.1.4	<i>Mesorregião da Mata Pernambucana.....</i>	151
4.3.1.1.5	<i>Mesorregião do Agreste.....</i>	154
4.3.1.1.6	<i>Mesorregião do Sertão: cidade de Serra Talhada.....</i>	158
4.3.1.1.7	<i>Mesorregião do São Francisco: cidade de Petrolina.....</i>	162
4.3.1.2	<i>Breves incursões de aspectos gerais de Portugal.....</i>	168
4.3.1.2.1	<i>Região de Lisboa.....</i>	174
4.3.1.2.2	<i>Região do Algarve.....</i>	176
4.3.1.3	<i>Instituições onde foi realizada a recolha dos dados.....</i>	182
4.3.1.3.1	<i>Colégio Valsassina.....</i>	183
4.3.1.3.2	<i>Movimento dos escutas.....</i>	184

4.3.1.4	<i>Realização e instrumentos de recolha dos dados.....</i>	186
4.3.1.5	<i>Comunidade investigada.....</i>	188
<b>4.3.1.5.1</b>	<b><i>Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa.....</i></b>	<b>188</b>
4.3.3.4	<i>Mapeamento socioeconômico e educacional com base nas fichas sociais.....</i>	191
4.4	<b>CONSTITUIÇÃO DOS CORPORA: CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>226</b>
4.5	<b>SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS E CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>231</b>
<b>4.5.1</b>	<b>Seleção das variáveis linguísticas para a análise atomística.....</b>	<b>231</b>
4.5.1.1	<i>Justificativa para a seleção das variáveis.....</i>	237
4.5.1.1.1	<i>Classe gramatical.....</i>	237
4.5.1.1.2	<i>Posição linear.....</i>	237
4.5.1.1.3	<i>Variável processos morfofonológicos da formação do plural.....</i>	238
4.5.1.1.4	<i>Tonicidade dos itens lexicais.....</i>	238
4.5.1.1.5	<i>Número de sílabas dos itens lexicais.....</i>	239
4.5.1.1.6	<i>Animacidade dos substantivos.....</i>	239
4.5.1.1.7	<i>Grau dos substantivos e adjetivos.....</i>	240
4.5.1.1.8	<i>Formalidade dos substantivos e adjetivos.....</i>	240
<b>4.5.2</b>	<b>Seleção das variáveis linguísticas para a análise não atomística.....</b>	<b>240</b>
4.5.2.1	<i>Justificativa para a seleção das variáveis.....</i>	241
4.5.2.1.1	<i>Grau e formalidade do SN.....</i>	241
4.5.2.1.2	<i>Pluralidade do SN.....</i>	242
4.5.2.1.3	<i>Animacidade do SN.....</i>	242
<b>4.5.3</b>	<b>Seleção das variáveis extralinguísticas.....</b>	<b>242</b>
4.5.3.1	<i>Justificativa para a seleção das variáveis extralinguísticas.....</i>	243
4.5.3.1.1	<i>Tipo de escola.....</i>	243
4.5.3.1.2	<i>Escolaridade.....</i>	244
4.5.2.1.3	<i>Faixa etária.....</i>	244
4.5.2.1.4	<i>Sexo.....</i>	245
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA FALADA.....</b>	<b>246</b>
5.1	<b>SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NA ANÁLISE ATOMÍSTICA.....</b>	<b>246</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Sobre a variável dependente no PB.....</b>	<b>246</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Sobre a variável dependente no PE.....</b>	<b>249</b>
5.2	<b>SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE ATOMÍSTICA.....</b>	<b>252</b>

<b>5.2.1</b>	<b>Variáveis linguísticas.....</b>	<b>252</b>
5.2.1.1	<i>Classe gramatical.....</i>	253
5.2.1.2	<i>Posição linear.....</i>	255
5.2.1.3	<i>Processos morfofonológicos da formação do plural.....</i>	259
5.2.1.4	<i>Tonicidade dos itens lexicais singulares.....</i>	262
5.2.1.5	<i>Número de sílabas dos itens lexicais singulares.....</i>	265
5.2.1.6	<i>Marcas precedentes.....</i>	268
5.2.1.7	<i>Animacidade dos substantivos.....</i>	272
5.2.1.8	<i>Grau dos substantivos e adjetivos.....</i>	275
5.2.1.9	<i>Formalidade dos substantivos e adjetivos no PB.....</i>	277
5.3	<b>SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PB E NO PE NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA.....</b>	<b>280</b>
<b>5.3.1</b>	<b>Sobre a variável dependente no PB.....</b>	<b>280</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Sobre a variável dependente no PE na análise não atomística.....</b>	<b>281</b>
5.4	<b>SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA.....</b>	<b>282</b>
<b>5.4.1</b>	<b>Grau e formalidade no SN.....</b>	<b>283</b>
<b>5.4.2</b>	<b>Pluralidade do SN.....</b>	<b>284</b>
<b>5.4.3</b>	<b>Animacidade do SN.....</b>	<b>287</b>
<b>5.4.4</b>	<b>Variáveis extralinguísticas.....</b>	<b>288</b>
5.4.4.1	<i>Variável tipo de escola no PB.....</i>	288
5.4.4.2	<i>Variável faixa etária no PB.....</i>	290
5.4.4.3	<i>Variável escolaridade no PB.....</i>	292
5.4.4.4	<i>Variável sexo no PB.....</i>	294
5.4.4.5	<i>Cruzamentos.....</i>	295
5.4.4.5.1	<i>Cruzamentos variáveis linguísticas.....</i>	295
5.4.4.5.2	<i>Cruzamentos das variáveis extralinguísticas.....</i>	319
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA.....</b>	<b>332</b>
6.1	<b>SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PB NA ANÁLISE ATOMÍSTICA.....</b>	<b>332</b>
6.2	<b>SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PE.....</b>	<b>334</b>
6.3	<b>SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....</b>	<b>336</b>
<b>6.3.1</b>	<b>Classe gramatical.....</b>	<b>336</b>
<b>6.3.2</b>	<b>Posição linear.....</b>	<b>337</b>

6.3.3	<b>Processos morfofonológicos da formação do plural.....</b>	<b>338</b>
6.3.4	<b>Tonicidade dos itens lexicais singulares.....</b>	<b>340</b>
6.3.5	<b>Número de sílabas dos itens lexicais singulares.....</b>	<b>340</b>
6.3.6	<b>Marcas precedentes.....</b>	<b>341</b>
6.3.7	<b>Animacidade dos substantivos.....</b>	<b>342</b>
6.4	<b>SOBRE AS VARIÁVEIS DEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA.....</b>	<b>345</b>
6.4.1	<b>Sobre a variável dependente no PB na análise não atomística.....</b>	<b>346</b>
6.4.2	<b>Sobre a variável dependente no PE na análise não atomística.....</b>	<b>346</b>
6.5	<b>SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA.....</b>	<b>347</b>
6.5.1	<b>Pluralidade do SN.....</b>	<b>347</b>
6.5.2	<b>Animacidade do SN.....</b>	<b>348</b>
6.6	<b>VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....</b>	<b>349</b>
6.6.1	<b>Variável tipo de escola.....</b>	<b>349</b>
6.6.2	<b>Faixa etária.....</b>	<b>350</b>
6.6.3	<b>Variável escolaridade.....</b>	<b>352</b>
6.6.4	<b>Variável sexo.....</b>	<b>352</b>
6.7	<b>CRUZAMENTOS ENTRE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS.....</b>	<b>353</b>
6.7.1	<b>Cruzamentos das variáveis linguísticas.....</b>	<b>354</b>
6.7.1.1	<i>Cruzamento posição linear e marcar precedentes.....</i>	<i>354</i>
6.7.1.2	<i>Cruzamento processos de formação e tonicidade.....</i>	<i>356</i>
6.7.1.3	<i>Cruzamento das variáveis classe gramatical e posição do elemento.....</i>	<i>357</i>
6.7.2	<b>Cruzamentos das variáveis extralinguísticas.....</b>	<b>358</b>
6.7.2.1	<i>Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade.....</i>	<i>358</i>
6.7.2.2	<i>Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo no PB.....</i>	<i>359</i>
6.7.2.3	<i>Cruzamento das variáveis tipo de escola e escolaridade.....</i>	<i>359</i>
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>361</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>369</b>
	<b>APÊNDICE A – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA OS CICLOS 2 E 3 DO ENSINO BÁSICO NO PE.....</b>	<b>377</b>
	<b>APÊNDICE B – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA O SECUNDÁRIO NO PE.....</b>	<b>378</b>

<b>APÊNDICE C – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS NO 2º E 3º CICLOS NO PE.....</b>	<b>379</b>
<b>APÊNDICE D – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O ENSINO SECUNDÁRIO NO PE.....</b>	<b>380</b>
<b>APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADOR NO PE.....</b>	<b>381</b>
<b>APÊNDICE F – FICHA SOCIAL PARA O PE.....</b>	<b>382</b>
<b>APÊNDICE G – FICHA SOCIAL PARA O PB.....</b>	<b>385</b>
<b>APÊNDICE H – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O 6º E 9º ANOS DO FUNDAMENTAL NO PB.....</b>	<b>388</b>
<b>APÊNDICE I – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O 3º ANO DO MÉDIO NO PB.....</b>	<b>390</b>
<b>APÊNDICE J – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA O PB.....</b>	<b>392</b>
<b>ANEXO A – DECLARAÇÃO DE ENTREGA DE RELATÓRIO FINAL PARA A GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO SERTÃO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO.....</b>	<b>393</b>
<b>ANEXO B – DECLARAÇÃO DE ENTREGA DE RELATÓRIO FINAL PARA O INSTITUTO PAULO FREIRE DA PREFEITURA DO RECIFE.....</b>	<b>394</b>
<b>ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFPE.....</b>	<b>395</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao realizar uma revisão de literatura sobre o fenômeno da concordância nominal (doravante CN) de número no português brasileiro (doravante PB) sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), observa-se que os trabalhos realizados em cinco décadas (1976-2019) são unânimes nos resultados de que, quanto maior o grau de escolaridade de um informante, maior o uso da variante padrão associada à CN de número, conforme consta em manuais de gramática:

[...] O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: O (artigo-masc. sing.) menino (subst.- masc. sing.) / A (fem. sing.) menina (fem. sing.) [...]. Os pronomes oblíquos o, a, os, as, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no plural a flexão masculina:  
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro  
 Verdadeiro valor não dão à gente;  
 Melhor é merecê-los sem os ter  
 Que possuí-los sem os merecer. (ALMEIDA, 2005, p. 456-461).

1) *Há uma só palavra determinada.*  
 A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:  
 “Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos”  
 [MM]. (BECHARA, 2009, p. 544, grifo do autor).

As citações acima constituem apenas algumas do conjunto de regras da gramática prescritiva sobre a CN de número. Este estudo analisa, quantitativamente e qualitativamente, a ausência/presença da pluralidade nos elementos do sintagma nominal (doravante SN), ou seja, o uso da variante padrão e da não padrão.

No que diz respeito aos estudos sobre CN de número no português europeu (doravante PE), pode-se dizer que a literatura ainda é quase inexistente, destacando-se os trabalhos de Brandão (2011, 2015), Brandão e Vieira (2012) e Naro e Scherre (2007). Nos poucos estudos sobre o referido fenômeno no PE, por tratarem-se de pesquisas pautadas na Sociolinguística Variacionista, levou-se em consideração a metodologia de Labov (2003) para estabelecer as regras de classificação para a variedade, a qual se revela categórica (99% a 100% de marcação de pluralidade<sup>1</sup>).

Diante do exposto, o presente trabalho inscreve-se como um estudo adicional e pioneiro que amplia o espectro dos estudos sociolinguísticos sobre a CN de número nas referidas

---

<sup>1</sup> No presente estudo, será utilizada a terminologia “marcação de pluralidade” para referir-se à realização da CN de número na análise não atomística, assim como para indicar elementos pluralizados na análise atomística, baseando-se em Scherre (1988).

variedades do português, na medida em que não só compara diferentes modalidades de uso da língua de um mesmo falante (a língua falada e a língua escrita), como também contempla diferentes regiões de Portugal (Lisboa e Algarve), comparando-as com cinco mesorregiões do estado de Pernambuco, localizadas no Brasil (Mesorregião Metropolitana do Recife: Recife; Mesorregião da Zona da Mata: Carpina; Mesorregião do Sertão: Serra Talhada; Mesorregião do São Francisco: Petrolina e Mesorregião do Agreste: Belo Jardim).

Com a escolha de diferentes regiões, visou-se um mapeamento sociolinguístico mais pormenorizado do comportamento da CN de número, tendo em mente a estratificação dos colaboradores deste estudo a partir da faixa etária, do sexo, da escolaridade e do tipo de escola.

É necessário destacar também que cada localidade foi selecionada para a pesquisa levando em consideração a sua distância em relação às demais, de maneira que não fossem muito próximas. Considerando que a pesquisa deveria ser feita em ambiente escolar, ao selecionar uma localidade por região, teve-se em vista que a localidade escolhida deveria ter uma boa oferta de ensino, contemplando diferentes tipos de escola que abarcassem a rede pública e a particular.

Vale acrescentar ainda que as localidades pernambucanas e portuguesas selecionadas, por estarem em regiões diferentes, apresentam traços culturais diferentes. Ademais, a escola pública em relação à particular evidencia diferenças socioeconômicas, permitindo uma melhor reflexão sobre contrastes encontrados nas características sociais que podem se refletir nos resultados linguísticos encontrados.

No que diz respeito ao tratamento dos dados, inicialmente, foram selecionadas as variáveis extralinguísticas e linguísticas já analisadas em outros estudos para efeitos de comparação, por meio das quais os dados foram codificados e submetidos a um tratamento quantitativo com rodadas no programa computacional Goldvarb X. Ademais, mediante as informações sociais, culturais e econômicas concedidas por esses colaboradores nas fichas sociais, foi possível realizar também uma análise qualitativa das cinco mesorregiões pernambucanas e das duas regiões portuguesas.

Dessa forma, a pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa. Os *corpora* deste estudo são compostos, no geral, por 8.824 dados de fala e 279 dados de escrita do PB, assim como 1.920 dados de fala e 251 dados de escrita do PE, a partir da seleção de 360 estudantes brasileiros e 64 estudantes portugueses. Vejam-se alguns dados extraídos desses *corpora*:

- Dados do PB:

- (1) Dados da fala em CN+: (SF1hp3mF nas pessoas
- (2) Dados da fala em CN-: (NF2np16F Muitas coisas nova
- (3) Dados da escrita em CN+: (Sa2F6B3dvk Das mulheres
- (4) Dados da escrita em CN-: (Ni1A7A3dvk A policiais

- Dados do PE:

- (5) Dados da fala em CN+: (SF1hv16M As patrulhas
- (6) Dados da fala em CN-: (NF1nv16F Meu fins
- (7) Dados da escrita em CN+: (SF1hv3mF As palavras
- (8) Dados da escrita em CN-: (NF1nv29M Sotaques diferente

A análise desses dados, por sua vez, volta-se às seguintes questões norteadoras:

- Quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam mais na realização da CN de número nas variedades do PB e do PE?
- Existe uma assimetria no que diz respeito ao uso da norma culta no fenômeno da CN de número entre a fala e a escrita?
- Nos padrões estabelecidos por Labov (2003), qual seria a tipologia da regra apresentada nos resultados da variável dependente em ambas as variedades do português, nas modalidades de uso da língua escrita e falada, em dois tipos de análise (atomística e não atomística)?

A fim de responder a essas questões, tem-se como objetivo geral: discutir o comportamento da CN de número na fala e na escrita de alunos pernambucanos e de alunos portugueses do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de escolas da rede pública e particular; por sua vez, tem-se como objetivos específicos: (a) compreender a correlação das variáveis (extra)linguísticas relacionadas ao fenômeno da CN de número na fala e na escrita de alunos pernambucanos e de alunos portugueses; (b) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de CN de número na fala e na escrita de alunos pernambucanos e de alunos

portugueses e (c) verificar se variáveis extralinguísticas, como tipo de escola, escolaridade, faixa etária e sexo, contribuem para o aumento de aplicação da regra de CN de número.

Os referidos objetivos serão atingidos por meio da análise atomística e também da não atomística. Na primeira, considera-se a pluralização ou não de cada elemento no SN; na segunda, considera-se a aplicação ou não da CN de número em todo o SN.

É necessário mencionar que, em sua dissertação de mestrado, Silva (2017) analisa o mesmo fenômeno, também na fala e escrita, mas apenas na cidade de Belo Jardim. Dessa forma, a presente tese de doutorado é uma ampliação desse estudo, que contempla não apenas a variedade brasileira, a partir da inclusão de mais cidades pernambucanas, mas também europeia.

Levando em conta que a literatura produzida sobre a língua falada na CN de número no PB apresenta uma regra variável (*cf.* SCHERRE, 1978, 1988; BRAGA, 1977; FERNANDES, 1996; LOPES, 2001; SILVA; 2017), espera-se que a regra no presente estudo se revele também variável, tanto em análise atomística quanto não atomística nos dados da fala. Já em relação à modalidade escrita, considerando que a tese mais recente, de Mariano (2019), apresenta uma regra semicatórica em tal modalidade, espera-se que os resultados da presente pesquisa apresentem-se enquanto semicatóricos.

Em relação à variedade do PE, visto que há poucos trabalhos produzidos sobre esse fenômeno, e apenas na fala (*cf.* BRANDÃO; VIEIRA, 2012; BRANDÃO, 2012), cujo resultado é apresentado enquanto categórico, espera-se que, no presente estudo, os resultados para o PE sejam categóricos ou possivelmente semicatóricos para a marcação da pluralidade, em ambas as modalidades de uso da língua, tanto na análise atomística quanto na não atomística.

Para desenvolver o estudo aqui proposto, esta tese encontra-se assim estruturada: na seção 2, será feita a revisão da literatura acerca do fenômeno da CN de número, levando em conta os primeiros trabalhos desenvolvidos até a segunda década do presente século. Nessa revisão, será possível contextualizar os rumos que a pesquisa sociolinguística sobre o referido fenômeno tem tomado, bem como situar as lacunas que se apresentam nos estudos até então desenvolvidos.

Na seção 3, serão discutidos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, tendo em mente aspectos relacionados à heterogeneidade linguística ordenada, aos múltiplos usos da língua em diferentes modalidades e ao conceito de variável e variantes, de comunidade de fala e de norma. Ademais, serão abordados os princípios funcionalistas e variacionistas necessários para a compreensão do fenômeno investigado e já adotados, por exemplo, por Scherre (1988) em seu estudo pioneiro sobre a CN no Brasil.

Na seção 4, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados desde a coleta dos dados da língua falada (por intermédio de entrevista espontânea) e da língua escrita (via produção de uma narrativa) até a análise dos dados. Serão ainda descritas as comunidades de fala investigadas em Portugal e no Brasil (em Pernambuco, em específico), partindo de sua contextualização social, econômica e geográfica, bem como serão abordados os tipos de métodos utilizados.

Na seção 5 e na seção 6, serão discutidos, respectivamente, os resultados advindos dos dados da língua falada e da língua escrita por estudantes brasileiros e portugueses, tendo em mente os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que podem estar favorecendo o uso da marcação de pluralidade. Para tanto, a análise foi feita em dois momentos: a) variáveis analisadas de forma individual e b) variáveis analisadas via cruzamento.

Por fim, nas considerações finais, serão retomados os principais resultados alcançados no estudo, tendo em mente a relação entre variação linguística, escola e sociedade no âmbito da CN de número produzida por estudantes brasileiros e portugueses.

Espera-se, com o presente trabalho, contribuir com os estudos direcionados não só a ambas as variedades, mas também ao contexto de discussões sobre variação linguística em sala de aula acerca da compreensão do fenômeno linguístico da CN de número.

## 2 QUADRO GERAL DE ESTUDO

Nesta seção, será discutido o fenômeno da CN de número a partir de outros já desenvolvidos.

### 2.1 PESQUISAS SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Os trabalhos abordados nas próximas seções foram realizados com respaldo na Sociolinguística Variacionista, os quais fizeram uso de métodos quantitativos, correlacionando, em suas análises, aspectos sociais e linguísticos.

#### 2.1.1 A concordância nominal no PB

A literatura produzida sobre o fenômeno da CN de número, sob o viés teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), iniciou na década de 70, mais especificamente em 1976, com um artigo produzido por Maria Luíza Braga e Maria Marta Pereira Scherre, que se intitula *A Concordância de Número no SN da Área Urbana do Rio de Janeiro (1976)*. Por questões de restrição de tempo e tendo a consciência de que a literatura sobre o referido fenômeno no Brasil é muito vasta, serão abordadas algumas pesquisas realizadas em todas as regiões brasileiras, desde as pioneiras realizadas no século XX até o presente século.

É válido salientar que existem vários trabalhos sobre o fenômeno da CN de número na língua falada no PB, sendo possível apresentar certa quantidade para todas as regiões; no entanto, para a língua escrita, são escassos os estudos no país, não sendo possível apresentar pesquisas em todas as regiões sobre essa modalidade.

##### 2.1.1.1 A concordância nominal na língua falada do PB

No intuito de ter-se uma visão panorâmica dos estudos realizados no decorrer da história sobre a CN de número no Brasil, optou-se por realizar uma breve incursão, por região brasileira, desses estudos que realizaram pesquisas variacionistas.

### 2.1.1.1.1 *Região Sudeste*

É na região sudeste do Brasil onde começam os estudos sobre a CN de número (*cf.* BRAGA; SCHERRE, 1976; BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978, 1988). Por questões de restrição de tempo, dos trabalhos pioneiros no Brasil, será tratado apenas o de Scherre (1988), por constituir um clássico abordado e respaldado em todos os trabalhos sucessores realizados no Brasil.

Scherre (1988)

A tese de Scherre (1988) constitui, no solo brasileiro, um estudo clássico sobre o fenômeno variável da CN de número, servindo de base a estudos posteriores sobre esse fenômeno. Tal fato deve-se à densa e minuciosa análise de dados da língua falada na cidade do Rio de Janeiro, que tanto segue uma perspectiva atomística (análise de cada elemento do sintagma) quanto não atomística (análise do conjunto dos elementos do sintagma).

No que diz respeito à coleta dos dados, foram realizadas entrevistas em situação de fala semiespontânea, com informantes radicados no município do Rio de Janeiro, perfazendo um total de 64 horas de fala gravada. A pesquisadora esclarece que essas entrevistas ocorreram em dois momentos: i) 1982-1984, com 48 informantes de 15 a 71 anos de idade e ii) 1983-1985, com 16 informantes de 7 a 14 anos de idade.

Para a constituição do *corpus* composto por 7.193 SNs, sendo 1.166 produzidos por crianças e 6.027 por adultos, a pesquisadora considerou todo e qualquer SN que tivesse pelo menos um elemento pluralizado, sendo excluídos:

- (i) SNs que fogem da posição canônica (ex.: “tios, eu tenho dois”);
- (ii) SNs inseridos numa situação de neutralização (ex.: “as meninas são”);
- (iii) SNs cristalizados (ex.: “Os Trapalhões”; “moro em Duas Barras”);
- (iv) SNs com núcleo nominal invariável (ex.: “costas”; “férias”).

(SCHERRE, 1988, p. 31)

Por sua vez, os critérios de inclusão dos dados baseiam-se no fato de que o SN:

- (i) tem marca formal de plural (ex.: “essas estradas nova”);
- (ii) tem apenas uma marca de plural (ex.: “aqueles médico todinho”);

- (iii) não tem nenhuma marca formal explícita quando contém o numeral como primeiro elemento seguido de outros elementos não marcados (ex.: “vinte ano”; “dois risco verde”);
- (iv) encontra-se encaixado em um SN mais alto, semanticamente plural sem marca formal explícita (ex.: “um punhado de peixinho colorido”).

(SCHERRE, 1988, p. 32)

A fim de realizar a análise atomística, por meio da qual cada elemento do sintagma é estudado individualmente, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas, com seus respectivos fatores:

- a) *classe gramatical: substantivo, categoria substantivada, pronome pessoal de 3ª pessoa, adjetivo, adjetivo 2, quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo;*
- b) *marcas precedentes: ausência de elemento precedente, 1ª posição não marcada, sintagma preposicional, núcleo nominal mais alto com marca formal de plural ou núcleo nominal com ou sem marca formal de plural acompanhado de marca no primeiro elemento do SN, numerais na 1ª posição, marcas formais de plural em elementos da 1ª posição, presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o segmento analisado, presença de pelo menos uma marca formal de plural que precede o elemento analisado;*
- c) *saliência fônica (processos morfofonológicos): plural duplo, itens terminados em -ão, itens terminados em -s, itens terminados em -r, itens terminados em vogal ou vogal + nasal;*
- d) *tonicidade dos itens lexicais singulares: oxítonos e monossílabos tônicos, paroxítonos e monossílabos átonos, proparoxítonos;*
- e) *número de sílabas dos itens lexicais singulares: monossílabos, dissílabos e mais de duas sílabas;*
- f) *animacidade dos substantivos e adjetivos: -humano e -animado, -humano e +animado, +humano e -coletivo, +humano e +coletivo;*
- g) *grau e formalidade dos adjetivos e substantivos: diminutivo ou aumentativo, grau normal-mais informal, grau normal-menos informal;*
- h) *posição linear e relativa dos elementos: antes do núcleo na 1ª posição, antes do núcleo na 2ª e nas demais posições, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo na 3ª e nas demais posições, depois do núcleo na 2ª posição, depois do núcleo na 3ª posição, depois do núcleo na 4ª e demais posições;*

i) *contexto fonético/fonológico: item seguido de vogal, item seguido de consoante, item seguido por pausa.*

Para a análise não atomística, foram selecionadas as variáveis<sup>2</sup>:

- a) *função sintática do SN: sujeito de verbo de ação, sujeito de verbo de não ação, complemento, adjunto, predicativa ou dúbia, dupla, abortada, resumitiva;*
- b) *pluralidade do contexto: efeito do local da informação adicional de plural, informação precedente, informação seguinte, nenhuma informação;*
- c) *configuração sintagmática do SN: art. def. + poss. + subs. ou poss. + card. + subs., art. def. + subs. + adje. ou art. def. + subs. + adje., art. def. + subs. + quant. ou poss. + subs. + quant. + dem., art. def. + subs. + quant. ou poss. + subs. + quan. + dem., art. def. + card. + subs. ou uns + card. + subs.;*
- d) *função textual do SN: resumitiva, dêitica, retomada, atributiva, textual, circunstancial;*
- e) *localização do SN: à esquerda da oração, à direita da oração, indistinta;*
- f) *status informacional: informação nova-em-folha, informação nova ancorada, informação nova disponível, informação inferível, informação velha e redundante, não entidade;*
- g) *pluralidade do SN: mais de 1 não inerente, pode ser apenas um, partes do corpo.*

Também foram selecionadas as seguintes variáveis extralinguísticas na análise não atomística:

- a) *sexo: masculino e feminino;*
- b) *escolarização: adultos: 1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos; crianças: 1 a 4 anos, 5 a 8 anos;*
- c) *faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, 50 a 71 anos;*
- d) *classe social: classe média alta, classe média média, classe média baixa, classe baixa – cujos resultados aparecem apenas sob forma de cruzamentos com outras variáveis.*

Para a variável dependente, Scherre (1988) destaca na página 63 da sua tese que o percentual de aplicação da CN de número, ou seja, o resultado do uso da variante de prestígio

---

<sup>2</sup> Há variáveis que não foram inseridas na presente pesquisa pelas diferenças quantitativas e qualitativas entre a amostra do presente trabalho e o de Scherre (1988), além do fato de algumas das variáveis na análise não atomística requererem uma transcrição de toda entrevista de cada informante, o que exigiria um tempo que não poderia ser cumprido com um total de 424 informantes.

pelos seus informantes, foi de 72% (7978/11086) para os adultos e 66% (1407/2143) para as crianças, apresentando uma regra variável para o PB em ambas as faixas etárias.

A seguir, apresenta-se uma tabela que sintetiza os resultados para essas variáveis com seus respectivos fatores, tomando por base o total de ocorrência, o percentual e o peso relativo (PR) referente à pluralização dos elementos na análise atomística:

**Tabela 1** – Fatores linguísticos e extralinguísticos mais favorecedores na análise atomística

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Processos morfofonológicos</i> (dados apenas dos adultos)	<i>Duplo</i> Maravilhoso (novos papeizinhos — Joa10, fp, 27a)	63/68	93%	.86
<i>Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares</i> (apenas dos adultos)	<i>Oxítono e monossílabo tônico</i> (certos <b>país</b> — Joa10, fp, 27a)	1028/1198	86%	.66
<i>Número de sílabas dos itens lexicais</i> (apenas dos adultos)	a) <i>dissílabo</i> ( <b>cores</b> assim linda — Pit37, mc, 25a)	a) 2943/4621	a) 64%	a) .51
	b) <i>mais de 2</i> (os <b>fregueses</b> — Ana40, fc, 18a)	b) 1794/3070	b) 58%	b) .51
<i>Classe gramatical</i>	<i>Indefinido</i> ( <b>uns</b> metaizinhos — Hel, 34, fg, 62a)			
	a) Adultos b) Crianças	a) 486/477 b) 86/89	a) 98% b) 96%	a) .81 b) .71

VARIÁVEL	FATOR	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Posição do elemento</i>	<i>1ª posição</i> ( <b>cores</b> assim linda — Pit37, mc, 25a) a) Adultos b) Crianças	a) 4230/4340 b) 837/856	a) 97% b) 98%	a) .89 b) .74
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Ausência fora do SN e 1ª posição</i> (novos papeizinhos — Joa10, fp, 27a) a) Adultos b) Crianças	a) 4330/4440 b) 855/874	a) 98% b) 98%	a) .94 b) .90
<i>Contexto fonético/fono- lógico</i>	<i>Pausa interna</i> ( <b>não apresentou exemplo</b> ) a) Crianças b) Adultos	a) 166/307 b) 57/108	a) 54% b) 53%	a) .56 b) .62
<i>Animacidade dos subs- tantivos</i>	<i>+humano</i> (os <b>fregueses</b> — Ana40, fc, 18a) a) Adultos b) Crianças	a) 1294/2101 b) 165/397	a) 56% b) 43%	a) .55 b) .54
<i>Grau dos substantivos</i>	<i>Normal</i> ( <b>cores</b> assim linda — Pit37, mc, 25a) a) Adultos b) Crianças	a) 3219/5753 b) 473/1088	a) 56% b) 43%	a) .60 b) .63

VARIÁVEL	FATOR	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Grau e formalidade dos adjetivos</i>	a) <i>Normal/não informal/adultos</i>	a) 290/481	a) 60%	a) .63
	b) <i>Normal/não informal/crianças (os fregueses — Ana40, fc, 18a)</i>	b) 38/58	b) 65%	b) -

Fonte: Adaptada de Scherre (1988).

Diante da grande quantidade de variáveis e de seus respectivos fatores encontrados no trabalho da autora supramencionada, comentam-se, nos parágrafos seguintes, alguns dos fatores que mais se destacaram no PR para aplicação da CN ou pluralidade dos elementos e também alguns dos muitos cruzamentos realizados pela pesquisadora.

Na variável *processos morfofonológicos da formação de plural*, há resultados apenas para os *adultos*, cujo fator que mais favoreceu a pluralização foi o *plural duplo* (ex.: maravilhoso- maravilhosos), com um PR de .86. Esse resultado corrobora com a dissertação de mestrado da autora, de 1978, que apresenta também um alto PR de .96 para o mesmo fator em relação aos demais, ou seja, 10 anos depois, o que mais favorece a pluralização dos elementos é o *plural duplo*.

Ainda sobre a variável mencionada no parágrafo anterior, na tese de Scherre (1988), apenas o fator com maior PR e os *itens terminados em -l*, o qual ficou praticamente no nível de neutralidade<sup>3</sup>, com PR de .56, foram os que não ficaram abaixo da neutralidade, o que demonstra que, de fato, o *plural duplo* é o que se destaca na pluralização dos elementos.

O mesmo resultado é encontrado na dissertação da referida autora, visto que na tabela 7 do seu texto, conforme mencionado acima, o fator com maior PR foi *plural duplo* e, em seguida, o fator com maior PR, abaixo do *plural duplo*, foi o fator *itens terminados em -l*, com PR de .85 para pluralização dos elementos. Pode-se dizer, dessa forma, que a tese da referida autora constitui uma confirmação do que foi observado na década de 70, ou seja, quanto mais matéria fônica, mais pluralização dos elementos haverá.

<sup>3</sup> Baseando-se em Scherre (1988) os resultados serão considerados neutros (não favorece e nem desfavorece a regra) até o PR de .550 ou .55.

Centrando a atenção agora na análise não atomística, cujos elementos do SN não são analisados separadamente, mas de forma conjunta, Scherre (1988) obteve os seguintes resultados, conforme são apresentados a seguir:

**Tabela 2** – Resultado das variáveis linguísticas na análise não atomística em Scherre (1988)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
1) <i>Função sintática do SN</i>	1.1) a) <i>Função dupla/adultos</i>	a) 662/844	a) 78%	a) .63
	1.2) b) <i>Adjunto nominal e verbal/crianças</i>	b) 129/184	b) 70%	b) .60
2) <i>Pluralidade do contexto</i>	<i>1ª ocorrência do SN com repetição do SN totalmente marcado e pronome plural</i>	68/82	83%	.76
3) <i>Efeito do local da informação adicional de plural</i>	<i>Informação seguinte</i>	-	-	.59
4) <i>Configuração sintagmática do SN</i>	<i>Art. def. + substantivo + quantificador</i>	261/398	66%	.67
5) <i>A função textual do SN</i>	<i>Circunstancial</i>	106/169	63%	.72
6) <i>A localização do SN</i>	<i>À esquerda da oração</i>	112/178	63%	.61
7) <i>Status informacional do SN</i>	<i>Novo disponível</i>	39/56	70%	.69

VARIÁVEL	FATOR	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
8) <i>Pluralidade do SN</i>	<i>Mais de 1 não inerente</i>	57/76	75%	.78
9) <i>Grau e formalidade do SN</i>	<i>Não informal/ Não diminutivo/ Não aumentativo</i>	469/850	55%	.72

Fonte: Adaptada de Scherre (1988).

Seguem os exemplos referentes à tabela acima:

1. as pessoas ficaram sem as máscaras que elas têm (Hel44, fc, 44s);
2. quarto dos fundos (Mar47, fc, 44a);
3. Meu pai tinha uma... uma preocupação social... Quando a gente foi pra lá, ais casas todas da fazenda eram de sapê, TODAS AS CASAS foram arrebentadas, ESSAS de sapê foram construídas novas. (Hel44, fc, 44a);
4. Não apresentou exemplos extraídos do *corpus*;
5. (todos os dias/os meus filhos)<sup>4</sup>;
6. Há uns três anos atrás, nosso barraco... (Joa10, fp, 27a);
7. Todas as ruas, né? Pintaram... (Jos35, fp, 59a);
8. E: Vem cá! Você foi vê os cegos, né? Cumé que eles são? O que é que eles pensam? (...)  
F: (...) O dia que eu fui, então, tinha muitos parentes lá. (...) Eu acho que tem uns que são órfãos, né? Ainda... Além de ser (ininteligível) e cegos, são órfãos. Intão, as... As otras pessoas, intão, dão mais atenção ainda, entendeu? (San39, fc, 16a);
9. minha mãe nunca interferiu no meus problemas. (Ari39, fg, 43a);
10. vejo Arqueologia nas horas vagas. (Mar22, fc, 17a).

Ao lado das variáveis linguísticas mencionadas, Scherre (1988) também analisa as seguintes variáveis extralinguísticas: *sexo*, *idade* e *escolaridade*, *mercado ocupacional* (atividade profissional exercida ao longo da vida), *sensibilidade* (grau de consciência do falante

<sup>4</sup> Não apresentou codificação.

em relação à diversidade linguística e sua atitude em relação a ela) e *mídia* (grau de exposição do falante aos meios de comunicação de massa), sendo as três últimas pouco usadas nos estudos variacionistas realizados até o presente momento.

Observe-se a tabela a seguir com os resultados quantitativos obtidos para os fatores que constituem essas variáveis:

**Tabela 3** – Resultado das variáveis extralinguísticas em Scherre (1988)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Sexo</i>	<i>Feminino</i>			
	a) Adultos	a) 4397/5680	a) 77%	a) .59
	b) Crianças	b) 738/1065	b) 69%	b) .59
<i>Escolarização</i>	a) 9 a 11 anos/ adultos	a) 2843/3453	a) 82%	a) .65
	b) 5 a 8 anos/ crianças	b) 841/1231	b) 68%	b) .55
<i>Faixa etária</i>	26 a 49 anos/ adultos	2891/3845	75%	.54

Fonte: Adaptada de Scherre (1988).

Em linhas gerais, os resultados revelam que, na variável *escolarização*, encontra-se o maior PR, com .65 para os informantes com a mais alta *escolarização* em sua pesquisa, os que têm entre 9 a 11 anos de frequência em escola. Na variável *sexo*, as informantes *adultas* e *crianças* tiveram o mesmo PR de .59, aplicando mais a CN que os informantes, *adultos* ou *crianças*.

Dentre as várias formas de cruzamentos realizadas por Scherre (1988), serão abordadas aqui as que também foram feitas nesta tese, conforme consta nas seções 5 e 6. É válido salientar que, em alguns momentos, a autora realiza cruzamentos apenas com dados das crianças; em outros, com dados de adultos. Os cruzamentos que realiza são de uma grande diversidade de combinações, recortes e formatos. Observem-se, agora, os resultados de alguns desses cruzamentos:

a) *Classe gramatical e posição dos elementos*: apresentou maiores resultados, com 100% de aplicação, para *quantificadores* — “suas tias” (Glo11, fg, 48a) — e *possessivos* — “todos os anos” (Sam01, mp, 18a) — que estavam em 1ª posição;

- b) *Marcas precedentes em função da posição*: os maiores percentuais, de 100% de marcação, tanto para crianças quanto para adultos, atestaram que um *elemento precedente não marcado* favorece a pluralização do próximo elemento — “dO meus tios” (exemplo sem codificação na p. 176);
- c) *Pluralidade do contexto por escolarização*: observou-se que a *escolaridade* não exerceu influência sobre a pluralidade do contexto, haja vista que os maiores PRs para a realização da norma culta, com resultados entre .70 a .79, estavam nos três fatores de *escolaridade*, elencados pela autora (*primário, ginásial, colegial*) cruzados com o fator *plural*<sup>5</sup> (fator amalgamado), demonstrando que o fato de o sintagma estar todo em plural influencia mais na realização da CN de número do que propriamente a *escolaridade*;
- d) *Tipos sintagmáticos de alta frequência em SNs com a categoria substantivada na 3ª posição*: trata-se de um dos cruzamentos tomando um fator em relação a uma variável. Para esse cruzamento, o fator mais favorecedor foi *-quant. + art. def. + subst.*, com percentual de 82% para aplicação da CN (“todos os temperos” [ex. sem codificação na página 370]);
- e) *Relação entre os elementos do SN por subagrupamentos de falantes*: o maior percentual, de 99%, para favorecimento da CN foi *substantivo na 1ª posição*<sup>6</sup> para os informantes de *ambiente não humilde*. Vê-se aqui que tanto o fato de o elemento estar em *1ª posição* quanto ao fato de pertencer a uma classe social de prestígio favoreceu a quase totalidade de aplicação da variante de prestígio;
- f) *Anos de escolarização e sexo*: o maior percentual apresentado foi 86% para informantes do *sexo feminino* que tinham de *9 a 11 anos de escolaridade*;
- g) *Faixa etária e sexo*: a idade intermediária, ou seja, entre *26 a 49 anos*, mostrou que as mulheres aplicam mais a CN de número.

Vale referir que, ao longo de seu estudo, a autora correlaciona o comportamento de algumas variáveis a princípios funcionalistas, tais como o do paralelismo formal para a variável *marcas precedentes*: marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros. A esse respeito, a autora afirma: “Em SNs de mais de dois elementos, se houver uma marca também no segundo elemento, haverá mais chances de ocorrer uma outra marca a seguir e, se à primeira marca se seguir um zero, as chances de aparecer um zero seguinte são quase categóricas.” (SCHERRE, 1988, p. 122).

<sup>5</sup> A autora amalgamou os fatores da *pluralidade do contexto* em: *plural/não plural/isolado ou misto/todos*, não apresentando exemplos extraídos do *corpus*.

<sup>6</sup> Não são apresentados exemplos extraídos do *corpus* na tabela 8.6.2 da autora.

Ao analisar as palavras da autora supramencionada, relacionadas ao princípio do paralelismo formal no referido fenômeno da CN de número, compreende-se que esse princípio pode ser percebido principalmente na variável *marcas precedentes*. Pode-se dizer, inclusive, que há uma relação direta com essa variável, mas que também há uma relação com a *posição do elemento no SN* e a *classe gramatical*, conforme será visto nas seções de análise dos dados da fala e da escrita, visto que diz respeito à relação dos elementos no sintagma na posição que ocupam.

Acerca do princípio da saliência fônica, Scherre (1988) considera que, além de atuar sobre cada elemento do SN, permeia seu efeito de pluralização sobre o sintagma como um todo. Esse princípio considera que formas mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, mais marcadas. Dessa forma, o fator *plural duplo* em *processos morfofonológicos* apresentou-se mais favorecedor para a realização da CN de número.

A autora destaca ainda a relevância da análise não atomística, ao afirmar que o fenômeno estudado supera o limite dos subsistemas linguísticos tradicionais e se configura simultaneamente como um fenômeno discursivo, no sentido de que faz uma referência a relações que são estabelecidas além de fronteiras oracionais, como a *pluralidade do contexto*, que permeiam as estruturas nominais analisadas.

Tomando exemplos da variável *Pluralidade do contexto*, apresentam-se abaixo algumas ocorrências que constituem alguns dos fatores para essa variável na tese de Scherre (1988):

a) - A Luanda levou um tiro (...) é a única coisa que eu me lembro (...) num dá pra num ficá... prestando atenção muito na novela, por causa do meus filho, que o...a hora que ELES tão acabando de jantá... Aí fico gritando com ELES... (Lei04, fp, 25a) — fator que representa a primeira ocorrência do SN, cercada de pronome pessoal plural antes e/ou depois.

b) - E: Vem cá! E se você ganhasse na Loteria, hein? O que você faria, assim cum tanto... tanto dinheiro?

-F: (...) Ia pegá um bom dinheiro, e dá, assim, prum grupo de criança (...) (...) Paguei a passagi e inda fiquei cum... O que? Cinquenta cruzeros. (...) Tão, peguei, entrô aqueles menininho, né? Mais de que pobrezinho, piquinininho (...) “Moça compra uma bala aí. Deis cruzeiro”. ELE tava com uns cinco tabletim na...na... (...) Comprei a bala dO GAROTO. “vai embora”. AÍ O GAROTO pego, desceu... (San39, fc, 16a) — ocorrência de SN isolado, seguida e/ou precedida de SNs singulares generalizantes e/ou pronomes pessoais no singular.

As ocorrências apresentadas pela autora permitem observar que, de fato, a análise da língua permeia o campo além da oração, verificando as relações de concordância entre os sintagmas quando unidos no mesmo contexto. No caso da análise não atomística, o contexto discursivo também é verificado no sentido de que mais sintagmas pluralizados influenciam mais a pluralidade dos anteriores ou dos próximos, ou se ainda uma quantidade de sintagmas não pluralizados influencia na existência de mais sintagmas com não concordância.

Scherre (1988) faz as seguintes considerações sobre a *pluralidade do contexto* na análise não atomística no fenômeno da CN de número:

- 1) A presença de SNs totalmente marcados e/ou a presença de pronomes pessoais plurais nas vizinhanças do SN analisado favorece(m) a incidência de todas as marcas nos SNs plurais [...];
- 2) A presença de SNs não totalmente marcados nas vizinhanças do SN analisado desfavorece a incidência de todas as marcas nos SNs plurais [...];
- 3) A presença de contexto generalizante, a ausência de pronomes plurais ou de qualquer sintagma totalmente marcado ou não totalmente marcado (SN isolado) e a presença do contexto misto apresentam influência intermediária sobre a incidência de marcas nos SNs plurais (SCHERRE, 1988, p. 290).

A partir das considerações feitas pela autora supramencionada a respeito da *pluralidade do contexto*, compreende-se que a pluralidade nos sintagmas tende à realização da CN de número, o que atesta uma interrelação no contexto discursivo, o qual permite que em contextos mais pluralizados haja um maior favorecimento do uso da norma culta.

O trabalho de Scherre (1988) é, portanto, uma ótima base para os trabalhos sucessores, que vêm confirmando, por meio da inclusão de mais comunidades de fala em diferentes partes do Brasil, que a regra linguística relativa à CN de número é variável na fala e na escrita.

Pinheiro (2012)

Sob a luz da Teoria da Variação Linguística, Pinheiro (2012) coletou 33 entrevistas espontâneas com informantes naturais ou que tivessem vivido pelo menos a partir dos 5 anos de idade na cidade de Belo Horizonte, capital mineira, com o intuito de analisar o fenômeno variável na CN de número em dados da língua falada.

A estratificação dos informantes foi feita com números diferentes para cada variável social:

a) faixa etária: 6 informantes com 10 a 14 anos, 11 informantes com 15 a 19 anos, 4 informantes com 20 a 24 anos, 9 informantes com 25 a 59 anos de idade e 3 informantes acima de 60 anos;

- b) sexo: 17 do masculino e 16 do feminino;
- c) classe social: 5 da média alta, 12 da média média, 7 da média baixa e 10 da baixa;
- d) região: 12 da Oeste, 3 da Leste, 2 da Sul, 2 da Norte, 3 da Nordeste, 2 da Noroeste, 3 de Barreiro, 3 de Venda Nova e 2 de Pampulha;
- e) escolaridade: 13 do Ensino Fundamental, 13 do Ensino Médio e 8 do Ensino Superior.

Sobre a variável dependente, ela apresentou um favorecimento para aplicação da CN de número em 81%. Nesse caso, a regra é variável, pois, dos 4.181 dados coletados, 3.400 apresentaram pluralização.

A respeito das variáveis independentes, foram selecionadas as seguintes com os seus respectivos fatores:

- a) *saliência fônica: plural duplo, itens terminados em -l, itens terminados em -õe/-ãe, itens terminados em -r, itens terminados em -s, plural regular, plural regular em -ão;*
- b) *paralelismo formal (marcas precedentes): -s-s-s- marcas totais (SN com três ou mais posições marcadas), s-s- marcas totais (SN com duas posições marcadas), s- $\Theta$ - $\Theta$ - quebra de marcas (a informação de plural é dada na 1ª posição e, no restante do SN, marca zero, em que o primeiro zero prevê mais zeros nos elementos seguintes), s- $\Theta$  quebra de marca (em que a informação é dada na 1ª posição),  $\Theta$ -s- $\Theta$ - mistura de marcas (cuja informação de plural é na 2ª posição), s-s- $\Theta$ - mistura de marcas (em que se assinalam as duas primeiras posições e cancelam as últimas), numeral-  $\Theta$ - (SN com numeral antecedendo ou sucedendo um elemento sem marca de plural), numeral-s-SN (com numeral antecedendo ou sucedendo posições marcadas);*
- c) *classe gramatical: substantivo, categoria substantivada, adjetivo, numerais, possessivo, indefinidos, artigos e demonstrativos;*
- d) *posição linear: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª posição;*
- e) *relação com o núcleo do SN: classe não nuclear anteposta ao núcleo, classe nuclear, classe não nuclear posposta ao núcleo;*
- e) *contexto fonético seguinte: consoantes, vogais e pausa;*
- f) *segmento no contexto seguinte: labiais, dentais, nasais, palatais, velares; vogais: altas, médias, baixas e pausa.*

Nas variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *classe social: média alta, média média, média baixa e baixa;*

- b) *faixa etária: 10 a 14, 15 a 19, 20 a 24, 25 a 59 e 60 a 75 anos de idade;*
- c) *escolaridade: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior;*
- d) *estilo de fala: falantes A, B e C;*
- e) *regionais da cidade: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova;*
- f) *sexo: masculino e feminino.*

A respeito dos resultados, os PRs obtidos para pluralização dos elementos ficaram bem abaixo da neutralidade, visto que se analisou o cancelamento da pluralização dos elementos, obtendo-se assim, baixos resultados, uma vez que até mesmo a variável dependente apresentou 18% de não pluralização — “E todo mundo achava bunitim<sub>s</sub> os doces<sub>s</sub>...” (ONPEAWI<sub>g5gjqv?</sub>).

Em suas considerações finais, a autora destaca que não foram selecionadas as variáveis nas rodadas do programa utilizado: *estilo de fala, escolaridade, saliência fônica, relação com o núcleo, segmento do contexto seguinte, contexto fonético seguinte, classe social* e, ainda, *regionais da cidade*. As variáveis consideradas não relevantes foram: *sexo/gênero* e *faixa etária*. A respeito das variáveis selecionadas pelo programa e consideradas relevantes pela autora, pontuou-se que, na variável *escolaridade*, o curso superior tende a desfavorecer o cancelamento da pluralização, ou seja, quanto maior a escolaridade, mais o informante tende a utilizar a variante de prestígio.

Sobre a *saliência fônica*, a autora afirma que o princípio dela foi confirmado em sua atuação, visto que quanto menos matéria fônica havia, mais cancelamentos também ocorriam, destacando-se, nesse resultado, o *plural regular* — “Meus **hábito<sub>s</sub>** são muito diferentes<sub>s</sub>, né...” (IMPFBK<sub>g5%/jrv=</sub>) —, que justamente é o que possui menos matéria fônica.

Ao tratar sobre o paralelismo formal nas conclusões, a autora não elegeu um fator enquanto o mais favorecedor do cancelamento da pluralização dos elementos, apenas fez considerações a respeito de cada um no que diz respeito ao favorecimento do cancelamento da CN de número, atestando apenas que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Assim, o que se pode compreender é que, para a referida autora, todos os fatores elencados tendem a seguir essa regra.

Na variável *classe gramatical*, a autora considerou que os *substantivos* favoreciam mais o cancelamento da pluralização dos elementos — “Perdi até as conta Nicolle de tantas casa que eu já trabalhei...” (0nped<sub>xkh5ckoy</sub>). Pode-se dizer que a análise quantitativa sobre os cancelamentos no fenômeno da CN de número não permite uma visão nítida sobre a correlação entre a *classe gramatical* e a *posição do elemento*, uma vez que se analisa o que menos favorece

o uso da norma culta, mas não o que favorece o uso da variante de prestígio. Sendo assim, não é viável a correlação entre essas duas variáveis na análise do cancelamento da pluralização, embora a autora pontue na página 155 que a variável *posição linear* é independente da *classe gramatical*, ou seja, por si, é capaz de apresentar menos cancelamentos na 1ª *posição* — “Os menino dela tá tudo grande...” (1NPEDXKh57juv).

O trabalho de Pinheiro (2012) é um dos poucos que apresenta resultados em PRs baseados no cancelamento da pluralização. Em suas considerações finais, Pinheiro (2012) faz a importante observação de que a forma de cancelamento de marcas formais de plural no SN não tem valor significativo que corresponda à possível mudança no sistema de português da cidade de Belo Horizonte.

Em linhas gerais, esse trabalho apresenta uma contribuição inegável para a compreensão da CN de número em Minas Gerais, porém cruzamentos de variáveis poderiam ter sido feitos para um maior entendimento dos resultados, a fim de obter uma correlação entre aspectos sociais e linguísticos.

Lopes (2014)

O trabalho de Lopes (2014) dedicou-se a analisar a CN de número na língua falada na zona rural de Santa Leopoldina-ES, com a recolha de dados a partir de entrevistas com duração entre 50 e 60 minutos.

Para inclusão dos informantes, foi estabelecida uma rigorosa série de critérios: deveriam ser naturais de Santa Leopoldina, residentes da zona rural desse município, não poderiam ter se afastado da região por mais de um terço da sua vida, ter pais e cônjuges leopoldinenses e não falar outra língua além do português. Com um número total de 32 informantes, a estratificação foi feita da seguinte maneira:

- a) faixa etária: 8 que tivessem de 7 a 14 anos, 7 com 15 a 25 anos, 8 com 26 a 49 anos e 8 que tivessem acima de 49 anos;
- b) escolaridade: 15 informantes do Ensino Fundamental I e 17 informantes do Ensino Fundamental II;
- c) sexo: 16 informantes do sexo feminino e 16 informantes do sexo masculino.

Sobre as variáveis linguísticas, foram selecionadas:

- a) *saliência fônica: duplos, -l (oxítono e paroxítono), -ão (oxítono irregular), -r (oxítono ou paroxítono), -s (paroxítono); -s (oxítono), regular oxítono, regular proparoxítono, regular paroxítono;*
- b) *posição linear e relativa: antes do núcleo na 2ª e nas demais posições, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo na 3ª e nas demais posições, depois do núcleo na 2ª posição, depois do núcleo na 3ª posição, depois do núcleo na 4ª e demais posições;*
- c) *marcas precedentes: ausência, zero precedente na 1ª posição, sintagma preposicionado, numeral precedente, apenas uma marca (em -s precedente), duas ou mais marcas (em -s precedentes), mistura de marcas precedentes e zero imediatamente precedente;*
- d) *grau e formalidade dos substantivos e adjetivos: diminutivo/aumentativo mais informal, grau normal menos informal;*
- e) *animacidade dos substantivos: -humano e -animado, -humano e +animado e +humano e -coletivo.*

Sobre as variáveis sociais ou extralinguísticas, foram assim organizadas:

- a) *faixa etária: 1 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais;*
- b) *sexo: masculino e feminino;*
- c) *faixa etária: Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II.*

Seguem, abaixo, os fatores com maior PR, que superaram o nível da neutralidade das variáveis selecionadas na rodada do programa:

**Tabela 4** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Lopes (2014)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Saliência fônica</i>	<i>-l (oxítono ou paroxítono)</i>	43/84	51,2%	.765
<i>Posição linear e relativa</i>	<i>Antes do núcleo na 1ª posição</i>	2694/2716	99,2%	.955

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição e classe gramatical amalgamadas</i>	<i>Determinante anteposto ao núcleo na 1ª posição</i>	2676/2698	99,2%	.926
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Duas ou mais marcas (em -s) precedente às 2ª, 3ª e 4ª posições</i>	70/130	53,8%	.784
<i>Faixa etária</i>	<i>7-14 anos</i>	872/1355	64,4%	.594

Fonte: Adaptada de Lopes (2014).

O *determinante anteposto ao núcleo na 1ª posição* — “os bebezinho” (fem. fund1, 8 anos) — com seu alto PR segue na direção do que já havia sido observado por Scherre (1988): elementos que estão à esquerda do núcleo tendem a ser mais pluralizados.

As variáveis não apresentadas na tabela acima apresentaram um PR abaixo da neutralidade, sendo elas: *sexo, escolaridade, grau e formalidade dos substantivos e adjetivos* e, ainda, *animacidade dos substantivos*.

No que diz respeito à variável dependente, com sua não realização da CN de número — “ele tá lá nos café” (fem, fund1, 08 anos) — ou realização — “até as crianças pode ajudar né?” (fem, fund 2, 33 anos) —, a rodada no programa mostrou um total de 6.313 ocorrências, das quais 3.873 são com a variante padrão (61,3%), sendo, portanto, a regra da CN de número variável. Observa-se, dessa forma, que o percentual de aplicação da CN de número pelos informantes é tão baixo, ou seja, abaixo de 70%, quanto foram os de Scherre (1988). Embora a pesquisa tenha sido realizada praticamente três décadas depois, em um século diferente, as duas pesquisas demonstram a baixa aplicação da CN de número pelos informantes brasileiros do Sudeste, independentemente do aspecto temporal, o que se difere dos resultados para a variante de prestígio na região Nordeste, os quais se apresentam mais altos, conforme será visto mais adiante.

Foram feitos alguns cruzamentos para variáveis extralinguísticas, como *faixa etária e sexo*, e o mesmo foi feito com as linguísticas, por exemplo, entre *classe gramatical e posição*

*linear dos elementos*. Nesses cruzamentos, observou-se que as *mulheres* aplicam mais a CN de número (PR .288 a 720) que os *homens* (PR .207 a 573) e, no cruzamento entre *classe gramatical e posição do elemento*, observou-se que os resultados decresciam à medida que a posição do elemento avançava para a direita, de maneira que o maior PR, de .926 (2676/2698), é obtido para os fatores *determinante anteposto ao núcleo na 1ª posição*, ou seja, a *posição do elemento* tem mais influência para a pluralização do elemento do que a sua *classe gramatical*.

### 2.2.1.1.1 *Região Nordeste*

Embora os trabalhos da CN de número no PB não tenham se iniciado na região Nordeste, e sendo apenas no século XXI que se iniciou a produção de trabalhos, é nessa região que os estudos se aprofundam. Ao lado da região Sudeste, é uma das que mais apresenta trabalhos produzidos em ambas as modalidades de uso da língua.

Lopes (2001)

Em sua pesquisa, Lopes (2001) compõe sua amostra de inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta/70 (NURC/70), do NURC/90 e de inquéritos do Programa de Estudo sobre o Português Popular de Salvador (PEPP). Dessa forma, o estudo é constituído por 74 inquéritos, sendo subdivididos entre os da década de 70 e 90 com dados da língua falada para analisar o fenômeno da CN de número.

Os informantes da década de 70 têm apenas curso superior, sendo 2 homens e 2 mulheres para cada faixa etária indicada pela pesquisadora (25 a 35 anos, 45 a 55 anos e acima de 55 anos de idade), totalizando 12 informantes. Os informantes da década de 90 são distribuídos em dois níveis de escolaridade: dos 48 informantes, 24 são do nível Fundamental (1 a 5 anos de escolarização) e 24 do nível médio (11 anos de escolarização). As faixas etárias distribuídas foram as mesmas para os informantes da década de 70, sendo que, para cada faixa etária, havia três informantes de cada sexo.

Foram selecionadas as seguintes variáveis independentes para o referido estudo:

- a) *formação de plural: plural regular, singular em -s, singular em -r, singular em -l, singular em -ão com plural regular, singular em -ão com plural não regular e plural metafônico;*
- b) *tonicidade: monossílabos átonos, oxítonos e monossílabos tônicos, paroxítonos e proparoxítonos;*

- c) *posição linear: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª posição;*
- d) *categoria morfológica: artigo, adjetivo 1, adjetivo 2, numeral, possessivo, demonstrativo, indefinido, quantificador, substantivo, categoria substantivada e pronome pessoal de 3ª pessoa;*
- e) *posição relativa ao núcleo: anterior (mas não imediatamente), imediatamente anterior ao núcleo, posição de núcleo e posterior ao núcleo;*
- f) *grau dos substantivos e adjetivos: contextos precedentes no sintagma, sem antecedente, uma marca formal, numeral terminado em -s, numeral não terminado em -s, mais de um elemento anterior marcado e/ou numeral sem modificador, elemento anterior marcado seguido de numeral, numeral seguido de elemento marcado, mais de um elemento marcado e modificador, elemento não marcado na 1ª posição, mistura de marca sem modificador, mistura de marca e modificador;*
- g) *contexto fonológico subsequente: consoante, vogal, pausa interna e pausa final.*

Sobre as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas as seguintes:

- a) *escolaridade: Fundamental, Médio e Superior completo;*
- b) *gênero: masculino e feminino;*
- c) *faixa etária: 15 a 24 anos, 25 a 35 anos e 45 a 55 anos;*
- d) *tempo: década de 70 e década de 90;*
- e) *tipos de sobrenomes: sobrenome religioso e sobrenome não religioso.*

Sobre a variável dependente no *corpus* da autora, seguem alguns exemplos: a) *realização da CN: “Essas **COISAS**”* e b) *não realização da CN: “os **VIZINHO**, pronto, começa”*. Vale salientar que, no decorrer do texto da autora, não é mencionado um percentual para a variável dependente, dessa forma, toma-se o percentual de 81% que é apresentado na marcação total de pluralidade nas tabelas em que as variáveis independentes são analisadas individualmente, tanto as linguísticas quanto as extralinguísticas.

No que diz respeito às variáveis independentes, segue um exemplo da variável *posição linear* no sintagma, cujo fator que apresenta maior PR apresentado na tabela a seguir é: *1ª posição do elemento no SN: “**MUITAS** dificuldades”*. Para os fatores com maiores percentuais e PRs, apresenta-se a tabela a seguir:

**Tabela 5** – Maiores percentuais e PRs em Lopes (2001)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Escolaridade</i>	<i>Superior (mínimo de 15 anos)</i>	4605/4817	96%	.82
<i>Faixa etária</i>	<i>&gt;65 anos</i>	3241/3803	85%	.59
<i>Formação de plural</i>	<i>Duplo</i>	61/69	88%	.84
<i>Tonicidade</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos de uso tônico</i>	1806/2120	85%	.72
<i>Posição linear</i>	<i>1ª posição</i>	5840/5885	99%	.85
<i>Classe gramatical</i>	<i>Adjetivos 2</i>	219/226	97%	.81

Fonte: Adaptada de Lopes (2001).

Das variáveis analisadas pela autora, obtiveram PR abaixo da neutralidade em seus fatores: *gênero, tempo real, sobrenome, grau sobre a concordância, marcas precedentes, contexto fonológico subsequente, coexistência com o quantificador tudo na CN de número*. Devido a esse baixo PR, não se pode considerar que tais variáveis sejam favorecedoras da variante de prestígio, não sendo apresentados os resultados para o favorecimento dessa variante.

Embora a variável sobrenome não tenha apresentado PRs acima da neutralidade (*sobrenome não religioso*: PR .55 [3083/4071]/*sobrenome religioso*: PR .46 [3422/4813]), a autora comenta que os informantes com *sobrenome religioso* (descendentes de escravos) mais novos tendem a marcar menos os elementos. Lopes (2001) especula que o menor uso da variante de prestígio pelos descendentes de escravos deva-se à influência dos crioulos que a utilizavam na época da escravidão.

A autora faz importantes observações nas considerações finais, tais como reconhecer que a *escolaridade* tem uma forte influência sobre a realização da CN de número, mas que não é a única variável social que interfere na concordância; nas *faixas etárias*, os mais velhos tendem a utilizar mais marcas de concordância que os mais novos, demonstrando uma certa tendência para a redução de marcas no SN.

Há uma observação que a autora faz nas considerações finais, a qual culmina com o que é abordado no presente trabalho:

[...] Apesar de serem detectadas diferenças com relação às restrições na variação da concordância no sintagma nominal, entre os diversos grupos não foram constatadas evidências de que as gramáticas são diferentes. Ao separar pessoas de diferentes etnias, nota-se, contudo, que enquanto os descendentes dos escravos cada vez demonstram fazer mais concordância, em um processo de aquisição da regra, os não descendentes dos escravos, em processo inverso, tendem a fazer menos concordância (LOPES, 2001, p. 381).

A observação e, ao mesmo tempo, a especulação feita pela autora, vai de encontro ao seguinte questionamento na presente pesquisa: a convivência entre portugueses e brasileiros em Portugal incentiva a existência de variação linguística no fenômeno da CN de número nos falantes portugueses?

A partir das palavras da autora supramencionada, pode-se ter a expectativa de que o consumo de músicas e novelas brasileiras, além de filmes e séries dublados no PB e, ainda, a intensa convivência entre brasileiros e portugueses no solo europeu podem ocasionar, gradativamente, um cancelamento de marcas no SN pelos portugueses, ao passo que, para os brasileiros, existe a possibilidade de haver uma regra categórica ou semicategórica em uma das modalidades de uso da língua, como a escrita, por exemplo, levando em consideração que a escola brasileira incentiva o uso da norma prescritiva, com mais intensidade na modalidade escrita (cf. SILVA, 2017).

Dória (2014)

Dória (2014) analisou, sob a ótica não atomística, o fenômeno da CN de número em duas comunidades baianas localizadas na região do Rio de Contas: Mato Grosso e Bananal/Barra dos Negros. O *corpus* da pesquisa é constituído por 24 amostras da fala desses informantes baianos, sendo metade do sexo masculino e metade do feminino; a constituição da amostra é simetricamente dividida por informantes de ambas as comunidades (12 de cada comunidade). Essa amostra foi obtida por meio do Banco de Dados do Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, coordenado pela Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida, desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Sobre as variáveis independentes, foram selecionadas cinco variáveis linguísticas independentes (*configuração sintagmática do SN, realização do núcleo, número de constituintes do SN, número de constituintes flexionáveis do SN e saliência fônica*). Dentre

essas variáveis, apenas a *configuração sintagmática do SN* foi selecionada como significante pelo programa, e seus fatores encontram-se elencados a seguir:

- a)  $SN = Det + N$  (ex.: “**As terra** nem retombou ainda”)
- b)  $SN = Det + N + SX$  (ex.: “que **aquela casa ali** é as casa dos festejo”)
- c)  $SN = Num + N$  (ex.: “vai fazer **dois ano**”)
- d)  $SN = Num + N + SX =$  (ex.: “vai fazer **dois ano que ela chegou aqui**”)
- e)  $SN = Q...N...$  (ex.: “tenho **muitos parentes** lá na barra”)
- f)  $SN = ...N...Adj...$  (ex.: “**As pessoa** mais **vêi** assim tem”)
- g)  $SN = ...Indef...N...$  (ex.: “fala **algumas coisa** agora”)
- h)  $SN = ...N...Poss...$  (ex.: “só que **os pais dele** morava lá”)

As variáveis independentes extralinguísticas selecionadas pelo programa foram:

- a) *sexo: masculino e feminino;*
- b) *estada fora da comunidade: viajou e não viajou;*
- c) *escolaridade: alfabetizado em nível básico e analfabeto;*
- d) *faixa etária: faixa 1 (15 a 25 anos), faixa 2 (26 a 49 anos) e faixa 3 (50 anos ou mais).*

A seguir, apresenta-se a tabela com os maiores PRs da variável linguística e das extralinguísticas:

**Tabela 6** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Dória (2014)

VARIÁVEL	FATOR	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Configuração sintagmática</i>				
a) <i>Mato Grosso</i>	a) $SN = Num + N = SX$	a) 9/22	a) 45%	a) .72
b) <i>Bananal/Barra dos Negros</i>	b) $SN = Q..N...$	b) 4/17	b) 19%	b) -

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Sexo</i>				
a) Mato Grosso	a) <i>feminino</i>	a) 153/409	a) 37%	a) .76
b) Bananal/Barra dos Negros (não apresentou resultado)	b) -	b) -	b) -	b) -
<i>Estada fora da comunidade</i>				
a) Mato Grosso	a) <i>viajou</i>	a) 96/234	a) 41%	a) .75
b) Bananal/Barra dos Negros	b) <i>viajou</i>	b) 12/431	b) 2,8%	b) -
<i>Escolaridade</i>				
a) Mato Grosso	a) <i>alfabetizado em nível básico</i>	a) 130/330	a) 39%	a) .74
b) Bananal/Barra dos Negros	b) <i>alfabetizado em nível básico</i>	b) 1/174	b) 39%	b) -
<i>Faixa etária</i>				
a) Mato Grosso	a) <i>50 anos ou mais</i>	a) 37/315	a) 11%	a) .70
b) Bananal/Barra dos Negros	b) <i>50 anos ou mais</i>	b) 1/121	b) 0,08%	b) .70

Fonte: Adaptada de Dória (2014).

Acerca da variável dependente, a autora apresenta exemplos de pluralização dos elementos: “AS PESSOAS pranta.” (MG, S.A.S) e sem pluralização: “BRIGA aqui só quando uns, OS CARA bebe.” (MG, J.A.M). Conclui-se que, em Mato Grosso, há 25% (167/660) para marcação de pluralidade e, em Bananal/Barra dos Negros, um percentual de 3% (13/535). Pode-se dizer que são os percentuais mais baixos de aplicação da CN de número que se observa em toda a literatura sobre o referido fenômeno no PB, até os dias de hoje.

Pode-se dizer também que esses percentuais tão baixos para a variante de prestígio, encontrados por Dória (2014), constituem um forte contraste em relação ao que foi encontrado

por Silva (2017), em uma cidade pernambucana (localizada no estado vizinho de Pernambuco), três anos depois, em sua dissertação de mestrado. Percentuais tão baixos de aplicação da CN de número jamais vistos em toda a literatura produzida pedem um maior aprofundamento e detalhamento para tal comportamento linguístico por ambas as comunidades baianas.

Apesar de comentar suavemente que Bananal/Barra dos Negros utiliza um PB de base crioula, a autora deixa claro que não afirma que a referida comunidade é um remanescente quilombola e que não há dados históricos para comprovar esse fato. Atribui-se ao motivo de a regra ser variável, em um nível quase categórico de não pluralização dos elementos, tanto à influência dos crioulos trazidos pelos escravos na Bahia quanto pelos dialetos indígenas que eram utilizados na época da colonização do Brasil.

A variável *sexo* não foi considerada relevante para Bananal/Barra dos Negros. Há a realização de alguns cruzamentos, como o que foi realizado entre *sexo e faixa etária*, nos quais as *mulheres mais novas* apresentaram o maior percentual de uso da variante de prestígio, com 65%, em relação aos demais fatores desse cruzamento.

Em suas considerações finais, a autora afirma que os indivíduos mais cultos ou escolarizados utilizam também padrões não normatizados no que diz respeito ao fenômeno da CN de número.

Tabosa (2016)

No intuito de analisar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos relacionados ao fenômeno da CN de número em dados de fala, foi realizada uma pesquisa na região do Cariri cearense, em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha (CRAJUBAR), contando com um total de 24 informantes.

Foram coletados 3.304 dados das entrevistas realizadas e disponíveis no *corpus* do projeto O português falado no Ceará, do Banco de Dados do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA). Obteve-se um percentual de 76,9% de marcação da pluralidade em 2.541 desses dados, sendo, portanto, a regra de CN de número, variável nos termos de Labov (2003).

Sobre o perfil dos informantes da pesquisa, metade dos informantes são do sexo masculino e, a outra, do feminino; para a faixa etária, 8 têm de 15 a 25 anos; 8, de 26 a 49 anos de idade e 8 com 50 anos ou mais; metade dos informantes tinha de 1 a 8 anos de escolarização, e a outra possuía de 9 a 11 anos de escolarização.

A respeito da variável dependente, são apresentados exemplos da *presença de marca explícita de plural /s/*: “[...] antes qual era **os seus costumes** o que ele fazia [...]” (JBX-28) e da *ausência de marca explícita de plural /s/*: “[...] término de cinco quilômetro’ é **razoável**’ é **‘melhor**’ [...]” (ARSS-20).

Sobre as variáveis independentes linguísticas, foram selecionadas:

- a) *posição linear*: 1ª a 4ª posição;
- b) *classe gramatical*: substantivos, categoria substantivada, pronome de 3ª pessoa, adjetivo, adjetivo 2 (mesmo/próprio), artigo, quantificador todos, pronome possessivo, pronome indefinido e pronome demonstrativo;
- c) *classe e posição em relação ao núcleo*: 1ª posição anteposta ao núcleo, 2ª posição anteposta ao núcleo, 3ª posição anteposta ao núcleo, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo na 3ª posição, núcleo na 4ª posição, 1ª posição posposta ao núcleo e 2ª posição posposta ao núcleo;
- d) *marcas precedentes em função da posição*: ausência, zero na 1ª posição, sintagma preposicionado, numeral terminado em -s, numeral não terminado em -s, presença de marca a partir da 1ª posição, presença de duas ou mais marcas precedendo o elemento sob análise, mistura de marcas com marca precedendo o elemento sob análise e mistura de marcas com zero precedendo o elemento sob análise;
- e) *processos morfofonológicos de formação de plural*: plural duplo com alternância vocálica (podendo haver ou não inserção de -s), plural com alteração silábica nos itens terminados em -ão (que, ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando da inserção do -s [ou apenas alterações silábicas]), plural nos itens terminados em -r (com inserção de -e ou -es), plural dos itens terminados em -s (com inserção de -es) e plural regular dos itens terminados em vogal ou vogal +nasal (com inserção de -s sem alteração morfofonêmica);
- f) *tonicidade dos itens lexicais singulares*: oxítonos e monossílabos de uso tônico; paroxítonos ou monossílabos de uso átono, proparoxítonos.

Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *sexo*: masculino e feminino;
- b) *faixa etária*: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante;
- c) *escolaridade*: 1 a 8 anos e 9 a 11 anos.

A seguir, será apresentada a tabela com os fatores com maior PR para realização da CN:

**Tabela 7** – Maiores PRs e percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Tabosa (2016)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição linear</i>	<i>1ª posição</i>	1341/1365	98,2%	-
<i>Classe gramatical</i>	a) <i>artigo</i>	a) 873/888	a) 98,3%	-
	b) <i>quantificador todos</i>	b) 59/60	b) 98,3%	-
<i>Posição e classe gramatical em relação ao núcleo</i>	<i>1ª posição anteposta ao núcleo</i>	1276/1300	98,2%	-
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Presença de 2 ou mais marcas explícitas de plural precedendo o elemento sob análise/3ª ou 4ª posição</i>	114/155	73,5%	.66
<i>Processos morfofonológicos</i>	<i>Plural com alteração silábica nos itens terminados em -l</i>	51/62	82,3%	.82
<i>Faixa etária</i>	<i>15 a 25 anos</i>	755/848	89%	.72
<i>Sexo + escolaridade</i>	<i>Feminino + 1 a 8 anos de escolaridade</i>	746/926	81%	-

Fonte: Adaptada de Tabosa (2016).

Conforme visto anteriormente, a *escolaridade* foi analisada apenas sob cruzamento com a variável *sexo*, que demonstrou, mais uma vez, as mulheres enquanto as mais utilizadoras da variante de prestígio do que os homens. Em relação aos fatores que obtiveram maior PR, o *plural com alteração silábica nos itens terminados em -l*, da variável *processos morfofonológicos*, obteve o PR de .82, que corrobora com o princípio da saliência fônica, o qual

pontua que quanto mais matéria fônica houver no elemento do SN, mais pluralização haverá — “[...] trabalhos **sociais** [...]” (JBX-28). A variável *sexo*, quando analisada individualmente, obteve PR abaixo da neutralidade.

As variáveis que apresentam apenas percentuais foram excluídas na rodada do programa: *classe gramatical*, *tonicidade das sílabas dos itens lexicais* e *escolarização*. Assim como no trabalho de Dória (2014), as variáveis sociais foram mais consideradas pelo programa.

### 2.3.1.1.1 *Região Sul*

Os trabalhos produzidos na região Sul acerca do referido fenômeno investigam, com maior detalhamento, quais seriam os condicionadores para a variação em diferentes perfis de informantes no solo brasileiro, no intuito de analisar quais seriam as maiores influências sobre cada variável selecionada.

Fernandes (1996)

O referido estudo analisou a CN de número na fala de 48 informantes da região Sul do Brasil, cujos dados foram adquiridos por meio do *corpus* do projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul (VARSUL) e também de 19 informantes de diferentes regiões.

A autora descreve que as entrevistas gravadas em áudio foram recolhidas sob duas formas: (i) *informal*: dados retirados do VARSUL, constituído pela fala de 48 informantes divididos em: 12 de etnia açoriana (Florianópolis/SC), 12 de etnia italiana (Chapecó/SC), 12 de etnia alemã (Panambi/RS) e 11 de etnia eslava (Irati/PR). Foram estratificados consoante as seguintes variáveis extralinguísticas: *faixa etária*: 25 a 49 anos e mais de 50 anos, *sexo*: masculino e feminino; *escolaridade*: primário, ginásio e colegial; (ii) *formal*: os dados obtidos por meio de programas esportivos em televisão, entrevistas em televisão, defesas de dissertações de mestrado.

Nos *programas esportivos de televisão*, foram gravadas fitas de vídeo, com uma média de 15 minutos de fala de 5 comentaristas esportivos de programas televisivos; também foi gravada em fitas de vídeo a fala de 4 entrevistadores de diferentes canais de televisão (para esta última, a autora afirma que a escolha dos entrevistadores foi aleatória, cujo intuito foi contrastar os níveis de formalidade para compreender o comportamento na CN de número).

Ainda na *situação formal*, foram gravadas 10 defesas de dissertações de mestrado em diferentes áreas de concentração (1 informante de administração, 1 informante de linguística, 1

informante de literatura brasileira, 1 informante de engenharia de produção mecânica, 2 informantes de engenharia elétrica, 2 informantes de geografia, 2 informantes de história, 2 informantes de sociologia). De acordo com Fernandes (1996), para essa *situação formal*, não houve estratificação por idade, escolaridade e sexo.

No tocante ao quantitativo geral de dados, para a situação informal, foi coletado um total geral de 5.424 de dados, os quais foram retirados do banco de dados do Projeto VARSUL. É necessário informar que a autora não descreve como ocorreu essa recolha de dados em *situação informal*, mas no que diz respeito à *situação formal*, pontua que há um total de 1.521 dados, recolhidos em programas esportivos e entrevistas de televisão, além de defesas de dissertações de mestrado.

Pode-se dizer que há uma diferença acentuada entre os dados coletados em situação *informal* e *formal* para a mesma modalidade de uso da língua, o que de certa maneira dificulta a análise comparativa entre ambas as situações comunicativas, uma vez que seria necessária a obtenção de uma totalidade próxima de dados, entre ambas as formas de coleta dos dados.

Em relação à variável dependente, tem-se: *presença de marca formal de plural*: “Poderia vir FILMES instrutivos, né?” (14PMBC) e *ausência de marca formal de plural*: “Ele dizia que namorado não manda nos FILHO.” (09FFAG). Não se observou uma seção ou subseção dedicada a esse item. Dessa forma, toma-se os 71% total de marcação de pluralidade presente na maioria das tabelas de análise das variáveis independentes.

Nas considerações finais, a autora apresenta breves comentários sobre cada variável independente, e a respeito da variável dependente, apenas pontua que os condicionamentos da marcação ou ausência da marcação de pluralidade são iguais independentemente da região brasileira, constituindo uma situação uniforme no que diz respeito aos condicionantes de uma regra variável na CN de número no PB.

Realizando uma análise atomística, foram selecionadas as seguintes variáveis independentes linguísticas:

- a) *posição dos itens no SN: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª posição;*
- b) *classe gramatical: artigo, possessivo, indefinido, substantivo, categoria substantivada, adjetivo, adjetivo 2, pronome pessoal e quantificador;*
- c) *relação com o núcleo: classe não nuclear anteposta ao núcleo na 1ª posição, classe não nuclear anteposta ao núcleo na 2ª posição, classe nuclear na 1ª posição, classe nuclear na 2ª posição, classe nuclear na 3ª posição, classe não nuclear posposta ao núcleo na 2ª posição e classe não nuclear posposta ao núcleo nas demais posições;*

- d) *marcas precedentes: ausência, zero formal na posição T, constituído apenas por numerais na 1ª posição, presença de marca formal na v posição, núcleo semântico (sintagma preposicional) e ausência de marca formal de plural, presença de marca formal a partir da 1ª posição, mistura de marcas, casos em que há pelo menos uma marca formal antes do elemento analisado e zero formal a partir da 1ª posição;*
- e) *processos morfofonológicos: duplo, terminados em -l, terminados em -ão, terminados em -r, terminados em -s e regular;*
- f) *tonicidade dos itens lexicais: oxítonos e monossílabos tônicos, paroxítonos e monossílabos átonos e proparoxítonos;*
- g) *contexto seguinte: pausa, consoante e vogal.*

Para as variáveis extralinguísticas, tem-se:

- a) *escolarização: primário, ginásio e colegial;*
- b) *idade: 25 a 49 anos e mais de 50 anos;*
- c) *etnia: italiana, açoriana, alemã e eslava;*
- d) *sexo: feminino e masculino;*
- e) *formalidade: situações formais e situações informais.*

Acerca dos maiores PRs dos fatores de todas as variáveis selecionadas pela rodada no programa, segue a tabela:

**Tabela 8** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Fernandes (1996)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição do elemento no SN</i>	<i>1ª posição</i>	2042/2101	97%	.77
<i>Classe gramatical</i>	<i>Possessivo</i>	146/150	97%	.94
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Numeral sem /s/</i>	295/468	63%	.64
<i>Processos morfofonológicos</i>	<i>Duplo</i>	25/35	71%	.81

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Tonicidade</i> ( <i>substantivos,</i> <i>categorias subs-</i> <i>stantivadas e adje-</i> <i>tivos</i> )	<i>Oxítono e monos-</i> <i>sílabo tônico</i>	391/569	69%	.58
<i>Escolarização</i>	<i>Colegial</i>	1599/1978	70%	.66
<i>Formalidade</i>	<i>Defesas de disser-</i> <i>tação de mestrado</i>	692/738	94%	.82

Fonte: Adaptada de Fernandes (1996).

Os fatores das variáveis *contexto seguinte*, *animacidade dos substantivos e adjetivos*, *grau dos substantivos e adjetivos*, *idade*, *etnia* e *sexo* obtiveram PRs abaixo do nível da neutralidade, ou seja, não representam um favorecimento para a marcação da pluralidade no fenômeno da CN de número, sendo assim, não foram inseridos na tabela acima.

Embora as variáveis *classe gramatical* e *posição do elemento no SN* sejam bem correlacionadas, apresentaram um certo distanciamento em relação ao PR de marcação de pluralidade obtido. Compreende-se, assim, que quando analisadas em seus fatores, de forma isolada, podem não se aproximar no nível de marcação. Levando em conta que a *1ª posição do sintagma* tende a ser mais marcada que as demais (cf. SCHERRE; 1988; LOPES, 2001; FIAMENGUI, 2011; MARIANO, 2013; SILVA, 2017), a tendência é que apresente um PR alto ao se analisar todos os dados, ao contrário da *classe gramatical*, que põe em análise elementos de classes, funções e posições diferentes no SN; logo, o resultado de marcação tende a ser bem mais baixo que o dos fatores da variável *posição do elemento no SN*.

Em relação aos cruzamentos, foram realizados entre variáveis linguísticas e também entre extralinguísticas, com base na literatura produzida no fenômeno da CN de número. Essa forma de realizar cruzamentos é bem semelhante ao que Scherre (1988) faz em sua tese.

Um dos aspectos inovadores desse trabalho em relação aos estudos sociolinguísticos até então realizados tem a ver com a análise voltada ao contexto formal e informal, o que permite apurar se a situação em que o texto foi produzido favoreceu a realização da CN de número, embora a própria autora frise, em suas considerações finais, que a variável *formalidade* não foi o centro da análise no estudo.

Capellari (2004)

Trata-se de um estudo com uma característica diferenciada em relação aos demais que abordam a CN de número sob a perspectiva variacionista, pelo fato de analisar a fala apenas de crianças em 4 coletas transversais, recobrando o período etário dos 4 aos 8 anos de idade.

A autora salienta que a amostra foi constituída por meio de 4 coletas transversais distintas, das quais 3 pertencem à tese de doutorado de Zilles (1992), e a 4ª, ao Banco de Dados do Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança (DELICRI).

Os dados coletados da tese de Zilles (1992) se organizam em 3 tipos: (i) interação criança-criança, composta por 8 coletas, tendo 16 informantes, todos alunos da mesma escola pública de classe média de Porto Alegre, na qual 1 menino e 1 menina eram incentivados a brincarem juntos com um conjunto de brinquedos. Para essa atividade, foram selecionados 6 informantes com 4 anos de idade, 54 informantes com 5 anos e 6 informantes com 6 anos de idade. Em relação ao sexo dos informantes, metade era do sexo masculino, e a outra, do feminino.

A amostra obtida para o referido trabalho possui três amostras com diferentes estratificações dos informantes de acordo com o tipo de coleta que foi realizada, conforme é descrito em sua dissertação, das páginas 68 a 71: a) interação criança-criança: composta por 16 informantes, alunos de uma mesma escola pública (4 anos = 6 crianças, 5 anos = 4 crianças, 6 anos = 6 crianças). Dessas 16 crianças, metade era composta por meninos e a outra metade era composta por meninas; b) entrevista pessoal: 12 crianças (faixa etária: 4 anos = 6 crianças, 5 anos = 6 crianças), sendo 6 meninos e 6 meninas; c) tarefas: 16 crianças (4 anos = 5 crianças, 5 anos = 6 crianças, 6 anos = 5 crianças), tendo 9 meninos e 7 meninas.

Conforme é observado, a estratificação dos informantes foi bem assimétrica, de maneira que dificulta uma análise comparativa entre as variáveis sociais, embora sejam pequenas as diferenças quantitativas entre o número de informantes por aspecto social.

Assim como nos demais estudos, foi selecionada a seguinte variável dependente: *realização da CN de número*: “as crianças” e não *realização da CN*: “a minhas boneca”. Durante a análise, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas:

a) *processos morfofonológicos de formação do plural: plural regular, plural com mudança silábica de itens terminados em -r, plural com mudança silábica de itens terminados em -l, plural com mudança silábica de itens terminados em -s ou -z, plural duplo e plural de itens terminados em -ão com mudança silábica;*

- b) *tonicidade*: oxítonos, paroxítonos, monossílabos átonos, monossílabos tônicos e proparoxítonos;
- c) *posição linear*: 1ª posição, 2ª posição, 3ª posição, 4ª posição, um monte de +item e um monte + item + item;
- d) *classe gramatical*: artigos, demonstrativos, substantivos, categoria substantivada, possessivos, indefinidos, quantificadores, adjetivos, pronome interrogativo e intensificadores;
- e) *marcas precedentes*: para 1ª posição, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise; para 2ª posição, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise; para 2ª posição, considerando numeral com -s antes do item sob análise; para 2ª posição, considerando numeral sem -s antes do item sob análise; para 3ª e 4ª posição, considerando pelo menos uma marca formal antes do item sob análise (neste fator, não pode haver ausência de marca antes do item analisado); para 3ª e 4ª posição, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise; para 3ª e 4ª posição, considerando duas ou mais marcas formais antes do item analisado; para itens antecedidos por um monte de; para itens antecedidos por uma marca formal, sendo esta antecedida pela estrutura um monte de e para itens antecedidos pela ausência de marca, sendo esta antecedida por um monte de;
- f) *grau do item lexical*: substantivo sem flexão, substantivo no grau aumentativo, substantivo no grau diminutivo, adjetivo sem flexão, adjetivo no grau aumentativo e adjetivo no grau diminutivo;
- g) *contexto discursivo*: entrevista pessoal (adulto-criança), relato baseado em gravuras, reconto de narrativa e interação criança-criança;
- h) *audiência*: criança como interlocutor e adulto como interlocutor.

Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *sexo*: masculino e feminino;
- b) *faixa etária*: 4 anos, 5 anos, 6 anos, 7 anos e 8 anos;
- c) *Tipo de escola*: pública e privada;
- d) *escolarização*: crianças em idade pré-escolar (4, 5, 6 anos) e criança em idade escolar (7, 8 anos).

Segue a tabela cujos fatores das variáveis selecionadas pelo programa apresentaram maior PR:

**Tabela 9** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Capellari (2004)

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>FATORES</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Processos morfo-fonológicos</i>	<i>Itens terminados em -r</i>	22/31	71%	.93
<i>Posição linear</i>	<i>1ª posição</i>	388/403	96%	.77
<i>Grau do item lexical</i>	<i>Normal</i>	3219/5753	56%	.60

Fonte: Adaptada de Capellari (2004).

A variável *sexo* apresentou PR abaixo do nível de neutralidade, enquanto uma boa parte das variáveis elencadas inicialmente para o referido estudo não apresentavam PR, as quais foram: *tonicidade, marcas precedentes, faixa etária, escolarização, tipo de escola, contexto discursivo e audiência*.

Em relação ao percentual geral da marcação de pluralidade, a autora mostra duas situações: quando a criança *contava histórias*, o uso da CN foi de 50% (21/42) e, no *relato pessoal*, foi de 34% (29/84).

A diferença percentual de marcação entre os dois gêneros textuais explanados pode ser explicada pelo formato textual, haja vista que, no *relato pessoal*, o informante sente-se mais espontâneo, de maneira que se concentra mais no conteúdo do que está sendo dito do que na forma e, justamente, esse é um dos intuitos na pesquisa sociolinguística (cf. TARALLO, 1985): de que o informante, ao sentir-se confortável, espontâneo, sem automonitoramento, deixa aflorar as suas naturais variações linguísticas. Esses resultados de baixos percentuais, tanto gerais quanto das variáveis independentes, podem estar relacionados com o fato de que os informantes ainda estão em um período de aquisição e primeiros anos de escolaridade.

Em suas considerações finais, a autora pontua que a regra verificada (cf. LABOV, 2003) na fala infantil da referida pesquisa é categórica, mas os resultados encontrados eram sugestivos, devido à limitação das amostras reunidas.

Pode-se dizer que não é apenas a estratificação da amostra no referido trabalho que inspira cuidado nos resultados, mas também o fato de uma análise sobre o fenômeno da CN de número em uma fase de desenvolvimento da criança ser um período em que não se tem conhecimento das normas prescritivas de uma língua, e também não se pode comparar com os resultados de outras faixas etárias que tiveram mais tempo de vida para ampliar seu repertório linguístico. Outro motivo que pode interferir nos resultados é a forma como os dados foram

coletados, visto que cada gênero produzido e a forma como foram produzidos podem favorecer ou desfavorecer a marcação de pluralidade na CN de número.

Mangabeira (2016)

Trata-se de uma tese de doutorado que se enquadra nos estudos da 3ª Onda Sociolinguística, cuja comunidade de prática selecionada foi o Centro do Trabalhador em Porto Alegre (uma escola que funciona em 3 turnos). Buscou-se não apenas analisar a realização da CN de número, mas questões relacionadas à identidade de gênero na fala dos 16 participantes para compreender melhor como constroem suas identidades discursivas. Para tanto, foi realizada a coleta de dados por meio de narrativas produzidas na língua falada de jovens e adultos. Nesse estudo, metade dos participantes é constituída por mulheres e, a outra, por homens (metade jovens e metade adultos).

Em relação à variável dependente, Mangabeira (2016, p. 241-242) informa:

No caso da análise atomística, portanto, cada elemento do sintagma nominal (doravante SN) é considerado como um dado independente, logo, existem duas possibilidades – ou variantes – para esta variável:

0 – sem marca de plural

1 – com marca de plural

Ex.: a minhas irmã

a – 0

minhas – 1

irmã - 0

Por outro lado, se o SN inteiro é o que se considera como dado, neste caso, as variantes da CN, como variável linguística, mudam e passam a ser:

0 – Totalmente marcado (marca padrão)

1 – Parcialmente marcado (marca não-padrão)

Ex.: acho que uns treze ano tive que... que ajudar a mãe, né? minha irmã, meu cunhado, e os dois filhos dele

0 - uns treze ano

1 - os dois filhos dele.

No que se refere às variáveis linguísticas, tem-se:

a) *processos de formação morfofonológica: plural metafônico, itens terminados em -r, itens terminados em -l, itens terminados em -ão, itens terminados em -s e plural regular;*

b) *tonicidade dos itens lexicais: monossílabo tônico, monossílabo átono, oxítone, paroxítone e proparoxítone;*

c) *posição linear do elemento no SN: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª posição;*

- d) *classe gramatical: substantivo/categoria substantivada, pronome pessoal de terceira pessoa, adjetivo, adjetivo 2, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo;*
- e) *contexto fonético/fonológico seguinte: item seguido de vogal, item seguido de consoante e item seguido por pausa;*
- f) *grau dos substantivos e adjetivos: normal, aumentativo e diminutivo;*
- g) *posição do elemento em relação ao núcleo do SN: anteposto, posposto e núcleo;*
- h) *animacidade dos substantivos: +traços humanos e -traços humanos;*
- i) *marcas precedentes: presença de marca e ausência de marca;*
- j) *formalidade de substantivos e adjetivos: +formal e -informal;*
- k) *marcas precedentes e posição do elemento como uma variável única: ausência-posição, zero na 1ª posição-posição 2, numeral na 1ª posição-posição 2, -s na 1ª posição (posição 2), SPrep (x)s (posição 2, 3), SPrep0 (0) (posição 2, 3), S (s) s- (posição 3, 4), Y (x)x (posição 3, 4, 5) e X(y)0 (posição 3, 4, 5);*
- l) *função sintática do SN: sujeito de verbo de ação, sujeito de verbo de não ação, complemento, adjunto, predicativa ou dúbia, dupla, abortada e resumitiva;*
- m) *número de palavras: duas, três e quatro ou mais;*
- n) *classe morfológica do primeiro elemento pré-nuclear: artigo, substantivo, adjetivo, pronome e numeral;*
- o) *configuração sintagmática pós-nuclear: com posições pós-nucleares e sem posições pós-nucleares;*
- p) *animacidade do SN: +humano e -humano;*
- q) *paralelismo sintático: primeiro de uma série, precedido por SN com CN-0 e precedido por SN com CN padrão.*

Quanto às variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *gênero: homem e mulher;*
- b) *categoria social: jovem e adulto;*
- c) *trajetória escolar: regular e irregular;*
- d) *associação à cultura de escrita: +associado e - associado;*
- e) *estilo laboviano: narrativa sobre o passado e risco de vida, resposta à pergunta, narrativa sobre o presente, opinião sobre a sociedade e leitura.*

Assim como nos demais trabalhos, nem todas essas variáveis foram consideradas na rodada do programa. A seguir, é possível ver os fatores com maior PR:

**Tabela 10** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Mangabeira (2016)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Estilo laboviano</i>	<i>Opinião sobre a sociedade e leitura</i>	279/338	82,5%	.698
<i>Processos de formação morfofonológica</i>	<i>Plural metafônico (-l, -ão)</i>	50/67	74,6%	.719
<i>Classe gramatical</i>	<i>Adjetivo, adjetivo 2, categoria substantivada</i>	321/330	97,3%	.792
<i>Marcas precedentes e posição linear enquanto variável única</i>	<i>Ausência de marcas fora do SN (posição 1 sob análise)</i>	913/940	97,1%	.710
<i>Posição relativa</i>	<i>Anteposto</i>	976 (não apresenta o total de marcação/rodada feita no Rbrul)	96,6%	.771
<i>Paralelismo</i>	<i>Precedido por SN plenamente marcado</i>	305 (não apresenta o total de realização da CN/rodada feita no Rbrul)	63,9%	.645

Fonte: Adaptada de Mangabeira (2016).

Nas variáveis independentes, obtiveram PRs no nível de neutralidade ou abaixo deste: *categoria social, associação à cultura da escrita, animacidade dos substantivos, formalidade dos substantivos e adjetivos e grau dos substantivos e adjetivos.*

Sobre a variável dependente, a autora apresenta o percentual de 69,2% para marcação de pluralidade (apresentou apenas o total de ocorrências [2.179], mas não o total de marcação),

o que implica considerar, portanto, que, para essa comunidade de prática, o fenômeno da CN de número é variável.

Pode-se dizer que os resultados encontrados para os fatores das variáveis elencadas acima corroboram com o que é observado nos outros estudos. A referida autora reconhece que a variação ocorrente no referido fenômeno em estudo decorre de influências sociais e também do comportamento linguístico próprio dos jovens e adultos entrevistados.

#### **2.4.1.1.1 Região Norte**

É nessa região onde há uma análise do referido fenômeno em um número maior de localidades reunidas em uma mesma microrregião, nas quais são analisados aspectos linguísticos e extralinguísticos em cada uma delas, o que constitui uma possibilidade de equiparação com o presente estudo, que também reúne uma quantidade de cinco localidades de um mesmo estado no estudo de Carvalho (1997), possibilitando uma comparação mais adiante com o presente estudo.

Carvalho (1997)

Esse trabalho analisou a CN de número com uma amostra da língua falada, em uma comunidade de classe baixa na área urbana de Rio Branco, no estado do Acre. A amostra aleatória foi constituída por 24 falantes que deveriam atender a alguns requisitos: i) estar na faixa etária entre os 20 e 35 anos; ii) ter nascido em Rio Branco e não ter se ausentado dessa cidade por mais de dois anos até os 7 anos de idade; iii) pertencer a classe socioeconômica baixa. Em relação à estratificação, metade dos informantes é constituída por homens e metade é constituída por mulheres, sendo 4 informantes por célula. No que diz respeito à escolaridade: há informantes que são analfabetos e outros que cursaram da 1ª à 4ª série e da 5ª à 8ª série.

Para selecionar o informante da classe econômica baixa, foram considerados os seguintes aspectos baseados no perfil socioeconômico da cidade de Rio Branco no SEBRAE, em 1991: a) instrução (analfabeto e 1º grau); b) local de estudo (escola pública); c) ocupação (trabalho/estudo); d) local de moradia (bairros periféricos); e) renda (1 a 2 salários mínimos) e f) bens materiais (casa própria ou alugada e eletrodomésticos básicos).

A coleta dos dados foi feita por meio de entrevista elaborada a partir de temas do cotidiano, tais como: situação do bairro, cidade do Rio Branco, eleições 94, Plano Real, dentre outros assuntos.

A variável dependente é, por sua vez, composta pela presença de marcas de pluralidade: “os melhores momentos” (JO, p. 40) e pela ausência de marcas de pluralidade “as melhore coisa” (JB, p. 45). Não foi mencionado o total geral da marcação de pluralidade, dessa forma, observou-se o percentual geral de marcação de 67% nas tabelas individuais das variáveis independentes, assim como foi feito nos trabalhos de Lopes (2001) e Mangabeira (2016).

Para a análise dos dados, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas:

- a) *processos morfofonológicos de formação de plural: inserção de -s e abertura vocálica em plural metafônico, inserção de -is e mudança silábica em palavras terminadas em /l/, inserção de /s/ e mudança silábica em palavras terminadas em /ão/, inserção de /e/ ou /es/ em palavras terminadas em /r/, inserção de /e/ ou /es/ em palavras terminadas em /s/ e inserção de /s/ em palavras de plural regular;*
- b) *tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares: monossílabo átono, monossílabo tônico, oxítono, paroxítono e proparoxítono;*
- c) *número de sílabas nos itens lexicais singulares: monossílabo, dissílabo e +de 2 sílabas;*
- d) *posição linear: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª posição;*
- e) *classe gramatical: substantivo, adjetivo, pronome pessoal de 3ª pessoa, quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo;*
- e) *marcas precedentes: o elemento anterior é pluralizável e tem a marca presente; o elemento anterior é pluralizável, mas não tem a marca presente; o elemento anterior não é flexionável e o elemento anterior é um numeral;*
- f) *contexto fonético/fonológico: vogal, consoante e pausa.*

Para as variáveis independentes extralinguísticas, foram selecionadas apenas:

- a) *escolarização: analfabetos, 1ª a 4ª série e 5ª a 8ª série;*
- b) *sexo: masculino e feminino.*

Sobre os resultados que mostram os maiores PRs dos fatores, segue a tabela:

**Tabela 11** – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Carvalho (1997)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Processos morfo-fonológicos</i>	<i>Duplo</i>	9/10	90%	.91
<i>Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares</i>	<i>Monossílabo átono</i>	858/869	99%	.64
<i>Número de sílabas dos itens lexicais singulares</i>	<i>+de 2 sílabas</i>	358/762	47%	.60
<i>Posição linear dos elementos no SN</i>	<i>1ª posição</i>	1304/1323	99%	.83
<i>Classe gramatical</i>	<i>Quantificador</i>	57/60	95%	.82
<i>Grau de escolarização</i>	<i>5ª a 8ª séries</i>	842/1033	82%	.76
<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>	963/1334	72%	.60

Fonte: Adaptada de Carvalho (1997).

As variáveis que apresentaram PRs no nível de neutralidade ou abaixo foram: *marcas precedentes* e *contexto fonético/fonológico*.

Em suas considerações finais, ao se referir às variáveis linguísticas, observa-se que apesar da variável *marcas precedentes* não ter apresentado um resultado favorecedor para a marcação de pluralidade em seus fatores, quando analisada conjuntamente com *classe gramatical* e *posição do elemento no SN*, há uma forte interrelação entre ambas, principalmente devido ao fato de serem observadas mais marcações quando analisados determinados grupos de fatores entre as referidas variáveis, como foi o caso de *substantivos* e *adjetivos* nas primeiras posições.

Quando faz considerações sobre as variáveis extralinguísticas, destaca que ao contrário do que é atestado na maioria dos estudos sobre a CN de número no PB, em sua pesquisa, os homens marcam mais os elementos do SN do que as mulheres, e isso se deve ao maior engajamento destes no mercado ocupacional daquela comunidade de fala onde a pesquisa foi

realizada, sendo um caso isolado, uma vez que a maior parte da literatura sobre CN de número no PB apresenta informantes do *sexo feminino* enquanto as que mais realizam marcação de pluralidade.

Martins (2013)

Martins (2013) investigou o fenômeno da CN de número na fala dos habitantes do Alto Solimões, microrregião do Amazonas. A amostra foi constituída de 57 informantes em 5 das 9 localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutá e Fonte Boa). Os 7.270 dados obtidos foram submetidos à rodada do programa Goldvarb X, dos quais obteve-se um percentual de aplicação de 58% de marcas formais de plural.

Ao obter o percentual de marcação de pluralidade, a autora pontua que foram obtidos os seguintes resultados para cada localidade: a) Tonantins: 50% (643/1.273); b) Jutá: 64% (781/1.211); c) Santo Antônio de Içá: 58% (895/1.520); d) Fonte Boa: 55% (754/1.356); e) Tonantins: 50% (643/1.273). Conforme se observa, são percentuais baixos para a marcação de pluralidade, mas não são os menores encontrados na literatura sobre a CN de número no PB. A respeito desse baixo nível de marcação na CN de número, a pesquisadora pontua que há uma influência de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno da variação, tal como ocorre em outras regiões brasileiras, constituindo uma típica regra variável, nos padrões de Labov (2003).

Com relação à estratificação dos informantes, a pretensão inicial era a de que 12 informantes fossem selecionados por cidade, mas, pelo fato de algumas células em Jutá e Fonte Boa não terem sido preenchidas, ficaram 57 informantes, que foram divididos em 3 faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Para cada faixa etária, foram selecionados um homem e uma mulher; para a escolarização, foram analisados 2 níveis: 4 a 8 anos e 9 a 11 anos. Para participar da pesquisa, o informante não deveria ter se afastado por mais de 10 anos do local a ser pesquisado, principalmente, no período considerado o de aquisição da linguagem (0 a 12 anos de idade).

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas conduzidas pela pesquisadora, as quais foram realizadas na casa dos informantes, praças, ruas, entre outros lugares, conforme a disponibilidade deles. Para tanto, foi elaborado um roteiro prévio com perguntas sobre história da cidade, lendas, família, entre outros assuntos, no intuito de que o informante se envolvesse na conversa.

Martins (2013) apresenta as variantes que constituem a variável dependente: *marcação da pluralidade* (“aS casaS todaS”) e *ausência de marcação* (“aS casaS toda $\Theta$ ”). Em sua análise, foram selecionadas como variáveis linguísticas:

- a) *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo: elementos não nucleares antepostos, elementos não nucleares pospostos e elementos nucleares;*
- b) *posição linear ocupada no SN: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e outras posições;*
- c) *classe gramatical: substantivo, artigo, pronome possessivo, categoria substantivada, adjetivo, quantificador, pronome demonstrativo e pronome indefinido;*
- d) *marcas precedentes: zero formal na 1ª posição, numerais na 1ª posição, presença de marca formal na 1ª posição, presença de advérbio, presença de marca na 3ª posição, 4ª, 5ª e etc.; presença de marcas formais a partir da 1ª posição; mistura de marca com marca precedente (entre a última marca formal e o segmento analisado não pode existir um zero em elemento que admite marca, embora se admita a existência de numerais ou modificadores) e mistura de marca sem marca precedente (entre a última marca formal e o elemento analisado tem de haver necessariamente um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou modificadores);*
- e) *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais enquanto única variável: +saliente: plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de -s; plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l, podendo ou não haver inserção de -s; plural nos itens terminados em -r com inserção de -e ou -es; plural dos itens terminados em -s, com inserção de -e ou -es; plural nos itens terminados em -ão, que, ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando há inserção do -s; -saliente: nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos; regulares proparoxítonos e regular paroxítono;*
- f) *contexto fonético/fonológico subsequente: pausa, vogal, consoante bilabial surda, bilabial sonora, labiodental surda, labiodental sonora, alveolar sonora, alveopalatal, velar surda, velar sonora e glotal;*
- g) *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos): diminutivo, aumentativo e normal.*

Para as variáveis independentes extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *ocupação: alta, média e baixa;*
- b) *mobilidade: pouca, média e muita;*

- c) *localismo: bem integrado, mais ou menos integrado e pouco integrado;*  
 d) *escolaridade: 9 a 11 anos;*  
 e) *sexo: homens e mulheres;*  
 f) *diatopia: São Paulo de Olivença, Jutaí, Santo Antônio de Içá, Fonte Boa e Tonantins;*  
 g) *idade: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos.*

Apresentam-se, a seguir, os fatores com maiores PRs para a marcação de pluralidade:

**Tabela 12** – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Martins (2013)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo</i>	<i>Elementos não nucleares antepostos</i>	2900/3022	95%	.78
<i>Posição linear</i>	<i>1ª posição</i>	2778/2882	96%	.79
<i>Processos morfofonológicos</i>	<i>Plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l</i>	57/74	77%	.90
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Zero formal na 1ª posição</i>	107/108	99%	.97
<i>Contexto fonético/fonológico subsequente</i>	<i>Vogal</i>	753/1134	66%	.59
<i>Características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)</i>	<i>Aumentativo</i>	2/5	40%	.68
<i>Escolaridade</i>	<i>9 a 11 anos</i>	2124/3315	64%	.57
<i>Diatopia</i>	<i>São Paulo de Olivença</i>	1191/1910	62%	.57
<i>Mobilidade</i>	<i>Pouca</i>	807/1182	68%	.60

Fonte: Adaptada de Martins (2013).

Estão ausentes na tabela acima os fatores das variáveis: *idade, localismo, ocupação e sexo/gênero* pelo motivo de os fatores não terem apresentado PR acima da neutralidade na análise que reuniu as 5 cidades. Vale salientar que os resultados apresentados na tabela dizem respeito ao total das 5 cidades reunidas, haja vista que foi realizada uma análise por cidade, e também foi feita uma análise de variáveis sobre a marcação da pluralidade nas 5 localidades reunidas.

O estudo de Martins (2013) apresenta um diferencial em relação a outros já realizados por abarcar um conjunto de cidades, com suas peculiaridades sociais e culturais, pertencentes ao mesmo estado, comparando os resultados entre cada cidade abordada na pesquisa.

Dentre todas as observações importantes que fez em suas considerações finais, destacam-se: a) a variação observada não ocorre de maneira aleatória, mas regida por fatores de ordem linguística e extralinguística; b) a microrregião investigada apresenta efeitos linguísticos restritivos semelhantes aos de outras pesquisas realizadas sobre o referido fenômeno no PB, demonstrando, assim, que a variação é inerente ao sistema linguístico; c) pelos resultados obtidos nas cidades para os informantes com maior escolaridade, verificou-se que quanto mais tempo os informantes são expostos às regras da gramática normativa, mais utilizarão a variante de prestígio.

O estudo realizado por Martins (2013) permite uma boa comparação com a presente pesquisa na modalidade falada, por também abranger 5 localidades em um mesmo estado. Pode-se dizer que o baixo percentual de marcação de pluralidade nas localidades não é surpreendente, tanto pelo fato de existir trabalho na literatura produzida que apresenta percentuais bem mais baixos, conforme já foi dito, quanto pelo fato de já se saber que a regra no PB para o fenômeno da CN de número ser variável na língua falada. Dessa forma, o estudo contribui para o referido fenômeno no Brasil, por corroborar com os demais estudos variacionistas no que diz respeito ao aspecto variável da CN de número.

#### **2.5.1.1.1 Região Centro-Oeste**

Apesar de poucos estudos realizados na região Centro-Oeste, conta-se com um bom detalhamento referente às variáveis independentes selecionadas. É possível observar também uma ênfase às diferenças nos resultados da variável diatópica na análise de comunidades de fala na zona rural e também na urbana.

Pereira (2008)

Com a fala de informantes da cidade de Goiás/GO, foi realizado um estudo sobre a CN de número por Pereira (2008) a partir de entrevistas informais cedidas pelo pesquisador Prof. Leosmar Aparecido da Silva (UFG). A amostra foi constituída por 12 informantes, alguns do sexo masculino e outros do sexo feminino do bairro João Francisco, havendo pessoas não escolarizadas ou com escolaridade de 2ª a 4ª série do Ensino Fundamental e incluídas na faixa 1 (25 a 35 anos), na faixa 2 (36 e 48 anos) e na faixa 3 (mais de 65 anos de idade).

Sobre a variável dependente, apresenta-se: *ausência de CN*: “[...] passado uns **tempo...**” (E2-23a) e *presença de CN*: “[...] se uma **das poucas mulheres...**” (E6-10b).

Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas:

- a) *saliência fônica: elementos terminados em: -s, -is, -eis, -éus, -ões, -ães, -ãos, -es e -ns;*
- b) *posição linear: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª posição;*
- c) *classe gramatical: substantivo, adjetivo, artigo, numeral e pronomes;*
- d) *estrutura do SN: Det A N, Det N A, Det A N A, Det N, Prep, A N, Det A A N A, Det N A A, Det A N S Prep e Det [N] A.*

Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *escolaridade: até a 2ª série, 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental;*
- b) *sexo: masculino e feminino;*
- c) *faixa etária: 25 a 35 anos, 36 a 48 anos e acima de 65 anos.*

Diferentemente das demais subseções, não será apresentada aqui uma tabela com resultados, levando em conta que não são apresentados PRs de presença ou ausência das marcas de pluralidade, apenas gráficos e percentuais, nos quais não foi possível compreender nitidamente todas as informações organizadas. É possível, dessa forma, apresentar o que foi pontuado pela autora em suas considerações finais:

- a) Informantes com maior *escolaridade* tendem a utilizar mais a variante de prestígio;
- b) A *escolaridade* não exerce influência sobre a *faixa etária* dos seus informantes, no sentido de mais marcas de pluralidade;
- c) As marcas de plural ocorrem menos em dados *-salientes (elementos com -es/is, por exemplo);*

d) Elementos em *1ª posição* no sintagma tendem a ser mais marcados, principalmente os *artigos*, os quais muitas vezes são o primeiro elemento do sintagma.

Para os resultados gerais, o percentual de marcação da CN foi de 45% para 1.120 dados analisados, apresentando-se, assim, como regra variável. A respeito das considerações da referida pesquisadora, vê-se que há uma corroboração com o que é dito nos outros estudos no fenômeno da CN de número, principalmente que a regra no PB é variável, condicionada por fatores de ordem linguística e extralinguística. Isso atesta a heterogeneidade da língua, ao mesmo tempo que revela o perfil sociolinguístico de mais uma região brasileira no tocante ao fenômeno abordado no presente trabalho.

Dias (1993)

Os dados da referida pesquisa foram obtidos por Elizabete da Silva Malvar, na época, mestre pela Universidade de Brasília (1992), que realizou uma pesquisa sobre realizações do objeto direto em cadeia anafórica, colaborando, dessa forma, com a pesquisa de Dias (1993).

A amostra total de Malvar contava com três grupos de informantes (o grupo dos que tinham até a 4ª série do Fundamental; outro, da 8ª série do Fundamental, e outro, de universitários). Da amostra total da pesquisa de Malvar, os 24 informantes com a 4ª série eram habitantes da zona rural de Brasília e estratificados por sexo (metade masculino e metade feminino). Para a amostra da zona urbana, foram selecionados outros 10 alunos da 4ª série, também estratificados por sexo, totalizando 20 informantes.

Durante a coleta dos dados, os informantes foram submetidos a duas situações: narrativas a partir de figuras exibidas e entrevistas, e ao utilizar tais gêneros, pelo que é dito pela autora, busca-se a espontaneidade do participante tanto ao narrar fatos de uma história quanto também da sua vida pessoal, no intuito de que o informante se preocupe mais com o que vai enunciar do que a forma como enunciar.

Os resultados do percentual geral de aplicação da CN de número mostram uma distinção entre a *zona rural* e a *zona urbana*: visto que na *zona urbana* foi apresentado um percentual de 72% (858/1.196) enquanto na *rural* obteve-se 44% (394/903) da marcação de pluralidade, sendo a regra variável em ambas as localidades. A respeito dessa diferença percentual da marcação de pluralidade, a estudiosa comenta em suas considerações finais ao se referir aos informantes da *zona rural*:

[...] mostraram-se mais sensíveis a condicionadores ligados a graus de formalidade discursiva, o que evidencia um lugar comum, já estabelecido de antemão: a relação social cotidiana desses falantes é mais distanciada das formas de prestígio, ligadas às classes dominantes. Embora não tenhamos estratificado nossos dados do ponto de vista do padrão sócio-econômico dos falantes, fica evidente que as crianças rurais possuem todas um padrão de vida muito baixo, o que não ocorre com os falantes urbanos, embora nestes nos seja mais difícil estabelecer uma generalização que não a de serem crianças de classe média-média (DIAS, 1993, p. 167).

Pelo que ficou exposto pela autora, não se trata apenas de um aspecto diatópico, mas também socioeconômico nos informantes da pesquisa, o que vai de encontro ao que é observado ao analisar tipos de escola na pesquisa de Silva (2017) e também no que se pretende investigar no presente estudo, levando em consideração que o poder aquisitivo leva à convivência social e linguística entre indivíduos que podem valorizar a norma prescritiva ou desprezá-la.

Sobre exemplos extraídos do *corpus* para a variável dependente, tem-se: marcação da CN de número: “... Redó de casa tinha MUITAS PRANTAS” (San, 15, r, f); ausência de marcação da CN de número: “... MEUS OTOS dois irmão mais piqueno...” (San, 15, r, f).

Sobre as variáveis linguísticas, foram selecionadas:

- a) *posição linear do elemento no SN: 1ª, 2ª e 3ª posição;*
- b) *classe gramatical: determinante, quantificador, possessivo, substantivo e adjetivo;*
- c) *relação com o núcleo: classe não nuclear anteposta, classe nuclear e classe não nuclear posposta;*
- d) *marcas precedentes: zero na 1ª posição, numeral na 1ª posição, presença na 1ª posição, SN+alto com marca formal antecedendo SN+alto sem marca formal antecedendo, presença de marcas precedendo 3º elemento em diante, mistura de marcas com marca antecedendo, mistura de marcas com neutralização e mistura de marcas com zero antecedendo;*
- e) *processos morfofonológicos de formação do plural: duplo, terminado em -l, terminado em -ão, terminado em -r, terminado em -s, regular e regular em -ão;*
- f) *contexto seguinte: vogal, consoante sonora nasal, consoante sonora oral, consoante surda e pausa;*
- g) *redução: sem redução, redução medial e redução final;*
- h) *formalidade léxica dos substantivos: informal e não informal;*
- i) *grau dos substantivos/adjetivos: normal, aumentativo e diminutivo;*
- i) *animacidade dos substantivos: humano e não humano;*
- j) *interação no processo da coleta de dados: entrevista e narrativa.*

Sobre as variáveis extralinguísticas, foram analisadas:

- a) *sexo: masculino e feminino;*  
 b) *origem geográfica dos falantes: rural e urbana.*

A respeito dos grupos de fatores com maiores PRs, segue a tabela abaixo:

**Tabela 13** – Maiores PRs de marcação da pluralidade das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Dias (1993)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição linear do elemento no SN</i>	<i>1ª posição</i>			
	a) <i>urbano</i> b) <i>rural</i>	a) 489/495 b) 348/364	a) 99% b) 96%	a) .88 b) .93
<i>Classe gramatical</i>	<i>Determinante</i>			
	a) <i>urbano</i> b) <i>rural</i>	a) 762/1034 b) 334/351	a) 74% b) 95%	a) .88 b) .93
<i>Relação com o núcleo</i>	<i>Anteposta não nuclear</i>			
	a) <i>urbano</i> b) <i>rural</i>	a) 506/512 b) 355/375	a) 99% b) 54%	a) .92 b) .94
<i>Marcas precedentes</i>	<i>a) urbano/ numeral na 1ª posição</i>	a) 3/4	a) 76%	a) .80
	<i>b) rural/zero na 1ª posição</i>	b) 8/10	b) 80%	b) .95
<i>Processos morfofonológicos</i>	a) <i>urbano</i>	a) 13/14	a) 93%	a) .95
	b) <i>rural</i>	b) 2/6	b) 33%	b) .94
<i>Animacidade: humano x não humano</i>	a) <i>urbano/não humano</i>	a) 227/417	a) 54%	a).61
	b) <i>rural/humano</i>	b) 18/98	b) 18%	b).60

VARIÁVEL	FATOR	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Interação</i>	<i>Narrativa</i>	a) 68/100	a) 68%	a) .76
	a) <i>urbano</i>	b) 73/112	b) 67%	b) .92
	b) <i>rural</i>			
<i>Sexo</i>	<i>Feminino</i>			
	a) <i>urbano</i>	a) 640/820	a) 78%	a).59

Fonte: Adaptada de Dias (1993).

Os resultados do estudo apresentam PRs abaixo da neutralidade: *contexto fonético/fonológico seguinte, redução, formalidade léxica dos substantivos, grau do substantivo/adjetivo*, demonstrando, assim, que não favoreciam a marcação da pluralidade.

Apesar de a variável dependente apontar uma diferença discrepante, na qual os informantes da *zona urbana* utilizam bem mais a variante de prestígio do que os informantes da *zona rural*, observa-se nos resultados das variáveis independentes que há momentos em que os informantes de ambas as localidades apresentam PRs próximos de marcação da pluralidade; em outros momentos, os da *zona rural* apresentam PR maior, embora com pouca diferença. Assim, nas variáveis independentes, há uma proximidade em uma parte dos resultados para a pluralização no fenômeno da CN de número.

Essa proximidade dos resultados nas variáveis independentes entre os moradores de ambas as localidades demonstra que constituem uma mesma comunidade de fala, pois partilham dos mesmos traços linguísticos (cf. GUY, 2001). Além do mais, conforme já foi dito, a regra é variável para ambas as zonas. Em síntese, pode-se dizer que há algumas diferenças no comportamento linguístico da *zona urbana e rural*, tais como os resultados diferentes para cada fator de cada variável, mas ambas também compartilham semelhanças.

#### 2.1.1.2 A concordância nominal na língua escrita do PB

Após a primeira década do século XXI, até onde se tenha verificado no presente estudo, desenvolveram-se pesquisas sobre o fenômeno da CN de número na escrita no PB que trouxeram importantes descobertas para a análise.

### 2.1.1.2.1 Região Sudeste

A região Sudeste destaca-se pelo pioneirismo no estudo do referido fenômeno e, ainda, ao lado da região Nordeste, no que diz respeito à produção de estudos referidos à CN de número na modalidade escrita.

Mariano (2013)

O *corpus* de Mariano (2013) foi constituído por dados extraídos de redações de alunos do 6º ao 9º ano do Fundamental do ensino público e privado das localidades Ilha do Governador, Vila da Penha, Quintino e Santa Cruz, todas localizadas no estado do Rio de Janeiro. Das 2.659 ocorrências, 94,5% apresentaram marca formal de número. Sendo assim, a regra constitui-se como quase semicategórica por estar abaixo de 95%.

A amostra é constituída por 297 redações, sendo: das particulares, 72 do Colégio e Curso Esplendor, 68 do Colégio ZeroHum; e, das municipais, 80 da Escola Municipal Oswaldo Teixeira e 77 da Escola Municipal Fernando Azevedo. A autora justifica que não foi possível fazer uma estratificação igualitária no tocante ao sexo dos informantes, devido ao fato de as turmas não terem o mesmo número de meninas e meninos. A distribuição de redações por ano de escolaridade, gênero e instituição encontra-se apresentada na tabela 2 da dissertação da autora, aqui numerada como 14:

**Tabela 14** – Estratificação da escolaridade e do gênero em Mariano (2013)

Instituição	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Colégio e Curso Esplendor	10	10	7	8	10	10	10	7
Colégio ZeroHum	6	4	10	10	10	10	10	8
E. M. Oswaldo Teixeira	10	10	10	10	10	10	10	10
E. M. Fernando Azevedo	7	10	10	10	10	10	10	10

Fonte: Mariano (2013, p. 96).

Para exemplificar a variável dependente, podem ser considerados os seguintes exemplos: a) “O Brasil **nas olimpíada** conseguiu 3 medalhas de ouro e nas paraolimpíadas sabe quantas medalhas de ouro o Brasil teve?”. Foi obtido o percentual de 94,5% (2.507/2.659) para a marcação de pluralidade nos dados de escrita.

Em sua análise, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas:

- a) *posição linear e relativa do constituinte no SN: pré-nuclear na 1ª posição, pré-nuclear na 2ª, 3ª posição em diante, pós-nuclear na 1ª posição, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo na 3ª, 4ª posição e pós-nuclear na 2ª e 3ª posição em diante;*
- b) *saliência fônica: vocábulos com plural duplo ou metafônico, vocábulos terminados em -l/ vocábulos terminados em -ão e no grau aumentativo, vocábulos terminados em -r, vocábulos terminados em -s e vocábulos terminados em vogal ou vogal+nasal ou no diminutivo (plural regular);*
- c) *tipologia textual: narração, descrição, argumentação, injunção e exposição;*
- d) *tonicidade: monossílabos tônicos e palavras oxítonas, monossílabos átonos e palavras paroxítonas e palavras proparoxítonas;*
- e) *número de sílabas: vocábulos monossílabos, vocábulos dissílabos, vocábulos trissílabos e vocábulos polissílabos;*
- f) *marcas no elemento precedente: ausência do elemento precedente, ausência de marca morfológica no elemento precedente, presença da marca morfológica [s] no elemento ou elementos precedentes e termo semanticamente plural com presença de marca de número;*
- g) *animacidade: -humano e -coletivo, -humano e -animado e +humano e -coletivo.*

Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas:

- a) *sexo: masculino e feminino;*
- b) *escolaridade: 6º, 7º, 8º e 9º ano;*
- c) *localidade: Quintino Bocaiúva, Santa Cruz, Vila da Penha e Jardim Guanabara;*
- d) *natureza da instituição: pública e privada.*

Sobre os fatores com maiores PRs, cujas variáveis foram selecionadas pela rodada no programa, segue a tabela:

**Tabela 15** – Maiores PRs das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Mariano (2013)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIAS/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Marcas no elemento precedente</i>	<i>Ausência de elemento precedente</i>	1046/1063	98%	.65
<i>Animacidade</i>	<i>+humano e -coletivo</i>	365/375	97%	.72
<i>Localidade</i>	<i>Ilha do Governador</i>	715/734	98%	.64
<i>Escolaridade</i>	<i>8º ano</i>	896/928	97%	.61
<i>Posição linear e relativa do constituinte no SN</i>	<i>Pré-nuclear na 1ª posição</i>	999/1029	97%	.58

Fonte: Adaptada de Mariano (2013).

Os resultados dos fatores relacionados às variáveis independentes para a marcação da pluralidade permitem observar que há corroboração com o que é observado em outros estudos, ainda que tais trabalhos abordem a modalidade falada (*cf.* SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017). Tais aspectos corroborados são: a escolaridade condiciona o maior uso da variante de prestígio; os primeiros elementos no SN ou elementos pré-nucleares tendem a ser mais marcados; escolas cuja clientela pertença a uma classe social de melhor prestígio tendem a utilizar mais a variante de prestígio, conforme foi observado na dissertação de Silva (2017).

A respeito do que foi observado na variante dependente na modalidade escrita no presente trabalho, observou-se também no estudo de Mariano (2013), a seguinte consideração da autora:

Além disso, a presença majoritária da variante de prestígio parece estar relacionada à modalidade escrita, que é mais monitorada, assim como ao tipo de texto produzido, como mostrou a variável *ano de escolaridade*. Também não se pode esquecer da influência da escola como a grande mantenedora da variante padrão, pois as redações analisadas foram produzidas no ambiente escolar. (MARIANO, 2013, p. 100, grifo da autora).

Dessa forma, pode-se dizer que diferentes aspectos influenciam em um alto percentual obtido para a marcação da pluralidade na modalidade escrita, além do automonitoramento do

informante na produção do texto escrito. Sendo assim, o ambiente escolar motiva o uso da norma prescritiva.

Além do que a autora pontuou acima, pode-se dizer que também a escrita escolar está muito inserida em um contexto de formalidade, visto que a forma dos textos produzidos é regida pelo ensino prescritivo da escola, seja pública ou particular. Dessa forma, não é surpreendente que os percentuais de marcação da pluralidade sejam altos na pesquisa de Mariano (2013) e Silva (2017).

Em linhas gerais, pode-se dizer que o trabalho contribui para o estudo da CN de número, não apenas por tomar a modalidade escrita da língua, mas também por permitir uma reflexão sobre o uso da norma culta, motivado pela escola.

Mariano (2019)

Em sua tese, Mariano (2019) analisa o fenômeno da CN na escrita de estudantes de diferentes localidades do Rio de Janeiro, cujo *corpus* foi elaborado a partir de 469 produções textuais, reunindo 4.100 dados, com 97,3% de marcação de pluralidade nos elementos, constituindo-se como regra semicategórica. Para tanto, foram selecionadas as produções de alunos do 9º ano do Fundamental, do 3º ano do Médio e de períodos finais do nível superior, assim como de professores de Língua Portuguesa.

As localidades em que os dados foram coletados são: Área de Planejamento no Rio de Janeiro (AP): AP2 Zona Sul/AP3 Zona Norte/AP5 Zona Oeste. Essa escolha justifica-se, segundo a autora, pela acentuada diferença socioeconômica de tais comunidades e também sua distância geográfica. Vale referir que parte de sua amostra foi aproveitada de Mariano (2013). No que diz respeito às escolas, foram selecionadas 6 (representadas por siglas na tabela a seguir):

**Tabela 16** – Estratificação em Mariano (2019)

Instituição	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Colégio AP2	10	10	10	10	10	10	10	10
Colégio AP3	10	10	7	8	10	10	10	7

Instituição	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Colégio AP5	10	10	10	10	10	10	10	10
E.M. AP2	10	10	10	10	10	10	10	10
E. M. AP3	10	10	10	10	10	10	10	10
E.M. AP5	7	10	10	10	10	10	10	10

Fonte: Mariano (2019, p. 96).

Sobre a variável dependente, pode-se exemplificar: presença da *marca de plural*: “Todos os jovens gostam [...]” e *ausência da marca de plural*: “De todos os livro que li nesse bimestre [...]”.

As variáveis independentes selecionadas para a pesquisa foram:

- a) *posição linear e relativa do constituinte do SN: pré-nuclear 1ª posição, pré-nuclear 2ª posição em diante, nuclear 1ª posição, nuclear 2ª posição, nuclear 3ª posição em diante, pós-nuclear 1ª posição e pós-nuclear 2ª posição em diante;*
- b) *marcas precedentes: ausência de elemento precedente, termo precedente numeral, presença de marca no elemento precedente e ausência de marca no elemento precedente/palavra invariável;*
- c) *saliência grafofonêmica/tonicidade: vocábulos com plural duplo ou metafônico/oxítono ou paroxítono, vocábulos terminados em -l/ oxítono ou paroxítono, vocábulos terminados em -ão/ oxítono ou paroxítono, vocábulos terminados em -r/oxítono ou paroxítono, vocábulos terminados em -s/oxítono ou paroxítono, plural regular ou vogal + nasal/oxítono e plural regular/proparoxítono;*
- d) *escolaridade: 6º, 7º, 8º e 9º ano;*
- e) *localidade: AP2 Zona Sul, AP3 Zona Norte e AP5 Zona Oeste;*
- f) *natureza da instituição: pública e privada;*
- g) *sexo: feminino e masculino;*
- h) *tipologia textual: argumentativa, expositiva, narrativa, descritiva e injuntiva.*

Para fins de exemplificação, segue o do fator *pré-nuclear 2ª posição em diante*: “Todos os jovens gostam...”. Das variáveis consideradas, apenas uma parte foi selecionada na rodada

dos dados, cujos fatores com menor percentual da ausência de pluralização seguem na tabela a seguir:

**Tabela 18** – Menores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas para ausência de CN em Mariano (2019)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIAS/TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Escolaridade</i>	<i>8º ano</i>	18/738	2%	.385
<i>Localidade</i>	<i>AP5</i>	28/766	3%	.118
<i>Tipo de instituição</i>	<i>Privada</i>	20/1432	1%	.24
<i>Posição linear e relativa do constituinte no SN</i>	<i>Pré-nuclear 2ª posição em diante</i>	7/403	2%	.32
<i>Tipologia textual</i>	<i>Descritiva</i>	10/289	3%	.81

Fonte: Adaptada de Mariano (2019).

Os resultados apresentados na tabela acima corroboram com o que é obtido tanto no estudo anterior da autora (*cf.* MARIANO, 2013) quanto com os demais estudos tratados no presente texto sobre a CN de número: o maior grau de escolaridade inibe o cancelamento de marcas; primeiros elementos no SN tendem a receber menos cancelamentos e os alunos da instituição privada pluralizam mais os elementos no SN.

Ao finalizar o seu trabalho, a pesquisadora faz muitas considerações finais a respeito dos resultados encontrados e também aborda a relação da pesquisa no que diz respeito à sua contribuição para a educação. Dentre as várias considerações que faz a respeito do fenômeno estudado, destacam-se:

a) A escrita recebe menos variação que a modalidade falada no fenômeno da CN de número, devido ao caráter menos espontâneo e mais monitorado no ambiente escolar; sendo assim, na fala, haveria mais variação por ser mais espontânea. Tal observação corrobora com o que foi pontuado em sua pesquisa anterior em Mariano (2013), o que reforça o entendimento de que o alto percentual de pluralização obtido nos trabalhos dirigidos ao fenômeno da CN de número na escrita (*cf.* FIAMENGUI, 2011; MARIANO, 2013; ARAÚJO, 2015; SILVA, 2017) não é obtido de forma aleatória, mas reforça que existem, além de aspectos sociais, os de condições

de produção, tais como: o ambiente onde o texto foi produzido, o gênero textual que (des)favorece uma maior marcação da pluralidade, o automonitoramento do informante no momento da produção textual.

b) Utilizar a variável *localidade* não foi viável em um *locus* restrito, que, no caso da referida pesquisa, foi a cidade do Rio de Janeiro. Tal aspecto discutido pela autora é relativo no campo de estudos variacionistas, haja vista que a seleção de determinada comunidade de fala para a análise de determinado fenômeno linguístico pontuará aspectos importantes a respeito da relação da comunidade de fala com o fenômeno, a depender do que se pretende investigar. No caso de Martins (2013), analisou-se o referido fenômeno em 5 localidades na mesma microrregião, apresentando semelhanças e diferenças sociais e linguísticas entre tais localidades, principalmente sobre o comportamento linguístico dos informantes no tocante ao fenômeno da CN de número. Pode-se dizer, ainda, que foram encontradas importantes observações, as quais foram apontadas em outra subseção do presente texto, o que constitui valiosa contribuição para os estudos do fenômeno da CN de número no campo sociolinguístico.

c) A relevância da variável *tipo de escola ou natureza da instituição* para análise do referido fenômeno, levando em conta discrepâncias sociais, culturais e principalmente econômicas, apresenta a variante mais utilizada pela classe social mais rica, a qual geralmente é a de prestígio, encontrada com mais intensidade na escola particular, e a variante estigmatizada, a qual é utilizada pela classe pobre, que geralmente estuda na escola pública. Dessa forma, a variável *tipo de escola*, ao ser estudada na CN de número, traz à tona uma polaridade linguística e social no Brasil.

d) Ao relacionar o estudo descritivo do referido fenômeno ao contexto educacional, a pesquisadora enfatiza que o menor uso da variante de prestígio por falantes de menor grau de instrução demonstra, por meio dos resultados quantitativos no presente estudo, que a ausência de marca é uma característica identitária que caracteriza o usuário da língua enquanto alguém inculto, e por que não dizer marginalizado? Também pontua que é papel do professor de Língua Portuguesa orientar o aluno que a marcação de pluralidade é útil em determinados contextos, ao mesmo tempo em que desconstrói determinadas estigmatizações linguísticas, que simultaneamente se tornam sociais.

Observa-se que, nos itens finais da sua tese, a autora abordou mais questões e variáveis sociais, acreditando que, dessa forma, preencheria mais a análise voltada para os aspectos sociais na análise sociolinguística, a fim de preencher essa lacuna deixada em sua pesquisa anterior, no ano de 2013.

Fiamengui (2011)

Em sua dissertação, Fiamengui (2011) trabalhou com dados da língua escrita, obtidos a partir de redações do Projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental, e com dados da língua falada, obtidos do *corpus* Iboruna, o qual é constituído no âmbito do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP). O Projeto ALIP e o banco de dados Iboruna são constituídos pela fala da região Noroeste paulista, que abrange a cidade de São José do Rio Preto e 6 cidades circunvizinhas: Mirassol, Bady Bassit, Guapiaçu, Onda Verde, Ipigúá e Cedral.

Por sua vez, o universo da amostra é composto da seguinte maneira: 640 textos escritos de diferentes gêneros e 40 amostras orais (5 tipos de relatos diferentes produzidos por 8 informantes). Sobre o Projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental, foram coletados textos escritos a partir de oficinas realizadas na Escola Estadual Professora Zulmira da Silva Salles, localizada no Jardim Urano, área residencial e periférica na zona sul da cidade de São José do Rio Preto. Essa escola matriculava alunos da 5ª a 8ª série (atualmente, 6º ao 9ºano) e também alunos de programas de inclusão.

Acerca do perfil dos informantes, são alunos da 5ª à 8ª série. Os que produziram os dados orais tinham entre 7 e 15 anos de idade, e os que produziram dados escritos, entre 10 a 15 anos de idade.

Acerca dos resultados gerais, para marcação formal da pluralidade entre as modalidades da fala e da escrita, na perspectiva atomística, a rodada dos dados apresentou, para os dados da língua falada, o percentual de 64,8% (814/1.256), enquanto para os dados de escrita, 96,3%. Na análise não atomística ou sintagmática, os resultados apresentaram o percentual de 93,7% (1980/2.113) para a escrita e, para os da fala, apresentaram 37,4% (250/668). Tais resultados levam a observar que, em ambas as análises, os dados da língua falada fazem parte de uma regra variável, enquanto nos dados escritos da análise atomística, de uma regra semicategórica.

Como evidências da variável dependente, tem-se: a) *presença de pluralidade*: “Juvêncio fugiu cavalcando **pelas estradas** de terra. (YMF, 5B, P1)” e b) *ausência de pluralidade* nos elementos: “Eu quero andar de avião comer **essas comida chique** que os ricos comem”. A partir dessa variável, analisa-se, sob o enfoque atomístico, se há pluralidade dos elementos, ao passo que, para a análise não atomística, se há realização da CN de número no sintagma.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, foram selecionadas as seguintes:

- a) *posição linear + classe gramatical (fala e escrita): determinantes antepostos ao núcleo na 1ª posição do SN, determinantes antepostos ao núcleo na 2ª posição do SN, determinantes pospostos ao núcleo na 2ª posição do SN, determinantes pospostos ao núcleo nas demais posições do SN, adjetivos antepostos ao núcleo na 1ª posição do SN, adjetivos antepostos ao núcleo na 2ª posição do SN, adjetivos pospostos ao núcleo na 2ª posição do SN, adjetivos pospostos ao núcleo nas demais posições do SN, núcleo na 1ª posição do SN, núcleo na 2ª posição do SN e núcleo nas demais posições do SN;*
- b) *formalidade dos substantivos e adjetivos (escrita): formal e informal;*
- c) *número de sílabas do item lexical (fala): 1 sílaba, 2 sílabas e 3 sílabas ou mais;*
- d) *marcas precedentes (fala): ausência de elemento precedente, zero formal na 1ª posição, numeral na 1ª posição, numeral na 1ª posição, marca formal de plural na 1ª posição, marca formal de plural na 2ª posição, núcleo mais alto no singular, mistura de marcas (envolve presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediado por zero em elemento que admite marca) e zero formal a partir da 1ª posição (entre a última marca formal e o elemento analisado, há pelo menos um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou por um modificador);*
- e) *pluralidade do contexto (fala e escrita): SN isolado, SN primeiro de uma série, SN precedido de SN marcado e SN precedido de SN não marcado;*
- f) *posição linear e relativa do constituinte do SN (ausência de CN): pré-nuclear 2ª posição em diante, núcleo 2ª, 3ª posição e pós-nuclear;*
- g) *tipologia textual (ausência de CN): argumentativa, expositiva, narrativa, descritiva e injuntiva.*

Foram selecionadas as seguintes variáveis extralinguísticas:

- a) *gênero (fala e escrita): masculino e feminino;*
- b) *idade (fala e escrita): 10, 11, 12, 13, 14 e 15 anos;*
- c) *escolaridade (escrita): 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série;*
- d) *tipo de instituição: pública e privada;*
- e) *localidade (ausência de CN): AP2 – Zona Sul, AP3 – Zona Norte e AP5 – Zona Oeste.*

Conforme dito anteriormente, algumas variáveis foram analisadas para os dados da fala, e outras, para a escrita. Seguem a seguir os fatores com maiores PRs para a pluralização dos elementos no SN:

**Tabela 19** – Maiores PRs de uso da CN nas variáveis linguísticas e extralinguísticas na língua falada e escrita em Fiamengui (2011)

VARIÁVEL	FATOR	MODALIDADE	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Posição linear + classe gramatical</i>	<i>Adjetivos pospostos ao núcleo na 2<sup>a</sup> posição no SN (ex.: “(...) os restaurantes então com comidas <b>maravilhosas</b> com muita elegância” (MT, 7A, P6))</i>	Escrita	113/114	9,1%	.78
<i>Posição linear + classe gramatical</i>	<i>Det. ant. ao núcleo na 2<sup>a</sup> posição do SN (ex.: “Lucas pedia para sair com <b>todas as</b> <b>mulheres</b>, mas nenhuma saía com ele” (LMC, 7B, P1))</i>	Fala	20/21	95,2%	.87

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>MODALIDADE</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição Linear x classe gramatical</i>	<i>Det. ant. ao núcleo na 1ª posição do SN (ex.: “(...) aí na frente fica assim as mesas... de quem dobra a toalha” (IBORUNA, AC016, L179- 180))</i>	Fala	518/527	8,3%	.86
<i>Gênero</i>	<i>Feminino</i>	Escrita	2590/2663	97,3%	.56
<i>Gênero</i>	<i>Masculino</i>	Fala	430/680	3,2%	.65
<i>Idade</i>	<i>10 anos</i>	Escrita	51/53	96,2%	.60
<i>Idade</i>	<i>11 anos</i>	Fala	176/223	78,9%	.79
<i>Escolaridade</i>	<i>8ª série</i>	Escrita	1214/1254	96,8%	.66
<i>Saliência fônica (número de sílabas do item lexical singular)</i>	<i>Uma sílaba (ex.: “No início, meus pais não aceitaram.” (WES, 8C, P6))</i>	Fala	381/392	97,2%	.72
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Marca formal de plural na 2ª posição</i>	Fala	24/30	80%	.67

VARIÁVEL	FATOR	MODALIDADE	OCORRÊNCIA/ TOTAL	%	PR
<i>Pluralidade do contexto</i>	<i>SN precedido de SN não marcado</i>	Fala	50/317	15,8%	.67
<i>Gênero na perspectiva não atomística</i>	<i>Feminino</i>	Fala	118/296	39,9%	.66
<i>Idade na perspectiva não atomística</i>	<i>10 anos</i>	Escrita	27/29	93,1%	.63
<i>Idade na perspectiva não atomística</i>	<i>15 anos</i>	Fala	24/225	10,7%	.85
<i>Escolaridade na perspectiva não atomística</i>	<i>8ª série</i>	Escrita	630/653	94,9%	.68
<i>Formalidade na perspectiva não atomística</i>	<i>Informal (ex.: “(...) ele num é daqueles cara brincalhão sabe?” (IBORUNA, AC015, L147))</i>	Fala	44/138	31,9%	.62

Fonte: Adaptada de Fiamengui (2011).

Das variáveis selecionadas para a pesquisa, não se enquadram na modalidade escrita na tabela acima: *formalidade dos substantivos e adjetivos*, *pluralidade do contexto* e também *coesão sintagmática*. Tais variáveis, ao analisarem a modalidade escrita, apresentaram PR em nível de neutralidade ou abaixo, demonstrando que não favoreciam a marcação de pluralidade na CN de número.

Alguns resultados corroboram com o que é apresentado na literatura sobre a CN de número, como o maior nível de escolaridade e também as primeiras posições no SN enquanto as mais favorecedoras da marcação da pluralidade, mas outras divergem do que é visto na literatura produzida, como *informalidade* e *sexo masculino* enquanto fatores favorecedores da marcação da pluralidade.

Tais fatores que divergem em relação aos das pesquisas realizadas no âmbito da CN de número pode ser ocasionado pelo total de ocorrências ou pelo próprio comportamento linguístico de determinado perfil de informante, que, no caso dos meninos, dependerá do material cultural e mídias que consomem.

Em sua pesquisa, Fiamengui (2011) verificou, dentre outros aspectos, que os *informantes mais novos* pluralizam mais os elementos nas diferentes análises realizadas, à semelhança do que foi obtido por Silva (2017). Um aspecto a considerar é que essa pesquisa é uma das poucas que comparam a língua falada e a língua escrita, pois, em geral, o foco tem sido a língua falada.

A respeito das modalidades de uso da língua, a referida autora concede a interpretação de que a modalidade escrita é mais favorecedora da variante de prestígio, motivada pela força do ensino prescritivo da escola e, no último parágrafo, apresenta a mesma apologia de Mariano (2019): a escola deve admitir as normas do vernáculo que os alunos trazem para o ambiente escolar, ou seja, os professores e estudantes devem aprender a respeitar as diferentes variantes utilizadas na sociedade, conscientes de que há uma norma culta que precisa ser utilizada em determinados contextos acadêmicos e sociais.

#### **2.2.1.2.2      *Região Nordeste***

Importantes análises sobre o fenômeno da CN de número na escrita desenvolvem-se também na região Nordeste, especificamente em contexto escolar, onde reside o ensino prescritivo da gramática. Os estudos realizados em instituições de ensino permitem comparar a tipologia da regra (*cf.* LABOV, 2003) com os informantes que convivem com a norma culta, em relação aos estudos da fala, cujos informantes não convivem com a norma culta na mesma intensidade de que os alunos matriculados em escolas públicas e particulares.

Araújo (2015)

Um importante trabalho no Nordeste sobre a CN de número na escrita foi o de Araújo (2015), feito por meio de textos narrativos escritos com alunos do 6º e 7º ano de uma escola municipal localizada em uma cidade de Palmas de Monte Alto, no estado baiano. Dos 80 textos coletados, foram codificadas 1.265 ocorrências, das quais 1.099 apresentaram marcação de pluralidade na análise atomística, o que corresponde a 86,9% dos dados selecionados; já na análise sintagmática, o percentual de aplicação foi de 76% (498/655), o que implica considerar que a regra é variável nas duas análises.

Acerca da estratificação da amostra, foram selecionados 20 alunos, com 12 a 18 anos de idade, sendo metade do sexo masculino e a outra metade do feminino; 10 residentes na sede do município (5 masculinos e 5 femininos) e 10 em comunidades rurais (5 masculinos e 5 femininos).

Sobre a variável dependente, constitui-se das seguintes variantes: a) (+) *plural marcado*: “OS SEUS FILHOS começaram a cantar.” e b) (-) *plural marcado* “Para OS MENINO tocar”.

As variáveis linguísticas selecionadas inicialmente para a pesquisa foram:

- a) *posição do determinante na ordem do constituinte: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª em diante;*
- b) *posição do determinante em relação ao núcleo: determinante em primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo; determinante em primeira posição, mas não adjacente (não imediatamente) ao núcleo, determinante em segunda posição imediatamente à esquerda do núcleo, determinante em segunda posição não adjacente ao núcleo e determinante em terceira posição à esquerda do núcleo;*
- c) *classe gramatical do constituinte: artigo definido, artigo indefinido, pronome demonstrativo, pronome possessivo, pronome indefinido, quantificador, substantivo e adjetivo;*
- d) *saliência fônica (atomística): oposição singular/plural regular, com acréscimo de -es, com perda de elemento do singular e acréscimo de -is, com manutenção da nasal, seguida do acréscimo de -s, com acréscimo de -es e mudança de /s/ > /z/, com alternância de ão > ões, com alternância de ão > ães e com alternância do timbre;*
- e) *configuração sintagmática do SN: determinante+nome, determinante+nome+sintagma x (preposição), numeral+nome, numeral+nome+sintagma x (preposição), quantificador...nome ..., nome...adjetivo..., adjetivo...nome, indefinidos...nome..., possessivo...nome, nome...possessivo e artigo + numeral...nome;*
- f) *realização do núcleo: com núcleo e sem núcleo;*

- g) *função sintática do SN: sujeito anteposto ao verbo, sujeito posposto ao verbo, objeto direto, predicativo, objeto indireto/oblíquo/complemento locativo, adjunto/complemento nominal/aposto, adjunto adverbial, constituinte solto, cópia e repetição;*
- h) *posição do SN em relação ao verbo: à esquerda do verbo, imediatamente à esquerda do verbo, à direita do verbo e imediatamente à direita do verbo;*
- i) *número de constituintes do SN: dois, três, quatro e cinco ou mais;*
- j) *número de constituintes flexionáveis do SN: um, dois, três e quatro ou mais;*
- k) *saliência fônica (sintagmática ou não atomística): SN com todos os itens regulares e SN com pelo menos um item que apresente diferenciação fônica quando pluralizado.*

Sobre as variáveis extralinguísticas, selecionaram-se:

- a) *sexo: masculino e feminino;*
- b) *exposição à mídia: muito exposto e pouco exposto;*
- c) *acesso à leitura: alto e baixo;*
- d) *classe social: A, B e C;*
- e) *diazonalidade: rural e urbana.*

Embora haja um vasto número de variáveis linguísticas selecionadas para a referida pesquisa, foram selecionadas poucas, dentre as quais serão apresentadas apenas os fatores com os PRs acima do nível da neutralidade. A respeito dos fatores com maiores PRs, seguem os resultados apresentados na tabela:

Tabela 20 – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Araújo (2015)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Classe gramatical</i>	<i>Artigo definido</i>	337/357	-	.71
<i>Função sintática do SN</i>	<i>Objeto indireto/ oblíquo/compl. locativo</i>	32/38	-	.67
<i>Número de constituintes flexionáveis do SN</i>	<i>Um constituinte</i>	104/131	-	.58
<i>Acesso à leitura</i>	<i>Alto</i>	382/448	-	.60

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Exposição à mídia</i>	<i>Muita exposição</i>	344/421	81,7%	.58
<i>Classe social</i>	<i>Classe B (3 a 9 salários mínimos)</i>	94/98	-	.77

Fonte: Adaptada de Araújo (2015).

No que diz respeito aos fatores com PRs mais favorecedores da CN de número, corrobora-se o que é visto na literatura produzida: elementos em primeiras posições no sintagma tendem a ser mais marcados, dessa forma, o fator mais favorecedor na variável número de constituintes flexionáveis do SN tem uma certa relação com os elementos que estão em *1ª posição no SN* e, por isso, também é mais marcado. Sobre a *função sintática do SN*, pode-se dizer que pelo baixo número de ocorrências, houve uma tendência para um resultado de maior pluralidade.

No que diz respeito ao consumo de mídia e leitura, pelo resultado exposto, subentende-se que o material consumido motiva o uso da variante de prestígio e, devido a isso, os informantes marcaram mais os elementos quando tais variáveis foram postas em análise.

Apesar de a autora pontuar em suas considerações finais que a CN de número está se direcionando para uma maior aquisição da forma padrão popular, sabe-se que ainda é cedo para estabelecer tal afirmação, posto que deve haver um considerável número de trabalhos sobre o referido fenômeno na escrita, assim como já existe para a língua falada, cujos resultados, embora com percentuais diferentes, corroboram que a regra no PB é variável.

Nos estudos sobre a CN de número ainda há muito o que ser analisado nos percentuais altos de marcação, levando em conta as condições de produção do texto escrito, os quais, muitas vezes, influenciam de forma favorecedora no que diz respeito aos resultados para a variante de prestígio.

Santos (2017)

Outro trabalho que teve importante contribuição para as pesquisas sobre a CN de número na modalidade escrita foi o de Santos (2017), que faz uma análise sobre o uso dessa concordância em 91 cartas pessoais, escritas entre 1906 e 2000 por sertanejos baianos, semialfabetizados — textos que caracterizam o português popular do Brasil.

As cartas foram produzidas por 43 remetentes (23 mulheres e 20 homens) que têm pouca escolaridade e cuja naturalidade é da zona rural, nos municípios do sertão baiano (Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu).

Em relação à variável dependente, apresentam-se os exemplos: a) *com marcas*: “[...] Zezito Hejé fez um| mês e 8 dias que te vi de longe | [...]” (AHC-54) e b) *sem marcas*: “São as horas mais filizØ quando pego| Nesta caneta para da minha notícias| [...]”. (AHC-59). Obteve-se 31% (99/318) para a marcação da pluralidade na análise não atomística e 59% (420/710) de marcação na análise atomística.

Ainda para o referido estudo, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas:

- a) *posição do SN com relação ao verbo sobre a realização da concordância de número: à esquerda do verbo, à direita do verbo e posição isolada;*
- b) *número absoluto sobre o número de constituintes do SN: 2 itens, 3 itens e 4 itens ou mais;*
- c) *posição do item com relação ao núcleo: à esquerda adjacente ao núcleo, à esquerda não adjacente ao núcleo, núcleo em 1ª posição, núcleo em 2ª posição, núcleo em 3ª posição em diante e itens à direita do núcleo;*
- d) *saliência fônica: regular oxítono ou monossílabo tônico, regular paroxítono, regular proparoxítono, plural metafônico, itens terminados em /r/, itens terminados em /s/ ou /z/, itens terminados em -ão irregular e itens terminados em -ão regular;*
- e) *marcas precedentes: ausência de marca formal na 1ª posição, presença de marca formal na 1ª posição, numeral, mistura de marcas precedentes com marca formal, item analisado na 3ª posição, ausência de marcas precedentes e item analisado na 3ª posição.*

Por sua vez, foram selecionadas as seguintes variáveis extralinguísticas (chamadas de sociais pela autora):

- a) *situação de aprendizagem: estudou pouco em casa, estudou apenas os primeiros anos, estudou até a 4ª série e aprendeu por meio da convivência com amigos e leitura da bíblia;*
- b) *presença/ausência em fórmulas: sintagmas presentes nas fórmulas com a marcação de pluralidade, sintagmas presentes nas fórmulas sem a marcação de pluralidade, sintagmas fora das fórmulas com a marcação de pluralidade e sintagmas fora das fórmulas sem a marcação de pluralidade.*

Além das variáveis acima, a autora menciona que também foram selecionadas: *data de escrita das cartas, data de nascimento dos redatores, faixa etária dos redatores quando da escrita das cartas, código dos redatores, gêneros, situação de aprendizagem, naturalidade dos remetentes* — porém não foram observados no referido texto fatores mencionados para estas variáveis extralinguísticas.

Vale referir que, para a análise dos dados, foram estabelecidos os seguintes critérios para a seleção dos SNs:

(i) SNs com todas as marcas formais de plural

(42) [...] a vjiem santiszima derramais la du| alto seu as maiores felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam [...]. (SFS- 40)

(ii) SNs com algumas marcas formais de plural

(43) Irmão us João pitanga e todos us| meus irmaoØ eu pego na minha| di minu ta pena para mandar as| minha notisia | [...]. (MC- 36)

(iii) SNs com apenas uma marca formal de plural ou até sem nenhuma marca formal explícita, quando ocorre um SN contendo um numeral como primeiro elemento seguido de outros elementos não marcados.

(44) [...] commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| as as 101aber notiaØ ir nu memo| tempos eu salb 101aber da suas | [...]. (AFS- 45)

(45) Conpade pitanga eu jar li| mandei 2 cartaØ i do Senhora| eu So Resibil uma |[...]. (LFO- 32) (SANTOS, 2017, p. 101).

A seguir, apresentam-se os maiores PRs de marcação da pluralidade das referidas variáveis:

**Tabela 21** – Maiores PRs de presença da marcação das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Santos (2017)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIAS/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição do SN com relação ao verbo sobre a realização da CN de número</i>	<i>Posição isolada</i>	7/9	43,8%	.727

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIAS/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Número absoluto de constituintes do SN</i>	<i>Dois itens</i>	75/184	40,8%	.627
<i>Situação de aprendizagem</i>	<i>Estudou até a 4ª série</i>	15/38	39,5%	.762
<i>Posição do item com relação ao núcleo</i>	<i>Núcleo em 1ª posição</i>	10/11	90,9%	.776
<i>Saliência fônica e tonicidade</i>	<i>Plural metafônico</i>	2/3	66,7%	.690
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Ausência de marca formal na 1ª posição</i>	29/40	72,5%	.874
<i>Posição do item em relação ao núcleo</i>	<i>Núcleo em 1ª posição</i>	-	90,9%	.776
<i>Marcas precedentes</i>	<i>Ausência de marcas precedentes; itens analisados na 3ª posição</i>	-	78,6%	.916

Fonte: Adaptada de Santos (2017).

A variável *fórmulas* apresentou um PR abaixo do nível de neutralidade. A referida autora fez a análise atomística e também a não atomística, contribuindo de forma relevante para os estudos da CN por trazer um estudo sobre o referido fenômeno na escrita com um *corpus* do

século passado. Seria interessante que esse estudo contemplasse variáveis clássicas, tais como: *sexo, idade, escolaridade e classe gramatical*.

Pode-se dizer que os percentuais de marcação para a variável dependente constituem os mais baixos na literatura na CN de número na modalidade escrita, e isso se deve claramente ao tipo de amostra coletada: cartas inábeis, o que propicia mais a presença de variações do que a variante de prestígio no material escrito produzido.

Ao comparar as tabelas de PRs mais altos dos estudos abordados anteriores, vê-se que a de Santos (2017) apresentou uma quantidade maior de fatores com PRs acima da neutralidade que os demais estudos, o que demonstra informantes que tendem a pluralizar mais os elementos nos fatores das variáveis independentes.

De uma forma geral, vê-se que o referido estudo corrobora com os demais ao observar a tabela anterior com os PRs mais favorecedores da CN de número, haja vista que os elementos que estão entre as primeiras posições ou mais à esquerda do sintagma, tendem a favorecer uma maior marcação da pluralidade no SN, bem como os informantes com maior escolaridade na pesquisa tendem a utilizar mais a variante de prestígio.

Silva (2017)

Na cidade de Belo Jardim, situada no Agreste pernambucano, Silva (2017) realizou uma pesquisa com 144 informantes sobre a variação da CN de número na fala e escrita, tendo como principal objetivo investigar se haveria assimetria entre essas modalidades de uso da língua. Para a coleta de dados da fala, foram realizadas entrevistas com duração de 15 minutos contendo perguntas sobre o cotidiano dos informantes; para a obtenção dos dados escritos, foram propostas redações escolares que consistiam em dar continuidade a uma narrativa. Para todos os informantes, foi entregue uma ficha social a ser preenchida, com perguntas relacionadas à sua vivência sociocultural.

Vale dizer que essa ficha foi a mesma para todos os informantes, mas as redações e as entrevistas tinham perfil diferenciado e adequado a cada segmento de ensino, a saber: alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I; 6º e 9º do Fundamental II e 1º e 3º do Ensino Médio.

As variantes que compõem a variável dependente podem ser evidenciadas a partir destes exemplos: a) *aplicação da CN de número*: (S1M4mJ1e/ “as notícias” e b) *não aplicação da CN de número*: (N1M4mI1eB “muitos aluno”. A respeito do percentual de marcação da pluralidade para essa variável, obteve-se 72% (10.210/14.246) de marcação da pluralidade para a fala e 94% (3.159/3.373) para a modalidade escrita. Os resultados confirmaram a hipótese inicial do

autor de que havia assimetria entre a fala e a escrita no tocante ao fenômeno da variação da CN de número.

No que diz respeito à seleção das variáveis independentes, tem-se as seguintes linguísticas:

- a) *classe gramatical: quantificador, pronome indefinido, adjetivo, adjetivo 2, categoria substantivada, substantivo, artigo ou demonstrativo e pronome possessivo;*
- b) *posição linear: 1ª, 2ª e 3ª posição;*
- c) *processos morfofonológicos da formação do plural: itens terminados em -r, itens terminados em -l, itens terminados em vogal+vogal com inserção de -s, itens terminados em -z e itens terminados em -m;*
- d) *marcas precedentes: apenas 1 elemento precedente e sem marca de plural, apenas 1 elemento precedente e com marca de plural, apenas 1 elemento precedente e numeral, apenas 1 elemento precedente e modificador, 2 elementos precedentes sem marca de plural, 1º elemento precedente sem marca de plural e 2º elemento com marca de plural, 1º elemento precedente com marca de plural e 2º elemento precedente numeral, 1º elemento precedente com marca de plural e 2º elemento sem marca de plural, dois elementos precedentes com marca de plural, 2 elementos precedentes com marca de plural, 1º elemento precedente sem marca de plural e 2º elemento precedente numeral, 1º elemento precedente com marca de plural e 2º elemento precedente modificador, 1º elemento precedente numeral e 2º elemento precedente sem marca de plural, 1º elemento precedente numeral e 2º elemento precedente com marca de plural, 1º elemento precedente numeral e 2º elemento precedente modificador e 1º elemento precedente modificador e 2º com marca de plural.*

Quanto às variáveis extralinguísticas, selecionaram-se:

- a) *grau de escolaridade: 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I; 6º e 9º do Fundamental II e 1º e 3º do Ensino Médio;*
- b) *faixa etária: 1. 9 a 11 anos de idade; 2. 12 a 17 anos de idade; 3. 18 a 23 anos de idade;*
- c) *sexo: masculino e feminino;*
- d) *tipo de escola: particular, municipal e estadual.*

Um dos resultados obtidos pelo pesquisador é que, na variável *classe gramatical*, os *quantificadores* apresentaram um maior PR, com .77 e percentual de 76%; já na língua escrita,

os artigos ou demonstrativos apresentaram um maior PR de .59 e um percentual de 94% em relação aos demais fatores da referida variável, o que aponta para o fato de que por essa classe, em geral, ocupar a 1ª posição no sintagma nominal, é esperado que haja maior presença de pluralidade.

Com relação às variáveis selecionadas na rodada dos dados, cujos fatores apresentaram maior PR para marcação de pluralidade, segue a tabela:

**Tabela 22** – Maiores PRs ou percentuais das variáveis linguísticas e extralinguísticas em Silva (2017)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Classe gramatical (dados da fala)</i>	a) <i>fala: quantificador</i> b) <i>escrita: artigo ou demonstrativo</i>	a) 267/203 b) 890/390	a) 76% b) 94%	a) .77 b) .59
<i>Posição do elemento no SN</i>	<i>escrita: 1ª posição</i>	1587/1496	a) 94%	.72
<i>Saliência fônica (processos mor. de for. de plural) em dados da fala</i>	a) <i>fala: itens termina- dos em -r</i> b) <i>escrita: itens termina- dos em -r</i>	a) 390/380 b) 203/201	a) 97% b) 99%	a) .78 b) .96
<i>Marcas precedentes</i>	<i>escrita: FATOR G (ex.: (S1M4mB3eG1 “os três meninos”)</i>	23/21	91%	.74
<i>Faixa etária</i>	a) <i>Faixa 1: 9 a 11 anos</i> b) <i>Faixa 1: 9 a 11 anos</i>	a) 3961/2957 b) 869/801	a) 75% b) 92%	a) .71 b) .64
<i>Escolaridade</i>	a) <i>fala: 1º ano do Ensino Médio</i> b) <i>escrita: 3º ano do Ensino Médio</i>	a) 2802/2402 b) 789/779	a) 86% b) 99%	a) - b) .94
<i>Tipo de escola (dados da fala)</i>	a) <i>fala: particular</i> b) <i>escrita: particular</i>	a) 2823/2287 b) 1907/1872	a) 83% b) 98%	a) .58 b) .94

Fonte: Adaptada de Silva (2017).

Os fatores das variáveis *posição do elemento no SN* (fala), *marcas precedentes* (fala) e *sexo* apresentaram PR abaixo do nível de neutralidade e, assim, não aparecem na tabela acima. De qualquer maneira, vê-se uma boa quantidade de variáveis com fatores acima do nível de neutralidade para marcação da CN de número.

De acordo com a tabela acima, vê-se que fatores como maior *escolaridade*, *1ª posição no SN* e a respectiva *classe gramatical* que nela geralmente é encontrada influenciam na marcação da pluralidade, da mesma forma que foi observado em outras regiões do Brasil.

Na argumentação desenvolvida pelo autor no decorrer da sua dissertação e pelos resultados expostos, verifica-se que a regra é variável para a fala.

A pesquisa realizada mostrou-se relevante para os estudos sociolinguísticos do PB, especificamente, sobre o uso da CN de número na língua falada e na língua escrita, mas, para uma maior compreensão desse fenômeno linguístico variável, seria importante que fossem realizados cruzamentos entre variáveis, tais como: *classe gramatical e posição do elemento no SN, faixa etária e grau de escolaridade*.

### **2.1.2 O fenômeno da concordância sob uma ótica de comparação entre o PB e o PE**

Até onde foi verificado, são escassos os trabalhos sociolinguísticos sobre a CN de número no PE, destacando-se dois artigos científicos: Brandão e Vieira (2012) e Brandão (2015) sobre os quais se dedicam as próximas subseções, respectivamente.

#### *2.1.2.1 Brandão e Vieira (2012)*

No intuito de analisar o fenômeno da CN de número em 3 variedades do português, a saber: PE, PB e São Tomé (doravante PST), Brandão e Vieira (2012) elaboraram um *corpus* de língua falada, sendo a amostra estratificada com 53 informantes: uma média de 18 informantes por variedade, distribuídos por sexo, 3 faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos em diante) e 3 níveis de escolaridade (Fundamental: 5 a 8 anos; Médio: 9 a 11 anos e superior).

Em relação aos dados coletados do PB e do PE, são provenientes do Projeto Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias do Português, coordenado inicialmente por Maria Antónia C. da Mota, da Universidade de Lisboa, e por Sílvia Rodrigues Vieira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Já os dados do PST foram extraídos de entrevistas realizadas em 2009 pelo pesquisador Tjerk Hagemeyer, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Os informantes selecionados para a pesquisa, se brasileiros, deveriam ser naturais de Nova Iguaçu; os portugueses, de Cacém; os de PST, da capital da ilha São Tomé. Após a obtenção dos resultados percentuais gerais das 3 variedades referentes ao uso da variante padrão (+CN), as pesquisadoras obtiveram o seguinte: a) PST: 93,4% (2.439/2.612), b) PB: 91,1% (3.439/3.777) e PE: 99,9% (2.448/2.449). Diante desse resultado e embasadas na tipologia de regras linguísticas propostas por Labov (2003), concluem que a regra de CN no PE é categórica, ao passo que, no PB e no PST, variável<sup>7</sup>.

As autoras selecionaram as seguintes variáveis linguísticas para o estudo:

- a) *posição linear e relativa no SN: pré-nuclear, nuclear e pós-nuclear;*
- b) *animacidade do núcleo: +animado e -animado;*
- c) *saliência fônica: +saliente e -saliente;*
- d) *frequência de uso do português: zero/baixa (indivíduos que se expressam fundamentalmente em português), média (indivíduos que se expressam em português, mas que dominam e utilizam com frequência um crioulo), alta (indivíduos que falam o português, mas que regularmente também utilizam o crioulo — apenas o PST).*

Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas inicialmente:

- a) *escolaridade: Fundamental, Médio e Superior;*
- b) *faixa etária: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante (apenas o PB);*
- c) *gênero: masculino e feminino (apenas o PST).*

Embora não tenham sido apresentados resultados das variáveis independentes para a variedade do PE, serão apresentados, a seguir, os fatores com menores PRs para a ausência de marcas na pluralidade da CN de número no PB e no PST, no intuito de prosseguir com a apresentação de resultados de cada trabalho abordado no presente texto:

---

<sup>7</sup> Não foram encontradas ocorrências extraídas do *corpus* da pesquisa, no artigo: *Concordância Nominal e Verbal: Contribuições Para o Debate Sobre o Estatuto da Variação em Três Variedades Urbanas do Português*.

**Tabela 23** – Menores PRs de ausência das marcas em Brandão e Vieira (2012)

<b>VARIÁVEL</b>	<b>FATOR</b>	<b>OCORRÊNCIA/ TOTAL</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<i>Posição linear e relativa no SN</i> a) PB b) PST	a) <i>Pré-nuclear</i>	a) 19/1450	a) 1,3%	a) .17
	b) <i>Pré-nuclear</i>	b) 4/262	b) 1,5%	b) .25
<i>Animacidade do núcleo</i> a) PB b) PST	a) <i>+animado</i>	a) 95/838	a) 11,4%	a) .43
	b) <i>+animado</i>	b) 59/433	b) 13,6%	b) .39
<i>Saliência fônica</i> a) PB b) PST	a) <i>+saliente</i>	a) 25/374	a) 6,7%	a) .30
	b) <i>+saliente</i>	b) 21/218	b) 9,6%	b) .25
<i>Frequência de uso de um crioulo (apenas o PST)</i>	<i>Zero/Baixa</i>	75/1039	7,2%	.41

Fonte: Adaptada de Brandão e Vieira (2012).

Apesar de inicialmente haver um número bem maior de variáveis selecionadas para a pesquisa, observa-se na tabela que houve uma redução desse número e inexistência das variáveis extralinguísticas entre ambas as variedades analisadas e, mais especificamente, as variáveis sociais, tais como: o sexo, a idade e a escolaridade, que é possível dizer que são variáveis clássicas em um estudo variacionista sobre a CN de número, haja vista que os fatores sociais devem estar correlacionados com os linguísticos em um estudo que trate sobre variação linguística. Observa-se que, no referido artigo, ao tratar sobre as variáveis sociais no fenômeno da CN de número, comenta-se apenas sobre as que foram selecionadas pelo programa, sem, contudo, apresentar resultados de presença ou ausência de marcação para estas.

Mesmo diante de lacunas presentes nos resultados obtidos, vê-se que os elementos que estão mais à esquerda do sintagma, que possuem mais matéria fônica e que são mais animados, tendem a receber mais pluralização entre ambas as variedades, as quais corroboram os seus resultados.

Pode-se dizer que o referido trabalho é um recorte e, ao mesmo tempo, uma tentativa de encontrar semelhanças e diferenças entre as três variedades, o que acaba por ser apenas uma

análise comparativa de aspectos linguísticos entre as variedades do PB e do PST, com destaque maior para as semelhanças, cuja diferença reside no uso de crioulos pelos usuários do PST, atestando-se que os informantes que menos usam crioulos são os que mais realizam marcação no fenômeno da CN de número, haja vista que nessas localidades há o idioma português para um uso mais formal, no contexto escolar ou de mercado de trabalho formal. A tendência, assim, é de que realmente haja mais um uso com padrão normativo.

O presente estudo, enquanto um dos raros que propõem a comparação do fenômeno da CN de número entre as variedades do PB e do PE, além do PST, que está fora da análise no presente estudo, contribuiu por meio do resultado para a variável dependente, levando em conta que oficializa, graças aos dados recolhidos, que há uma regra categórica para o PE e uma variável para o PB na língua falada.

#### 2.1.2.2 *Brandão (2015)*

No âmbito do Projeto Estudo Comparado dos Padrões da CN de Número em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias do Português, Brandão (2015) realizou um estudo sobre o uso dessa concordância na língua falada de 3 variedades do português: africana, lusitana e brasileira. Os *corpora* foram organizados entre 2008 e 2010.

Na estratificação das amostras, os informantes foram organizados em 3 faixas etárias (18-35 anos, 36 a 55 anos e 56-75 anos) e 3 níveis de escolaridade (Fundamental: 5 a 8 anos, médio: 9 a 11 anos e superior: 12 anos ou mais). Para critério de seleção dos informantes, todos deveriam ser naturais das localidades de perfil urbano definidas em: *Portugal*: Funchal (Ilha da Madeira) e Oeiras e Cacém (região metropolitana de Lisboa); *Brasil*: Copacabana e Nova Iguaçu (Rio de Janeiro); *África*: São Tomé (Ilha de São Tomé).

Sobre o quantitativo de informantes, deve-se levar em conta o viés da análise: i) *contrastiva global*: 18 informantes por amostra do PE (Lisboa, Oeiras e Funchal), do PB (Copacabana e Nova Iguaçu) e do PST, considerando as três faixas etárias e os três níveis de escolaridade; (ii) *restrita à variedade popular do PST*: 22 informantes de PST distribuídos por sexo e faixa etária e dois níveis de instrução: Fundamental (5 a 8 anos) e Médio (9 a 11 anos); e (iii) *restrita à fala de estudantes do PST*: 9 estudantes de diferentes níveis de instrução.

A respeito dos resultados gerais, a autora afirma que houve apenas 8 cancelamentos dos 6.952 sintagmas analisados no PE, levando-a a classificar a regra da CN de número como categórica, considerando que o percentual de marcação ficou entre 99% a 100%. Já para a variedade do PB, houve o percentual de 92,4% (3.432/3.716) para Copacabana e 91,1%

(3.439/3.777) para Nova Iguaçu; para São Tomé, obteve-se um percentual de 93,4% (2.524/2.612). A partir disso, Brandão (2015) conclui que as variedades não europeias têm a regra da CN de número variável. Observem-se alguns dados extraídos dos *corpora* desse estudo:

**PB: Variante com concordância:** Não foram encontrados exemplos no texto.  
**Variante sem concordância:** [todos os político ( )], não, o Lindinho

**PST: Variante com concordância:** ...nunca me interessei [nos outros clubes]  
**Variante sem concordância:** ...[ as minha ( ) ferramenta nova ( )]

**PE: Variante com concordância:** ... em conversa com [outras crianças mais/mais desprezadas]

**Variante sem concordância:** [outros conhecimento] outra maneira de ver as pessoas. (BRANDÃO, 2015, p. 37-39, grifo da autora).

Além dos aspectos sociais presentes por meio da estratificação apresentada acima, a qual constitui também as distribuições das variáveis extralinguísticas, o artigo abordado nesta subseção selecionou também enquanto variáveis independentes e de ordem linguística: *saliência fônica, tonicidade, número de sílabas do item singular, classe do vocábulo, posição linear e relativa do constituinte no SN, marcas precedentes, contexto fonológico subsequente e animacidade do núcleo do SN*. É necessário informar que não foram apresentados os fatores dessas variáveis.

Em linhas gerais, na análise dos aspectos estruturais, Brandão (2015) observou que, no PB e no PST, a *ausência/presença* da marca de número é motivada por restrições estruturais (*saliência posicional, semântica — traço de animacidade — e fônica — diferenciação entre o singular e o plural*). Diferentemente do que é apresentado nos outros estudos, não se observaram, no referido texto, resultados organizados em tabelas com PRs e frequências em tabelas ou quadros. Os resultados quantitativos apresentados pela autora foram o chamado *continuum* de marcação de plural no SN, que apresenta PRs que vão decrescendo à medida que seguem as *posições dos elementos no SN*, e também sua *relação com o núcleo*, pois o *1º elemento em pré-núcleo* apresenta de .83 a .85, e o *pós-núcleo* em elementos da *4ª a 6ª posição* com PRs de .04 a .06.

Foi elaborado também um *continuum de instrução (escolaridade)* no PB e no PST: informantes com o nível de instrução mais baixo, no nível *Fundamental*, apresentam PRs entre .9 a .38; enquanto os do nível mais alto, em curso *superior*, apresentam entre .76 a .82 para o favorecimento da CN de número. Mais uma vez, pode-se dizer que o estudo realizado por Brandão (2015) contribuiu com a literatura escrita sobre CN de número para demonstrar que,

de fato, a regra no PE é categórica, apresentando poucos casos de cancelamento, mas a reflexão maior ocorre entre o PB e o PST, cuja regra variável observada na modalidade falada demonstra que o fenômeno da variação é influenciado por fatores de ordem linguística e extralinguística.

A partir dos estudos discorridos, elaboramos as questões e hipóteses que norteiam esta tese, a fim de que, nas seções da análise dos dados de fala e escrita, seja estabelecido um diálogo com os resultados aqui apresentados.

Antes de apresentar as questões e as hipóteses para as variáveis independentes e também no intuito de destacar, a partir dos padrões de Labov (2003), o tipo de regra presente em cada estudo tratado no presente texto, seguem algumas tabelas que apresentam os percentuais de marcação de pluralidade no percentual geral, obtido nos dados de cada pesquisa:

**Tabela 24** – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada no PB

<b>AUTOR/REGIÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE CN+</b>	<b>TIPO DE REGRA LINGUÍSTICA</b>
Scherre (1988) Região Sudeste	72% (7978/11086) — adultos 66% (1407/2143) — crianças	Variável
Pinheiro (2012) Região Sudeste	81% (3.400/4181)	Variável
Lopes (2014) Região Sudeste	61,3% (3873/6313)	Variável
Lopes (2001) Região Nordeste	81% (não apresentou total de ocorrências)	Variável
Dória (2014) Região Nordeste	Mato Grosso-BA 25% (167/660) Bananal/Barra dos Negros 3% (13/535)	Variável
Tabosa (2016) Região Nordeste	76,9% (2541/3304)	Variável
Fernandes (1996) Região Sul	71% (não apresentou total de ocorrências)	Variável

<b>AUTOR/REGIÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE CN+</b>	<b>TIPO DE REGRA LINGUÍSTICA</b>
Capellari (2004) Região Sul	50% (21/42) narração de histórias 34% (29/84) relato pessoal	Variável
Mangabeira (2016) Região Sul	69,2% (não apresentou total de ocorrências)	Variável
Carvalho (1997) Região Norte	67% (não apresentou total de ocorrências)	Variável
Martins (2013) Região Norte	58% (4264/7270)	Variável
Pereira (2008) Região Centro-Oeste	45% (504/1120)	Variável
Dias (1993) Região Centro-Oeste	Urbana 72% (858/1196) Rural 44% (394/903)	Variável

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Scherre (1988), Pinheiro (2012), Lopes (2014), Lopes (2001), Dória (2014), Tabosa (2016), Fernandes (1996), Capellari (2004), Mangabeira (2016), Carvalho (1997), Martins (2013), Pereira (2008) e Dias (1993).

A tabela acima mostra que os brasileiros andam distantes da regra categórica no decorrer das décadas, entre o século XX e o atual, reduzindo-se até 3% em uma comunidade baiana e chegando ao seu ponto máximo de 81% em Belo Horizonte.

As disparidades no percentual de pluralidade ocorrem devido a questões peculiares em cada pesquisa realizada, tais como: quantidade de participantes, maior ou menor influência das variáveis independentes sobre o fenômeno em estudo, além da influência de aspectos históricos no território brasileiro, como a presença, no passado, de escravos que utilizavam crioulos, que, de certa forma, influenciavam na ausência de marcas no fenômeno da CN de número (cf. LOPES, 2001; DÓRIA, 2014), o que se tornou um legado às gerações posteriores.

Não há uma tendência em reduzir ou aumentar a marcação da pluralidade no decorrer dos tempos, visto que se observa uma irregularidade nos percentuais no decurso das décadas de estudos, pois, conforme foi dito acima, o maior ou o menor percentual de pluralidade dependerá de aspectos inerentes a cada comunidade de fala onde o estudo foi realizado.

Embora se saiba que o nível de escolaridade influencia de forma relevante no uso da variante de prestígio, e que nas pesquisas tratadas no presente texto haja informantes até com o

curso superior, isso não fez com que a regra fosse categórica ou se aproximasse dos 90% de pluralização em qualquer localidade brasileira. No entanto, o que ocorre nas pesquisas acima é que a regra é variável em todos os estados e as regiões onde foi realizada pelo menos uma pesquisa variacionista sobre o referido fenômeno.

A respeito dos poucos estudos sobre a CN de número na escrita no PB, segue a próxima tabela:

**Tabela 25** – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua escrita no PB

<b>AUTOR/REGIÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE CN+</b>	<b>TIPO DE REGRA LINGUÍSTICA</b>
Mariano (2013) Região Sudeste	94,5% (2507/2659)	Variável
Araújo (2015) Região Nordeste	76% (498/655)	Variável
Santos (2017) Região Nordeste	31% (99/318)	Variável
Mariano (2019) Região Sudeste	97,3% (108/4100)	Semicategórica

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Mariano (2013), Araújo (2015), Santos (2017) e Mariano (2019).

Diferentemente do que foi observado na tabela anterior, o único percentual baixo de pluralização é o de Santos (2017), tratando-se de um estudo com um material produzido por pessoas de baixa escolaridade. Sendo assim, pode-se dizer que se trata de um contexto específico, diferente dos demais, cujo resultado para a maior pluralização constitui um contraste em relação aos outros expostos no mesmo quadro — com estudos que apresentam percentuais bem mais altos de pluralização, chegando, um deles inclusive, a constituir uma regra semicategórica.

Conforme foi mencionado no decorrer do presente texto, a maior pluralização na modalidade escrita deve-se a diferentes aspectos de condições de produção, as quais inibem a variação linguística na escrita dos informantes.

Também vale destacar que não há estudos sobre a CN de número na escrita no século XX, e os que aparecem no quadro anterior foram produzidos já na segunda década do presente século, em localidades urbanas, e em uma época cuja escolaridade é mais acessível mesmo à população mais carente. Não é possível realizar uma comparação com aspectos temporais das

referidas pesquisas na modalidade escrita, porque possuem poucos anos de diferença entre si. Não há, por exemplo, pesquisas que tenham uma diferença de uma década de produção. Sendo assim, o que se tem a dizer sobre o fenômeno da CN de número na escrita do Brasil é apenas a partir da segunda década do século XXI.

Há trabalhos que permitem investigar a diferença percentual de marcação da pluralidade entre os mesmos informantes entre as duas modalidades de uso da língua, cujos resultados seguem na próxima tabela:

**Tabela 26** – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada/escrita no PB

<b>AUTOR/REGIÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE CN+</b>	<b>TIPO DE REGRA LINGUÍSTICA</b>
Fiamengui (2011)	Fala 64,8% (814/1256)	Variável
Região Sudeste	Escrita 96,3% (3875/4025)	Semicatagórica
Silva (2017)	Fala 72% (10210/14246)	Variável
Região Nordeste	Escrita 94% (3159/3373)	Variável

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Fiamengui (2011) e Silva (2017).

Os estudos expostos na última tabela demonstram que, mesmo os percentuais sendo obtidos pelos mesmos informantes em ambas as modalidades de uso da língua, a modalidade escrita da língua apresenta um percentual bem superior de pluralização, muito próximo de uma regra semicategórica.

Destaque-se que os maiores percentuais de pluralização na escrita são de trabalhos cujos *corpora* são produções escritas de estudantes, ou seja, ao tomar os estudos de Mariano (2013, 2019), Fiamengui (2011) e Silva (2017), o percentual deixa a regra em uma situação semicategórica ou muito próxima dela, o que equivale a dizer que a população que frequenta escolas nas regiões Sudeste e Nordeste praticamente apresenta um comportamento semicategórico na modalidade escrita no que diz respeito à CN de número.

A situação pontuada no parágrafo anterior pede a realização de mais estudos que contemplem a população menos escolarizada, fora do contexto escolar, tanto nas regiões onde já existem pesquisas sobre a CN de número na escrita quanto nas demais, onde ainda não existem, a fim de verificar até que ponto diminui o percentual de marcação da CN de número por informantes que não estão inseridos no contexto escolar brasileiro. Diante de tais aspectos, questiona-se: quais seriam os percentuais de pluralização na escrita por informantes com baixa escolaridade no Brasil e em Portugal?

Conforme já mencionado no presente estudo, são poucos os trabalhos que abordam a CN de número no PE, os quais apresentam apenas resultados de uma regra categórica na fala. Segue a próxima tabela com apenas dois estudos sobre o referido fenômeno na variedade europeia:

**Tabela 27 – Tipo de regra na CN+ em trabalhos na língua falada no PE**

<b>AUTOR/REGIÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE CN</b>	<b>TIPO DE REGRA LINGUÍSTICA</b>
Brandão e Vieira (2012)	CN+ 99,9% (2.448/2.449)	Categórica
Brandão (2015)	CN- (8/6.952)	Categórica

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Brandão e Vieira (2012) e Brandão (2015).

É necessário informar que, no segundo estudo apresentado na tabela acima, a autora apenas informa a quantidade da ausência de pluralização sem pontuar o percentual total da presença de pluralização, como foi feito no primeiro estudo da tabela. Em seu artigo, Brandão (2015) faz a seguinte consideração:

A análise realizada nos dados do PE demonstrou que a regra de concordância nominal é implementada por todos os grupos de indivíduos considerados, tendo-se observado apenas oito casos de ausência de marca num dos constituintes nos 6.952 SNs considerados nas três comunidades, grande parte deles decorrente daquilo que Labov (2003) indica como lapso quando uma regra é categórica. (BRANDÃO, 2015, p. 39).

A partir das palavras da autora, compreende-se o porquê de não serem apresentadas tabelas com resultados para ausência ou presença da CN de número das variáveis independentes, visto que praticamente todos os informantes utilizaram a variante de prestígio, não havendo possibilidade de uma análise comparativa na variedade em seus fatores linguísticos e extralinguísticos.

Observando a realidade de uso da CN de número nos poucos estudos realizados para a variedade do PE, o presente estudo tentará realizar mais uma análise com uma amostra do PE, no intuito de verificar se os informantes de diferentes localidades portuguesas e realidades sociais distintas continuam a utilizar a CN de número de forma categórica, ao mesmo tempo em que se traz, de forma inédita, uma análise do referido fenômeno também na modalidade escrita pelos mesmos informantes que produziram os dados na língua falada.

Observando as tabelas dos estudos realizados em ambas as variedades do português, no presente estudo serão levantadas questões e hipóteses concernentes às variáveis independentes. É necessário esclarecer que as questões e as hipóteses serão as mesmas para ambas as modalidades de uso da língua, levando em conta que há poucos estudos na modalidade escrita no PB, e as variáveis linguísticas na análise não atomística no presente estudo foram pesquisadas em Scherre (1988), trabalho este que trata da modalidade falada.

A respeito das variedades, conforme já ficou explicitado no texto, há raros estudos sobre o fenômeno da CN de número no PE, os quais não apresentam resultados de variáveis independentes que permitam levantar hipóteses para o presente trabalho. Dessa forma, serão realizados os questionamentos e levantadas as hipóteses em ambas as variedades e, mediante os resultados obtidos, serão refutadas ou atestadas as hipóteses inicialmente levantadas em cada variedade.

## 2.2 QUESTÕES E HIPÓTESES: ENFOCANDO AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

Levando em consideração a literatura produzida, formulam-se os seguintes questionamentos, para os quais também são levantadas hipóteses, em ambas as variedades, considerando o baixo número de trabalhos produzidos no PE — e, desses poucos trabalhos no PE, não são explicitados resultados para as variáveis independentes, pois a regra é categórica.

### 2.2.1 Questões sobre a variável dependente na análise atomística e não atomística na fala e na escrita

- a) Nos dados da língua falada em análise atomística, qual seria o tipo de regra (*cf.* LABOV, 2003) apresentada para o PB e para o PE?
- b) Em análise não atomística, qual seria o tipo de regra linguística para os dados de fala no PB e no PE?
- c) O percentual de pluralização para cada elemento no SN no PB e no PE apresentaria qual tipo de regra linguística na análise atomística nos dados da escrita?
- d) Na análise não atomística nos dados da escrita, qual seria o tipo de regra linguística para o PB e o PE?

### 2.2.1.1 *Hipóteses para a variável dependente na análise atomística e não atomística na fala e na escrita*

- a) Levando em consideração que estudos sobre análise atomística na língua falada (*cf.* FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017) apresentam uma regra variável no PB, espera-se que também os resultados para a presente pesquisa apresentem uma regra variável para essa variedade supramencionada; enquanto para o PE espera-se que a regra seja categórica, com respaldo nos poucos estudos existentes sobre a CN de número em dados da fala (*cf.* BRANDÃO, 2012; BRANDÃO; VIEIRA, 2015);
- b) Os estudos sobre a CN de número no PB mostram que a regra é variável nos resultados da análise não atomística para a fala (*cf.* SCHERRE, 1978, 1988; FERNANDES, 1996; MARTINS, 2013), o que se leva a hipotetizar, no presente estudo, que os resultados para as localidades pernambucanas apresentarão uma regra variável em análise não atomística e, no PE, conforme os estudos supramencionados, espera-se uma regra categórica;
- c) O estudo de Fiamengui (2011), baseado em uma análise atomística nos dados da escrita, apresenta uma regra semicategórica; de igual modo, os dados escritos produzidos nas localidades pernambucanas apresentarão uma regra semicategórica e, para o PE, uma regra categórica;
- d) Considerando que, na análise não atomística, é necessário que todos os elementos do SN estejam pluralizados, e não apenas um deles, ou seja, para que seja registrada a concordância, é necessária a pluralidade de toda a coletividade dos elementos no SN, espera-se uma regra variável para o PB e, para o PE, semelhante ao que foi hipotetizado para as questões anteriores, espera-se que a regra seja categórica.

### 2.2.2 **Questões sobre as variáveis linguísticas na análise atomística**

No PB, no que diz respeito às variáveis independentes selecionadas para ambas as modalidades de uso da língua, as perguntas, dentro da análise atomística, são:

- a) Qual *classe gramatical* apresenta mais pluralização no SN?
- b) Qual *posição do elemento* no sintagma favorece mais a pluralização?
- c) Seria a presença ou a ausência de um ou mais elementos nas marcas precedentes a favorecer a marcação de pluralidade no sintagma?

- d) Em *processos morfofonológicos da formação do plural*, qual fator seria o mais favorecedor para a marcação formal do plural?
- e) No que se refere ao princípio da saliência fônica, na variável *tonicidade dos itens lexicais singulares*, qual seria o fator com mais pluralização, baseando-se na matéria fônica?
- f) Na 3ª dimensão da saliência fônica, na variável *número de sílabas nos itens lexicais*, o número de sílabas influenciaria na pluralização dos elementos?
- g) *Substantivos mais animados* têm mais pluralização pelo fato de se referirem a elementos mais vivos?
- h) O *aumentativo/diminutivo* influenciariam mais na pluralização ou na ausência de pluralização por não constituírem aspecto de formalidade no SN?

#### 2.2.2.1 Hipóteses para as variáveis linguísticas na análise atomística

- a) Baseando-se no estudo de Scherre (1988), a *classe gramatical* que mais apresentará pluralização na CN será o *artigo indefinido*, que apresentou PR de .81 (486/477) — também corroboram outros estudos para o fator *artigo* enquanto mais favorecedor da pluralização no SN (cf. PINHEIRO, 2012; ARAÚJO, 2015; TABOSA, 2016);
- b) Diversos estudos apontam a *1ª posição do elemento* como a que mais pluralização (cf. SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; BRANDÃO, 2015; SILVA, 2017), sendo assim, espera-se que essa posição apresente mais pluralização;
- c) Para a variável *marcas precedentes*, tomando o fator *ausência de elemento precedente e elemento em análise na 1ª posição*, analisado em Scherre (1988) com maior PR .97, hipotetiza-se que esse fator será mais favorecedor para a marca formal de plural;
- d) Na dimensão *processos morfofonológicos na saliência fônica*, espera-se que o *plural duplo* favoreça mais a aplicação da regra de CN, tomando por base a pesquisa de Scherre (1988), que apresentou PR .86, e no de Lopes (2001), que também apresentou PR muito próximo, com .84 para esse fator.
- e) Para a dimensão *tonicidade dos itens lexicais singulares*, ainda na *saliência fônica*, baseando-se no estudo de Scherre (1988), cujo maior PR foi de .66 (1.028/1.198) para a pluralização, com o fator *oxítono e monossílabo tônico*, espera-se que esse fator apresente maior resultado em relação aos demais fatores para a marcação formal da CN de número;
- f) Em relação ao *número de sílabas*, ainda sob o princípio da saliência fônica, baseando-se no resultado de Fiamengui (2011), no qual o fator com maior PR para pluralização foi de .72

(381/392), com o fator *1 sílaba*, espera-se que esse seja o fator com mais pluralização na CN de número;

g) Na variável *animacidade dos substantivos*, baseando-se na tese de Mangabeira (2016), com PR de .571 (171/380) para marcação de pluralidade, no fator *+humano*, ao mesmo tempo que corrobora com o estudo de Brandão e Vieira (2012), que demonstrou maior pluralização para os substantivos *+animados*, espera-se que mais pluralizações também ocorram para esse fator nos dados da fala no PB;

h) Acerca do *grau dos substantivos*, que apresenta, no estudo de Scherre (1988), o maior PR de marcação de pluralização para o fator *normal*, com PR de .60 (3219/5753), espera-se que *substantivos e adjetivos em grau normal* tenham mais pluralização do que aqueles que estão no *aumentativo ou diminutivo*.

### 2.2.3 Questões sobre as variáveis linguísticas: a análise não atomística

Na análise não atomística, para variáveis linguísticas, levantam-se os seguintes questionamentos:

- a) Na variável *animacidade do SN*, o fator que apresentará mais pluralização será o fator SN *+humano* ou *-humano*?
- b) Qual fator apresentaria mais marcações de pluralidade na variável *pluralidade do SN*?
- c) Os fatores *+humano* ou *-humano* influenciariam na produção de SNs com mais pluralizações?

#### 2.2.3.1 Hipóteses para as variáveis linguísticas: a análise não atomística

- a) Para a variável *animacidade do SN*, hipotetiza-se que será o fator *não informal/não diminutivo/não aumentativo*, com PR de .63 (469/850) no trabalho de Scherre (1988) que deverá favorecer a pluralização no SN;
- b) Para a variável *pluralidade do SN*, o fator que apresentou maior PR, com .78 (57/76), na tese de Scherre (1988), foi o fator *mais de 1 não inerente*. Espera-se, assim, que esse seja o fator que mais favoreça a CN;
- c) Para a variável *grau e formalidade do SN*, pautando-se em Mariano (2013) e Mangabeira (2016), que apresentaram PRs favorecedores para a pluralização em *+humano*, espera-se que esse fator também seja o que mais favorece a pluralização.

## 2.2.4 Questões sobre as variáveis extralinguísticas

- a) Pelo fato de normalmente os *alunos da escola particular* pertencerem à classe social mais elevada economicamente e terem mais acesso aos bens culturais, apresentarão mais marcação de pluralização nos SNs que os *alunos das escolas públicas*?
- b) *Informantes com maior faixa etária* que têm, em geral, mais anos de escolaridade, podem usar com maior frequência a CN de número?
- c) Diante do fato de a escola ser a instituição que mais incentiva o uso da norma culta, serão os mais escolarizados a aplicarem mais a CN de número?
- d) Seriam os informantes do *sexo feminino* ou do *masculino* a pluralizarem mais os elementos nos SNs?

### 2.2.4.1 Hipóteses para as variáveis extralinguísticas

- a) Normalmente, a variável *tipo de escola* não é abordada nos trabalhos sobre a CN de número, principalmente, naqueles que se voltam à língua falada. No entanto, o trabalho de Silva (2017), que aborda ambas as modalidades de uso da língua, mostra que a *escola particular* é a que mais favorece a realização da CN de número na língua falada (PR .58 [6.174/7.465]) e na língua escrita (PR. 64 [1.872/1.907]); assim, espera-se que os informantes da *escola particular* apliquem mais a CN de número por pertencerem a classes sociais mais altas e possuírem mais acesso aos bens culturais;
- b) A variável *faixa etária* é selecionada em quase todos os trabalhos que abordam o fenômeno da CN de número. Espera-se, no contexto da presente pesquisa, que os informantes da faixa 3 realizem mais pluralização, por terem mais anos de aprendizagem no ensino prescritivo da gramática na escola, e ao mesmo tempo por terem um repertório linguístico mais amplo, decorrente de mais anos de interação linguística em sua comunidade de fala;
- c) Pesquisas sociolinguísticas que tratam da CN de número na língua falada e na língua escrita (*cf.* SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; MARTINS, 2013, 2019; MANGABEIRA, 2016; MARIANO, 2013, SILVA, 2017) concluem que, quanto mais escolaridade o informante tiver, mais aplicará a regra dessa concordância. Dessa forma, espera-se que os informantes com mais anos de escolaridade usem mais a variante padrão nas duas modalidades de uso da língua;
- d) Muitos estudos da CN mostram que informantes do *sexo feminino* aplicam mais a CN de número do que os do *masculino*, embora, em algumas vezes, seja pequena a diferença (*cf.*

LOPES, 2001; MARTINS, 2013; MANGABEIRA, 2016; FIAMENGUI, 2011). Assim, espera-se que as estudantes usem mais a variante de prestígio.

### 3 QUADRO TEÓRICO

Para a presente pesquisa, conforme já mencionado, tomou-se enquanto embasamento teórico a Sociolinguística Variacionista, embora se tenha feito uso também de alguns princípios funcionalistas, sobre os quais haverá uma abordagem mais adiante.

#### 3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E SEUS PILARES

Nas próximas seções, serão discutidos aspectos inerentes à variação linguística tratada nos estudos de Labov (2003, 2008 [1972]) — não será abordado, no entanto, o fenômeno da mudança linguística, haja vista que o foco aqui é a variação.

##### 3.1.1 A heterogeneidade linguística

É no início do século XX que as principais correntes teóricas lançam ideias que germinam a discussão sobre a língua enquanto sistema, embora cada uma tivesse acentuadas diferenças em sua maneira de analisar a língua. Uma das correntes linguísticas surgidas nesse século é a Sociolinguística Variacionista, sendo William Labov um dos principais precursores, defensor da intrínseca relação língua-sociedade a partir da qual a heterogeneidade linguística inerente a toda e qualquer língua é estruturada.

A heterogeneidade linguística, que constitui um dos principais pilares da Sociolinguística evidencia-se em diferentes contextos comunicativos, cujos falantes interagem, se comunicam e, nessa comunicação, a língua varia e muda — não esquecendo de que toda mudança pressupõe variação, e não o contrário. Acerca do caráter heterogêneo da língua, Araújo (2015) pontua: (i) a variação linguística constitui um dos seus atributos; (ii) possui regularidades formais e estruturais; (iii) há uma motivação de aspectos linguísticos e sociais para que ocorra a variação em sua estrutura interna e (iv) a heterogeneidade existe em situações reais de uso pelos falantes.

Em sua pesquisa realizada na ilha de Martha's Vineyard, localizada em Nova Iorque, no estado de Massachusetts, Labov (2008 [1972]) estudou a heterogeneidade linguística evidenciada a partir de diferenças fonéticas nos ditongos /ay/ e /aw/, observando que havia uma pronúncia inconsciente diferenciada da vogal, que fazia com que a pronúncia parecesse mais próxima do /e/, como nas ocorrências [ey] e [ew]. Para explicar essa variação linguística, sua análise baseou-se na correlação entre o traço linguístico (centralização dos ditongos) e os traços sociais (distribuição geográfica, etnia e grupos sociais). Ele verificou que os nativos da ilha

apresentaram alta centralização do /ay/ e /aw/ e, mesmo diante das dificuldades econômicas e falta de emprego na localidade, insistiam em permanecer habitando na ilha como uma forma de resistência às invasões dos veranistas. Nesse contexto, os vineyardenses tentavam manter sua identidade por meio da língua falada.

Ademais, outra pesquisa foi realizada por Labov (2008 [1972]) em Nova Iorque sobre a presença *versus* ausência do /r/ pós-vocálico em palavras como *car*, *card* e *farm*. Para tanto, foram observadas práticas linguísticas dos empregados de 3 grandes lojas de departamentos com *status* social diferentes: *Saks* (*status* superior), *Macy's* (*status* médio) e *Klein* (*status* inferior). Nesse estudo, foi realizado o cruzamento entre a variável fonológica, o /r/ e a variável social tipo de loja, cujos resultados evidenciaram que os funcionários da loja com *status* superior usavam mais o /r/ pós-vocálico, ao contrário dos funcionários da loja com *status* inferior.

No século XXI, ao analisar diferentes variedades linguísticas, Labov (2003) propõe uma tipologia para regras linguísticas, a saber:

**Tabela 28** – Tipos de regras linguísticas

<b>TIPO DE REGRA</b>	<b>FREQUÊNCIA COM QUE OPERA</b>	<b>VIOLAÇÕES</b>
I = Categórica	100%	Nenhuma, na fala natural
II = Semicategórica	95-99%	Rara e relatável
III = Variável	5-95%	Nenhuma por definição e não relatável

Fonte: Adaptada de Labov (2003, p. 243).

As regras apresentadas na tabela acima, as quais estão pautadas nos padrões de Labov (2003), servirão para classificar o tipo de regra em cada localidade selecionada para o presente estudo, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, apresentando semelhanças e diferenças entre as variedades do PB e do PE, além dos fatores que influenciam a marcação de pluralização na localidade selecionada de cada país do presente trabalho.

Vale referir ainda que, por se constituir em um sistema organizado, a língua em sua heterogeneidade apresenta normas, que seriam as diretrizes para o seu funcionamento e uso pelos falantes. Nesse contexto, Faraco e Zilles (2017, p. 12) apresentam as seguintes considerações a respeito de norma: “[...] norma se refere ao como se deve dizer em determinados contextos (as pronúncias, as estruturas morfossintáticas e o léxico tomados sócio-

historicamente como modelares).”. Ademais, os pesquisadores caracterizam diferentes tipos de normas:

a) Norma normal:

Algumas “normas normais” estão relacionadas ao espaço (sócio)geográfico e correspondem a formas habituais de dizer em cada região (lembrando que as regiões se configuram em função da distribuição populacional, da cultura, mas também dos acidentes geográficos que as delimitem). (FARACO; ZILLES, 2017, p. 13).

b) Norma culta:

[...] designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram *cultos* (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A chamada norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19).

c) Norma-padrão:

Norma-padrão, por sua vez, é a expressão que designa a “norma normativa”, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos. Nesse sentido, a norma-padrão é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das tantas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19).

Pode-se dizer que a norma normal seria a forma típica de falar em determinado acidente geográfico; a norma culta, por sua vez, está presa às questões políticas, cuja elite social detém o que é considerado elegante; ao passo que a norma-padrão seria aquela que prescreve o que é “correto” ou “errado” no que diz respeito à gramática normativa de cada língua.

### 3.1.2 A comunidade de fala

Quando se aborda o conceito de comunidade de fala nos trabalhos sociolinguísticos, é crucial que se retome o posicionamento de Guy (2000) de que, nessa comunidade, deve haver uma densidade de comunicação interna relativamente alta (pessoas que se comunicam com mais frequência) e que normas linguísticas sejam compartilhadas entre os membros dessa comunidade. Sobre essa densidade, Guy (2000, p. 20) considera:

Uma densidade relativamente alta em um grupo significa que os falantes têm mais acesso e exposição aos usos linguísticos de outros membros do grupo. Logo, podem mais prontamente ouvir o que os outros membros da comunidade estão fazendo com a linguagem, o que cria a possibilidade de adquirir deles certos traços linguísticos. Em

contraste, o nível relativamente baixo de comunicação com não-membros torna menos provável que se adquiram usos de fora da comunidade de fala.

Diante disso, é de suma importância ao pesquisador sociolinguista saber há quanto tempo cada informante está naquela comunidade sem sair dela para morar em outro lugar, se nasceu e permaneceu morando, dentre outras questões relacionadas à exposição linguística do falante dentro e possivelmente fora de sua comunidade. Além disso, com o advento da comunicação em rede, tão frequente no século XXI, por meio do estabelecimento e do avanço das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), a densidade comunicativa deve ser considerada também sob esse prisma.

Sobre o uso das TICs, principalmente, pela maioria dos participantes desta pesquisa, a saber: adolescentes portugueses e pernambucanos, foi observado, a partir da aplicação das fichas sociais, que todos tinham acesso à internet, e grande parte utilizava muito as redes sociais. Nesse contexto, pode-se perguntar: um adolescente que passa a maior parte do seu dia em contato linguístico, por meio da *internet*, com pessoas de diferentes e/ou distantes localidades, irá adquirir mais traços linguísticos com as pessoas da localidade onde mora ou com as que interage pela internet? Para dizer que a densidade comunicativa influencia na aquisição de traços linguísticos, o que influenciaria mais seria o lugar onde mora ou as pessoas com as quais tem contato virtualmente?

Em termos funcionais, Guy (2000) pontua, na página 18, que a comunidade de fala: a) apresenta traços linguísticos e sociais peculiares a determinado conjunto de indivíduos, diferenciando-o de qualquer outro e b) constitui o conjunto da fala de falantes individuais para analisar idioletos, caracterizando objetos maiores de estudos, as línguas.

Sobre as localidades selecionadas neste estudo, pode-se dizer que congregam duas grandes comunidades de fala: Pernambuco e Portugal, as macrolocalidades. Por sua vez, elas integram diferentes cidades ou regiões onde a recolha de dados foi realizada, as microlocalidades. Diante de tal panorama, será possível realizar comparações entre os traços linguísticos compartilhados entre membros de cada comunidade no que se refere ao domínio morfossintático da CN de número.

Acredita-se, na presente pesquisa, que haverá algumas normas que serão compartilhadas e outras não, visto que há um laço histórico e cultural que une ambas as nações de continentes diferentes, e em suas microlocalidades é esperado que haja mais um compartilhamento de normas, geralmente utilizadas em seu respectivo país. É necessário destacar que há uma tendência de as localidades pernambucanas compartilharem mais os traços linguísticos próprios do atual Brasil do que os portugueses compartilharem os traços de Portugal, levando em conta

que as cidades selecionadas no Brasil pertencem ao mesmo estado, enquanto as 2 localidades portuguesas pertencem a distritos diferentes, com culturas bem distintas.

Espera-se, ainda no presente estudo, que entre as modalidades de uso da língua, haja o compartilhamento de algumas normas no que diz respeito à estrutura do SN, tais como a posição do elemento no SN, cujos estudos no PB corroboram que a tendência é a de que os elementos mais à esquerda ou nas primeiras posições sejam mais pluralizados (*cf.* SCHERRE, 1988; MARTINS, 2013; FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017), seja na fala ou escrita, porém, em outros aspectos, como o percentual de marcação total, é provável que não se compartilhe o mesmo nível de pluralização em cada modalidade, pois conforme é observado nos estudos da literatura, geralmente, os brasileiros marquem mais os elementos na escrita do que na fala.

### 3.1.3 Conceitos de variedade, variação, variáveis e variantes

Para falar sobre variação, é necessário, antes de tudo, discutir o conceito de variantes, definido por Tarallo (1985, p. 8) como “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.”. Exemplificando: “As bonecas” ~ “As boneca”. No primeiro caso, todos os constituintes do sintagma recebem a marca explícita de plural, ao passo que, no segundo caso, apenas o elemento que se encontra na primeira posição do sintagma. Apesar de as formas linguísticas serem diferentes, o valor de verdade permanece o mesmo e ambas podem ser usadas em um mesmo contexto comunicativo por um mesmo informante.

Monteiro (2000, p. 63-66), por sua vez, apresenta a seguinte tipologia de variantes:

- a) *variantes livres e combinatórias*: são livres quando duas unidades estão no mesmo ambiente linguístico, mas pode haver uma substituição recíproca sem alterar o sentido da palavra (ex.: *probrema* ~ *problema*); mas, se não estão no mesmo ambiente, diz-se que estão em distribuição complementar e são denominadas de combinatórias (ex.: o fonema /t/, que ocorre antes da vogal /i/ nas palavras *tia*, *tigela* e *tive*). Já em outros ambientes, essa variação não ocorre (ex.: *tala*, *atolado*, *teme*);
- b) *variantes de prestígio*: dizem respeito ao prestígio socioeconômico que culmina em um prestígio linguístico por meio do qual formas e normas linguísticas utilizadas pela classe social mais alta são consideradas modelos. O autor exemplifica esse tipo de variante com o /s/ implosivo ou chiante, utilizado no dialeto carioca a partir de 1808, quando a corte portuguesa, que já usava essa variante, passou a morar permanentemente no Rio de Janeiro;

c) *variantes estigmatizadas*: referem-se às formas linguísticas usadas pelas classes sociais mais baixas e por indivíduos com baixo nível de escolaridade, sendo consideradas “erradas” pela classe dominante (ex.: as menina; meninas feia etc.);

d) *variantes inovadoras ou conservadoras*: a variante considerada mais antiga e tradicional é a conservadora, enquanto a variante inovadora é a que apresenta uma nova forma utilizada pelo usuário de uma língua (ex.: o apagamento do /s/ no interior dos sintagmas nominais [as festaØ], tal como estudado nesta pesquisa). Vale salientar que o conservadorismo se refere essencialmente a conservar uma forma, seja ela aderente à norma culta ou não. Pessoas mais velhas em uma determinada comunidade de fala podem, por exemplo, conservar uma variante que não é a de prestígio.

Além dos dois conceitos de variação e variante, está o conceito de variedade linguística, definida como:

[...] uma forma neutra, empregada nos estudos sociolinguísticos em geral, para se referir a qualquer tipo específico de linguagem — **dialeto, sotaque, socioleto, estilo** — que o linguista deseja considerar como uma entidade individual para fins de análise empírica ou teorização. Emprega-se frequentemente variedade como uma alternativa para dialeto ou língua, o que faz do termo um instrumento útil para evitar a dificuldade de traçar distinções nítidas e categóricas entre essas duas noções numa perspectiva puramente linguística. Na formulação clássica da **Sociolinguística Variacionista**, toda língua é um feixe de variedades. As variedades podem ser regionais (mineira, carioca, baiana etc.) ou sociais (quando definidas por critérios como **idade, sexo, classe social**, grau de escolarização etc.), e também estilísticas (segundo o grau de maior ou menor **formalidade** da fala ou da escrita). (BAGNO, 2017, p. 474, grifo do autor).

É necessário destacar também que Bagno (2017) menciona que esse conceito é empregado como alternativa para dialeto ou língua; por isso, o surgimento de denominações como: variedades africanas do português, variedade europeia do português, variedade asiática do português e assim por diante. Sendo assim, o termo variedade não se dirige a apenas questões linguísticas internas de um país ou comunidade de fala, mas também a questões ou termos globais/continentais.

Questões sociais podem definir uma determinada variedade que se constitui via comunidade de fala que compartilha traços linguísticos comuns. Para Coelho *et al.* (2015), a variedade é a “[...] fala característica de determinado grupo [...]”, definida, por exemplo, por critérios geográficos e sociais.

No Dicionário Crítico de Sociolinguística, Bagno (2017) entende ainda o conceito de variável como o conjunto de variantes. Ao lado desse conceito, é importante distinguir a variável dependente das variáveis independentes:

Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, numa pesquisa Sociolinguística, são também chamados de variáveis independentes (ou grupo de fatores), enquanto a variável propriamente dita [...] também pode ser tratada por **variável dependente**. As variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquela. (COELHO *et al.*, 2015, p. 20 e 21, grifo do autor).

E, ainda,

Na pesquisa Sociolinguística, as variáveis constituem o que em estatística se chama de **variáveis dependentes**, ou seja, a variável que se deseja conhecer melhor e que é influenciada pela presença ou ausência de outros fatores. Esses fatores (os atributos sociais dos falantes como **idade, classe social, sexo** etc., além de fatores contextuais e estilísticos) constituem **variáveis independentes**. (COELHO *et al.*, 2015, p. 473).

Em linhas gerais, correlacionando o contexto estatístico ao contexto sociolinguístico, pode-se dizer que as variáveis independentes são formuladas a partir da dependente, mas são as independentes que analisam o funcionamento da dependente. No caso do fenômeno linguístico analisado nesta tese, tem-se como variável dependente a *marcação de pluralidade* (CN+) e a *ausência de marcação de pluralidade* da CN de número (CN-); e como variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas), tem-se, por exemplo: a classe gramatical, a posição do elemento no sintagma, a saliência fônica, o sexo, a escolaridade, a faixa etária e o tipo de escola.

### 3.1.4 Tipologia das variações

Haja vista que o presente trabalho estuda essencialmente o fenômeno da variação linguística, é necessário apresentar alguns tipos de variação, levando em conta que, no fenômeno da variação, há uma concorrência entre duas ou mais formas linguísticas, das quais apenas uma será utilizada no futuro e a(s) outra(s) se tornará(ão) obsoleta(s). Segundo Cardeira e Mateus (2007, p. 19-20),

Em primeiro lugar, porque falamos uma língua viva, em constante mudança, e o que antes era aceitável pode ter-se tornado desusado. Palavras novas surgem a cada passo, acompanhando novos objetos ou conceitos, enquanto outras deixam de ser usadas. E

não é só o léxico que se renova: também a construção frásica e os próprios sons da língua podem sofrer alterações. O Português de hoje não é igual ao Português de há dois ou três séculos porque o mundo hoje não é o mesmo de há dois ou três séculos. Se a sociedade muda, a língua muda.

Basso e Ilari (2012) observam que esse tipo de variação geralmente é perceptível ao comparar formas linguísticas utilizadas por diferentes gerações. Trata-se, portanto, de uma variação que ocorre através do tempo. Nesse caso, a língua passa por transformações externas (uso social na comunidade linguística) e internas, que dizem respeito às transformações em sua estrutura. O exemplo apresentado pelos autores é a gíria.

Já a **variação estável** trata-se de “[...] uma competição entre formas alternativas de se dizer a mesma coisa que não resulta, num lapso de tempo prolongado, e vitória de nenhuma das variantes.” (BAGNO, 2017, p. 470). No caso da variação estável, entende-se que nenhuma das formas deixou de ser usada, ou seja, agregou-se mais formas ao léxico de determinada língua, não havendo substituição, mas acréscimo. Na visão desse autor, a variação estável ocorreria no uso contrastivo das formas linguísticas entre faixas etárias diferentes e escolarização formal na mesma comunidade de fala.

Ao lado dos dois tipos de variação mencionados, há outros descritos por Coelho *et al.* (2015) que estão dentro da língua (variação lexical, fonológica, morfológica, morfofonológica e morfossintática) e fora dela (variação diafásica, diastrática, diamésica, diacrônica e diatópica). Sobre as primeiras, seguem algumas considerações:

- a) **variação lexical:** relaciona-se, em algumas ocasiões, à variação regional, apresentando o léxico peculiar do falante de cada região (ex.: Brasil: abóbora ~ jerimun/Portugal: fila/bicha);
- b) **variação fonológica:** diz respeito à existência de determinados fenômenos fonológicos, como a *despalatização* (ex.: fenômeno presente no Brasil: paia por ‘palha’)/muié por ‘mulher’);
- c) **variação morfológica:** refere-se a alterações feitas no morfema da palavra (ex.: Brasil: supressão do -r que marca o infinitivo dos verbos, como *andá*, *vendê* etc.; Brasil e Portugal: apagamento da partícula -es no verbo estar: *tá*, *tava*);
- d) **variação morfofonológica:** variação que integra aspectos fonológicos e morfológicos (ex.: Brasil: *dançano* = *dançando*, *fia* = *filha*, *homi* = *homem*; Portugal: *perai* = *espera aí*);
- e) **variação morfossintática:** variação que integra morfologia com sintaxe (ex.: o fenômeno em estudo: CN de número: A $\infty$  casa).

Sobre as variações vistas de fora da língua, Coelho *et al.* (2015) apresenta a **variação estilística**, também conhecida como diafásica. Ela diz respeito à forma linguística utilizada pelo falante a depender do ambiente onde está, portanto, relacionada aos domínios sociais, aos diferentes papéis sociais desempenhados em situações comunicativas distintas. No contexto dessa variação, reside o aspecto da formalidade ou informalidade.

Há também a **variação diatópica**, a respeito da qual Basso e Ilari (2012, p. 157) mencionam: “[...] entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.”. Essa variação pode abranger regiões de um mesmo país ou diferentes países.

Comparando o PB com o PE, Valente (2002) considera que “Nem todas as diferenças entre o PE e o PB resultam do fato de que essas duas variedades têm repertórios de palavras diferentes.” Observem-se, no quadro a seguir, semelhanças e diferenças entre essas variedades do português:

**Quadro 1** – Expressões do PB e do PE

<b>PE</b>	<b>PB e PE</b>	<b>PB</b>
feito um burro	teimoso como uma mula	que nem a mulher do piolho
como uma gralha	falar pelos cotovelos	mais que o homem da cobra
a troco de reza	comprar por uma pechincha na bacia das almas	por uma mixaria/ninharia
a potes	chover a cântaros	Canivetes
como os trovões	feito de doer	como a mulher do guarda
para além do estúpido	surdo como uma porta	feito um muro
pescar um marido	arranjar um marido	fisgar um marido
pela medida grande	Apanhar	como cachorro sem dono
como um pisco	Comer	como um passarinho
como um prego	dormir como uma pedra	como um gato de hotel

Fonte: Adaptado de Valente (2002).

Basso e Ilari (2012, p. 175) também discorrem sobre a **variação diastrática**, tratando-a como um “[...] tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população [...]”. Estaria incluído aqui o português subpadrão ou português *substandard* usado pela camada da população que tem um menor prestígio social. A seguir, apresentam-se alguns dos vários exemplos mencionados pelos autores:

- queda de material fonético posterior à vogal tônica: *figo* por fígado, *Ciço* por Cícero, *cêntimo* por centímetro;
- perda do -s da desinência da primeira pessoa do plural: *nóis cantamo*, *nóis cantemo* por nós cantamos;
- Uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: *eu vi ele*, *a mulher xingou eu*.

(BASSO; ILARI, 2012, p. 175-176, grifo dos autores)

Ademais, existe a **variação diamésica**, entendida por Basso e Ilari (2012, p. 181) da seguinte maneira:

A variação diamésica compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve. Na fala, as pessoas dizem coisas como “né”, “ocêis”, “dissero”, “téquinico”, pensando que dizem “não é”, “vocês”, “disseram”, “técnico”. Mas a diferença entre o escrito e o falado vai muito além dos fenômenos que dizem respeito à forma das palavras. Entre o escrito e o falado, há uma diferença irreduzível de planejamento.

Sob esse enfoque, surge o questionamento: poderia o gênero textual ou a modalidade de uso da língua (des)favorecer o uso da norma culta pelo usuário de uma língua ou variedade? Para Basso e Ilari (2012, p. 185), “[...] diferentes gêneros têm uma tradição própria e utilizam uma linguagem fortemente marcada pela natureza do veículo adotado em sua transmissão.” Em outro trecho, os autores ainda pontuam: “Conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios.” (BASSO; ILARI, 2012, p. 185).

Pode-se dizer que o ser humano não produz gêneros textuais apenas em situações de estudo escolar/acadêmico ou de trabalho. Não é apenas quando há obrigação de realizar algo, mas a todo instante está produzindo esses gêneros, independentemente de sua classe social, pois até um morador de rua precisa se comunicar em diferentes situações, embora geralmente seja apenas na língua falada. Dessa forma, de acordo com o que foi dito pelos autores, não é a modalidade que, de forma precípua, incentiva o uso da norma culta, de prestígio, mas a função, a tradição e a estrutura própria do gênero que está sendo produzido.

### 3.1.5 Múltiplos usos da língua: a língua falada e a língua escrita

Para que se possa abordar os múltiplos usos da língua, é importante tecer distinções entre oralidade e letramento, entre fala e escrita: as primeiras são práticas sociais, ao passo que as segundas são modos de produção textual. Segundo Marcuschi (2008, p. 25),

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária [...]. Considerando-se essa posição, nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país.

A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

Vale referir que o papel social da oralidade, em suas diferentes manifestações, adquire um papel não inferior por ser uma prática social necessária na comunicação. Quanto à fala, trata-se de uma capacidade humana que não necessita de aparatos tecnológicos para ser realizada, sendo assim, não precisa de uma instituição ou instrutores para ser desenvolvida, pois ocorre de modo não instrucional durante a interação entre interlocutores em distintos contextos comunicativos e não pode ser compreendida como inferior à escrita como defendem os adeptos da gramática tradicional:

Ao comparar a herança escrita da grande literatura grega do passado com a fala cotidiana do seu tempo (o século III AEC), os filólogos alexandrinos concluíram que a escrita era regrada, coesa e coerente, ao passo que a fala era caótica, anárquica e, portanto, fonte de todo **erro**. Assim tem início a longuíssima tradição, nos paradigmas da **gramática tradicional**, de total desconsideração da modalidade falada das línguas e de supervalorização da modalidade escrita, vista somente como a linguagem dos grandes autores do passado, os chamados “clássicos”, que devem servir de modelos a imitar para quem deseja fazer um **uso** bom e correto da língua. É o que se lê nas palavras que abrem o mais antigo tratado gramatical do Ocidente (o mais antigo a sobreviver até os dias de hoje) [...]. (BAGNO, 2017, p. 129-130, grifo do autor).

Sobre o letramento e a escrita, Marcuschi (2008) argumenta o seguinte:

O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde a sua apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2008, p. 25, grifo do autor).

A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista da sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de

uma modalidade de uso da língua complementar à fala (MARCUSCHI, 2008, p. 26, grifo do autor).

Diferentemente da fala, a aquisição da escrita não ocorre de forma espontânea, necessitando de instrução formal, de itens tecnológicos para sua realização.

Diante do exposto e voltando a atenção para o fenômeno linguístico investigado nesta pesquisa, Fiamengui (2011) e Silva (2017), ao compararem o comportamento da CN de número na língua falada e na língua escrita, verificam que o uso da variante de prestígio é bem maior na segunda modalidade, sobretudo, quando se trata de informantes mais escolarizados, uma situação que pode ser explicada pela atuação da escola, que, muitas vezes, ainda insiste na ideia de se evitar os “erros” de português e de promover uma supremacia da escrita sobre a fala.

Considerando o exposto no parágrafo anterior, retoma-se a seguinte perspectiva dicotômica criticada por Marcuschi (2008) e Koch e Vanda (2014): a) *fala*: contextualizada, dependente, implícita, redundante, não planejada, imprecisa, não normatizada e fragmentária e b) *escrita*: descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada e completa.

A respeito dos desvios normativos no âmbito da escrita, chamados de “erros” por Oliveira e Nascimento (1990), é proposta uma tipologia por esses autores, destacando-se:

- a) *violação do tipo de escrita*: dificuldade na assimilação de questões relacionadas ao alfabeto (ex.: bblt = borboleta);
- b) *violação de convenções invariantes do código escrito no que se refere às relações entre fonemas e grafemas*: dificuldades de perceber diferenças entre fonemas e grafemas (ex.: V---- C “irmos”);
- c) *violação da representação gráfica oficial de um fonema devido às relações opacas que se estabelecem entre esse fonema e seus alofones*: a estrutura fonética e morfológica das palavras pode confundir o usuário da língua; os estudiosos chamam de opacidade o fenômeno em que a escrita das palavras possui algumas semelhanças e, nessa aparência ou opacidade, confunde-se fonema com grafema (ex.: levar ---) 0 [cf. levamos [h]/comício [o] comida [u]]);
- d) *violação da representação gráfica de sequências de palavras*: opacidade entre grafemas e fonemas (ex.: opato = o pato/mileva = me leva);
- e) *violação das regras gramaticais utilizadas na escrita*: envolve questões de sintaxe e morfologia, inserindo-se aí o fenômeno linguístico analisado nesta tese (ex.: as casa branca = as casas brancas);

- f) *violação das formas dicionarizadas*: incerteza quanto ao uso do grafema em relação à ortografia oficial (ex.: cesta-feira = sexta-feira);
- g) *violação de regras que dizem respeito à forma do texto*: dificuldades em realizar elementos estruturais do texto como parágrafos, pontuação e acentuação;
- h) *erros de hipercorreção*: envolvem aspectos de criação, forma e uso, nos quais o indivíduo tem dificuldade em distingui-los (ex.: jogol (= jogou) :: gol<Y> [gow]).

Ferraz (2007, p. 38) acrescenta que, no contexto escolar, questões socioeconômicas devem ser levadas em conta para compreender os usos da comunidade de fala dos estudantes que fogem às prescrições gramaticais:

Quando a criança inicia a aprendizagem escolar comunica, usando a língua da comunidade em que está inserida e tendo da sua gramática um conhecimento implícito. Contudo, admite-se como mais ‘correcta’ a língua falada por crianças oriundas de grupos sociais mais prestigiados ou de regiões onde se ‘fala melhor’, e consideram-se incorreções os usos que dela fazem crianças pertencentes a grupos sociais menos prestigiados ou oriundas de regiões onde mais se notam desvios relativamente ao Português padrão (FERRAZ, 2007, p. 38).

Ferraz (2007), portanto, apresenta não apenas uma observação crítica a respeito das diferenças sociais que desembocam em diferenças e polarizações linguísticas, mas também mostra que diferentes aspectos que permeiam a vida de uma comunidade de fala devem ser levados em conta, dentre os quais está o prestígio ou a estigmatização de uma variante a depender da classe social ou do poder aquisitivo que os seus usuários possuem. Indo nessa direção, na seção 4, será feito o mapeamento sociolinguístico dos estudantes brasileiros e dos portugueses com base nas fichas sociais aplicadas para que se possa ter uma maior compreensão de como esse perfil pode explicar, de alguma maneira, o comportamento da CN de número.

Mateus (2011) discute a aprendizagem do português por alunos estrangeiros no sistema educacional português, destacando o papel da ficha sociolinguística na pesquisa, que visa correlacionar os aspectos sociais aos linguísticos quando se analisa aspectos de uma variedade linguística.

Em linhas gerais, tendo em mente a existência das variantes linguísticas, não é possível a escola defender a existência de “erros”, pondo a escrita em situação superior à fala, mas é crucial estabelecer correlações entre os modos de produção linguística e os gêneros que neles ocorrem. Por exemplo, se o falante tem um alto nível de escolaridade e encontra-se em um ambiente formal onde produzirá um discurso político ou um discurso em uma formatura, espera-se que haja um maior uso da variante de prestígio associada à CN de número. No entanto,

se estiver em um contexto informal, com menor atenção à sua fala (ex.: conversação espontânea) ou à sua escrita (ex.: bilhete para colegas de turma), é possível que seja produzida a variante estigmatizada.

## 3.2 PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS ADOTADOS NO ESTUDO

Em estudos sociolinguísticos que focam na descrição dos diferentes usos da CN de número, princípios funcionalistas têm sido convocados para a discussão, a fim de explicar o funcionamento dessa concordância (cf. LEMLE; NARO, 1977; HAIMAN, 1980, 1983; DUBOIS, 1984; GIVÓN, 1990). Esses princípios serão abordados a seguir.

### 3.2.1 Princípio da economia

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) refere-se ao princípio da economia (cf. HAIMAN, 1980, 1983; DUBOIS, 1984) relacionando-o ao da iconicidade (cf. subseção 3.2.5). Segundo ela, quanto mais complexa for uma estrutura, mais haverá codificação a ser realizada.

Por meio do material produzido acerca desse princípio, compreende-se a sua relação com aspectos morfossintáticos, eliminando redundâncias; especificamente no contexto do presente estudo, as marcas que o usuário da língua considera desnecessárias no SN.

O referido princípio está diretamente relacionado às variáveis *posição do elemento no SN* e *marcas precedentes*, em que será possível verificar se a marcação de determinados elementos no SN dispensa a marcação em outros no sintagma, o que seria a eliminação de informações “redundantes” para o usuário da língua.

### 3.2.2 Princípio do paralelismo

Relacionado à variável *marcas precedentes*, o princípio do paralelismo (cf. WEINER; LABOV, 1983), adotado na tese pioneira de Scherre (1988) sobre a CN de número, baseia-se no fato de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, ou seja, quanto mais cancelamentos de marcas, mais cancelamentos ocorrerão. Nesse sentido, vê-se que há também uma correlação com o princípio da marcação abordado, a seguir, na subseção 3.2.4:

[...] mede-se o efeito das marcas precedentes sobre o elemento nominal analisado. Focalizo aqui os SNs de três ou mais elementos. Neste caso, variantes explícitas precedentes da mesma natureza tendem a favorecer variantes explícitas seguintes;

variante(s) explícita(s) seguida(s) de zero(s) tende(m) a favorecer zero(s) seguinte(s). Então, um SN de três ou mais elementos com variantes explícitas em seus primeiros elementos (aquelaS rendaS -\_/aS pessoaS todaS -\_) terá mais possibilidade de exibir variante explícita no elemento da terceira e no da quarta posição (aquelasS rendaS todaS/aS pessoaS todaS igualS); inversamente, um SN de três ou quatro elementos com variante zero a partir do primeiro elemento (essaS carne0 -\_/ umaS camisa0 muito -\_/dois risco0-\_/aS perna0 toda0 -\_) terá mais possibilidade de exibir a variante zero no elemento subsequente (essaS carne0 congelada0/umaS camisa0 muito linda0/dois risco0 verde0/aS perna0 toda0 marcada0). Este segundo fator tem efeito quase categórico no sentido de desfavorecimento da variante explícita. Mistura de marcas precedentes ou a presença de marcas semelhantes não-adjacentes (do0 meuS tios; dez senhoraS lá sentada; oS meuS quatro filhos; aS criançaS todaS da rua abandonadas, aquelaS pessoaS assim bem esquisitinha), por sua vez, apresenta efeito intermediário e, também, próximo ao ponto neutro (SCHERRE, 1998, p. 37).

Em seu artigo que aborda o paralelismo linguístico, Scherre (1998) classifica diferentes correntes de estudiosos que adotam o referido princípio em sua pesquisa. Sendo assim, é necessário salientar que o paralelismo aqui utilizado adere ao que foi abordado por Poplack (1980), Lefbvre (1981), Naro (1981) e Guy (1981), cuja análise converge para o aspecto variacionista do fenômeno analisado.

Tendo em mente os resultados obtidos por Scherre (1988) a partir da aplicação do referido princípio, será verificado se esse princípio atua da mesma maneira nos dados da língua falada e da língua escrita coletados nesta pesquisa.

### 3.2.3 Princípio da saliência fônica

Acerca da proposta referente à saliência fônica, Chaves (2014, p. 525-526) verifica que:

A noção de saliência foi introduzida nos estudos sociolinguísticos por Naro e Lemle (1976) a partir da análise de dados de fala de três informantes cariocas, representantes do estrato socioeconômico baixo. Os informantes foram selecionados com base na premissa assumida pelos autores de que, nas classes média e alta, a aplicação da regra de concordância de P6 seria categórica, diferentemente da suposição feita em relação às classes menos elevadas, nas quais a regra se manifestaria variavelmente. Nesse estudo pioneiro, três variáveis independentes foram controladas: (i) Classe morfológica da forma verbal, (ii) Posição de superfície do sujeito (estruturais); e (iii) Grau de formalidade (não estrutural). Segundo os resultados, foi verificada a atuação de um princípio, denominado pelos autores de princípio de saliência, nos três grupos de fatores: no que diz respeito à atuação da variável Classe morfológica da forma verbal, a marcação explícita da concordância verbal de terceira pessoa ocorreu com mais frequência quando a diferença fonética entre as formas verbais singulares e plurais era maior; em relação à variável Posição de superfície do sujeito, a concordância foi verificada em maiores proporções quando o sujeito encontrava-se anteposto ao verbo; e, por fim, no que tange à variável Grau de formalidade, a concordância foi constatada mais habitualmente em situações formais.

Lemle e Naro (1977), dando prosseguimento aos estudos empreendidos em 1976, investigaram a regra variável de concordância nos dados de entrevistas concedidas por 20 informantes cariocas. A partir da proposta desenvolvida anteriormente, os autores buscaram formalizar uma “escala ordinal” de medição da diferença fônica

entre as formas verbais singulares e plurais, mais sofisticada do que a concebida anteriormente, assumindo a hipótese de que “o grau de saliência fônica da diferença morfológica entre a forma singular e a forma plural esteja diretamente relacionado com a probabilidade de aplicação da regra de concordância”.

A origem, portanto, do princípio em questão deu-se no âmbito dos estudos variacionistas, levando em conta possíveis diferenças na matéria fônica entre a forma do singular e do plural. Esse princípio passou a ser analisado em forma de variável independente nos estudos sobre a CN de número, a partir dos estudos de Scherre (1978, 1988).

É interessante observar que, na tese de Scherre (1988), a saliência fônica apresenta-se: (i) enquanto princípio atuante no fenômeno em estudo; (ii) variável independente; (iii) variável linguística subdividida em 3 dimensões (processos morfofonológicos, número de sílabas e tonicidade). No presente estudo, a saliência fônica é tomada enquanto princípio linguístico em três variáveis linguísticas independentes que atuam na marcação de pluralidade no fenômeno da CN de número.

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) pontua que, para esse princípio, quanto mais matéria fônica, mais chance haverá de pluralização nos elementos no contexto da CN de número. Nesse sentido, destacam-se fatores como: a) o plural duplo (ex.: papezinhos); os vocábulos proparoxítonos (ex.: características) e vocábulos com mais de duas sílabas (ex.: indíge-nas).

### 3.2.4 Princípio da marcação

Constituindo um legado da linguística estrutural, o princípio da marcação foi desenvolvido pela Escola de Praga (CEZÁRIO; COSTA; CUNHA, 2015). Para Givón (1990), existem três principais critérios para distinguir categorias marcadas e não marcadas: a) *complexidade estrutural*: a categoria marcada tende a ser mais complexa, ou seja, quanto mais marcação, mais complexidade; b) *distribuição de frequência*: a categoria marcada tende a ser menos frequente que a não marcada e c) *complexidade cognitiva*: a complexidade das estruturas marcadas também é mais complexa que as das não marcadas, exigindo mais esforço mental para o seu processamento.

Ainda de acordo com Givón (1990), a marcação não está restrita a estruturas menores, mas também ao plano discursivo, tanto formal quanto informal, havendo mais marcações em situações formais do que informais (ex.: conversação espontânea). Quando há espontaneidade,

portanto, os indivíduos tendem a “relaxar” e fazer uso de formas variáveis em sua comunidade de fala, sem sentir a necessidade de empregar exclusivamente a variante de prestígio.

### 3.2.5 Princípio da iconicidade

A respeito do conceito de iconicidade, Neves (1997, p. 103) conceitua: “A iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana [...]”.

Nas palavras de Cezário, Costa e Cunha (2015), a iconicidade linguística é a própria correlação natural entre a forma e a função. Assim, os fenômenos de variação e mudança estão diretamente relacionados à iconicidade quando há possibilidade de o informante usar duas ou mais formas para um mesmo sentido. Segundo eles,

Na língua que usamos diariamente, especialmente na língua escrita, existem por certo muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo. Há contextos comunicativos nos quais a codificação morfossintática é opaca em sua função. Tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem um acentuado grau de opacidade em relação aos papéis que desempenham. Assim, encontramos correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas (CEZARIO; COSTA; CUNHA, 2015, p. 23).

Além disso, os pesquisadores pontuam a existência de três subprincípios concernentes à iconicidade: a) *quantidade*: a proporção de informação concebe a proporção da forma; no caso do fenômeno da CN de número, quanto mais necessidade de pluralidade, mais marcações formais; b) *integração*: o distanciamento entre os elementos principais prejudica a coesão para a realização do significado; c) *ordenação linear*: a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática; nesse contexto, os estudos mostram que os elementos em *1ª posição* no PB tendem a ser mais pluralizados. Pode-se dizer que os dois últimos subprincípios estão relacionados à variável *posição do elemento no SN*, haja vista que, por exemplo, na integração, quanto mais um elemento distancia-se do primeiro, mais tende a receber ausência de pluralização.

## **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção, apontam-se questões relacionadas à pesquisa de campo, procedimentos realizados, perfil dos informantes e aspectos relacionados ao tratamento dos dados.

### **4.1 MÉTODOS UTILIZADOS**

A presente pesquisa caracteriza-se como pesquisa de campo, assim como qualitativa ao levar em conta que tanto o tratamento dos dados envolve análises estatísticas quanto a análise do perfil sociolinguístico dos informantes concebe uma leitura social, detalhada e simultaneamente individual de cada participante da comunidade de fala. Para tanto, foi necessária a adoção dos seguintes métodos: indutivo, comparativo e estatístico.

#### **4.1.1 Método de abordagem: indutivo**

A respeito do método indutivo, Freitas e Prodanov (2013, p. 28) afirmam que se trata de um método que realiza generalizações, partindo da observação acurada de fatos particulares: a “[...] indução parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e de experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar.”. No contexto do presente trabalho, vê-se que, por meio desse método, ao analisar o uso da CN de número por estudantes portugueses e pernambucanos, foi necessário não só coletar seus dados de fala e de escrita, mas também estabelecer correlação entre a variável dependente e as variáveis independentes para que, a partir da análise desses dados, fosse possível compreender o funcionamento dessa concordância nas comunidades de fala investigadas.

#### **4.1.2 Métodos de procedimento**

No intuito de explicitar os aspectos metodológicos no presente texto, nas próximas subseções, abordam-se os métodos utilizados nesta pesquisa.

#### 4.1.2.1 Comparativo

Sobre o método comparativo, Freitas e Prodanov (2012, p. 38) discorrem sobre suas características:

Centrado em estudar semelhanças e diferenças, esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências. O método comparativo, ao ocupar-se das explicações de fenômenos, permite analisar o dado concreto, deduzindo elementos constantes, abstratos ou gerais nele presentes. (FREITAS; PRODANOV, 2012, p. 38).

A partir da aplicação do método comparativo, esta pesquisa analisou o comportamento morfossintático da CN de número em duas comunidades de fala (Brasil e Portugal) e em duas modalidades de uso da língua (língua falada e língua escrita). Por intermédio dessa comparação, espera-se mapear o perfil sociolinguístico dessas comunidades, tendo em mente traços linguísticos que possam ser compartilhados ou não.

#### 4.1.2.2 Estatístico

Tomando por base que a Sociolinguística possui um ramo voltado a análises quantitativas (a chamada Sociolinguística Quantitativa), por trabalhar com resultados advindos da submissão dos dados a rodadas em *softwares* que concedem percentuais e PRs, foi realizada, para este estudo, a rodada dos dados no programa Goldvarb X. Ele elencou e separou as variáveis significativas e não significativas segundo a ordem de relevância exposta na rodada dos dados e apresentou o percentual de aplicação/não aplicação da regra de CN de número por meio da melhor rodada dos dados, ou seja, aquela que foi considerada a mais precisa pelo próprio *software*.

Para que esses dados fossem rodados, foi necessário que a regra de CN de número fosse variável, seguindo a tipologia de regras linguísticas propostas por Labov (2003). Em sua dissertação de mestrado, Silva (2017) elencou os procedimentos necessários para obtenção dos resultados relacionados às variáveis dependentes e independentes:

Para que seja realizada a rodada dos dados para obtenção dos resultados quantitativos (estatísticos e probabilísticos), são necessários três passos principais: (i) delimitação das variáveis, (ii) codificação dos dados e (iii) execução dos dados no Goldvarb X que auxilia o pesquisador a detectar possíveis erros na codificação das variáveis, além de elencar as variáveis significativas e fatores que favorecem ou não determinada variante linguística (SILVA, 2017, p. 67).

Vale referir que, para a análise dos PRs, considera-se a existência de um “nível neutro” quando o valor do PR está entre .450 a .550 (cf. SCHERRE, 1988), o que implica dizer que não se mostra significativa para o fenômeno investigado em termos de favorecer ou não uma determinada variante.

Segundo Freitas e Prodanov (2012, p. 38), “O papel do método estatístico é, essencialmente, possibilitar uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado”. Além disso, o experimento estatístico permite ao pesquisador ter uma visão mais apurada acerca do fenômeno a ser investigado. Portanto, os resultados apresentados neste estudo após a rodada dos dados do Goldvarb X concedem não só uma macrovisão dos resultados gerais de cada comunidade de fala, como também uma microvisão, ao analisar o comportamento individual de cada variável com seus respectivos fatores.

#### 4.2 NATUREZA DA PESQUISA

Como já dito, esta pesquisa inscreve-se como quali-quantitativa e pesquisa de campo, cujas razões estão abaixo descritas.

Ao abordar, em primeiro lugar, a **pesquisa qualitativa**, elencam-se suas características apresentadas por Stake (2011):

- a) *interpretativa*: a intuição e a leitura subjetivas são ferramentas utilizadas na exploração dos estudos. Há uma ênfase na interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, pois, por meio dessa interação, é possível ter uma percepção mais nítida sobre o fenômeno estudado;
- b) *experencial*: o centro das atenções está no que os participantes veem. Essas experiências requerem descrições, as quais serão úteis como registros para análise do que está sendo estudado;
- c) *situacional*: a localidade identifica aspectos peculiares do que está sendo estudado. Sendo assim, a mudança de local seria decisiva na existência ou na transformação das características do fenômeno estudado, cujos contextos são descritos detalhadamente;
- d) *personalística*: as percepções individuais são levadas em consideração, havendo um cuidado ético, evitando-se intromissões e riscos aos participantes e assumindo o pesquisador o papel de instrumento na pesquisa usado para recolher os dados, as informações.

Nesta pesquisa, ao preencher a ficha social e responder às perguntas nas entrevistas informais, os estudantes pernambucanos e portugueses revelam uma “fotografia”

sociolinguística que, de alguma forma, pode interferir em seu uso linguístico no âmbito da CN de número.

Em segundo lugar, a **pesquisa quantitativa** está diretamente ligada ao aspecto numérico e estatístico que fundamenta suas hipóteses em resultados percentuais ou probabilísticos. Segundo Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 22-23), “A pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados, e é considerada pesquisa *hard*.”

Neste estudo sociolinguístico, é inegável a correlação entre o aspecto quantitativo e qualitativo, haja vista que se utiliza da estratificação dos informantes, da análise estatística e dos PRs, das fichas sociais (apresentação dos aspectos sociais, culturais e econômicos de cada sujeito da pesquisa), das entrevistas informais com base no cotidiano dos informantes e da análise de dados provenientes de textos narrativos.

Por último, há a **pesquisa de campo**, que tem como etapa primária a coleta dos dados, segundo observam Manzato e Santos (2012, p. 14):

A coleta de dados constitui uma etapa importantíssima da pesquisa de campo, mas não deve ser confundida com a pesquisa propriamente dita. Os dados coletados serão posteriormente elaborados, analisados e interpretados. Depois será feita a discussão dos resultados da pesquisa, com base na análise e interpretação dos dados).

Para a realização desse tipo de pesquisa, Manzato e Santos (2012) pontuam também que deve haver planejamento e definição de critérios, constituindo-se a entrevista no mais eficiente instrumento para obtenção de informações.

#### 4.3 COLETA DOS DADOS

Na próxima subseção, haverá uma abordagem sobre os procedimentos realizados para a coleta dos dados em ambas as modalidades de uso da língua.

##### 4.3.1 Caracterização do *locus* da coleta

Levando em conta que a presente pesquisa contempla não só o estado brasileiro de Pernambuco, mas também Portugal, país europeu geralmente comparado em extensão territorial ao referido estado, serão feitas, nas subseções 3.3.1.1 e 3.3.1.2, breves incursões históricas e socioeconômicas de cada localidade selecionada para o estudo.

#### *4.3.1.1 Brasil: mesorregiões do estado de Pernambuco*

Situado na América Latina/América do Sul, o Brasil é reconhecido no mundo enquanto o país com maior número de falantes da Língua Portuguesa, cuja maioria deles utiliza apenas esse idioma, sem uso paralelo de crioulos.

##### **4.3.1.1.1 Breves incursões de aspectos gerais do Brasil**

Na história do Brasil, vários povos (ex.: indígenas, africanos e europeus) contribuíram cultural e linguisticamente para a formação do que hoje é uma nação. Nessa história, destacam-se três períodos: a) Colonial (1530-1822), b) Imperial (1822-1889) e c) Brasil-República (1889-dias atuais).

Em relação à cultura, pode-se dizer que é diversa e densa. O samba, por exemplo, não é o único estilo musical consumido pelos brasileiros; há diversas festas que são típicas de cada estado ou região — por exemplo, o Rio de Janeiro destaca-se pelos desfiles de suas escolas de samba; Paraíba e Pernambuco são famosos pelas festas juninas; a capital pernambucana, Recife, destaca-se por seu carnaval; Manaus, no estado do Amazonas, pelo seu festival folclórico.

Dentre as inúmeras manifestações artísticas, destacam-se o artesanato, a pintura, a dança, o teatro, a telenovela e a música. Nessa última, não se pode deixar de mencionar a Música Popular Brasileira (MPB), um dos maiores patrimônios culturais brasileiros.

Ademais, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Brasil, em 31 de julho de 2020 contava com 211.848.870 habitantes. No panorama de instrução escolar, segundo o IBGEeduca ([202-]), a taxa geral de analfabetismo em 2019 era de 6,6% (11 milhões) e, ao distribuir os analfabetos entre as regiões, observa-se a menor taxa de 3,3% para as regiões Sul e Sudeste; 4,9% para o Centro-Oeste; 7,6% para o Norte, e maior, de 13,9%, para o Nordeste. Além disso, o nível de instrução das pessoas com 25 anos ou mais de idade no Brasil, em 2019, apresentava-se nos seguintes percentuais: a) sem instrução: 6,4%; Fundamental incompleto: 4,5%; Fundamental completo: 8%; Médio incompleto: 4,5%; Médio completo: 27,4%; Superior incompleto: 4%; Superior completo: 17,4%.

Vale salientar que o tipo de escola a ser frequentada pelo aluno no Brasil está diretamente relacionado com a classe social da qual faz parte: quanto maior for o poder aquisitivo que a família possui, maior possibilidade de as crianças frequentarem a escola particular, sendo, em geral, as escolas públicas frequentadas por alunos de baixa renda. No

entanto, exceções podem ser observadas com alunos da classe média intermediária que frequentam escola pública ou escolar particular, conforme verificado nas fichas sociais aplicadas aos sujeitos desta pesquisa.

Sendo o Brasil um país de dimensão continental, são verificadas grandes diferenças culturais e sociais entre estados e regiões. Para esta tese, será focado o estado de Pernambuco, conforme descrito na próxima subseção.

#### **4.3.1.1.2      *O estado de Pernambuco***

No *Atlas Escolar de Pernambuco* (ANDRADE, M., 2003), consta que nesse estado há uma extensão territorial de 98.526,60 km<sup>2</sup>, que lhe concede uma aproximação com a extensão territorial de Portugal, país que possui 92.391 km<sup>2</sup>. De acordo com o censo de 2010, esse estado nordestino possui uma população média de 8.796. 448 habitantes, o que corresponde a 4,6 da população total brasileira, cujo número está distribuído por suas 185 unidades municipais e um distrito estadual, que é o arquipélago de Fernando de Noronha.

A cidade de Recife é a capital Pernambucana, situada na Mesorregião Metropolitana do Recife, uma das cinco mesorregiões que compõem sua divisão. As outras quatro mesorregiões são: a Mesorregião do Agreste (representada, nesta tese, pela cidade de Belo Jardim); a Mesorregião do Sertão (representada pela cidade de Serra Talhada); a Mesorregião do São Francisco (representada pela cidade de Petrolina) e a Mesorregião da Zona da Mata (representada pela cidade de Carpina).

Observe-se, a seguir, o mapa do estado escolhido para esta pesquisa:

**Figura 1**– Mapa do estado de Pernambuco na Região Nordeste

Fonte: Andrade, M. (2003, p. 10).

Como se pode perceber, o estado de Pernambuco limita-se, ao norte, ao Ceará e à Paraíba; ao leste, ao Oceano Atlântico; ao sul, a Alagoas e à Bahia; e ao oeste, ao Piauí.

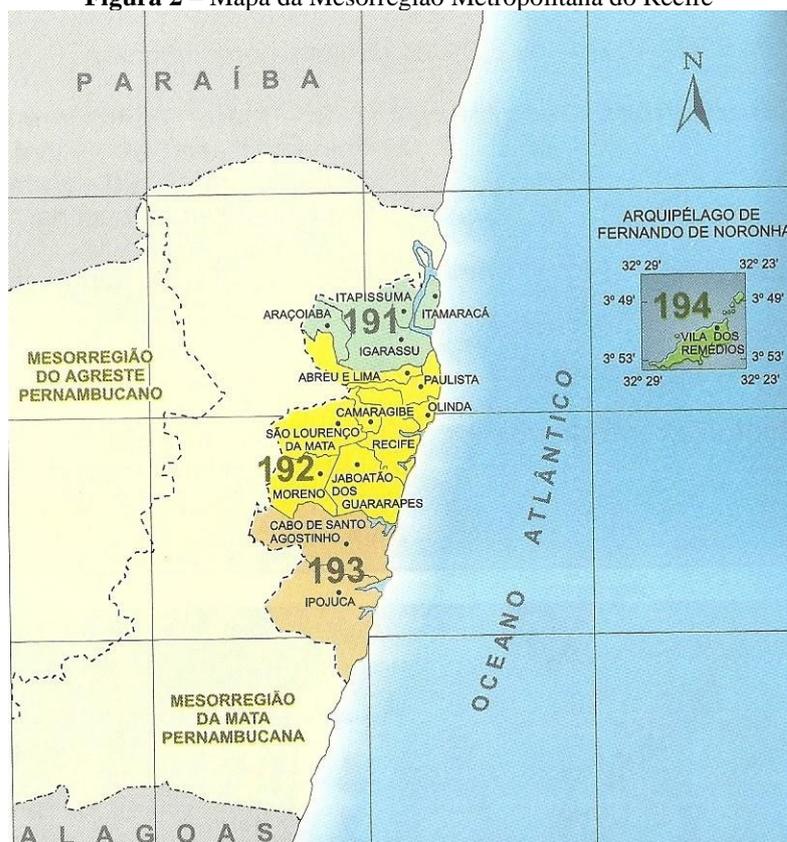
Sobre as cinco mesorregiões pernambucanas referidas, elas serão abordadas a seguir.

#### **4.3.1.1.3**      *Mesorregião Metropolitana do Recife*

Além de sua capital, fazem parte da região metropolitana outros municípios, como Camaragibe, Igarassu, dentre outras, mas a que realmente ganha destaque em relação a Recife é a cidade de Olinda, que concentra muito da história e cultura do estado e também já foi capital pernambucana.

Sendo a principal, maior em extensão territorial e em número de habitantes, de acordo com o portal da Prefeitura do Recife ([202-]a), a cidade conta com 1,5 milhão de habitantes, e toda a Mesorregião conta com 3,7 milhões de habitantes. Veja-se o mapa a seguir:

**Figura 2** – Mapa da Mesorregião Metropolitana do Recife



Fonte: CONDEPE/IBGE (1996 *apud* ANDRADE, M., 2003, p. 18).

A Mesorregião Metropolitana corresponde a 2,8% de todo o estado, com 15 municípios, e o seu número de habitantes corresponde a 41,9% da população do estado.

Das cidades que fazem limite com Recife, Olinda é a que mais se aproxima em termos culturais e históricos. Ao leste, a Mesorregião Metropolitana faz limite com o Oceano Atlântico e, ao norte, sul e oeste, com a Mesorregião da Mata Pernambucana.

## Cultura

A capital do estado é muito rica em termos culturais. Conforme é observado no portal da Prefeitura do Recife ([202-]b), o carnaval é a maior manifestação cultural da cidade e, nessa época, é possível ver itens da cultura popular, como Maracatu, caboclinhos, coco-de-roda, ciranda, samba, afoxé e o frevo, sendo este último reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Nas festas juninas, tanto existem festas religiosas, dedicadas ao Santo Antônio, São João, São Pedro, como também acontecem festas com *shows* de forró, xaxado, baião e apresentações de quadrilha. A gastronomia feita à base de milho ganha destaque nesse período.

São realizados festejos nos quatro cantos da cidade, mas um dos que adquire mais destaque é o arraial estruturado no Sítio Trindade, bairro de Casa Amarela.

No âmbito das festas religiosas, acontece também a festa da padroeira da cidade, em 16 de julho, que é Nossa Senhora do Carmo. Em 08 de dezembro, também outra santa católica recebe comemoração (a saber, Nossa Senhora da Conceição), no Morro da Conceição, onde ocorrem missas, vigília em oração, novenário e a tradicional procissão.

No ciclo natalino, ocorrem apresentações de grupos de cavalo-marinho, bumba meu boi, pastoril, maracatu, ciranda e coco. Esse período de apresentações só termina em 06 de janeiro com a tradicional Queima da Lapinha.

A culinária é muito diversificada, com pratos e bebidas das mais diferentes regiões do país. No quesito artesanato, conta com o trabalho de artesões locais e regionais, os quais produzem trabalhos em madeira, couro, cerâmica, tecidos e fios, feitos sob as mais diferentes técnicas. Também são produzidos trabalhos em arte sacra, tapetes, rendas, cestaria, confecção, etc.

Na música, conforme mencionado, compõem o quadro musical: maracatu, coco de roda, ciranda, samba, *rock* etc. O frevo, por exemplo, é uma das principais referências da capital pernambucana. Há espaço também para outros ritmos, como *hip hop* e música eletrônica, cuja mistura criou o *Manguebeat*, que é uma manifestação cultural pernambucana e está relacionada ao movimento de contracultura surgido no Recife durante os anos 90, graças a artistas como Chico Science.

Na dança, existe uma forte influência de ritmos populares, oriundos dos primeiros povos que ocuparam o território. Dentre os ritmos mais conhecidos, estão o frevo, o maracatu e o forró, havendo várias competições de forró na cidade. Além das danças, existem os folguedos, encenações com personagens, acompanhados por danças coreografadas e música, algumas com origem religiosa e folclórica, como o afoxé e o caboclinho.

**Figura 3** – Carnaval do Recife

Fonte: Prefeitura (2022).

O Recife ainda possui várias boates para quem é fã da música eletrônica e, no Bairro de Boa Viagem, acontecem diversos *shows* e espetáculos culturais promovidos pela prefeitura ou outros órgãos, tais como: o Nivea Viva Rock, que é constituído por diversas personalidades do *Pop Rock* Nacional.

Nas artes cênicas, destacam-se, no cinema e na televisão, nomes como: Marco Nanini, Virgínia Cavendish, Patrícia França, Fabiana Karla, Lucy Ramos, Aramis Trindade e Giselle Tigre. Muitos artistas têm a oportunidade de se formarem no Centro de Artes e Comunicação, na Universidade Federal de Pernambuco, que oferta diversos cursos, dentre eles: música, artes cênicas e dança.

A cidade conta com vários teatros, como o famoso Teatro de Santa Isabel, monumento tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1949, que representa o primeiro e mais expressivo exemplar da arquitetura neoclássica em Pernambuco, sendo inaugurado em 1850. É um dos mais antigos teatros em funcionamento que já recebeu Dom Pedro II, Castro Alves, Tobias Barreto, Carlos Gomes, a bailarina russa Ana Pavllowa, Procópio Ferreira, dentre outros.

A referida cidade conta ainda com museus, alguns dos quais mostram a história dos primeiros povos que habitaram o solo recifense, como o Museu da Abolição, localizado no Bairro Madalena, muito próximo ao centro da cidade.

## Aspectos educacionais

A cidade conta com inúmeras escolas particulares, sendo uma parte tradicional e religiosa, como o Colégio Batista Americano, e também muitas escolas estaduais e municipais.

De uma forma bem mais acentuada que Petrolina, é uma das cidades mais prósperas do estado, a capital Recife oferta vários meios de acessibilidade ao ensino e o incentivo à escolaridade, levando em conta que oferta várias modalidades de ensino nos diferentes bairros, tendo inúmeras formas de incentivo à leitura e à aquisição de conhecimento enciclopédico. Possui dezenas de faculdades particulares com vários cursos superiores, institutos federais que oferecem cursos técnicos. Dessa maneira, pode-se dizer que a cidade Recife é opulenta na oferta educacional. Dentre os motivos para essa grande oferta, inclusive de cursos de língua estrangeira, está o fato de ser a capital do estado — enquanto nas cidades do interior, existem poucas escolas que ofertam, por exemplo, cursos particulares de língua estrangeira.

Em Recife, está o grande *campus* da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com suas dezenas de cursos de graduação e pós-graduação, formando profissionais nas mais diversas áreas. Na esfera pública e superior, tem ainda o *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que não fica muito distante da outra universidade federal.

Levando em conta que a capital possui uma população bem superior em relação às demais cidades tratadas no presente trabalho, optou-se por apresentar as informações abaixo, extraídas da página do IBGE ([202-]a):

**Tabela 29** – Aspectos educacionais de Recife

Taxa de Escolarização: 97,1% – 6 a 14 anos de idade [2010]	
DEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	5,2
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	4,8
Matrículas no ensino fundamental [2020]	180.700 matrículas
Matrículas no ensino médio [2020]	8.436 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2020]	741 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2020]	193 escolas

Fonte: Adaptada do IBGE ([202-]a).

As informações apresentadas são apenas para a rede pública. Seria inviável fazer um balanço das escolas particulares, levando em conta que há muitas que não são registradas no MEC, ou seja, funcionam de maneira informal. Levando em conta que a maioria da população brasileira frequenta a escola pública, ao tomar o número de habitantes pernambucanos, vê-se que o percentual de alunos matriculados no Ensino Médio é muito baixo, o que leva a considerar que há muitas pessoas com baixa escolaridade e espera-se que os alunos de escolas públicas e filhos de pessoas que frequentaram esse tipo de escola utilizem menos a variante de prestígio.

Sobre as escolas selecionadas para a pesquisa, apesar de a capital pernambucana ter muitas particulares, foram escolhidas aquelas mais próximas à UFPE, a saber: o Colégio e Curso Geração. Durante a coleta dos dados nesse Colégio, observou-se uma turma para cada ano escolar do Ensino Fundamental II e do Médio, ofertando vagas para os alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio nos horários da manhã e da tarde. Verificou-se também um relacionamento afetuoso entre corpo discente e docente. Os alunos são muito calorosos e receptivos com os visitantes, não aparentando nenhum sinal de antipatia.

A escola supramencionada foi bastante receptiva e apoiou bastante o trabalho da presente pesquisa, concedendo uma sala climatizada e silenciosa para a realização da coleta dos dados e grande acesso ao serviço da secretaria. Além disso, nenhum dos professores demonstrou indiferença ou falta de apoio ao trabalho. A maioria dos alunos entrevistados demonstrou grande satisfação pela escola e falam com entusiasmo sobre os eventos promovidos. De acordo com as fichas sociais analisadas, a maioria pertence a famílias que possuem uma boa condição socioeconômica.

Na escola estadual Senador Novaes Filho, localizada no bairro da Várzea, próxima à UFPE, são ofertadas vagas de matrículas tanto para o Ensino Fundamental II quanto para o Médio. O Ensino Fundamental II funciona durante o dia, e o Médio, durante o dia e à noite, em diferentes turmas. Sua infraestrutura é razoável, tem uma biblioteca inativa, apesar de existir o espaço e a organização dos livros. Seus alunos não demonstram interesse pelas aulas e, inicialmente, não demonstraram interesse em participar deste estudo. Somente após algumas conversas com o pesquisador e professores, decidiram participar.

Ainda sobre a escola tratada no parágrafo acima, observou-se que existe muita distorção idade/série, inclusive o público entrevistado é constituído por jovens e adultos; alguns estudavam durante o dia, e outros, durante a noite — estes, já tendo uma profissão formal. Trata-se de uma escola localizada em bairro afastado do centro da cidade. A partir das fichas sociais, verifica-se que seus alunos têm uma boa situação socioeconômica.

Na Escola Municipal Rodolfo Aureliano, que está localizada no mesmo bairro da escola estadual, a climatização das salas de aula não é boa e, apesar de ser um grande prédio, as salas de aula não dispõem de bom espaço. Essa escola participa de muitos projetos lançados pela prefeitura e recebe muitos prêmios, sua biblioteca é ativa e possui um bom acervo. Os alunos matriculados são do Ensino Fundamental II, as aulas eram ministradas pela manhã e pela tarde; à noite, funcionam turmas de Educação de Jovens e Adultos. Além disso, esses alunos são bem envolvidos com as atividades propostas pela escola e pertencem a uma classe socioeconômica baixa.

#### Perfil socioeconômico atual da cidade

De acordo com o Censo 2010 do IBGE, a cidade conta com 1.536.934 habitantes, ou seja, a maior população do estado, conseqüentemente, movimenta uma forte economia e são diversas as formas de renda adquiridas pelo município, não tendo uma principal, como ocorre nas cidades do interior, a exemplo de Belo Jardim, que é conhecida pela produção e pela venda de Baterias Moura, e Petrolina, que se destaca nacionalmente com produção e exportação de vinho.

Dentre as redes de supermercado presentes na cidade, está a *Walmart*. Possui centenas de restaurantes para os mais variados gostos e, conforme já mencionado, sua gastronomia abrange todas as regiões do país. Na área médica, possui centros que são verdadeiras referências no atendimento de urgências, tais como: o PROCAPE, especialista em urgências cardíacas, atendendo pacientes não apenas de Pernambuco, mas também de outros estados.

Possui uma vasta gama de religiões, sendo predominante a cristã, nas esferas: católica e protestante. Apresenta bairros periféricos, favelas e bairros de uma classe mais rica, como é o caso da Jaqueira. Tem *shoppings* e cinemas, que são formas de lazer muito frequentadas por recifenses e turistas.

Dentre seus pontos turísticos, estão, por exemplo, o Marco Zero, o Centro Cultural Judaico, a Oficina *Brennand*, além das praias que ficam na região metropolitana.

Apesar de toda a movimentação econômica que existe na capital, seus imponentes prédios, suas várias formas de comércio, observa-se um cenário mesclado, com um centro urbano altamente movimentado, por exemplo, por veículos coletivos, por carros particulares de luxo e por grande contingente de pedintes e de flanelinhas. Quem se locomover nos transportes públicos de Recife, inevitavelmente, será abordado por artistas de rua que pedem contribuição, mendigos e vendedores ambulantes.

No bairro da Várzea, também chamado de Cidade Universitária, muitos donos de imóveis investem em pensionatos que recebem estudantes jovens das mais diferentes nacionalidades, regiões brasileiras ou cidades do interior do estado que vêm estudar no *campus* UFPE, o que o torna um bairro tipicamente estudantil.

#### 4.3.1.1.4 Mesorregião da Mata Pernambucana

De acordo com Bezerra *et al.* (2015), a zona da mata corresponde a 8,6% do território do estado, com 43 municípios e tem uma população que corresponde a 14,8% da população do estado. Trata-se de uma Mesorregião próxima da metropolitana, conforme é possível observar na figura a seguir:

**Figura 4** – Mapa da Mesorregião da Zona da Mata



Fonte: CONDEPE/IBGE (1996 *apud* ANDRADE, M., 2003, p. 17).

Essa Mesorregião destaca-se pelo aspecto histórico relacionado ao cultivo da cana-de-açúcar, haja vista que cidades como Carpina, Nazaré de Mata e Tracunhaém surgiram em meio aos grandes engenhos e usinas da cana-de-açúcar, sendo alguns desses engenhos preservados e abertos à visitação turística. O maracatu rural tem grande destaque em Nazaré da Mata e a cidade de Lagoa do Carro abriga o Museu da cachaça.

Escolheu-se, para a coleta de dados nessa Mesorregião, a cidade de Carpina, que, conforme o portal do IBGE, o último censo (2010) apresenta 74.858 habitantes, um número

próximo ao de Belo Jardim, o que leva a dizer que há um bom número de habitantes. Conforme Andrade, M. (2003), a Mesorregião da Zona da Mata de Pernambuco apresenta o seguinte quadro limítrofe: ao norte, Paraíba; ao sul, Alagoas; ao leste, oceano Atlântico e Mesorregião Metropolitana de Recife e, ao Oeste, Mesorregião do Agreste e Paraíba.

Para esta pesquisa, selecionou-se a cidade de Carpina por tratar-se de uma cidade da Zona da Mata que oferece uma boa oferta de escolas e instituições de curso superior, além de possuir uma boa movimentação socioeconômica com o comércio, oportunizando a análise de um fenômeno variável correlacionando aspectos linguísticos e sociais.

## Cultura

A cidade promove os seguintes eventos: Festa de Reis, Carnaval, São José (padroeiro da cidade), São João, Emancipação Política do Município, Circuito Pernambucano de Vaquejada, Exposição de Animais, Agosto Para Todos, Feira de Artesanato de Carpina, Cavalgada Ecológica, Encontros da Terceira Idade, *shows* e festas natalinas.

**Figura 5** – Festa de São José de Carpina



Fonte: Assessoria Comunicação ISNEB (2017).

Carpina é chamada Terra do Mamulengo, em razão dos mamulengueiros famosos, como o Mestre Solon, que criou 120 bonecos, talhados em Mulungu para as suas 25 histórias. Também há produção de artesanato e cordel. Possui um bom número de poetas e escritores, dentre os quais, podem ser mencionados: Flávio Ricardo Chaves Gomes, Manoel de Luna Filho, Maria de Jesus Costas, Leonilton Carneiro, Claudemir José Vieira Gomes e Isac Barbosa.

## Aspectos educacionais

Carpina possui tanto estabelecimentos públicos de ensino quanto particulares para a Educação Básica; quanto ao Ensino Superior, possui algumas faculdades privadas, das quais uma parte funciona na forma semipresencial.

Acerca das escolas selecionadas, houve um bom acolhimento pela gestão do Colégio Juntos (escola particular), porém, devido ao fato de ser uma escola com apenas uma turma para cada ano do Ensino Fundamental II e Médio, funcionando com turmas regulares no horário da manhã e tendo aulas extras no horário da tarde, conseguir a participação de voluntários foi uma tarefa um pouco difícil. Apesar dessa dificuldade inicial, foram selecionados 12 estudantes de cada turma. Trata-se de uma escola laica, tendo as salas de aula um bom espaço e uma boa climatização, embora não haja uma biblioteca. Até onde se tenha observado por meio das fichas sociais, esses estudantes estão inseridos em uma classe social mais prestigiada na cidade.

A outra escola selecionada, a Pio X, é da rede municipal, tem biblioteca com um bom acervo, mas as salas de aula não possuem boa climatização, o que pode dificultar um pouco a aprendizagem dos alunos. Essa escola matricula alunos apenas para o Ensino Fundamental II, funcionando nos horários da manhã e da tarde e localiza-se em um bairro de baixa renda.

Por sua vez, a Escola de Referência em Ensino Médio João Cavalcanti Petribú está situada nas proximidades do centro da cidade, pertence à rede estadual de ensino, só contempla o Ensino Médio, funciona pela manhã e pela tarde, possui espaço e infraestrutura razoável para acomodação dos alunos e, apesar de possuir biblioteca, não se vê um funcionamento ativo para empréstimo de livros aos alunos. Há ainda uma grande disparidade na relação idade/série de seus discentes, pois há alunos maiores de idade, acima dos 18 anos, cursando o 3º ano do Ensino Médio.

## Perfil socioeconômico atual da cidade

Carpina possui empresas como Alpargatas, Dupé, Doces Praieira, Lajes Bom Jesus, dentre outras. Seu comércio é próprio de uma cidade de pequeno porte, ofertando a venda de diferentes produtos.

Também realiza a agricultura, a pecuária e as pequenas feiras; apresenta um número considerável de pousadas. No aspecto religioso, observa-se que também existe a presença de diferentes religiões, predominando o catolicismo com suas festas religiosas promovidas na cidade.



Ademais, a Mesorregião em destaque tem uma área de 24.387, 80 km<sup>2</sup> ou 24,7% do território de Pernambuco. Suas microrregiões são: Vale do Ipanema, Vale de Ipojuca, Alto do Capibaribe, Garanhuns e Brejo do estado. Seus principais centros urbanos são: Caruaru, Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Bonito, Lajedo, Bom Conselho, Garanhuns, Gravatá, Bezerros, Limoeiro, Pesqueira e Santa Cruz do Capibaribe.

Vale referir ainda que o Agreste é rico na produção industrial e na venda de diferentes produtos, tais como: jeans, sulanca e baterias de carro. A cidade de Caruaru, por exemplo, é referência em comércio, principalmente, na venda de sulanca; tem várias escolas, tanto da rede pública quanto da rede particular. Escolheu-se a cidade de Belo Jardim por ser onde reside o pesquisador, o qual conhece o sistema de ensino da Educação Básica na referida cidade, tratando-se de uma cidade com uma boa oferta de ensino e de condições socioeconômicas pelas indústrias que nela estão presentes.

Vale referir que a cidade de Belo Jardim, com uma média de 75.000 habitantes, já foi selecionada em uma pesquisa pioneira sobre o fenômeno linguístico variável da CN de número que culminou na dissertação de Silva (2017). Para este trabalho investigativo, foram utilizados os mesmos *corpora* de fala e escrita constituídos pelo pesquisador que, na época, residia na cidade (com exceção do 6º ano, cujos *corpora* foram ampliados nesta tese por razões a serem enunciadas mais adiante).

## Cultura

Há uma forte relação da cultura local com a religiosidade católica, apesar de haver outras religiões na cidade, como protestantismo, kardecismo, islamismo, dentre outras. Os principais festejos da cidade estão relacionados a santos católicos, tais como: a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, em 08 de dezembro, e a festa de São Sebastião, em 20 de janeiro.

Além da religião, existe a influência da música, sendo conhecida como “Terra dos Músicos”, possuindo escolas filarmônicas que fazem parte da história da cidade: São Sebastião, que foi fundada em 20 de janeiro de 1887, e a Sociedade de Cultura Musical, fundada em 08 de fevereiro de 1935.

No mês de julho, realiza-se uma tradicional festa denominada “Redenção” ou “Festa das Marocas”, que começou a acontecer em 1970, sendo em 2009 considerada patrimônio material e imaterial do estado de Pernambuco pela Lei nº 13.842. Outras festividades também são realizadas, como Belo Jardim Motofest, Jardim Cultural etc.

**Figura 7** – Entrada da cidade de Belo Jardim



Fonte: Prefeitura de Belo Jardim (2017).

O artesanato também marca a cultura da cidade, principalmente, aqueles que são produzidos com a coleta seletiva de lixo da instituição Tareco e Mariola, por meio da qual são reaproveitados materiais, transformando-os em artesanatos para a sua venda.

#### Aspectos educacionais

Semelhante às demais cidades inseridas na pesquisa, na cidade de Belo Jardim existem diversas escolas de Educação Básica, tanto da rede pública quanto da rede particular, embora sejam poucas escolas particulares que tenham o Ensino Médio. No que diz respeito à organização dos segmentos de ensino na rede pública, possui o Ensino Fundamental sob a responsabilidade da rede municipal, enquanto o Ensino Médio fica a cargo da rede estadual, embora seja possível encontrar algumas poucas escolas estaduais com o 9º ano do Ensino Fundamental, cuja tendência é de serem extintas, tornando-se inviável a coleta de dados em uma dessas raras turmas de 9º ano na rede estadual.

Vale referir ainda que a cidade possui muitos sítios, tais como Bananeiras, Campo Novo, Rodrigues, dentre outros, e os alunos da zona rural dispõem de transporte oferecido pela prefeitura para cursarem, na zona urbana, anos escolares mais altos, como Fundamental II e Médio, levando em conta que normalmente na zona rural funciona apenas o Fundamental I.

No que diz respeito à educação superior, há uma boa oferta de cursos tanto na rede pública quanto na privada, em forma presencial ou à distância (neste último caso, nas

instituições particulares). No Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) — *Campus* Belo Jardim, há diferentes cursos técnicos e também a graduação em Música, além de outros cursos superiores, implantados recentemente pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, cujo funcionamento ocorre no prédio do IFPE. Na Faculdade de Belo Jardim, dirigida pela Autarquia Educacional do Belo Jardim, existem cursos de bacharelado e licenciatura, além de cursos de especialização relacionados aos de graduação.

Sobre as escolas selecionadas, manteve-se o parâmetro anteriormente comentado para as séries de cada rede de ensino e, conforme já informado, os *corpora* de fala e de escrita foram aproveitados da pesquisa de mestrado de Silva (2017), exceto uma turma de 6º ano da escola particular, cuja coleta foi refeita para obter-se uma igual quantidade de informantes de ambos os sexos na referida turma.

Representando a escola particular, tem-se o Colégio Diocesano Monsenhor Francisco de Assis Neves, localizado no centro da cidade e frequentado por um público com boa renda financeira. Conforme observado nas fichas sociais: o corpo discente é composto por filhos de pessoas da média ou alta sociedade belojardinense. Trata-se de uma escola tradicionalmente religiosa, que tem uma boa infraestrutura, inclusive com salas climatizadas, com bom espaço, tanto para lazer quanto para aprendizagem. Não é comum encontrar disparidade entre idade/série, sendo ofertadas matrículas para todo o Ensino Fundamental e Médio, cujo funcionamento só ocorre no horário da manhã.

A Escola de Referência em Ensino Médio João Monteiro de Melo, uma das mais antigas escolas da cidade, está localizada em um bairro periférico, cujos alunos são moradores de localidades com baixa renda.

É possível encontrar muita disparidade entre a idade/série dos discentes. Além disso, são ofertadas condições razoáveis de infraestrutura, e abre-se matrícula apenas para o Ensino Médio regular (manhã e tarde) e para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) (à noite). Ao analisar as fichas sociais, vê-se que os responsáveis legais por esses informantes são pessoas que exercem profissões com salários que não são altos, ou seja, que não têm uma boa condição socioeconômica.

Na representação da escola municipal, está a escola Professor Antenor Vieira de Mello, localizada no mesmo bairro da escola estadual selecionada, sendo a distância de poucos passos de uma para a outra, cujos alunos residem nas mesmas localidades que os da escola estadual e possuem o mesmo perfil socioeconômico. O único diferencial entre os alunos da escola municipal para a estadual constitui as atividades formais exercidas pelos alunos do 3º ano Médio da escola estadual. A referida escola municipal tem menos de vinte anos de fundação e

oferta do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental durante o dia e à noite. O seu espaço predial passa por constantes reformas.

#### Perfil socioeconômico atual da cidade

Em Belo Jardim, encontram-se algumas fábricas, das quais podem ser mencionadas: Natto, Cremosinho, Palmeiron e Baterias Moura, sendo esta última uma empresa multinacional, que é uma das bases econômicas da cidade por gerar centenas de empregos. Também há prática de agricultura de diversos produtos, embora não seja tão expressiva quanto a de Petrolina, havendo ainda a economia movida pela criação de animais.

Há um comércio propício para uma cidade de pequeno porte, tendo pequenos estabelecimentos das redes de supermercados, como o Bonanza e Todo Dia, e também lojas como as Lojas Americanas; ademais, recentemente, no ano de 2022, uma unidade do Novo Atacarejo e uma do Atacadão chegaram à cidade, o que fortaleceu mais ainda a economia da cidade.

No que se refere à constituição dos bairros, existem três bairros de baixa renda e aqueles onde residem pessoas com alto poder aquisitivo da sociedade belojardinense. É comum os alunos da escola particular que moram em bairros de classe média alta afirmarem, nas fichas sociais, que não possuem amigos em sua rua, em decorrência do isolamento em que vive a vizinhança, ao contrário dos alunos da escola pública, que possuem baixo poder aquisitivo, cuja vizinhança apresenta uma intensa movimentação de veículos e de pessoas que interagem.

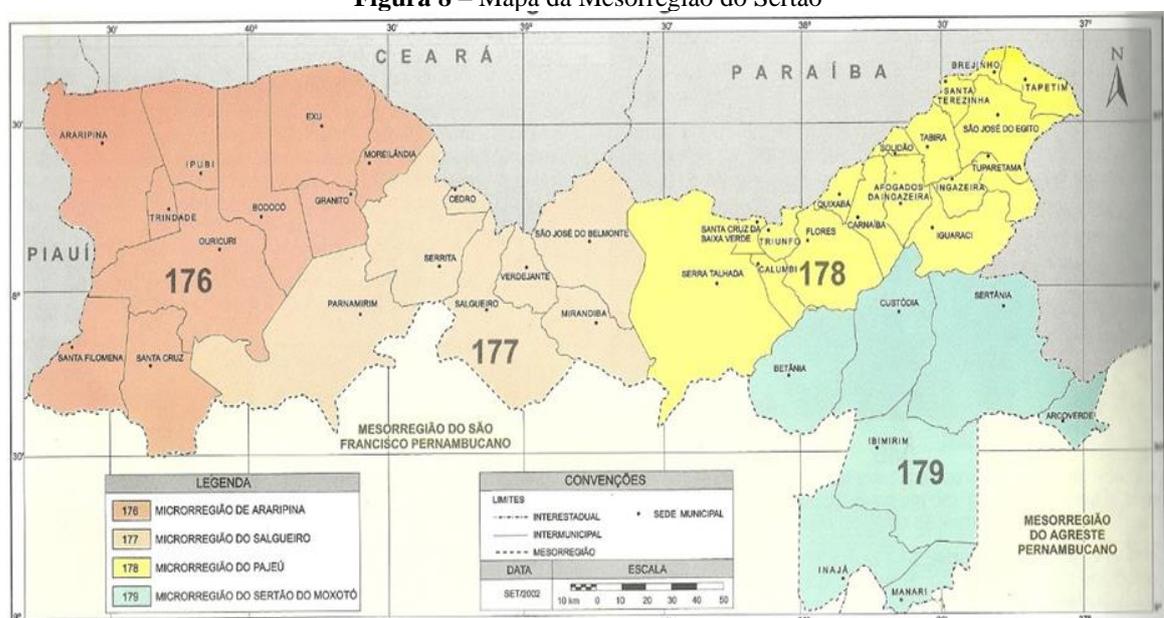
Em linhas gerais, os habitantes de Belo Jardim têm uma grande interação com os de cidades circunvizinhas, inclusive com a capital, levando em conta que existe uma boa oferta de transportes, inclusive, com empresas de lotação para Recife. Pelo fato de Caruaru ser uma cidade de médio porte e por ter uma distância média de apenas 54 km, existe um deslocamento muito intenso de belojardinenses que vão em busca, por exemplo, de produtos e especialidades médicas não encontradas em Belo Jardim.

#### **4.3.1.1.6      *Mesorregião do Sertão: cidade de Serra Talhada***

Conhecida por seu clima quente, a Mesorregião do Sertão é constantemente confundida com a Mesorregião do São Francisco, pela proximidade, pelo clima, pela vegetação e também por muitas características históricas e culturais comuns, como o cangaço, que é apresentado em seus museus.

De acordo com Andrade, M. (2003), a Mesorregião em destaque tem, em seus limites: ao norte, o estado do Piauí, do Ceará e da Paraíba; ao sul, a Mesorregião do São Francisco Pernambucano e a Mesorregião do Agreste Pernambucano; ao leste, a Paraíba e a Mesorregião do Agreste Pernambucano, e ao oeste, o estado do Piauí. Seus principais centros urbanos são: Araripina, Serra Talhada, Salgueiro, Arcoverde, Afogados da Ingazeira, São José do Egito, Tabira e Triunfo. Ela se divide em microrregiões geográficas, a saber: Araripina, Salgueiro, Pajeú e Sertão do Moxotó, e possui uma área de 38.413,90 km<sup>2</sup>, que equivale a 39% do território pernambucano.

**Figura 8** – Mapa da Mesorregião do Sertão



Fonte: Andrade, M. (2003, p. 14).

Das cidades que compõem essa Mesorregião, selecionou-se a cidade de Serra Talhada, levando em consideração que não é apenas um dos principais municípios, mas também pela sua ampla oferta educacional em ambas as redes de ensino, além de sua desenvoltura socioeconômica e por constituir uma das cidades referenciais em cultura sertaneja, o que concede um destaque à análise de um fenômeno variável da Mesorregião sertaneja. Além disso, por acolher alunos de outras cidades próximas que estudam em suas faculdades, o que motiva o surgimento de variações linguísticas na cidade, haja vista que pessoas de diferentes localidades interagem em aspectos linguísticos na comunidade de fala de Serra Talhada.

A cidade de Serra Talhada fica a uma distância média de 415 km da capital do estado. Conforme é visto no mapa acima, faz limites com a microrregião do Sertão do Moxotó e com a microrregião de Salgueiro.

## Cultura

Serra Talhada é conhecida como capital do xaxado, além de possuir outras danças típicas. Tem sua história registrada por meio do Museu do Cangaço e pela Casa da Cultura, onde não só é apresentado o aspecto sociocultural do cangaço, mas também são expostos diversos objetos e fotos da história da cidade.

De acordo com Pereira (2017), a cidade realiza o Encontro Nordestino de Xaxado, que recebe dançarinos desse estilo vindos de todas as regiões do país. Também ocorre um grande espetáculo a céu aberto, denominado O Massacre de Angico — A Morte de Lampião, em homenagem à memória de Lampião. A cidade também produz artesanatos típicos do Sertão.

Além do artesanato, caracteriza-se, enquanto atividade artística da cidade, o xaxado, uma tradição que permanece viva na cidade no decorrer dos anos.

**Figura 9** – Xaxado



Fonte: Cangaceira ([20--]).

## Aspectos educacionais

A cidade possui algumas escolas particulares com toda a Educação Básica, várias escolas públicas para o Ensino Fundamental e também para o Médio, cuja organização de segmentos não ocorre da mesma maneira que em Belo Jardim, levando em conta que existem escolas estaduais com Ensino Fundamental II. Ademais, conta com o *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco, algumas faculdades particulares e cursos preparatórios

presenciais para vestibular e concursos. Sobre a situação de escolaridade da cidade, o portal do IBGE mostra, por meio do último censo (2010), as seguintes informações:

**Tabela 30** – Aspectos educacionais de Serra Talhada

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	96,7%
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	5,7%
Matrículas no ensino fundamental [2020]	13.043 matrículas
Matrículas no ensino médio [2020]	3.180 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2020]	542 docentes
Docentes no ensino médio [2020]	234 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2020]	72 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2020]	15 escolas

Fonte: Adaptada do IBGE ([202-]b).

Considera-se o número baixo de alunos matriculados na Educação Básica, levando em consideração que, para o mesmo censo supramencionado, a cidade conta com uma população de 79.232 habitantes; sendo assim, espera-se que também para essa cidade os alunos da escola pública realizem menos marcações de pluralidade que os alunos da escola particular.

Sobre as escolas serratalhadenses selecionadas, escolheu-se como escola particular o Colégio Aplicação, que possui amplo espaço, tendo uma sala de apoio didático, sendo um excelente lugar para a realização das entrevistas com gravação de áudio. Segundo o que foi observado, a escola possui todas as acomodações necessárias para a realização de um bom trabalho didático, de momentos de lazer e de apresentações culturais para os alunos que estão matriculados em diferentes turmas para cada ano.

No referido colégio, durante a noite, funciona uma faculdade privada e, durante o dia, atende a turmas de Ensino Fundamental II e Médio. Seu corpo discente, conforme consta nas fichas sociais preenchidas, pertence às famílias de classe média baixa ou alta, valendo referir que não houve nenhuma dificuldade inicial para a coleta dos dados.

Como representativo da escola municipal, escolheu-se a escola municipal integral Cônego Torres, que contempla turmas do Fundamental II durante o dia; durante a noite, funciona uma faculdade privada. A escola tem ampla infraestrutura, mas não uma boa climatização das salas. Além disso, houve dificuldade para encontrar um espaço apropriado para realizar a gravação das entrevistas, o que culminou em gravações em diferentes espaços

como a biblioteca, o pátio ou o auditório. Apesar dessas dificuldades estruturais, a escola possui projetos interessantes sobre o povo indígena e afro-brasileiro e também promove aulas de música.

Sobre a escola estadual, selecionou-se a escola Irmã Elizabeth, que possui uma infraestrutura razoável, não sendo observado, contudo, um uso ativo de sua biblioteca. Na época da coleta de dados, atendia, durante o dia, turmas do Ensino Fundamental II e, à noite, turmas do Ensino Médio. As turmas da noite possuíam muitos alunos adultos que participaram das entrevistas, não havendo nenhum adolescente entrevistado na turma de 3º ano do Médio.

Não foi possível observar muitos detalhes sobre o funcionamento da referida escola durante o dia, uma vez que as entrevistas foram realizadas durante a noite, em curto prazo. Os alunos entrevistados geralmente trabalham e são de uma condição socioeconômica mais baixa. Vale referir que, no ano que sucedeu a coleta de dados, a escola foi municipalizada.

#### Perfil socioeconômico atual da cidade

De acordo com Pereira (2017), Serra Talhada é a segunda cidade do Sertão mais desenvolvida economicamente; tornou-se foco de investimento das diversas áreas do comércio e organiza uma importante feira de negócios do interior do estado, a EXPOSERRA. Além disso, existe um número expressivo de hotéis, pousadas, restaurantes e lanchonetes prontos para receberem turistas.

Além do que já foi mencionado, no decorrer do tempo, houve a ampliação da oferta de cursos superiores, de maneira que se observam alunos que vêm de outras cidades para cursarem um curso superior.

#### **4.3.1.1.7      *Mesorregião do São Francisco: cidade de Petrolina***

De acordo com Andrade, M. (2003), essa Mesorregião tem uma área de 24.531,50 km<sup>2</sup>, que equivale a 24,9% do território pernambucano. É a Mesorregião com menos microrregiões, a saber: Petrolina e Itaparica. Seus principais centros urbanos são: Petrolina, Belém de São Francisco, Santa Maria da Boa Vista, Petrolândia, Floresta e Cabrobó. Em seus limites, tem, ao norte, a Mesorregião do Sertão de Pernambuco e o estado do Piauí; ao sul, os estados da Bahia e de Alagoas; ao leste, a Mesorregião do Sertão de Pernambuco e Alagoas, e ao oeste, os estados do Piauí e da Bahia.

**Figura 10 – Mapa da Mesorregião do São Francisco**



Fonte: Andrade, M. (2003, p. 15).

Observa-se que quase todos os municípios são de pequeno porte, apresentando pouco desenvolvimento, sendo Petrolina a única cidade que apresenta desenvolvimento notável. Devido a essa razão, escolheu-se essa cidade por haver uma maior oferta de escolas e modalidades de ensino, além de destacar-se não apenas em sua Mesorregião pelo aspecto econômico, mas também no estado. Trata-se também de uma cidade que recebe muitos turistas, os quais podem influenciar no fenômeno da variação da CN de número, sendo este mais um motivo para a escolha da referida cidade.

Petrolina fica a uma distância de 707 km da capital do estado. Devido a essa distância, existe um aeroporto para facilitar a locomoção dos habitantes.

## Cultura

A cidade tem uma rica cultura, apresentando variadas opções em atrações culturais. No artesanato, existe uma vasta produção e, dentre os estabelecimentos que produzem e vendem os artesanatos típicos, está a Oficina do Artesão. A principal figura produzida em artesanato é a carranca, que está relacionada a diversas superstições, lendas e mitos que envolvem o rio São Francisco.

Dentre os museus presentes na cidade, está o Museu do Sertão, que mostra não apenas objetos referidos à história da cidade, mas também fatos e personalidades pertencentes ao território petrolinense, abordando também aspectos da fauna e da flora local.

A cidade tem muitos artistas locais, especialmente, no âmbito musical e artesão. Dentre os nomes que se destacam no artesanato, está o de Ana das Carrancas, falecida em 2008, cujas imagens são feitas de barro, com traços humanos e olhos vazados que lembram seu marido, que era cego. Outros nomes também se destacam no artesanato, como Roque Santeiro, que é especializado em arte sacra.

Levando em conta que a cidade é próspera em seus diversos aspectos, também é no desenvolvimento de eventos, destacando-se:

1. Festival Vale Curtas (Cine Clube Raiz) — mostra nacional e competitiva de curta-metragem;
2. Festival Janeiro Tem Mais Artes (SESC) — ocorre em todos os meses de janeiro;
3. AnimeKai — encontro de animação japonesa em Petrolina/Juazeiro;
4. ERAS — encontro de RPG e ação social;
5. Festival Aldeia Vale Dançar (SESC) — ocorre em todos os meses de abril, em comemoração ao Dia Mundial da Dança;
6. Jecana — corrida de Jegue, abertura oficial do São João da cidade);
7. São João do Vale;
8. Moto Chico;
9. Carnaval Cultural Pernambucano;
10. Festival Aldeia de Velho Chico (SESC) — ocorre em todos os meses de agosto;
11. Festival Raiz & Remix — mistura tradição e contemporaneidade na música;
12. Festival da Primavera — acontece em setembro, no aniversário do município;
13. Petrolina *Fashion*;
14. Vaquejada de Petrolina — Parque Geraldo Estrela;
15. Dia da Padroeira de Petrolina: Nossa Senhora Rainha dos Anjos;
16. Congresso Literário Internacional do Sertão (CLISERTÃO) — promovido pela Universidade de Pernambuco (UPE);
17. Festival Internacional da Sanfona;
18. Cantata de Natal da Assembleia de Deus — ocorre em todo 4º sábado do mês de dezembro, na Concha Acústica;
19. Festa dos Colonos do Projeto Bebedouro — ocorre em todo último sábado do mês de julho.

A cidade possui ainda grupos de teatro, a saber:

1. Grupo Trup Errante — atuante desde 2006;

2. Cia Biruta de Teatro — com sede própria no bairro São Gonçalo;
3. Pé Nu Palco Grupo de Teatro;
4. Núcleo de Teatro do Sesc Petrolina;
5. Guterima — grupo mais antigo da cidade que realiza anualmente o espetáculo A Crucificação;
6. Teatro Popular de Arte (TPA).

#### Aspectos educacionais

A cidade de Petrolina possui muitas escolas particulares e públicas que possuem numerosas turmas em todos os segmentos de ensino da Educação Básica. Quanto ao curso superior, existem muitas faculdades particulares que ofertam os mais diferentes cursos, uma universidade estadual e a Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF), que está inserida na esfera federal e tem seus *campi* em outros municípios por onde perpassa o Vale do São Francisco. Ademais, possui o Instituto Federal do Sertão Pernambucano.

Acerca do desenvolvimento da escolaridade da população petrolinense, o portal do IBGE, por meio dos últimos levantamentos de informações sobre esse aspecto, apresenta as seguintes informações:

**Tabela 31** – Aspectos educacionais de Petrolina

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	97%
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2019] – 6,2%	6,2%
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	5%
Matrículas no ensino fundamental [2020]	59.993 matrículas
Matrículas no ensino médio [2020]	16.016 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2020]	2.246 docentes
Docentes no ensino médio [2020]	1.001 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2020]	179 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2020]	54 escolas

Fonte: Adaptada do IBGE ([202-]c).

O alto percentual de escolarização já é esperado apenas observando o potencial socioeconômico da cidade, além da opulenta estrutura física e pedagógica nas escolas particulares. Há muitos prédios de escolas públicas também na cidade, o que atesta que se trata de uma população com bom porte educacional, além de econômico, na cidade com maior número de habitantes (293.962), segundo o último censo (2010), ficando depois da capital, Recife.

Sobre as escolas selecionadas, escolheu-se o Colégio Dom Bosco, que possui várias turmas para cada ano; tem um prédio que funciona para o Ensino Fundamental e outro (extensão) que funciona para o Ensino Médio e apresenta todo o conforto necessário para acomodação dos alunos. Essa escola vincula-se à diocese local, mas respeita a diversidade religiosa em suas atividades cotidianas e comemorativas.

No colégio matriz, ocorre o funcionamento durante o dia, com turmas que vão da pré-escola até o Ensino Fundamental completo e, na extensão, funciona o Ensino Médio apenas no horário da manhã. Quase sempre, os alunos entrevistados mostraram-se pertencentes às famílias que têm uma condição social de prestígio, sendo possível encontrar também alunos de naturalidade estrangeira. Quase não existe disparidade entre idade/série dos seus discentes.

Na rede municipal, selecionou-se a escola Nossa Senhora Rainha dos Anjos, uma grande escola que atende a turmas distintas para os horários da manhã e tarde no Ensino Fundamental II, a uma turma de EJA no horário da tarde e as demais no horário da noite. Conta com ampla infraestrutura, e o público matriculado demonstra, por meio das fichas sociais, pertencer a uma camada socioeconômica mais pobre ou média baixa. Apesar de ter muitas salas, inclusive, laboratório de informática, laboratório de ciências, essa escola não apresenta boa ventilação nas salas de aula e, da mesma forma que a escola municipal de Serra Talhada, não tem um espaço reservado para realizar um trabalho extra com alunos além do auditório, o que dificultou a gravação das entrevistas.

No contexto estadual, selecionou-se a escola EREM Dom Malan, que tem uma infraestrutura razoável e sem ventilação adequada. Tem uma biblioteca que funciona ativamente. Seus discentes, conforme consta nas fichas sociais, pertencem à classe média baixa ou com menos recursos socioeconômicos, e quase todos os que foram selecionados para a pesquisa são maiores de idade. Essa escola só oferta vagas para o Ensino Médio, funcionando nos horários da manhã e da tarde para turmas regulares.

## Perfil socioeconômico atual da cidade

Petrolina é famosa por suas vinícolas, possuindo roteiros turísticos relacionados a águas e a vinhos, o que tem motivado, dentre outras ações, a economia do município. O comércio não apenas é movimentado por feiras, mas também por uma ampla oferta de supermercados e diversos produtos. A venda do artesanato também marca a cidade, além de ampla e diversificada gastronomia. Possui hotéis, pousadas e pensionatos para receber os turistas, além de estudantes que vêm cursar o ensino superior.

**Figura 11** – Produção de vinho no Vale do São Francisco



Fonte: Produção (2018).

No aspecto religioso, apesar de haver outras religiões, é contundente a influência católica na cidade, que está impregnada não apenas na história da cidade, mas em seus prédios, instituições e costumes.

Nessa cidade, existem os bairros de baixa renda, os medianos e os mais elitizados. Os alunos de bairros mais elitizados costumam estudar em escolas particulares do centro. Além disso, Petrolina conta com muitas opções de lazer para os moradores e também para os turistas, levando em conta que possui museus, *shopping*, cinema e festas que movimentam sua economia.

Por fim, é necessário informar que a coleta dos dados nas localidades pernambucanas foi realizada pelo próprio pesquisador do presente estudo.

#### *4.3.1.2 Breves incursões de aspectos gerais de Portugal*

Situado no sudoeste da Europa, Portugal possui sua zona continental na Península Ibérica, faz fronteira com a Espanha, que é o seu único país vizinho e também com o Oceano Atlântico. O território português não se constitui apenas de sua parte continental, mas também dos arquipélagos de Açores e da Madeira.

Portugal tem sua origem populacional por volta de 500 a.C. (DIAS, 2017). Os celtas, um povo oriundo da Europa Central se misturou com os iberos e, dessa fusão, nasceram os celtiberos, cuja tribo mais famosa foi a dos lusitanos e, por meio da guerra, obtiveram domínio da Estremadura espanhola até à costa atlântica e mesmo à região de Lisboa.

A tribo dos lusitanos ficou famosa por ter feito oposição à conquista romana durante o século II a.C., mas foi o domínio romano que legou ao povo português diferentes aspectos culturais, tais como o idioma e a religião cristã.

Sem dúvida, o período de domínio romano é um dos mais marcantes para os portugueses. Dias (2017) pontua que o domínio de Roma na Península Ibérica iniciou em 218 a.C., na época da Segunda Guerra Púnica, na qual os romanos disputavam com Cartago, cidade-estado, o controle do Mediterrâneo Ocidental. Em 206 a.C., Roma já controlava toda a costa do Mediterrâneo da Península Ibérica.

Com o domínio de Roma sobre a Península Ibérica, foram adotados os costumes, a cultura e as leis romanas. Foram construídas estradas, anfiteatros, aquedutos, pontes e diversas outras arquiteturas, das quais é possível, até os dias de hoje, ver o que restou dessas construções, tal como o templo romano em Évora. Nessa época, também foram criadas as primeiras dioceses. Pode-se dizer que o idioma foi o legado mais importante dos romanos para os portugueses, haja vista que o latim deu origem a outros idiomas, como o Português e o Castelhana.

O latim clássico era falado pela elite da sociedade, inclusive, as missas eram rezadas nessa variedade do idioma, ao passo que o “latim vulgar” era utilizado pelo povo. Mas não foram apenas os romanos que abriram caminho para que futuramente o idioma português se desenvolvesse.

Os árabes e berberes trouxeram a religião do Islão, concedendo também novas palavras, como algodão e algarismo. Também trouxeram a ciência e a medicina, destacando-se a farmacologia árabe. Posteriormente, o domínio islâmico (711 até 1492) foi retomado pelos cristãos.

Outro período marcante na história de Portugal foi o da Idade Média (séculos XII-XV), no qual a igreja conquistou povos que se constituiriam em reinos da nação portuguesa. Os

clérigos enquanto propagadores da fé cristã, em uma fase totalmente teocêntrica, eram os únicos que sabiam ler e escrever, dominando o latim clássico, a variante de prestígio na época, e eram úteis para os reis que precisavam governar reinos cada vez maiores e complexos. Reis como D. Afonso II (1211-1223) não teriam lançado as Inquirições Gerais se não tivessem clérigos para ler, escrever e conhecer a lei no Direito Romano.

Dentre as características que moldaram o estilo de vida europeia, estava a estratificação da sociedade, especificamente a portuguesa, em ordens, ou seja, havia uma pirâmide social, em cujo vértice estava o rei, com o maior prestígio de todos, mas cuja obrigação era garantir a defesa dos súditos e administrar a justiça; abaixo do rei, estavam os oradores, com a função de rezar em prol da proteção divina de todos; depois estavam os guerreiros, que eram nobres, com a missão de defender os clérigos e trabalhadores e, na base piramidal, estavam os trabalhadores, apelidados de povo, cujo trabalho rendia a alimentação e o sustento dos clérigos e dos nobres.

No período medieval, a capital do país era itinerante, ou seja, constituía-se no lugar onde o rei e a corte estivessem, cuja localidade oferecesse boas condições de sobrevivência, da qual o rei administraria o país. Dessa forma, a corte tinha uma vida nômade e a capital era móvel. Lisboa tornou-se a capital definitiva por estar junto ao Tejo.

Assim, havia uma praticidade em abastecimento por via marítima, e o comércio ajudou Lisboa a crescer, pois, nas ligações entre o Mediterrâneo e o Norte da Europa, havia um porto de escala obrigatório nessa cidade. Nesse período ainda se deu início ao uso da modalidade escrita do português, que levou séculos até se consolidar. O galaico-português foi a primeira forma dessa língua, com base latina, com origem no Noroeste da Península Ibérica, na região que abrange a Galiza e o Norte de Portugal, cujo primeiro documento não literário escrito foi o testamento de D. Afonso II (1214).

De acordo com Dias (2017), durante o reinado de D. Dinis (1279-1325), o português tornou-se a língua oficial dos documentos escritos e expedidos a partir da chancelaria régia, substituindo o latim.

O século XIV foi importante para a língua portuguesa também porque nessa fase foram produzidas novas formas de utilização desse idioma em livros, como o Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (livro que consiste num documento onde são registradas pequenas histórias sobre a origem e o desenvolvimento das famílias nobres do reino, com relatos verídicos ou lendas fictícias). A função do livro de linhagem era exaltar a nobreza para a constituição do reino, principalmente nos aspectos de guerra contra os mouros.

Outro gênero escrito desse período foi o das crônicas dos reis, que atribuía a eles um perfil heroico quase perfeito. Essas crônicas registravam os acontecimentos em determinado

período e geralmente tratavam do reinado de um rei específico e também tinham a função de educar e inspirar os jovens nobres para a lealdade mais forte ao rei, para que pudessem ir à guerra. Essa forma de crônica adquiriu maior prestígio no século seguinte, com a instituição do cronista-mor, um funcionário régio que tinha por exclusiva função escrever essas crônicas que se constituem em fontes para os historiadores descreverem os períodos régios.

Entre os séculos XIV e XV, também surgiram outros importantes gêneros, como os romances de cavalaria, o Livro de Montaria, composto por D. João I, e outros livros produzidos por reis sucessores. Pode-se dizer que a Idade Média foi um importante período para a formação da língua portuguesa e também para a produção dos gêneros escritos nesse idioma, embora se saiba que, nesse período, a alfabetização era privilégio restrito à elite portuguesa, e não ao povo.

Do século XIV ao XVI, os navegadores portugueses intensificaram suas descobertas e suas explorações de novas terras e povos, nos quais estavam o continente africano, o Oriente e a América do Sul, em destaque para as terras chamadas de Vera Cruz, que mais tarde vieram a chamar-se Brasil pelos próprios portugueses. Nessas conquistas, destacam-se: a) a descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498); a chegada de Pedro Álvares Cabral ao atual Brasil (1500); a chegada dos portugueses a Oman (1508), à Malásia (1511), ao Timor (1512), à China (1513) e ao Japão (1543).

Esse período de descobertas, conquistas e explorações deu a Portugal o prestígio de ser uma das maiores potências europeias devido ao seu grande império marítimo e colonial adquirido por meio dos grandes navegadores, como Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. Esse contexto de navegação e conquistas também oportunizou a propagação da cultura e língua portuguesa em países que até hoje a utilizam, como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Macau e o Brasil, cujo número de falantes é o maior dentre os países lusófonos.

Cumprir dizer que, no dia 5 de outubro de 1910, houve a queda da monarquia em Portugal, sendo proclamada a República Portuguesa ou República Parlamentar por José Relvas, que sofreu interferências de diferentes intervenções políticas, como o Estado Novo. No dia 24 de agosto de 1911, foi eleito o primeiro presidente português, Manuel de Arriaga, e, no mesmo ano, em 3 de setembro nomeia o primeiro governo constitucional. Em 1986, Portugal adere à União Europeia e, em 2002, adota o euro como moeda oficial portuguesa.

O período republicano trouxe importantes contribuições para a educação portuguesa, tais como: a) investimento no combate ao analfabetismo, com a abertura de mais escolas e a obrigatoriedade do ensino primário entre os 7 e 10 anos de idade, conseguindo reduzir o índice de analfabetismo em 10% em 16 anos; b) criação da Universidade de Lisboa e da Universidade

do Porto em 1911; c) a reforma do ensino técnico-profissional e d) criação do Ministério da Instrução Pública, em 1913.

Em 1996, foi fundada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), da qual fazem parte Angola, Brasil, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Timor-Leste e Portugal. Essa comunidade incentiva o uso da língua portuguesa na esfera internacional, no intuito de melhorar as relações econômicas, sociais, culturais e diplomáticas.

Acerca do nível de escolaridade, a página onde se encontram informações sobre aspectos socioeconômicos é a Base de Dados do Portugal Contemporâneo (PORDATA, [20--]), que apresenta os níveis de escolaridade da população, no ano de 2019, nas faixas etárias de 15 a 64 anos e 65+, levando em conta os seguintes parâmetros: a) sem escolaridade (15 a 64 anos: 559,8/65+: 108,2); b) 1º ciclo (15 a 64 anos: 709, 9/65+: 1.194,4); c) 2º ciclo (15 a 64 anos: 778,2/65+: 104,1); d) 3º ciclo (15 a 64 anos: 1.546, 2/65+: 224, 5); e) secundário e pós-secundário (15 a 64 anos: 1.892, 3/65+: 119, 4) e f) superior (15 a 64 anos: 1.568, 7/65+: 166, 1). Sobre os analfabetos, comparou-se o ano de 2001 com o de 2011, tendo em mente o sexo masculino e feminino: 2001 (feminino: 556.251/masculino: 281.889) e 2011 (feminino: 340.231/masculino: 159.705).

Nota-se que o número de indivíduos femininos analfabetos é bem maior que o masculino, o que pode revelar uma participação bem maior dos homens no mercado de trabalho e no meio escolar.

Nos aspectos culturais, pode-se dizer que Portugal tem uma cultura diversificada e muito densa, pois os vários castelos, palácios e museus existentes em todas as regiões retratam os séculos vivenciados por diferentes povos que deixaram legados aos portugueses. O fado é um estilo musical que referencia o povo português e, nesse estilo musical, Amália Mendes é um ícone. Dentre as festas mais conhecidas e tradicionais no país, estão: Viagem Medieval em Terra de Santa Maria de Feira (festa medieval), Festa de São João, Romaria de Nossa Senhora D'Agonia, Festa da Flor, Queima das Fitas, Festa de Santo Antônio, Festas Sanjoaninas, Feiras Novas (celebração a Nossa Senhora das Dores) e a Festa de Nossa Senhora dos Remédios.

A seguir, apresenta-se uma imagem da Queima das Fitas realizada em Coimbra a partir da qual estudantes universitários saem às ruas com trajes típicos e em carros alegóricos, comemorando a finalização do curso:

**Figura 12** – Queima das Fitas

Fonte: Eurodicas (2019).

De acordo com a Embaixada de Portugal no Brasil ([20--]), Portugal está entre as 50 maiores economias do mundo. Com a crise econômica causada pela pandemia, as atividades do comércio retomam gradativamente, impulsionadas pelo turismo, o qual constitui uma das principais fontes de renda do referido país.

Em linhas gerais, pode-se dizer que Portugal possui uma economia estável e acolhe imigrantes de várias partes do mundo, principalmente brasileiros que chegam em busca de uma melhor qualidade de vida. Vale salientar que apesar de importar e exportar produtos de ótima qualidade, como o vinho do Porto e o suco das laranjas algarvias, Portugal destaca-se pelo turismo, que é um dos pilares mais fortes da sua economia.

Pode-se dizer que a divisão de Portugal em distritos assemelha-se com a do Brasil na divisão em estados, embora existam outras subdivisões, como os concelhos. Também há a divisão do país em regiões. Os distritos de Braga e Porto, por exemplo, estão entre os que pertencem à região Norte; Leiria e Évora, à região do centro; e Faro, ao Algarve.

**Figura 13** – Mapa da divisão territorial de Portugal em distritos



Fonte: Ribeiro ([20--]).

Cumprir esclarecer alguns conceitos básicos para que haja uma melhor compreensão comparativa entre Brasil e Portugal. Em Portugal, a freguesia equivale a um conjunto de bairros no Brasil; o concelho, a uma cidade no Brasil, cuja câmara seria a prefeitura municipal; e distrito, por sua vez, é um conjunto de concelhos, podendo ser comparado ao estado.

Nas próximas subseções, serão abordadas as regiões portuguesas selecionadas para esta pesquisa. Vale referir que, diferentemente da coleta de dados realizada somente em escolas de diferentes mesorregiões pernambucanas, foi necessário recorrer, em terras portuguesas, também a grupos de escutas, que é o movimento de Escuteiros Católicos Portugueses, por dificuldade de conseguir escolas portuguesas disponíveis para realizar a pesquisa.

Esses grupos são constituídos de adolescentes que normalmente estão em período escolar semelhante aos alunos pernambucanos entrevistados. Sendo assim, a única escola onde a pesquisa foi realizada em Portugal foi o colégio Valsassina, cuja estratificação dos informantes foi perfeitamente igual à realizada em Pernambuco, o que não foi possível de realizar nos agrupamentos de escutas, pois, além de contar com duas localidades por região e mais uma com alguns escoteiros em Faro — pelo fato de não encontrar informantes suficientes

em cada agrupamento —, não foi possível fazer a estratificação por ano escolar, mas, por ciclo, conforme será visto mais adiante nas próximas subsecções.

Desse modo, a pesquisa foi realizada em Lisboa em um colégio (particular) e, em algumas localidades do Algarve (Albufeira, Faro e Portimão), em agrupamentos de escutas e em dois escoteiros em Faro, a fim de alcançar o número mais próximo possível dos que foram entrevistados em Lisboa — um total de 36 informantes.

#### 4.3.1.2.1 *Região de Lisboa*

Situada à margem direita do Rio Tejo, Lisboa ocupa o centro de Portugal, a 300 km do Algarve e a uma média de 400 km da Espanha, com 53 freguesias e uma população que, de acordo com a Base de dados de Portugal Contemporâneo (PORDATA, [20--]), conta com quase 550 mil habitantes, sendo a mais populosa do país. A Grande Lisboa é constituída pela cidade/concelho de Lisboa.



Fonte: Portugal de Norte a Sul ([20--]).

A cidade que constitui a capital portuguesa destaca-se em sua riqueza histórica e cultural, por exemplo, por seus vários museus, dentre os quais, situam-se: o Museu das Coches, que retrata a riqueza e o luxo da corte; o Museu da Música, que mostra os instrumentos musicais utilizados no decorrer dos séculos; o Museu da Comunicação, que retrata os diversos meios de comunicação e vida em sociedade. Ademais, destaca-se por sua intensa movimentação turística e grande imigração de pessoas de várias nacionalidades, o que lhe configura como uma cidade marcada pela diversidade étnica, cultural, religiosa, linguística, comercial, gastronômica etc.

Uma das festas mais conhecidas e ligadas à religiosidade do povo lisboeta mais tradicional é a de Santo Antônio, padroeiro da cidade, realizada na noite do dia 12 de junho. Essa festa é permeada de cores e canções populares e, no dia posterior a ela, é comum realizarem-se os casamentos das chamadas “noivas de Santo Antônio”.

**Figura 15** – Festa de Santo Antônio na cidade de Lisboa



Fonte: Luis ([20--]).

Além das festas tradicionais lisboetas, há outros atrativos musicais na cidade voltados, por exemplo, ao público jovem, tais como: o *Rock in Rio* — Lisboa, festival semelhante ao que ocorre no Brasil. Nesse sentido, Portugal mantém suas tradições vivas, mas simultaneamente oportuniza à população experienciar um pouco a cultura dos outros países.

O artesanato, por sua vez, adquire forma em consonância ao conselho no qual é produzido: em Cadaval, há produção de louça artística, trabalhos com nylon; em Alenquer, há produção de louças de barro, cantarias e mármore; em Torres Vedras, há produção de cerâmica;

em Mafra e Sintra, há produção de cerâmica e cestaria; em Cascais, são produzidos os bonecos regionais, peças em conchas e confecções feitas em pele.

Acerca de aspectos populacionais de Lisboa, observe-se a tabela a seguir:

**Tabela 32 – Aspectos populacionais do concelho de Lisboa**

NÚMEROS E PERCENTUAIS DA POPULAÇÃO EM CONCELHO DE LISBOA	
ITEM EM BALANÇO	NÚMERO OU PERCENTUAL
População residente	506.654
População de jovens com menos de 15 anos de idade	16,2%
População em idade ativa (15 a 64 anos de idade)	55,5%
População estrangeira	15,5%
Estabelecimentos educacionais de 2º ciclo da educação básica	86
Estabelecimentos educacionais de 3º ciclo da educação básica	100
Estabelecimentos educacionais de ensino secundário	72
Estabelecimentos educacionais de ensino superior	68
Alunos do ensino não superior	116.676
Alunos de ensino superior	18.930

Fonte: Adaptada de PORDATA ([20--]).

Pode-se dizer que o concelho de Lisboa é o centro educacional de todo o país em que predominam não só os estabelecimentos de ensino, mas também muitas oportunidades de trabalho para estrangeiros, por exemplo, no mercado informal, destacando-se o trabalho de entregador ou cuidador de idosos.

#### **4.3.1.2.2 Região do Algarve**

A região do Algarve está situada ao sul de Portugal. Enquanto os turistas e os imigrantes procuram Lisboa por causa do trabalho e do comércio, o Algarve é procurado não apenas pela

oportunidade de trabalho gerada pelo turismo e pela produção de alguns produtos, como a laranja, mas também pelas suas praias e pelos seus hotéis exuberantes, atrativos do verão algarvio.

Essa região faz limite ao norte com o Baixo Alentejo; ao leste, com a Espanha, por meio da fronteira no rio Guadiana e, ao sul e ao oeste, com o oceano Atlântico. Ao longo de todo o ano, a temperatura dessa região é a mais amena de todo país, o que contribui para a chegada dos turistas.

**Figura 16** – Mapa da Região do Algarve



Fonte: Visitando Portugal ([20--]).

No que diz respeito à cultura, o Algarve tanto possui atrativos naturais, com suas praias e atrações marítimas, quanto destaca-se por *shows* em discotecas, museus e diversas formas de exposição, a exemplo dos castelos que apresentam suas exposições permanentes e temporárias. Há feiras medievais, como a de Silves, e a forte presença religiosa na cultura evidenciada por celebrações dos santos católicos.

Para este estudo, selecionamos desta região dois concelhos, a saber: Albufeira e Portimão, sobre as quais haverá uma breve abordagem a seguir.

### Albufeira

Constitui-se em um dos concelhos, localizado no distrito de Faro, que mais se destaca pela movimentação turística às belas praias e cuja força econômica é a atividade pesqueira. Possui quatro freguesias: Albufeira e Olhos de Água, Ferreiras, Guia e Paderne. Dentre os seus patrimônios, estão: Bateria de Albufeira, Castelo de Albufeira, Castelo de Paderne, Torre de Medronheira, Convento de Nossa Senhora da Orada, Museu de Arqueologia de Albufeira, dentre outros.

Sobre os aspectos populacionais de Albufeira, veja-se a seguinte tabela:

**Tabela 33** – Aspectos populacionais do concelho de Albufeira

NÚMEROS E PERCENTUAIS DA POPULAÇÃO EM CONCELHO DE ALBUFEIRA	
ITEM EM BALANÇO	NÚMERO OU PERCENTUAL
População residente	40.974
População de jovens com menos de 15 anos de idade	13,8%
População em idade ativa (15 a 64 anos de idade)	64,6%
Estabelecimentos educacionais de 1º ciclo da educação básica	13
Estabelecimentos educacionais de 2º ciclo da educação básica	06
Estabelecimentos educacionais de 3º ciclo da educação Básica	08
Estabelecimentos educacionais de ensino Secundário	03
Estabelecimentos educacionais de ensino Superior	-
Alunos do ensino não superior	1.856
Alunos de ensino superior	-
Desempregados inscritos nos centros de emprego	2.920

Fonte: Adaptada de PORDATA ([20--]).

Vale referir que Albufeira não é um polo de universidades ou de instituições de ensino, girando sua atividade em torno do turismo. Há, inclusive, excursões que saem dessa localidade para outras na Espanha e na Grã-Bretanha em virtude de sua posição geográfica estratégica. É possível observar, na referida localidade, uma rica rede hoteleira que hospeda várias nacionalidades, as quais tanto movimentam as ruas durante o dia nas lindas praias e rico comércio quanto à noite, com *pubs*.

**Figura 17** – Praia da Oira em Albufeira



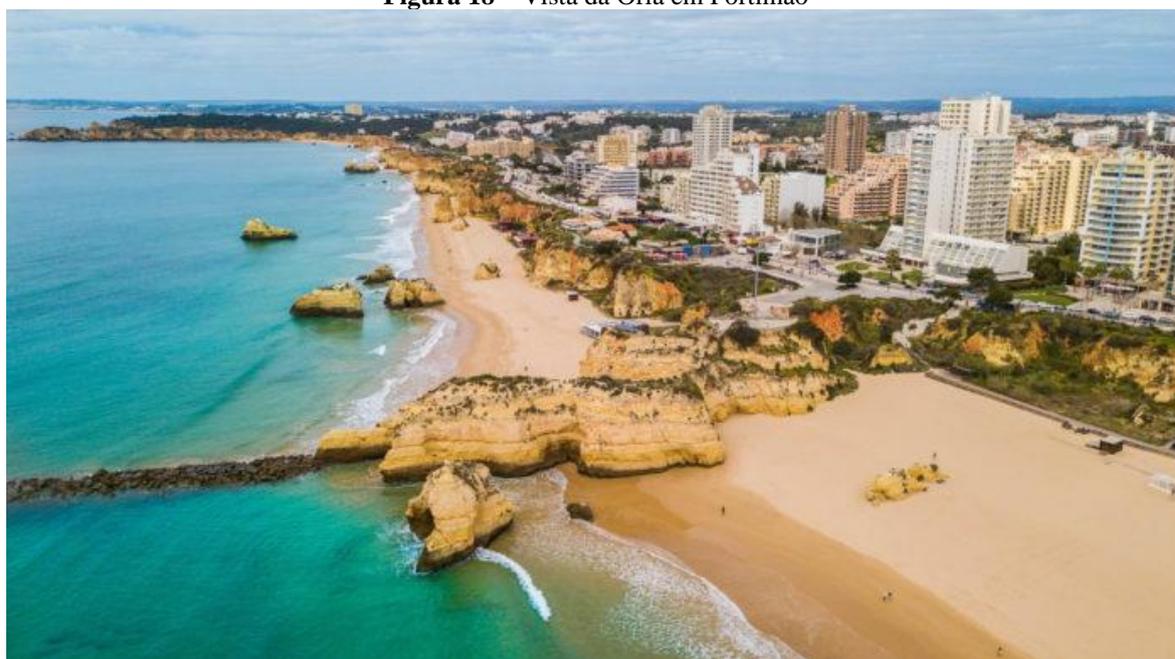
Fonte: Odisseias ([20--]).

A localização e o clima facilitam a intensa atividade turística marcada pela presença de brasileiros, europeus e outros turistas.

### Portimão

O conselho de Portimão também pertence ao distrito de Faro, é limitado a oeste pelo concelho de Lagos; a leste, por Lagoa; a norte, por Monchique; a nordeste, por Silves e, ao sul, pelo oceano Atlântico. Possui três freguesias: Portimão, Mexilhoeira Grande e Alvor.

**Figura 18** – Vista da Orla em Portimão



Fonte: Viagens e Caminhos ([20--]).

Na economia, em setor primário, a área agrícola ocupa mais de 50% do território, produzindo-se frutos secos, citrinos, prados temporários, culturas forrageiras, prados e pastagens permanentes. Também se destaca a cultura pecuária de aves, ovinos e suínos. No setor secundário, há a indústria conserveira (sardinha) e ainda a produção de sal. No setor terciário, está relacionado ao típico turismo do Algarve em decorrência de suas belas praias.

Sobre os aspectos populacionais, observe-se a seguinte tabela:

**Tabela 34** – Aspectos populacionais do concelho de Portimão

NÚMEROS E PERCENTUAIS DA POPULAÇÃO EM CONCELHO DE PORTIMÃO	
ITEM EM BALANÇO	NÚMERO OU PERCENTUAL
População residente	55.374
População de jovens com menos de 15 anos de idade	16,5%
População em idade ativa (15 a 64 anos de idade)	63, 7%
Estabelecimentos educacionais de 1º ciclo da educação básica	13
Estabelecimentos educacionais de 2º ciclo da educação Básica	07
Estabelecimentos educacionais de 3º ciclo da educação Básica	08
Estabelecimentos educacionais de ensino Secundário	05
Estabelecimentos educacionais de ensino Superior	11.008
Alunos do ensino não Superior	572
Alunos de ensino Superior	02
Desempregados inscritos nos centros de emprego	2.471

Fonte: Adaptada de PORDATA ([20--]).

A cultura em Portimão abrange festas e feiras, tais como: a Festa de Santa Catarina, a Final do Festival Nacional de Folclore, a festa da cidade em 11 de dezembro e a Feira de São Martinho em 11 de novembro. Também há várias formas de artesanato, destacando-se: a olaria, a cerâmica, os vitrais e o mármore.

## Faro

Considerada a capital do Algarve, Faro está localizada ao Sul de Portugal, a 280 km da capital portuguesa. Conta com diversos recursos marítimos e, dentre os seus principais pontos turísticos, está a Marina de Faro, onde ficam atracados diferentes tipos de embarcações. A cidade também conta com museus, monumentos históricos e ainda com um Centro Histórico. Também há uma universidade que é conhecida pelas ciências do mar, gestão turística e biotecnologia. A respeito dos aspectos populacionais em Faro, segue a próxima tabela:

**Tabela 35 – Aspectos populacionais em Faro em números ou percentuais**

NÚMEROS E PERCENTUAIS DA POPULAÇÃO EM CONCELHO DE PORTIMÃO	
ITEM EM BALANÇO	NÚMERO OU PERCENTUAL
População residente	61.117
População de jovens com menos de 15 anos de idade	15,2%
População em idade ativa (15 a 64 anos de idade)	64,5%
Estabelecimentos educacionais de 1º ciclo da educação básica	23
Estabelecimentos educacionais de 2º ciclo da educação Básica	8
Estabelecimentos educacionais de 3º ciclo da educação Básica	8
Estabelecimentos educacionais de ensino Secundário	6
Estabelecimentos educacionais de ensino Superior	8
Alunos do ensino não Superior	12.105
Alunos de ensino Superior	6.979
Desempregados inscritos nos centros de emprego	7,4%

Fonte: Adaptada de POR DATA ([20--]).

Vale ainda referir que a localidade é um polo comercial, onde pessoas residentes de outras regiões do país e também europeus de outras nacionalidades fazem as suas compras ou realizam viagens turísticas, visto ser reconhecida, conforme mencionado acima, como a capital do Algarve, um dos lugares paradisíacos para aproveitar as férias e o período do verão, por exemplo.

**Figura 19** – Marina de Faro



Fonte: Lima ([20--]).

Cumprir dizer que a referida localidade é dona também de noites bastante movimentadas em seus bares e *pubs* por jovens de diferentes nacionalidades e etnias. Dessa forma, pode-se observar que o concelho é um forte ponto de encontro e de comunicação das gerações mais jovens no Algarve, os quais utilizam o PE, inclusive os próprios jovens brasileiros que frequentam as programações noturnas.

Considerando que a presente pesquisa insere adolescentes e jovens em seus *corpora*, pode-se dizer que o Algarve seria propício a essa interação linguística entre os mais jovens, o que oportunizaria o florescimento de variações linguísticas, especialmente a que realiza apagamentos do -s na CN de número por constituir uma cidade bem menor que Lisboa e congregar de forma muito intensa o convívio entre brasileiros e portugueses.

#### *4.3.1.3 Instituições onde foi realizada a recolha dos dados*

A partir da próxima subseção, serão abordados aspectos descritivos concernentes à estrutura interna e a aspectos metodológicos das instituições onde foram realizadas as coletas dos dados em distintas regiões de Portugal.

#### 4.3.1.3.1 *Colégio Valsassina*

Situado em Lisboa, o Colégio Valsassina foi criado pelo casal de professores Suzana Duarte e Frederico César de Valsassina em 1898 quando havia apenas uma pequena escola primária na rua de Santa Marinha, na parte antiga da cidade de Lisboa. Trata-se de um imenso colégio com anexos e prédios, que valoriza, em excelência, as relações humanas entre alunos de diferentes nacionalidades. Além disso, a escola acolhe pesquisas científicas, auxiliando em tudo o que é possível para o desenvolvimento da ciência. Seus funcionários, sem exceção, foram muito gentis durante a recolha dos dados.

Há oferta de atividades extracurriculares aos alunos em diversas áreas, como: Arte, Música, Cultura, Esporte, Línguas. A escola define-se enquanto laica e de formação humanista, ofertando uma formação ao aluno que valoriza o respeito pela identidade individual e o reconhecimento de aceitação às diferenças.

Ao fazer um levantamento sobre as escolas particulares em Portugal, observa-se que elas quase sempre são bilíngues ou trilíngues e, com a referida escola, não é diferente. Por meio do projeto “A caminho de uma Escola Bilíngue”, visa-se conceder aos indivíduos uma formação em língua estrangeira a partir dos 3 anos de idade. Faz parte também do projeto da escola que os alunos frequentem aulas, seminários e partes de disciplinas totalmente lecionadas em língua inglesa. Para a realização desse trabalho, o colégio conta com a parceria do *British Council* e o Colégio Internacional de Vilamoura, aperfeiçoando o currículo de língua inglesa desde o Jardim de Infância (Infantário) até o Secundário.

O colégio realiza várias ações de incentivo à leitura, tais como a biblioteca do Jardim de Infância e do 1º ciclo. Não apenas há o incentivo para a leitura do acervo impresso, mas também o uso e o letramento de mídias digitais frente às diferentes formas de comunicação, em que o aluno é motivado a usar de forma sistemática o recurso à pesquisa de informação usando a internet. O colégio dispõe de dois laboratórios de informática: um para o 1º ciclo e outro para os ciclos superiores. No 2º ciclo, é ofertada uma disciplina de *Introdução às Novas Tecnologias*. Há também uma plataforma *online* que é utilizada tanto por educadores quanto por alunos.

É realizado também um trabalho sobre a formação do juízo moral dos alunos, estimulando o diálogo, o debate sem imposição sobre o ser exemplo e a promoção de escolhas com critério. O colégio também prioriza as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, proporcionando aulas de apoio/recuperação.

Em linhas gerais, o Colégio Valsassina é rico em recursos pedagógicos para os seus alunos, insere-se em um contexto de uma sociedade tradicional no que diz respeito à sua cultura,

e também possui um prestígio na comunidade lisboeta, a qual possui a fama de eficaz no ensino e na aprendizagem dos seus alunos, os quais aprendem não por uma metodologia repressora, mas por meio da motivação e relação humanista, abrindo seus horizontes para outras culturas.

#### 4.3.1.3.2 *Movimento dos escutas*

O movimento escoteiro surge oficialmente na Inglaterra em 1907 por meio de seu memorável general britânico Robert Baden-Powell, que levou 20 jovens no dia 1º de agosto do referido ano para realizar o 1º acampamento mundial na Ilha de Brownsea, no Canal da Mancha. Foi nesse acampamento que aplicou ensinamentos sobre a vida em equipe e ao ar livre, além de realizar atividades como: acampamentos, fogueiras, jogos, rastreamento, observação e dedução, técnicas de primeiros socorros, alimentações e boas ações.

Decorrente do sucesso desse acampamento, Baden-Powell lançou as seis edições do guia “Escotismo para Rapazes”, que se tornou o principal livro do movimento. O escotismo foi crescendo mundialmente de maneira que também foi criada a participação de meninas e, em 1920, com o fim da Primeira Guerra Mundial, que reuniu cerca de 8 mil jovens em Londres, foi realizado o primeiro Jamboree Mundial, o maior evento escoteiro até aquele momento.

O movimento escoteiro possui um grande acervo de códigos, muitos ensinamentos e formação em diversas especialidades, tais como: cozinheiro ou confeitoiro, socorrista, esportes específicos, dentre várias outras, motivando o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens nas áreas: a) espiritual: todo participante deve ter uma religião; b) física: são realizadas várias atividades para o desenvolvimento corporal; c) intelectual: incentivo à busca do conhecimento. Dentre a sua vasta e opulenta cultura, estão o aperto de mão feito com a mão esquerda, que representa a confiança interna da fraternidade, e a realização de, pelo menos, uma boa ação diária.

O livro *CNE, Portugal e Escutismo*, de Sousa, Theriaga e Inverno (2013), data o ano de 1923 como o surgimento oficial do Corpo Nacional de Escutas enquanto associação, fundada por membros da Igreja Católica, os quais se inspiraram no testemunho da ação dos escuteiros católicos da Itália. A partir daí, essa versão do escotismo expande-se pelo território português, cujos participantes são chamados de escuteiros, e não escoteiros. Conforme consta nesse livro, o Conselho Nacional dos Escutas:

[...] é membro da Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME, [www.Scout.Org](http://www.Scout.Org)) desde 1929.  
O CNE é uma instituição reconhecida de Utilidade Pública pelo Governo Português.

O CNE é um movimento da Igreja Católica e assume, com orgulho, a sua responsabilidade cristã na sociedade.

O CNE é também membro:

- da Federação Escutista de Portugal (FEP);
- da Comunidade do Escutismo Lusófono (CEL);
- da Conferência Internacional Católica do Escutismo (CICE);
- de vários organismos e instituições da Igreja, da sociedade e do mundo escutista.

Somos um movimento de educação não formal de jovens, sem fins lucrativos, não-político e não-governamental (SOUSA; THERIAGA; INVERNO, 2013, p. 17-19).

A metodologia educativa do escu(o)tismo trabalha apenas em grupo, embora cada integrante desempenhe funções específicas a depender da situação; os ensinamentos para a vida, para o campo e os conhecimentos enciclopédicos são passados na prática e não têm um ambiente físico único para transmiti-los, como é o caso da escola; os seus participantes aprendem fazendo; alguns comandos e a simbologia assemelham-se a uma parte da vida militar; estimula-se a produção criativa; o instrutor adulto é um irmão mais velho, mas não o centro do que é ordenado, como ocorre em relação ao professor em uma escola regular.

Pode-se dizer também que enquanto a escola foca em conteúdos programáticos de disciplinas como Português, História e demais, no movimento esco(u)teiro, essas disciplinas também são abordadas, mas de forma conjunta a vários outros conteúdos relacionados a diversas atividades realizadas e, principalmente, à formação moral. Sendo seus integrantes matriculados em escolas regulares, o movimento incentiva-os a terem bom desempenho para que futuramente tenham uma vida profissional bem sucedida.

Os participantes são organizados em ramos, que são um tipo de segmento organizado de acordo com a faixa etária: (i) os lobitos (6 a 10 anos); (ii) os exploradores/moços (10 a 14 anos); (iii) os pioneiros/marinheiros (14 a 18 anos) e (iv) os caminheiros/companheiros (18 a 22 anos). Busca-se estabelecer uma relação de igualdade entre o sexo feminino e masculino sempre que possível nas atividades a serem realizadas. Nesse contexto, meninos e meninas podem ser distribuídos por patrulhas mistas ou homogêneas. Esses aspectos mostram que, diferentemente da escola regular, os participantes do esco(u)tismo organiza seus participantes no mesmo segmento pela faixa etária e não pelo nível de escolaridade.

Vale referir que se escolheu o movimento dos escutas para a realização desta pesquisa pelo fato de grande parte das escolas procuradas alegar que não havia mais espaço para a recolha dos dados devido a todas as atividades escolares já estarem programadas para o período. Sendo grande o movimento dos escuteiros em Portugal e tendo seus integrantes idade e escolaridade equivalentes à daqueles que foram entrevistados em outras localidades desta pesquisa, foi realizada a coleta de dados com escuteiros portugueses e dois escoteiros em Faro.

A recolha dos dados foi muito bem acolhida tanto no Escritório Nacional em Lisboa quanto nos agrupamentos, porém não foi fácil de ser realizada pelo fato de os escuteiros reunirem-se apenas aos sábados em um período mínimo de duas horas, diferentemente do que ocorre em uma escola regular onde geralmente há aulas de segunda a sexta-feira em períodos, muitas vezes, integrais.

#### *4.3.1.4 Realização e instrumentos de recolha dos dados*

Para a realização da recolha dos dados nas cinco mesorregiões do estado de Pernambuco, iniciada em outubro de 2017 e finalizada em agosto de 2018, houve antes uma submissão e posterior aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (Nº do parecer: 2.584.761) (*cf.* Anexo C); para a recolha dos dados em Portugal, iniciada em outubro de 2019 e finalizada em março de 2020, também houve submissão do projeto ao Conselho de Ética da Universidade de Lisboa, tendo sua aprovação em setembro de 2019 (Nº 8\_CEI2019).

Vale referir que, em Portugal, não houve tempo suficiente entre os seis meses para recolher os dados, levando em conta o período de espera de resposta das escolas que, na maioria das vezes, recusaram por motivo já exposto. Dessa forma, o pesquisador só conseguiu coletar os dados do Colégio Valsassina, em Lisboa, e nos agrupamentos do Algarve.

Antes de voltar ao Brasil, o pesquisador procurou novamente o Escritório Nacional dos Escutas e pediu permissão para estender a pesquisa a outros dois distritos: Leiria, que fica na região Central, e no Baixo Alentejo, iniciando contatos com os responsáveis regionais, via *WhatsApp* e por e-mail. Em virtude de dificuldades advindas da pandemia de COVID-19 para realizar o trabalho de coleta em Braga, Leiria e no Baixo Alentejo, o que culminou no fechamento temporário dos agrupamentos de escutas em Portugal de março a agosto de 2020. Dessa forma, não foi possível concluir essa etapa do estudo.

Além disso, antes de participarem da pesquisa, informantes pernambucanos ou portugueses assinavam o termo de consentimento submetido e aprovado pelo CEP e também tinham a assinatura de seus responsáveis legais autorizando a participação na pesquisa, cujo documento informava sobre as disposições legais implicadas, bem como a gratuidade, não remuneração, não divulgação dos dados de identificação e outras questões inseridas na ética da pesquisa.

Os materiais (Apêndices A a J) elaborados para a recolha dos dados foram adaptados à realidade de cada variedade e nível escolar. Após a autorização de gestores escolares e

professores, emissão da carta de anuência de cada escola e aprovação do CEP da UFPE, foi realizada a pesquisa em cada escola brasileira e portuguesa.

Vale mencionar ainda que a Prefeitura do Recife e a Gerência Regional de Educação do Sertão do Médio São Francisco exigiram um *feedback* dos resultados, antes da publicação da presente tese. Após a entrega dos relatórios de resultados, as referidas instituições emitiram declarações do recebimento, conforme é visto nos anexos A e B.

Em Pernambuco era possível ao pesquisador fazer as perguntas das entrevistas gravadas em *smartphone* diretamente ao informante. Conforme mencionado, uma das dificuldades era quase sempre encontrar espaços onde houvesse silêncio, havendo uma pausa no momento do intervalo. É possível perceber barulho no ambiente em algumas entrevistas devido ao fato de algumas escolas, principalmente, públicas, não possuírem um espaço adequado para a realização da pesquisa, problema esse que não ocorreu no Colégio Valsassina, nem na maioria das escolares particulares pernambucanas.

Foram estabelecidos os seguintes critérios para a seleção das escolas no Brasil:

- (i) particular: que tivesse os segmentos de ensino do Fundamental II e Médio e estivesse localizada na zona urbana;
- (ii) estadual e municipal: na estadual deveria contemplar o Ensino Médio e na municipal, o Fundamental II, que fossem localizadas na zona urbana.

As entrevistas informais realizadas em ambos os países contam com um tempo de 15 a 20 minutos. São gravadas apenas em áudio, sem imagem e, para tanto, foram elaboradas perguntas sobre o cotidiano dos participantes (Apêndices C, D, H, I), a fim de que ficassem à vontade para expressar suas opiniões. No intuito de manter naturalidade e espontaneidade linguística, não foi possível ao pesquisador fazer as perguntas diretamente aos participantes portugueses, para que não houvesse uma adaptação da fala dos informantes portugueses à variedade brasileira falada pelo pesquisador. Por isso, as entrevistas eram feitas em duplas: cada integrante da dupla tinha seu momento de entrevistador e depois de entrevistado pelo seu par.

Em outros momentos, os adultos portugueses que eram voluntários reuniam-se em grupo com escutas jovens, fazendo uma entrevista de cada vez. Após a realização da entrevista, entrevistador e entrevistado assinavam uma declaração, constando o papel de cada um (entrevistador/entrevistado) (*cf.* Apêndice E). Para tanto, antes de serem iniciadas essas entrevistas, era necessário explicar em detalhes acerca dos procedimentos para sua realização,

valendo dizer que elas foram acompanhadas pelo pesquisador que, durante a sua estadia em Portugal, esteve presente e coordenando-as.

Para a recolha dos dados escritos, foi realizada uma proposta de continuidade para uma narrativa escrita já iniciada. Essa proposta de produção textual escrita foi elaborada com dois enredos, um para os brasileiros (*cf.* Apêndice J) e outro para os portugueses (*cf.* Apêndices A e B). A proposta dessa narrativa dá-se em decorrência de esse tipo textual permitir que o informante centralize a sua atenção na sequência dos fatos, características dos personagens, em vez de se automonitorar na produção escrita.

#### *4.3.1.5 Comunidade investigada*

A fim de obter um mapeamento sociolinguístico da população investigada, todos os informantes deveriam preencher uma ficha social que teve igual formato para todos os segmentos de ensino no PB (*cf.* Apêndice G) e outra ficha social com a linguagem do PE (*cf.* Apêndice F), porém, algumas expressões ou palavras tiveram que se adequar à variedade europeia do português. Essas fichas têm o propósito de coletar informações acerca da realidade socioeconômica em que o informante está inserido, o material cultural que costuma consumir, o tempo que pertence à cidade onde mora, dentre outros aspectos.

##### ***4.3.1.5.1 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa***

Para os informantes pernambucanos, conforme consta no projeto submetido ao CEP, constituíram-se critérios de inclusão:

- (i) que resida há, pelo menos, cinco anos ininterruptos na cidade onde a pesquisa estivesse sendo realizada;
- (ii) que esteja devidamente matriculado e frequente na escola onde a pesquisa foi realizada;
- (iii) que seja brasileiro(a) nato(a).

Para os informantes portugueses, foram estabelecidos praticamente os mesmos critérios:

- (i) que tenha cidadania no país onde está residindo;
- (ii) que resida na cidade selecionada há pelo menos 5 anos ininterruptos;

(iii) que esteja devidamente matriculado(a) e ativo(a) quanto à frequência escolar onde a pesquisa foi realizada.

Vale mencionar que durante a recolha de dados em Portugal, houve oportunidade de entrevistar filhos de estrangeiros já residentes em Portugal há um certo tempo, mas sempre se preferiu selecionar portugueses nascidos em solo português e com, pelo menos, um dos pais sendo português.

#### Perfil dos alunos brasileiros (pernambucanos)

Houve muitas semelhanças em relação ao perfil socioeconômico apresentados nas fichas sociais recolhidas, embora a pesquisa tenha ocorrido em cidades distantes e com perfil cultural e socioeconômico bem distintos.

O que se observa é que geralmente alunos de escolas particulares são filhos de pessoas que ocupam profissões consideradas de prestígio na sociedade e que também possuem um maior poder aquisitivo. Eles narravam experiências em lugares distantes, muitas vezes, em outras regiões e estados que visitaram e também diziam conhecer mais obras literárias.

Já os alunos de escolas públicas narravam experiências em suas redondezas ou em zonas rurais. Nas fichas sociais, seus pais apresentam baixa escolaridade e ocupam profissões consideradas de menor poder aquisitivo. O conhecimento enciclopédico ou cultural é adquirido por meio da *internet*, em *streamings*<sup>8</sup>. Quando ocorre de algum informante ser filho de um profissional de baixo poder aquisitivo, em muitos casos, um de seus pais é funcionário da escola particular.

A maioria dos informantes do 3º do Ensino Médio da escola pública possui acima de 17 anos e não será raro encontrar os que possuem acima de 20, pelo fato de haver muita distorção idade-série no ensino público, enquanto na escola particular são poucos que estão no 3º ano e possuem mais de 17 anos. Segue a tabela com a estratificação social dos informantes pernambucanos:

---

<sup>8</sup> Do inglês, significa 'transmissão'. Trata-se de uma transmissão de multimídias, que é feita em tempo real, de um servidor para um aparelho, como TV, computador ou *smartphone*.

**Tabela 36** – Estratificação social dos informantes pernambucanos por turma

<b>Localidades</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Sexo</b>	
Belo Jardim	Particular	6º ano do	10 a 12 anos	feminino	12
	Pública	Fundamental		masculino	12
Carpina Petrolina	Particular	9º ano do	13 a 15 anos	feminino	12
	Pública	Fundamental		masculino	12
Recife Serra Talhada	Particular	3º ano do Médio	16 anos em diante	feminino	12
	Pública			masculino	12
<b>Total de informantes por cidade</b>					<b>72</b>

Fonte: O autor (2022).

#### Perfil dos informantes portugueses

Em Lisboa, conforme observado nas fichas sociais, uma boa parte dos informantes da escola particular tem seus pais com formação de mestrado ou doutorado.

Em relação aos informantes do Algarve, conforme já mencionado, contou-se com a ajuda dos agrupamentos dos escuteiros; sendo assim, em alguns distritos, como foi o caso de Faro, contou-se com a ajuda de dois concelhos por distrito pelo fato de nem sempre o agrupamento possuir o número de informantes necessários para tentar aproximar com o quantitativo de Lisboa.

**Tabela 37** – Estratificação social dos informantes portugueses por turma

<b>Localidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Sexo</b>	
Lisboa	Particular	6º ou 7º ano	10 a 12 anos	masculino	6
				feminino	6
		8º ou 9º ano	13 a 15 anos	masculino	6
				feminino	6
		Secundário	16 em diante	masculino	6
				feminino	6
<b>Total de informantes em Lisboa</b>					<b>36</b>

Localidade	Tipo de escola	Escolaridade	Faixa etária	Sexo			
Algarve	Pública	6º ou 7º ano	10 a 12 anos	masculino	3		
				feminino	6		
		8º ou 7º ano	13 a 15 anos	masculino	6		
				feminino	4		
		Secundário	16 anos em diante	masculino	3		
				feminino	6		
		<b>Total de informantes no Algarve</b>					<b>28</b>

Fonte: O autor (2022).

Embora o desenho da amostra portuguesa seja diferente do desenho da amostra brasileira, levando em conta também que a realidade escolar é bem diferente, a maioria dos estudantes frequenta escola pública. Por causa da credibilidade que seus pais depositam em tal tipo de escola, não é tão fácil encontrar escolas particulares nas freguesias, como são encontradas em bairros do Brasil com diferentes opções de segmentos de ensino.

#### 4.3.3.4 Mapeamento socioeconômico e educacional com base nas fichas sociais

A partir do levantamento das informações registradas pelos alunos pernambucanos e portugueses em suas fichas sociais, será exposto o resultado do mapeamento sociolinguístico (sob a forma de tratamento estatístico), tendo em mente seu nível de escolaridade e o tipo de escola que frequentam. Para tanto, dez aspectos foram analisados nessas fichas sociais, os quais ajudariam a refletir sobre a maior ou a menor marcação de pluralidade nos resultados encontrados para cada fator social selecionado na pesquisa. São eles:

1. *Nível de escolaridade dos pais*<sup>9</sup>
2. *Nível de status da profissão dos pais*
3. *Tipo de leitura consumida pelos informantes*
4. *Assuntos mais abordados em aulas de Português*
5. *Ensino mais prescritivo para fala ou escrita nas aulas de Português*
6. *Perda de pontos por erros ortográficos*

<sup>9</sup> Vale informar que o nível Fundamental das escolas brasileiras corresponde ao nível Básico das escolas portuguesas, ao passo que o nível Médio no Brasil, ao nível Secundário em Portugal.

7. *Atividades de que mais gosta nas aulas de Português*

8. *Frequência de leitura*

9. *Frequência de uso das redes sociais*

10. *Preferência de amizade por idade*

A seguir, serão apresentadas as tabelas com os percentuais obtidos para cada aspecto<sup>10</sup>:

**Tabela 38** – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 6º ano/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fundamental/ Básico</b>	<b>Médio/ Secundário</b>	<b>Superior</b>	<b>Nunca frequentou</b>
Belo Jardim	Pública	58%	21%	4%	-
	Particular	17%	42%	37,5%	-
Carpina	Pública	46%	21%	17%	-
	Particular	-	54%	21%	-
Petrolina	Pública	37,5%	37,5%	-	-
	Particular	8,3%	42%	37,5%	-
Recife	Pública	58%	21%	17%	-
	Particular	8%	54%	21%	-
Serra	Pública	54%	33%	4%	-
Talhada	Particular	17%	25%	46%	-
Lisboa	Particular	-	12,5%	87,5%	-
Algarve	Pública	19%	44%	25%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 39** – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 9º ano/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fundamental/ Básico</b>	<b>Médio/ Secundário</b>	<b>Superior</b>	<b>Nunca frequentou</b>
Belo Jardim	Pública	71%	21%	-	-
	Particular	42%	33%	17%	-
Carpina	Pública	46%	25%	-	-
	Particular	-	46%	42%	-

<sup>10</sup> Os percentuais obtidos dizem respeito às informações que os informantes sabiam responder. O fato de haver linhas que não fecham os 100% ocorre porque alguns informantes não quiseram ou não sabiam responder.

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fundamental/ Básico</b>	<b>Médio/ Secundário</b>	<b>Superior</b>	<b>Nunca frequentou</b>
Petrolina	Pública	25%	54%	12,5%	-
	Particular	12,5%	29%	42%	-
Recife	Pública	23%	42%	8%	-
	Particular	12,5%	54%	17%	-
Serra	Pública	29%	29%	25%	-
Talhada	Particular	4%	46%	42%	-
Lisboa	Particular	12,5%	8%	79%	-
Algarve	Pública	25%	62,5%	12,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 40** – Nível de escolaridade dos pais dos alunos do 3º ano do Médio/12º do Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fundamental/ Básico</b>	<b>Médio/ Secundário</b>	<b>Superior</b>	<b>Nunca frequentou</b>
Belo Jardim	Pública	54%	21%	-	17%
	Particular	21%	42%	37,5%	-
Carpina	Pública	12,5%	42%	4%	-
	Particular	8,3%	71%	17%	-
Petrolina	Pública	21%	58%	8%	-
	Particular	17%	33%	50%	-
Recife	Pública	62,5%	33%	4%	-
	Particular	8,3%	54%	33%	-
Serra	Pública	46%	21%	4%	-
Talhada	Particular	21%	54%	25%	-
Lisboa	Particular	-	17%	83%	-
Algarve	Pública	12,5%	50%	37,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 41** – Nível de *status* das profissões dos pais dos alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Modesta</b>	<b>Prestígio</b>	<b>Desempregado</b>
Belo Jardim	Pública	67%	8,3%	-
	Particular	62,5%	37,5%	-
Carpina	Pública	71%	8%	-
	Particular	46%	46%	-
Petrolina	Pública	79%	4%	8%
	Particular	62,5%	33%	4%
Recife	Pública	79%	4%	17%
	Particular	42%	42%	17%
Serra Talhada	Pública	87,5%	4%	-
	Particular	50%	42%	4%
Lisboa	Particular	12,5%	87,5%	-
Algarve	Pública	37,5%	62,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 42** – Nível de *status* das profissões dos pais dos alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Modesta</b>	<b>Prestígio</b>	<b>Desempregado</b>
Belo Jardim	Pública	79%	4%	-
	Particular	37,5%	62,5%	-
Carpina	Pública	79%	4%	-
	Particular	42%	42%	8%
Petrolina	Pública	71%	21%	-
	Particular	46%	46%	-
Recife	Pública	58%	12,5%	4%
	Particular	75%	8%	12,5%
Serra Talhada	Pública	71%	21%	-
	Pública	33%	54%	4%
Lisboa	Particular	4%	67%	-
Algarve	Pública	62,5%	37,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 43** – Nível de *status* das profissões dos pais dos alunos do 3º do Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Modesta</b>	<b>Prestígio</b>	<b>Desempregado</b>
Belo Jardim	Pública	83%	4%	4%
	Particular	54%	42%	4%
Carpina	Pública	75%	4%	
	Particular	46%	46%	8%
Petrolina	Pública	75%	8%	-
	Particular	33%	67%	-
Recife	Pública	75%	12,5%	8%
	Particular	62,5%	37,5%	-
Serra Talhada	Pública	87,5%	4%	-
	Particular	50%	42%	4%
Lisboa	Particular	-	92%	8%
Algarve	Pública	44%	56%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 44** – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas<sup>11</sup></b>	<b>Não gosta de ler</b>
Belo Jardim	Pública	Todos os tipos 83% Quadrinhos 21% Ficção Científica 4% Ficções em Geral 8% Livros em geral 4%	8%
	Particular	Aventura 8% Romance 8% Terror 4% Ficção em geral 12,5% Ação 4% Textos em Geral 4%	16%

<sup>11</sup> Trata-se de uma informação que não fechará os 100% pelo fato de os alunos terem podido assinalar quantas opções quisessem. Também houve os que não assinalaram nenhuma.

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Belo Jardim	Particular	Quadrinhos 12,5% Contos épicos 4% Ficção científica 4% Drama 4% Comédia 4%	
Carpina	Pública	Humor 4% Quadrinhos 12,5% Livros em geral 8% Ficção em geral 12,5% Aventura 12,5% Ação 4%	8%
	Particular	Aventura 4% Quadrinhos 12,5% Livros em geral 8% Livros sobre histórias em filmes 4% Anatomia humana 4% Diversos 4% Bíblia 4%	16%
Petrolina	Pública	Terror 8% Aventura 17% Quadrinhos 12,5% Ficção em geral 4% Turística 4% Livros em geral 4%	16%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
	Particular	Ficção em geral 8% Quadrinhos 12,5% Livros em geral 4% Aventura 12,5% Ação 4% Drama 4% Terror 8% Ficção científica 4% Romance 4%	
Recife	Pública	Romance 4% Livros infantis 17% Livros e revistas 4% Quadrinhos 8% Conhecimentos gerais 4% Mística 4% Ação e Comédia 4%	8%
	Particular	Aventura e Terror 8% Infanto juvenil 8% Quadrinhos 25% Romance 17% Ficção em Geral 8% Livros em Geral 8%	66%
Serra Talhada	Pública	Quadrinhos 12,5% Fábulas 8% Livros de ação 4% Livros em Geral 4% Bíblia 4%	

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Serra Talhada	Pública	Poema 8% Jornal 4% Aventura 8% Contos 4%	
	Particular	Romance 8% Aventura 21% Ficção em Geral 21% Quadrinhos 12,5% Infanto juvenil 4% Comédia 4% Ação 8% Mangá 4%	16%
Lisboa		Mistérios 12,5% Aventuras 25% Ação 4% Livros em geral 4% Ficção 4% Policial 4% Novelas 4% Diários 4%	8%
Algarve	Pública	Humor 12,5% Aventura 12,5% Animação 25% Ação 25% Ficção Científica 12,5%	37,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 45** – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Belo Jardim	Pública	Ficção em geral 4% Livros em geral 8% Revistas 4% Ficção em Geral 4% Livros de História 4%	42%
	Particular	História romana 4% Livros 8% Infanto juvenil 4% Astronomia 4% Diversos 4% Ficção em geral 8% Aventura 4% Romance 4% Terror 4% Poesia 4%	42%
Carpina	Pública	Ficção científica 4% Romance 12,5% Suspense 8% Documentário 4% Aventuras 4% Autoajuda 4% Quadrinhos 8% Hipertexto 4% Ficção em geral 4% Diversos 4%	16%
	Particular	Diversos 17% Narrativa 8% Aventura 4% Quadrinhos 4% Ficção em Geral 4% Memórias 4%	25%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Petrolina	Pública	Romance 33% Aventura 12,5% Crônicas 8% Gospel 4% Livros sobre histórias em filmes 4% Ação 4%	25%
	Particular	Revistas 8% Hipertextos 4% Diversos 4% Fanfic 4% Quadrinhos 8% Livros em geral 8% Suspense 4% Aventura 4% Livros sobre filmes ou jogos 4%	50%
Recife	Pública	Aventura 8% Romance 33% Terror 17% Drama 8% Quadrinhos 25% Mangás 8% Revistas 8% Livros em geral 8% Misticismo 8% Infanto juvenil 8% Ficção científica 8%	34%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
	Particular	Quadrinhos 42% Revista 17% Romance 17% Ficção em Geral 25% Fantasia 8% Aventura 17% Terror 8% Livros de tecnologia / drama 8%	
Serra Talhada	Pública	Romance 21% Quadrinhos 8% Ficção em geral 8% Suspense 4% Fantasia 4% Ficção científica 4% Terror 4% Aventura 8% Ação 4% Suspense 4%	16%
	Particular	Romance 12,5% Aventura 8% Diversos 8% Ação 4% Suspense 4% Autoajuda 4%	34%
Lisboa	Particular	Diversos 4% Aventura 12,5% Banda desenhada 4% Literatura portuguesa 4% Romance 4%	42%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Lisboa	Particular	Histórias verídicas 4% Ação 4% Ficção em geral 4%	
Algarve	Pública	Romance 12,5% Gerais 12,5% Investigação 12,5%	62,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 46** – Tipo de leitura preferida pelos alunos do 3º do Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Belo Jardim	Pública	Geografia de Pernambuco 4% Narrativa 4% Livros em geral 4% Quadrinhos 8% Romance 4% Bíblia 4% Ficção em geral 4% Jornais 4% Diversos 4%	25%
	Particular	Ficção em geral 17% Romance 21% Diversos 4% Livros didáticos 4% Auto ajuda 4% Quadrinhos 4% História 8%	34%
Carpina	Pública	Diversos 4% Romance 8% Comédia 4% Suspense 4%	42%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Carpina	Pública	Bíblia 4% Quadrinhos 4% Informativo 4% Ficção em geral 4%	
	Particular	Ficção em geral 12,5% Bibliografia 4% Romance 17% História das guerras 4% Ficção Científica 4% Aventura 4% Diversos 4%	42%
Petrolina	Pública	Textos diversos 4% Romance 17% Terror 4% Suspense 4% Artigos de conhecimentos gerais 4% Literatura brasileira 4% Poesia 4% Quadrinhos 4%	8%
	Particular	Literatura científica 8% Romance 17% Infanto juvenil 8% Reportagem 8% Livro filosófico 8% Diversos 42% Hipertexto 8%	17%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
Recife	Pública	Jornal 4% Memes 4% Charges 4% Livros 8% Bíblia 8% Crônicas 4% Aventura 4% Poema 4% Quadrinhos 4% Contos 4% Infanto juvenil 4% Biografia 4% Ficção Científica 4% Fantasia 4% Comédia 4% Romance 8% Auto ajuda 4%	-
	Particular	Infanto juvenil 4% Romance 12,5% Mitologia 4%	67%
Serra Talhada	Pública	Diversos livros 8% Quadrinhos 4% Jornais 8% Romance 8% Livro didático 4%	50%
	Particular	Livros de ficção 4% Poesia 8% Livros em geral 8% Romance 12,5% Ficções em geral 12,5%	17%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta de ler</b>
	Particular	Espírita 4% Suspense 4% Livro motivacional 4% Infanto juvenil 4% Filosófica 4% Livro de filosofia 4% Revistas 4% Poema 4% Textos políticos e ideológicos 4%	
Lisboa	Particular	Banda desenhada 4% Variados 8% Poesia 4% Romance 4% Informativa 8% Livros de ficção e clássicos 4% Policial 4% Drama 4%	33%
Algarve	Pública	Aventuras 25%	75%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 47** – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Gramática</b>	<b>Leitura e produção textual</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	8%	42%	42%
Carpina	Pública	12,5%	17%	8%
	Particular	25%	-	58%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Gramática</b>	<b>Leitura e produção textual</b>	<b>Ambas</b>
Petrolina	Pública	8%	42%	8%
	Particular	25%	25%	33%
Recife	Pública	8%	50%	33%
	Particular	25%	50%	8%
Serra Talhada	Pública	-	17%	50%
	Particular	33%	17%	33%
Lisboa	Particular	8%	50%	42%
Algarve	Pública	75%	-	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 48** – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Gramática</b>	<b>Leitura e produção textual</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	-	-	-
Carpina	Pública	58%	17%	25%
	Particular	33%	8%	50%
Petrolina	Pública	33%	25%	17%
	Particular	75%	-	25%
Recife	Pública	17%	33%	17%
	Particular	67%	-	33%
Serra Talhada	Pública	17%	8%	67%
	Particular	33%	8%	42%
Lisboa	Particular	75%	17%	8%
Algarve	Pública	37,5%	50%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 49** – Tipo de atividade mais realizada em aula segundo alunos do 3º do Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Gramática</b>	<b>Leitura e produção textual</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	-	-	-
Carpina	Pública	25%	25%	8%
	Particular	25%	-	58%
Petrolina	Pública	33%	8%	25%
	Particular	58%	17%	25%
Recife	Pública	33%	25%	17%
	Particular	42%	25%	25%
Serra Talhada	Pública	-	50%	17%
	Particular	92%	-	8%
Lisboa	Particular	100%	-	-
Algarve	Pública	-	37,5%	25%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 50** – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 6º do Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	8%	33%	50%
Carpina	Pública	-	50%	42%
	Particular	-	33%	42%
Petrolina	Pública	-	42%	17%
	Particular	8%	42%	33%
Recife	Pública	8,3%	33,3%	33,3%
	Particular	17%	25%	50%
Serra Talhada	Pública	17%	42%	8%
	Particular	17%	25%	41,3%
Lisboa	Particular	8,3%	58%	33,3%
Algarve	Pública	-	50%	12,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 51** – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 9º do Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	-	-	-
Carpina	Pública	17,3%	50%	42,3%
	Particular	8%	75%	17%
Petrolina	Pública	-	75%	8%
	Particular	-	75%	25%
Recife	Pública	-	50%	25%
	Particular	8,3%	58%	33,3%
Serra Talhada	Pública	8,3%	75%	8,3%
	Particular	-	67%	25%
Lisboa	Particular	25%	58%	8%
Algarve	Pública	12,5%	50%	12,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 52** – Modalidade da língua com ensino mais prescritivo segundo alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>	<b>Ambas</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-
	Particular	-	-	-
Carpina	Pública	8%	42%	25%
	Particular	-	58%	42%
Petrolina	Pública	8,3%	25%	58%
	Particular	-	83%	17%
Recife	Pública	8%	50%	17%
	Particular	-	58%	42%
Serra Talhada	Pública	-	67%	25%
	Particular	-	83%	8,3%
Lisboa	Particular	8%	92%	-
Algarve	Pública	12,5%	75%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 53** – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	92%	8%
Carpina	Pública	75%	17%
	Particular	67%	33%
Petrolina	Pública	50%	33%
	Particular	83%	17%
Recife	Pública	25%	50%
	Particular	75%	25%
Serra Talhada	Pública	50%	50%
	Particular	58%	33,3%
Lisboa	Particular	100%	-
Algarve	Pública	100%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 54** – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	-	-
Carpina	Pública	50%	50%
	Particular	92%	8%
Petrolina	Pública	58%	25%
	Particular	67%	25%
Recife	Pública	42%	58%
	Particular	100%	-
Serra Talhada	Pública	50%	50%
	Particular	75%	25%
Lisboa	Particular	100%	-
Algarve	Pública	100%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 55** – Percentual de punições para “erros ortográficos” de acordo com alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	-	-
Carpina	Pública	50%	50%
	Particular	75%	17%
Petrolina	Pública	67%	33%
	Particular	42%	42%
Recife	Pública	67%	33%
	Particular	92%	8%
Serra Talhada	Pública	75%	17%
	Particular	58%	33,3%
Lisboa	Particular	58%	-
Algarve	Pública	100%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 56** – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	Explicação 17% Construir uma resposta coletivamente 8% Debate 8% Leitura 8% Produção textual 17% Discussão do assunto 8%	17%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Carpina	Pública	Explicação 8% Leitura e escrita 17% Produção textual 8% Exercícios 17% Leitura 33%	-
	Particular	Atividade e dinâmica 8% Exercícios 8% Todas as atividades 8% Vocabulário 8% Dinâmicas 17% Escrita 8% Explicação 8%	8%
Petrolina	Pública	Leitura 33% Exercícios 8% Copiar textos 8% Escrita 17% Produção textual 8%	8%
	Particular	Produção de texto 33% Leitura 25% Todas as atividades 8% Exercícios 17% Vocabulário 8%	-

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Recife	Pública	Produção de texto 17% Leitura e escrita 33% Atividade coletiva 8% Leitura 25% Escrita 8% Exercícios de fixação 8%	8%
	Particular	Cópia 8% Exercícios de fixação 8% Explicação 17% Leitura 25% Compreensão textual 17% Todas as atividades 8%	8%
Serra Talhada	Pública	Leitura 33% Exercícios de fixação 8% Explicação 8% Produção textual 25% Leitura e produção textual 8%	-
	Particular	Explicação 17% Escrita 8%	

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Serra Talhada	Particular	Participar da aula 8% Jogos com palavras 8% Leitura e produção textual 8% Gramática 8%	
Lisboa	Particular	Leitura e produção textual 17% Leitura 58% Escrita e apresentações 8% Abordagem sobre texto 8% Declamar poemas 8%	-
Algarve	Pública	Leitura 37,5% Escrita 25%	25%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 57** – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	-	-
Carpina	Pública	Leitura 25% Todas as atividades 8%	-

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Carpina	Pública	Atividades em grupo 17% Dinâmica e explicação 8% Exercícios de fixação 8% Produção textual 8% Escrita 8% Cópia de texto e leitura 8%	
	Particular	Interpretação textual 17% Produção textual 8% Ortografia 8% Leitura 8% Todas as atividades 8% Abordagem sobre gêneros textuais 17% Explicação 8%	17%
Petrolina	Pública	Produção textual 17% Leitura e interpretação textual 8% Leitura 25%	33%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Petrolina	Pública	Exercícios de fixação 8%	
	Particular	Explicação 17% Revisão dos assuntos 17% Leitura 17% Anotações 17% Revisão e ditado 8% Exercícios de fixação 8% Participação oral 8%	8%
Recife	Pública	Explicação 17% Produção textual 25% Exercícios de fixação 8% Leitura 25% Vocabulário 8%	8%
	Particular	Explicação 33% Leitura 17% Escrita 8% Dinâmicas 17% Todas as atividades 8%	-

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Serra Talhada	Pública	Explicação 25% Leitura 8% Vocabulário 8% Produção textual 42% Interpretação textual 8%	8%
	Particular	Leitura 17% Debates 17% Produção textual 8% Interpretação textual 8% Gramática 8% Correção de atividades 8%	8%
Lisboa	Particular	Leitura 25% Discussões 8% Leitura e produção textual 8% Interpretação textual 8% Produção textual 8%	33%
Algarve	Pública	Trabalhos em Grupo 37,5% Atividades Escritas 12,5% Gramática 12,5%	37,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 58** – Atividades preferidas nas aulas de Português de acordo com alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Belo Jardim	Pública	-	-
	Particular	-	-
Carpina	Pública	Produção de texto e gramática 8% Participação 8% Produção textual 8% Explicação 8% Gramática 17% Romance 8% Ortografia 8% Exercícios de fixação 8%	8%
	Particular	Interpretação textual 17% Produção textual 8% Explicação 8% Gramática 17% Todas as atividades 8%	42%
Petrolina	Pública	Produção textual e gramática 8% Participação 8% Produção textual 8% Explicação 8% Gramática 17%	8%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Petrolina	Pública	Romance 8% Ortografia 8% Exercícios de fixação 8%	
	Particular	Interpretação textual 17% Produção textual 8% Explicação 8% Gramática 17% Todas as atividades 8%	42%
Recife	Pública	Explicação 25% Produção textual 33% Debate 8% Interpretação textual 8%	-
	Particular	Gramática 8% Debates 17% Interpretação textual 8% Produção textual 8% Ortografia 8%	17%
Serra Talhada	Pública	Leitura coletiva 8%	33%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Serra Talhada	Pública	Exercícios de fixação 8% Interpretação textual 8% Leitura 17% Explicação 8%	
	Particular	Explicação 17% Debates 8% Interpretação textual 25% Produção textual 8% Exercícios de fixação 8% Gramática 17% Participação 8% Ortografia 8%	-
Lisboa	Particular	Produção textual 25% Gramática 17% Declamar poesia 8% Leitura 8% Dinâmicas 8% Produções criativas 8% Análise de poemas 8%	-

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Opções mencionadas</b>	<b>Não gosta da disciplina</b>
Algarve	Pública	Gosta de tudo 12,5% Gramática 12,5% Compreensão oral 12,5% Interpretar poemas 12,5%	50%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 59** – Frequência de leitura por alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Um livro por mês</b>	<b>Dois ou mais livros por mês</b>	<b>Um a dois livros por ano</b>	<b>Mais de dois livros por ano</b>	<b>Não costuma ler livros</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-	-
	Particular	42%	17%	-	8%	33%
Carpina	Pública	50%	8%	17%	8%	17%
	Particular	33%	8%	42%	17%	-
Petrolina	Pública	25%	25%	8,3%	25%	8,3%
	Particular	33,3%	58%	-	8,3%	-
Recife	Pública	33%	17%	33%	17%	-
	Particular	8%	-	8%	42%	42%
Serra Talhada	Pública	33,3%	33,3%	25%	-	8,3%
	Particular	50%	33,3%	8,3%	-	8,3%
Lisboa	Particular	75%	25%	-	-	-
Algarve	Pública	50%	25%	12,5%	-	12,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 60** – Frequência de leitura por alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Um livro por mês</b>	<b>Dois ou mais livros por mês</b>	<b>Um a dois livros por ano</b>	<b>Mais de dois livros por ano</b>	<b>Não costuma ler livros</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-	-
	Particular	-	-	-	-	-
Carpina	Pública	8%	17%	42%	-	33%
	Particular	17%	25%	25%	-	33%
Petrolina	Pública	25%	17%	33%	8%	17%
	Particular	33%	17%	8,3%	33%	8,3%
Recife	Pública	33%	17%	33%	17%	-
	Particular	8%	-	8%	42%	42%
Serra Talhada	Pública	33%	17%	25%	25%	-
	Particular	25%	8,3%	8,3%	8,3%	25%
Lisboa	Particular	8,3%	8,3%	25%	25%	33%
Algarve	Pública	37,5%	-	62,5%	-	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 61** – Frequência de leitura por alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Um livro por mês</b>	<b>Dois ou mais livros por mês</b>	<b>Um a dois livros por ano</b>	<b>Mais de dois livros por ano</b>	<b>Não costuma ler livros</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-	-
	Particular	-	-	-	-	-
Carpina	Pública	25%	8,3%	-	8,3%	58%
	Particular	8,3%	-	33%	8,3%	50%
Petrolina	Pública	50%	25%	8%	-	17%
	Particular	42%	8%	17%	25%	8%
Recife	Pública	8%	17%	42%	17%	17%
	Particular	16,6%	-	8%	16,6%	58%

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Um livro por mês</b>	<b>Dois ou mais livros por mês</b>	<b>Um a dois livros por ano</b>	<b>Mais de dois livros por ano</b>	<b>Não costuma ler livros</b>
Serra Talhada	Pública	25%	8,3%	8,3%	8,3%	50%
	Particular	8%	8%	17%	42%	25%
Lisboa	Particular	25%	-	16,6%	41,6%	16,6%
Algarve	Particular	12,5%	-	12,5%	-	75%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 62** – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Pouco</b>	<b>Razoavelmente</b>	<b>Muito</b>	<b>Não gosta das redes sociais</b>	<b>Não respondeu</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-	
	Particular	-	42%	58%	-	
Carpina	Pública	16,6%	16,6%	67%	-	
	Particular	8,3%	33,3%	58%	-	
Petrolina	Pública	17%	42%	33%	-	8%
	Particular	8%	50%	42%	-	-
Recife	Pública	50%	17%	33%	-	-
	Particular	8%	33%	42%	17%	-
Serra Talhada	Pública	42%	33%	25%	-	-
	Particular	33,3%	50%	8,3%	8,3%	-
Lisboa	Particular	8,3%	58%	25%	8,3%	-
Algarve	Pública	12,5%	25%	50%	12,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 63** – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Pouco</b>	<b>Razoavelmente</b>	<b>Muito</b>	<b>Não gosta das redes sociais</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-
	Particular	-	-	-	-
Carpina	Pública	25%	17%	58%	-
	Particular	17%	50%	25%	8%
Petrolina	Pública	-	42%	58%	-
	Particular	-	8,3%	83%	8,3%
Recife	Pública	16,6%	16,6%	67%	-
	Particular	8,3%	33,3%	58%	-
Serra	Pública	8,3%	50%	33%	8,3%
Talhada	Particular	8,3%	50%	33%	8,3%
Lisboa	Particular	8,3%	58%	33,3%	-
Algarve	Pública	-	12,5%	87,5%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 64** – Frequência de uso das redes sociais da internet por alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Pouco</b>	<b>Razoavelmente</b>	<b>Muito</b>	<b>Não gosta das redes sociais</b>
Belo Jardim	Pública	-	-	-	-
	Particular	-	-	-	-
Carpina	Pública	17%	33%	50%	-
	Particular	-	17%	75%	8%
Petrolina	Pública	-	67%	33%	-
	Particular	8,3%	41,3%	50%	-
Recife	Pública	8,5%	42%	25%	-
	Particular	-	25%	75%	-
Serra	Pública	8,3%	33,3%	58%	-
Talhada	Particular	-	50%	72%	8%
Lisboa	Particular	-	33%	67%	-
Algarve	Pública	-	-	100%	-

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 65** – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 6º Fundamental/6º ou 7º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adolescentes</b>	<b>Jovens</b>	<b>Adultos</b>	<b>Idosos</b>
Belo Jardim	Pública	50%	58%	67%	33%	17%
	Particular	83%	50%	17%	8%	-
Carpina	Pública	75%	42%	17%	25%	17%
	Particular	67%	67%	25%	33%	33%
Petrolina	Pública	25%	100%	25%	25%	25%
	Particular	67%	75%	25%	8%	8%
Recife	Pública	50%	42%	17%	25%	8%
	Particular	58%	100%	50%	50%	42%
Serra Talhada	Pública	25%	37,5%	12,5%	12,5%	12,5%
	Particular	37,5%	17%	17%	8%	8%
Lisboa	Particular	83%	75%	33%	33%	25%
Algarve	Pública	50%	50%	12,5%	12,5%	25%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 66** – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 9º Fundamental/8º ou 9º do Básico

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adolescentes</b>	<b>Jovens</b>	<b>Adultos</b>	<b>Idosos</b>
Belo Jardim	Pública	17%	67%	75%	50%	25%
	Particular	42%	67%	25%	50%	25%
Carpina	Pública	17%	67%	67%	42%	42%
	Particular	42%	75%	83%	50%	42%
Petrolina	Pública	33%	67%	67%	42%	17%
	Particular	42%	100%	75%	67%	58%
Recife	Pública	8%	75%	33%	8%	8%
	Particular	42%	75%	67%	42%	33%
Serra Talhada	Pública	8%	58%	50%	25%	33%
	Particular	25%	83%	50%	25%	25%
Lisboa	Particular	33%	92%	58%	25%	25%
Algarve	Pública	12,5%	100%	37,5%	12,5%	12,5%

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 67** – Preferência de amizade por faixa etária conforme alunos do 3º Médio/Secundário

<b>Cidade</b>	<b>Tipo de escola</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adolescentes</b>	<b>Jovens</b>	<b>Adultos</b>	<b>Idosos</b>
Belo Jardim	Pública	58%	58%	58%	50%	42%
	Particular	25%	25%	83%	75%	25%
Carpina	Pública	25%	42%	83%	58%	42%
	Particular	25%	42%	67%	50%	33%
Petrolina	Pública	4%	8%	37,5%	21%	17%
	Particular	4%	33%	29%	21%	4%
Recife	Pública	8%	42%	67%	8%	58%
	Particular	25%	58%	58%	50%	33%
Serra Talhada	Pública	25%	17%	75%	58%	58%
	Particular	8%	42%	67%	25%	8%
Lisboa	Particular	-	58%	75%	8%	8%
Algarve	Pública	-	75%	62,5%	12,5%	-

Fonte: O autor (2022).

É necessário esclarecer que há algumas diferenças entre os aspectos analisados no que diz respeito ao cálculo da porcentagem:

1. Nível de escolaridade dos pais em Pernambuco e Lisboa: Normalmente, cada informante podia ter dois responsáveis legais, dessa forma, multiplicou-se os 12 informantes por 24, embora algumas vezes os informantes tivessem apenas um responsável legal ou não soubessem essa informação sobre um dos seus pais. Logo, o cálculo feito foi o seguinte: número de opções assinaladas (4) X 100 / 24 (dois pais por aluno). Ex.: 4 assinaladas X 100 = 400 / 24 (dois pais por aluno) = 16,66%. No caso do Algarve, a divisão foi feita por 16, levando em conta que há um número menor de informantes.
2. Nível de status da profissão dos pais: mesmo critério para cálculo do nível de escolaridade dos pais; nos dados do Algarve, a divisão foi feita por 8.

O total das demais respostas dos informantes nas fichas sociais foi multiplicado pelo total de opções para assinalar, divididas pelo total de informantes. Quando a questão possuía apenas uma alternativa, apenas se multiplicou pelo número de informantes.

Diante do que foi exposto nas tabelas, pode-se sintetizar os seguintes aspectos:

- a) Os pais ou responsáveis dos informantes portugueses possuem maior nível de escolaridade que os brasileiros;
- b) Na escola em Lisboa, frequentada pela classe social mais alta de Portugal, nota-se que a escolaridade dos pais é muito alta (até o doutorado);
- c) A maioria dos informantes, em ambos os países, utiliza muito a *internet*, conseqüentemente, as redes sociais;
- d) O percentual de profissão de maior poder aquisitivo (condições socioeconômicas) dos pais no Algarve pode ser equiparado com o dos pernambucanos;
- e) As escolas portuguesas são mais rígidas no ensino prescritivo da gramática;
- f) O percentual dos gêneros textuais consumidos é baixo para ambas as nacionalidades; dessa forma, entende-se que há muito consumo da internet em gêneros digitais e baixo consumo de material impresso.

#### 4.4 CONSTITUIÇÃO DOS CORPORA: CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS DADOS

Após a recolha dos dados, foi realizada a audição das entrevistas e a leitura dos textos escritos para selecionar os sintagmas nominais contendo a aplicação e a não aplicação da regra da CN de número. A partir da audição das entrevistas, os dados da língua falada foram transcritos em seus SNs, observando o fenômeno em análise, como também os casos de neutralização, cujos dados foram excluídos, com respaldo em Scherre (1988) e Fiamengui (2011).

Semelhante ao que foi feito por Silva (2017) em sua dissertação de mestrado, no presente estudo, para a inclusão e a exclusão dos dados, houve um embasamento nos critérios estabelecidos por Scherre (1988). Para que houvesse um nivelamento na análise dos dados da língua falada e da língua escrita, os critérios foram os mesmos para ambas as modalidades de uso.

Os dados que compõem os *corpora* são constituídos de sintagmas nominais que tenham, pelo menos, uma marca formal de plural, estando incluídos sintagmas cujos determinantes são representados por numerais, como é o caso de “**três** menina”. Também foram incluídos sintagmas que referenciassem ideia de partitividade, que Scherre (1988, p. 32) denomina de “SN mais altos semanticamente”, tendo como exemplos de seu *corpus*: a) “um montão de coisa”

e b) “um punhado de peixinho colorido”. A seguir, serão apresentados os exemplos de sintagmas selecionados para o presente estudo, conforme os critérios mencionados:

a) Sintagma com marca implícita em elemento representado por outra classe gramatical que não pede marca formal:

(9) (Se2F/B3/// Coisas **totalmente** diferente

b) Sintagma com todas as marcas formais:

(10) (Si1A7A1/// **Das** melhores salas

c) Sintagma com apenas uma marca:

(11) (Na2F7B3b7k As manchinha

d) Sintagma com duas ou mais marcas:

(12) (Ne1A7B2/// Muita dessas pessoas

Os critérios de exclusão foram os seguintes:

- **CASOS EXCLUÍDOS COM BASE EM SCHERRE (1988)**

A respeito dos casos excluídos por Scherre (1988), a autora pontua:

[...] excluimos casos do tipo muita mulher casada, mas incluimos casos como: muitas mulheres casadas; muitas mulheres casada ou muitas mulher casada. Incluimos igualmente casos do tipo uma porção de coisas; uma porção de coisas interessantes, mas não excluimos uma porção de coisa interessante ou uma porção de coisa. Estes dois últimos casos são considerados pela tradição gramatical também como desvios da norma [...]. (SCHERRE, 1988, p. 30, grifo da autora).

A autora mostra que ainda excluiu mais dois tipos de dados:

Por outras razões, excluam-se desta análise outros dois tipos de dados. São eles: (1) os que fogem da posição canônica como em “tios, eu tenho dois”; (2) os que ocorrem

em situação de neutralização do tipo “as meninas são”, “as botas cheias de”, “os jogadores do”. A exclusão do primeiro tipo ocorreu pela escassez dos dados, inviabilizando uma análise quantitativa do tipo laboviana, e a exclusão do segundo, pela impossibilidade de se perceber com precisão nestas situações a presença ou ausência do morfema de plural. (SCHERRE, 1988, p. 31).

Os dados com neutralização na língua falada foram excluídos por Scherre (1988) e também por Fiamengui (2011). Sendo assim, no presente estudo, eles também foram desconsiderados, assim como os casos que fogem da posição canônica na língua falada. Por sua vez, na língua escrita, os casos de neutralização foram considerados na análise, mas não os que fogem da posição canônica.

A referida pesquisadora ainda menciona o que considerou na exclusão dos seus dados com as seguintes colocações finais: “Foram finalmente excluídos casos indubitavelmente cristalizados do tipo Os Trapalhões, “moro em Duas Barras,” bem como todos os casos de núcleo nominal invariável como costas, férias etc., os quais merecem ser estudados separadamente.” (SCHERRE, 1988, p. 31). Já esses últimos casos foram excluídos em ambas as modalidades de uso da língua no presente estudo e também foram excluídos por Fiamengui (2011), conforme será visto a seguir:

- **CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO COM BASE EM FIAMENGUI (2011)**

(i) SNs compostos por palavras estrangeiras:

“[...] também tinha uns **games** para jogar.” (LT, 7C, P6)

(ii) SNs cujo quantificador é a palavra “vários” em função de sua forma invariavelmente de plural:

“[...] nós duas nunca havíamos viajado para outro país, depois de **várias** horas de viagem.” (BSB, 8B, P6)

(iii) SNs que envolvem expressões fixas, sempre realizadas no plural:

“[...] Tudo **mil maravilhas** até o dia de voltar.” (HVC, 8C, P6)

(iv) Nomes próprios:

“Tomara que eu vou de verdade para o **Estados Unidos**.” (JMES, 5A, P6)

(v) Casos de hipercorreção:

“[...] eu acabo de ganhar uma passagem para Miami (EUA) em uma praia de **familiares muito ricos.**” (MRA, 8B, P6)

(vi) *Pluralia tantum*:

“[...] ele ficou um pouco mexido com o ciúmes dela” (ACM, 7C, P1)

(vii) SNs que, nos dados orais, apresentam o mesmo som entre fronteiras de palavras, impossibilitando a determinação de existência ou não de marca de plural:

“É... **essas\_cenas** assim de sexo essas coisas acho que influencia também...” (IBORUNA, AC010, L437)

(viii) SNs cuja configuração envolve fatores não arrolados previamente (quando da definição dos fatores que correspondem a cada grupo) e cuja quantidade pouco significativa de ocorrências não justificou incluí-los na análise:

a. SNs formados por palavras compostas:

“[...] bebemos **muitas água-de-coco** conversamos e brincamos muito.” (JSP, 8B, P6);

b. SNs formados por abreviações ou siglas;

“[...] vai ser mais ou menos quase... quinhentos **M.L.** de cola...” (IBORUNA, AC011, L204)

(FIAMENGUI, 2011, p. 61-64)

Após a aplicação dos critérios acima, obtivemos o total dos dados que compõem os *corpora* deste estudo em cada modalidade de uso da língua de cada país, conforme apresentado a seguir:

**Tabela 68** – Total de dados que compõem os *corpora* por cidade pernambucana

LOCALIDADE	LÍNGUA FALADA	LÍNGUA ESCRITA
Belo Jardim	1678	459
Carpina	1588	279
Petrolina	1847	322
Recife	1750	433
Serra Talhada	1961	337

Fonte: O autor (2022).

**Tabela 69** – Total de dados que compõem os *corpora* por distrito português

<b>LOCALIDADE</b>	<b>LÍNGUA FALADA</b>	<b>LÍNGUA ESCRITA</b>
Algarve	668	70
Lisboa	1252	181

Fonte: O autor (2022).

Ao total, foram contabilizados 13.278 dados da língua falada e 2.114 da língua escrita recolhidos no estado de Pernambuco; já em Portugal, 2.841 são da língua falada e 258 são da língua escrita. Seguem alguns exemplos retirados desses *corpora*:

- Língua falada

(13) “(SF1hp3mF nas pessoas” (pluralização em sintagma por aluno pernambucano, da cidade de Belo Jardim, sexo feminino, faixa etária 3, escola particular no 3º ano do Ensino Médio);

(14) “(NF1np16F Alguns final” (ausência de pluralização por aluno pernambucano da cidade de Belo Jardim, sexo feminino, faixa etária 1, escola particular no 6º ano do Ensino Fundamental);

(15) “(SF1hv16M dos lobitos” (pluralização por aluno do Algarve, sexo masculino, faixa etária 1, escola pública no 6º ano do Ensino Básico);

(16) “(NF1hm29F Muitas tia” (ausência de pluralização em sintagma por aluno pernambucano, da cidade de Carpina, sexo feminino, faixa etária 2, escola municipal do 9º ano do Ensino Fundamental).

- Língua escrita:

(17) “(SF1hp29M os primos” (pluralização em sintagma por aluno lisboeta, sexo masculino, faixa etária 2, escola particular, do 9º ano do Ensino Básico);

(18) “(NF1nm29F O restos” (ausência de pluralização em sintagma por aluno pernambucano, da cidade de Recife, sexo feminino, faixa etária 2, escola municipal, 9º ano do Fundamental);

(19) “(SF1ne3mF Os problemas” (pluralização em sintagma por aluno pernambucano, da cidade de Serra Talhada, sexo feminino, faixa etária 3, escola estadual, 3º ano do Ensino Médio);

(20) “(NF1np3mM Seu poderes” (ausência de pluralização em sintagma por aluno pernambucano, da cidade de Petrolina, sexo masculino, faixa etária 3, escola particular, 3º ano do Ensino Médio).

#### 4.5 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Elaborados os *corpora*, os dados foram codificados, com o intuito de realizar a análise atomística ou mórfica (em que cada elemento do sintagma é analisado) e da análise não atomística ou sintagmática (em que todo o sintagma é analisado). Após a codificação dos dados, foi obtido o percentual geral de realização da CN de número em todas as cidades selecionadas, utilizando-se do *software* Goldvarb X (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), por meio do qual foi possível classificar o tipo de regra relacionada a essa concordância, tendo em mente a tripartição feita por Labov (2003) em: a) regra variável (5-95%), b) regra semicategórica (95-99%) e c) regra categórica (100%). Após isso, nos casos de regra variável, o programa concedeu os PRs dos fatores de cada variável linguística e extralinguística.

Conforme será visto nas seções 4 e 5, essa análise quantitativa só foi realizada com os dados da língua falada das cinco cidades pernambucanas e com os dados escritos apenas da cidade de Carpina-PE, cuja regra da CN apresentou-se variável. Vale referirmos que, de início, foi feita a análise isolada de cada variável e depois realizados os cruzamentos.

Antes de abordar cada uma das variáveis selecionadas para a codificação, faz-se necessário apresentar a atribuição dos códigos (que se localizam à esquerda) referentes aos fatores linguísticos e extralinguísticos nas duas análises supracitadas.

##### 4.5.1 Seleção das variáveis linguísticas para a análise atomística

É válido salientar que a escolha dos códigos foi realizada em consonância com o que era permitido na rodada dos dados, não utilizando, por exemplo, repetição de código em uma mesma variável. Também a escolha dos códigos foi realizada de uma maneira que o leitor encontrasse uma correspondência, quando possível, entre o código e o fator representado, por exemplo: para o 6º ano do Fundamental, escolheu-se o número 6. Segue o quadro com a codificação:

Quadro 2 – Codificação das variáveis linguísticas na análise atomística

VARIÁVEIS	CÓDIGO/FATOR	EXEMPLOS
Dependente	<b>S</b> = CN+ (elemento pluralizado)	(Sa2F7B3b7k Os <b>assuntos</b>
	<b>N</b> = CN- (elemento não pluralizado)	(Na2F7B3b7k Aqueles <b>negócio</b>
Classe gramatical	<b>a</b> = Substantivo	(Sa2F7B2b7k Essas <b>coisas</b>
	<b>b</b> = Categoria substantivada	(trabalha uma, as <b>outras</b> fica... Jos35, fp, 59a) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 150)
	<b>c</b> = Pronome Pessoal da 3 <sup>a</sup> pessoa	( <b>delas</b> todas... Dor29, fg, 44a) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 150)
	<b>d</b> = Adjetivo	(Sd3G9A3/7k Várias apresentações <b>diferentes</b>
	<b>e</b> = Quantificador	(Se1A7B2/// <b>Todas</b> as outras salas
	<b>f</b> = Pronome possessivo	(Sf1A7B2/// <b>Minhas</b> duas tias
	<b>g</b> = Adjetivo 2	(Sg2F7B2/7k às <b>outras</b> pessoas
	<b>h</b> = Artigo indefinido	(Sh1A7B1/// <b>Umas</b> arvorezinhas
	<b>i</b> = Artigo definido e demonstrativo	(Si1A7B1/// <b>Os</b> governadores (Si1A7B2/// <b>Essas</b> coisas
Posição linear	<b>1</b> = 1 <sup>a</sup> Posição do elemento no sintagma nominal	(Si1A7A1/// <b>Os</b> pais
	<b>2</b> = 2 <sup>a</sup> Posição do elemento no sintagma nominal	(Sd2F8B3/7k Os <b>portugueses</b>

VARIÁVEIS	CÓDIGO/FATOR	EXEMPLOS
Posição linear	<b>3</b> = 3ª Posição do elemento no sintagma nominal	(Sa3G9A2b7k Nas diversas <b>regiões</b>
	<b>4</b> = 4ª posição do elemento no sintagma nominal	(Sd4G7B3/7k Os seus lados <b>negativos</b>
Marcas precedentes	<b>A</b> = Ausência do elemento precedente, constituindo 1ª posição não marcada	(Na1A7C3b7k <b>Música</b> melhores
	<b>B</b> = Elemento em segunda ordem na apresentação, precedido de elemento não marcado	(Ni1A7B1/// Do <b>shows</b>
	<b>C</b> = Elemento antecedido de sintagma preposicionado que pode estar em duas situações: a) núcleo nominal mais alto com marca formal de plural; b) núcleo nominal com ou sem marca formal de plural acompanhado de marca no 1º elemento do SN sob análise.	a) (MILHÕES de <b>coisa</b> ); b) (...) <b>OUTRAS coisas</b> ) — exemplos do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176).
	<b>D</b> = Elemento antecedido de sintagma nominal com: a) núcleo nominal mais alto sem marca formal de plural; b) núcleo nominal sem marca formal de plural seguido de ausência de marca no 1º elemento do SN sob análise.	a) (UMA PORÇÃO DE <b>carro</b> ; UM GRUPO DE <b>crianças</b> abandonadas; b) núcleo nominal sem marca formal de plural seguido de ausência de marca no primeiro elemento do SN sob análise (UMA PURÇÃO DE COISA <b>interessante</b> ) — exemplo do

VARIÁVEIS	CÓDIGO/FATOR	EXEMPLOS
Marcas precedentes		<i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 177).
	<b>E</b> = Numeral enquanto elemento precedente.	(Sa2E7A1d7k Três <b>amigos</b> )
	<b>F</b> = Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição.	(Sd2F7B3/7k Textos <b>narrativos</b> )
	<b>G</b> = Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado.	(Sa3G7B3b7k Todos os <b>aspectos</b> )
	<b>H</b> = Um elemento precedente marcado e outro não marcado, nas seguintes situações: a) zero e marca formal; b) numeral e marca formal; c) marca formal e numeral; d) marca formal e modificador.	a) (Sa3H7B2b7k Pra outras <b>coisas</b> ) b) Nd5H7B3/7k Cinco ou seis caras <b>estranho</b> c) (Sa3G7A2d7k Meus dois <b>irmãos</b> ) d) (Sd3G7B2/7k músicas muito fortes)
	<b>I</b> = Presença de, pelo menos, uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediada por zero em elemento que admite marca, como se apresenta a seguir: a) marca formal e zero; b) numeral e zero; c) marca formal, zero e zero; d) marca formal, numeral e zero;	a) (UMAS BORRACHA <b>grande</b> ) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176); b) (DOIS RISCO <b>verde</b> ) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176); c) (AS PERNA TODA <b>marcada</b> ) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176); d) (UNS QUATRO <b>SALÁRIO mínimo</b> )

VARIÁVEIS	CÓDIGO/FATOR	EXEMPLOS
Marcas precedentes	e) marca formal, zero e numeral; f) marca formal, zero e modificador; g) marca formal, zero, modificador e modificador.	exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 179); e) (Na3H7B1b7k uns dois <b>dia</b> — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176); f) (AS CASA MAIS <b>antiga</b> ) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176); g) (dOS BAIRRO AINDA MAIS <b>calmo</b> ) — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 176).
Processos morfofonológicos	<p><b>4</b>= plural duplo</p> <p><b>5</b>= itens terminados em -l, cujo plural se faz com inserção de -s e alterações silábicas.</p> <p><b>6</b>= itens terminados em -r, cujo plural -s é feito por meio de -es ou -e.</p> <p><b>7</b>= itens terminados em vogal ou vogal+vogal nasal, cujo plural se faz por meio da inserção de -s sem nenhuma alteração morfofônica, que é conhecida como plural regular.</p>	<p>(Sa2F9A3b7k As explicações</p> <p>(Sd3G5A3d7k Das influências culturais</p> <p>(Sa2F6B3d7k Os professores</p> <p>(Sa2F7B2b7k Várias salas</p>

VARIÁVEIS	CÓDIGO/FATOR	EXEMPLOS
Processos morfofonológicos	<b>8</b> = itens terminados em -s, cujo plural se faz por meio da inserção de -es ou de -e.	(Sa2F8B3d7k Muitos <b>países</b>
	<b>9</b> = itens terminados em -ão, cujo plural se faz com inserção de -s e alterações silábicas (ou apenas com alterações silábicas).	(Sa2F9A3b7k As <b>apresentações</b>
Dimensão tonicidade dos itens lexicais singulares	<b>A</b> = Oxítonos ou monossilábicos tônicos <b>B</b> = Paroxítonas ou monossilábicas <b>C</b> = Proparoxítonas	<b>A</b> = (Se2F/A1/// Esses <b>dois</b> <b>B</b> = (Se1A/B2/7k <b>Várias</b> etnias <b>C</b> = (Sd2F7C3/7k Nos <b>últimos</b> anos
Dimensão número de sílabas dos itens lexicais singulares	<b>1</b> = Monossílabas <b>2</b> = Dissílabas <b>3</b> = + de 2 sílabas	<b>1</b> = (Si1A7B1/// As festas <b>2</b> = (Sa2F8B2b7k os <b>deuses</b> <b>3</b> = (Sa2F7B3d7k <b>Várias</b> <b>peessoas</b> legais
Animacidade dos substantivos	<b>a</b> = + animado <b>b</b> = - animado <b>c</b> = + coletivo <b>d</b> = -coletivo	<b>a</b> = (Sa2F7B3d7k As <b>peessoas</b> <b>b</b> = (Sa2F7B2b7k As <b>normas</b> <b>c</b> = (as <b>quadrilhas</b> disputavam para... San01, mp, 18a — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 271) <b>d</b> = -coletivo (Sa2F7B3d7k As <b>peessoas</b>

Grau dos substantivos e adjetivos	<b>7=</b> normal <b>8=</b> aumentativo <b>9=</b> diminutivo	<b>7=</b> (Sd2F7B3/7k <b>alunos bagunceiros</b> <b>8=</b> (são meus <b>amigão...</b> Seb09, mg, 39a — exemplo do <i>corpus</i> de Scherre (1988, p. 273) <b>9=</b> (Na2F7B3d7k Os <b>barzinho</b>
Formalidade dos substantivos e adjetivos	<b>k=</b> +formal <b>y=</b> -formal	<b>k=</b> (Sa2F7B3b7k Todos <b>problemas</b> <b>y=</b> (Sd35A2/7k Várias pessoas <b>legais</b>

Fonte: O autor (2022).

#### 4.5.1.1 Justificativa para a seleção das variáveis

A seguir, serão apresentadas as justificativas para a seleção das variáveis nesta pesquisa.

##### 4.5.1.1.1 Classe gramatical

Conforme já foi pontuado, a variável classe gramatical constitui uma das variáveis clássicas na literatura sobre o fenômeno da CN de número. Scherre (1998), em seu estudo pioneiro, já havia observado que essa variável está bem interligada à posição que o elemento ocupa no sintagma (*cf.* SCHERRE, 1978, 1988), no sentido de que a pluralização da classe gramatical está condicionada à posição que ocupa no sintagma.

##### 4.5.1.1.2 Posição linear

Trata-se de mais uma variável clássica em praticamente todos os estudos da CN de número que observa a pluralização que os elementos recebem ou deixam de receber, de acordo com a posição que ocupam no sintagma, considerando a atuação do princípio da economia linguística. Estudos sociolinguísticos apontam que o 1º elemento do SN é o que mais recebe marcação de plural (*cf.* SCHERRE, 1978, 1988; LOPES, 2001; FIAMENGUI, 2011;

MARIANO, 2013) em diferentes modalidades de uso da língua. Diante disso, este estudo, ao contemplar dados de fala e de escrita de portugueses e brasileiros de diferentes regiões, oportunizará uma análise adicional para verificar se, quando há maior distanciamento da *1ª posição no SN*, haverá maior ausência de pluralização.

#### **4.5.1.1.3** *Variável processos morfofonológicos da formação do plural*

A saliência fônica, em sua origem, é tratada como um princípio que se baseia no fato de que, quanto mais matéria fônica, mais tendência haverá para pluralização, o que se evidencia nas três dimensões analisadas por Scherre (1988): quanto mais matéria fônica houver no processo morfofonológico, maior possibilidade de pluralização no elemento. A quantidade dessa matéria fônica dependerá do número de sílabas, tonicidade e alterações na forma na transição entre singular/plural.

#### **4.5.1.1.4** *Tonicidade dos itens lexicais*

Essa segunda variável, que está sob o princípio da saliência fônica, foi também analisada por Scherre (1988), cuja hipótese inicial acerca do fator que seria mais marcado foi apresentada da seguinte forma:

2) Com relação à tonicidade, espera-se que os oxítonos singulares e os monossílabos tônicos (pé; país, país, leitão, principal), por terem acento na sílaba que vai receber o morfema de plural, favoreçam mais a aplicação da regra do que os paroxítonos (coisa, salário, dólar, descartável) e proparoxítonos (fábrica, finíssimo), cuja sílaba final não é acentuada (SCHERRE, 1988, p. 74).

Observa-se que a autora supramencionada esperava que a maior tonicidade em uma sílaba favorecesse a marcação dos elementos, com menos sílabas possíveis, o que de certa maneira contraria o princípio da saliência fônica, visto que a lógica do referido princípio é a de que o elemento que tiver mais sílabas será o mais pluralizado. Sua hipótese inicial foi assim atestada, visto que o fator oxítono e monossílabo tônico apresentou uma maior marcação que os demais fatores, com um PR de marcação de .66 (1028/1198). Obtendo esse resultado, a autora pontua:

Podemos verificar que a Tonicidade da sílaba do item singular influencia a concordância: ela ocorre mais, se a sílaba do item lexical singular for marcada, ou seja, se o item lexical for oxítono. Mas se o item lexical for paroxítono ou

proparoxítono, apresentando, portanto, a sílaba final não marcada, a concordância ocorre menos (SCHERRE, 1988, p. 81).

A autora encerra suas considerações sobre a referida variável analisada individualmente destacando que os itens que são oxítonos e marcados tendem a favorecer mais a CN de número no sintagma. Embora não faça uma correlação com aspectos sociais, a autora apresenta as devidas motivações linguísticas para essa marcação no sintagma.

#### **4.5.1.1.5** *Número de sílabas dos itens lexicais*

Não é comum observar a presença desta variável nos estudos da literatura sobre a CN de número. Embora, na pesquisa de Scherre (1988), a hipótese inicial seria de que os itens de maior número de sílabas fossem mais marcados por conterem mais material fônico, os resultados quantitativos revelam que essa variável não foi selecionada como significativa para o fenômeno à semelhança do que foi obtido por Mariano (2013), uma situação que se pretende verificar nos resultados obtidos nesta tese.

#### **4.5.1.1.6** *Animacidade dos substantivos*

A referida variável foi analisada em muitos estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno da CN de número (SCHERRE, 1988; DIAS, 1993; FERNANDES, 1996; LOPES, 2014; MANGABEIRA, 2016), mas, geralmente, os resultados aproximam-se do nível de neutralidade. A respeito da hipótese feita por Scherre (1988) e da sua conclusão a respeito dessa variável, encontra-se o seguinte comentário:

A oposição maior que temos com relação à Animacidade é [+ humano] x [-humano]. Novamente os resultados correspondem à nossa expectativa linguística: se o traço humano é considerado mais saliente, é de se esperar, dentro da linha geral do nosso trabalho, que os substantivos marcados positivamente com relação a esse traço tenham mais marcas de plural (0,55/0,54) do que os com traço [-humano] (0,44/0,46), como mostram as probabilidades obtidas. Os resultados desta variável são consistentes para os adultos e para as crianças, mas, sem sombra de dúvidas, eles não apresentam diferenças probabilísticas fortes. Inclusive, no caso das crianças, no nível de análise em que ele foi selecionado [...]. (SCHERRE, 1988, p. 272-273).

Diante de tudo o que foi exposto por Scherre (1988), fica evidente que, por meio do princípio da saliência fônica, os substantivos + humanos tendem a ser mais pluralizados, por conterem mais saliência. Além das observações de Scherre (1988), pode-se dizer que tal situação adere também ao princípio de marcação, levando em conta que não apenas há mais

saliência no fator + humano, mas também há complexidade na informação apresentada nos sintagmas onde há elementos +humanos.

#### **4.5.1.1.7** *Grau dos substantivos e adjetivos*

Scherre (1988), ao selecionar essa variável, considera que a informalidade evidenciada pelo uso do diminutivo em situações de afeto ou pelo aumentativo em forma de gíria ocasionaria mais cancelamentos de marcas explícitas de plural. Em sua pesquisa, elementos em grau normal superam o nível de neutralidade. PR .60 (3.219/5.753) para adultos e .63 (473/1088 para crianças) favorecendo o uso dessas marcas, ao contrário dos que estão em grau aumentativo/diminutivo, com PR .40 (63/157) para adultos e .37 (8/55) para crianças. Diante disso, espera-se atestar, nesta pesquisa, se a informalidade influencia na pluralização da língua falada e na língua escrita de um mesmo estudante.

#### **4.5.1.1.8** *Formalidade dos substantivos e adjetivos*

Para a análise dessa variável, Fiamengui (2011) preferiu considerar apenas os dados advindos da língua escrita e não da língua falada, talvez, por considerar que a formalidade estaria mais presente na escrita. Seu resultado aponta que + informal ficou abaixo do nível de neutralidade, com PR .39 (130/459) para adultos e .33 (34/192) para crianças no que diz respeito à pluralização dos elementos, o que parece indicar que a modalidade escrita da língua não seria atuante para o uso da variante de prestígio.

### **4.5.2 Seleção das variáveis linguísticas para a análise não atomística**

É necessário mencionar que as demais variáveis na análise não atomística que não estão nesta tabela não foram consideradas no presente estudo por exigirem uma transcrição na íntegra de todas as entrevistas realizadas, pois não haveria condições de fazê-la, levando em consideração a quantidade de informantes da presente pesquisa.

**Quadro 3** – Codificação das variáveis linguísticas na análise não atomística

<b>Variável</b>	<b>Fator</b>	<b>Exemplo</b>
Dependente	<b>S=</b> CN+ (Realização da concordância nominal em todo o sintagma)	(Sa1A7B3b7k <b>Culturas distintas</b> )
Grau e Formalidade do SN	<b>F=</b> SNs com todos os itens formais	(SF2hp29M <b>Todos os funcionários</b> )
	<b>I=</b> SNs com um item no aumentativo/diminutivo, caracterizando situação de informalidade ou que se expressem gírias	(SF1np3mF <b>Coisas pequenininhas</b> )
Pluralidade do SN	<b>1=</b> Pode ser apenas um	(SF1np16M <b>Os amigos</b> )
	<b>2=</b> mais de um não inerente	(SF2hp3mF <b>Os dois filhos</b> )
	<b>3=</b> partes do corpo	(Sa2F7B2d7k Seus <b>dentes</b> )
Animacidade do SN	<b>h=</b> +humano	(Sa2F7B3d7k As <b>crianças</b> )
	<b>n=</b> - humano	(Sa2F7B1b7k Os <b>raios</b> )

Fonte: O autor (2022).

#### 4.5.2.1 Justificativa para a seleção das variáveis

Nas próximas seções, será tratado o motivo da seleção de cada variável, seja na análise atomística ou não atomística, linguística ou extralinguística.

##### 4.5.2.1.1 *Grau e formalidade do SN*

Até onde se tenha verificado, exceto a tese de Scherre (1988), essa variável não tem sido contemplada em estudos sobre a CN de número. Sua inclusão na pesquisa é interessante por promover não só uma análise adicional que dialogará com os resultados dessa pesquisadora, mas também corroborar ou contestar o resultado de PR .63 (469/850) para o fator não

informal/não diminutivo/não aumentativo, verificando, ao mesmo tempo, uma possível relação de tais aspectos de (in)formalidade e grau na análise atomística e também não atomística.

#### 4.5.2.1.2 *Pluralidade do SN*

Semelhante à variável abordada na subseção anterior, o tratamento dado a essa variável encontra-se, até onde se verificou, na pesquisa desenvolvida por Scherre (1988), cujo resultado apontou que o fator *mais de um não inerente* tende a favorecer mais a pluralização com um PR de .78 [57/76] , ao contrário do que se observa com o fator *partes do corpo* (PR de .14 [3/14]), um resultado que levanta a seguinte questão: será que os dados da língua falada e da língua escrita de estudantes pernambucanos seguem essa mesma direção?

#### 4.5.2.1.3 *Animacidade do SN*

Poucas considerações sobre essa variável são encontradas, destacando-se primordialmente o trabalho de Scherre (1988), que, mesmo assim, considerou-a estatisticamente não relevante, pois o maior PR de pluralidade obtido, o qual foi de .53 para o fator +humano, não atingiu nem o nível de neutralidade.

Diante das conclusões apresentadas, esta tese visa contrastar os resultados obtidos por Scherre (1988) com os resultados a serem apresentados nas seções 4 e 5, a fim de verificar se, pelo menos no presente estudo, essa variável quase não estudada na literatura sobre a CN de número apresenta relevância para marcação de pluralidade no referido fenômeno estudado.

### 4.5.3 Seleção das variáveis extralinguísticas

**Quadro 4** – Codificação das variáveis extralinguísticas em análise não atomística

Variável	Código/Fator
Tipo de escola (apenas no PB)	<b>p</b> = particular
	<b>m</b> = municipal
	<b>f</b> = estadual
Faixa etária	<b>1</b> = Faixa 1 (10 a 12 anos de idade)
	<b>2</b> = Faixa 2 (13 a 15 anos de idade)
	<b>3</b> = Faixa 3 (16 anos e acima)

Variável	Código/Fator
Escolaridade	PB= 6= 6º ano do Fundamental
	PE= 6= 6º ou 7º do Básico
	9= 9º ano do Fundamental
	PE= 9= 8º ou 9º do Básico
	3= 3º ano do Médio
	PE= 3= Qualquer ano do Secundário

Fonte: O autor (2022).

#### 4.5.3.1 Justificativa para a seleção das variáveis extralinguísticas

Nas próximas subseções, será pontuado o motivo de selecionar cada variável extralinguística considerada na presente pesquisa.

##### 4.5.3.1.1 Tipo de escola

Em toda a literatura sobre a CN de número, até onde se tenha pesquisado, o único trabalho que seleciona essa variável de forma mais detalhada para análise é o de Silva (2017). De acordo com a metodologia da escola, haverá uma maior ou menor ênfase no uso da norma culta. Nesse sentido, as fichas sociais são muito importantes para que se tenha um perfil da escola no que diz respeito ao ensino da língua materna.

Silva (2017) observou que tanto na fala quanto na escrita havia uma diferença discrepante em relação à aplicação da CN de número pelos alunos da escola particular em relação aos da pública: estes apresentaram resultados bem inferiores quanto ao uso da aplicação da CN de número na língua falada (PR .28 [1.749/3.958] da escola municipal/PR .58 [2.287/2.823] da escola estadual) e na língua escrita (PR .25 [761/926] da municipal e .41 [540/526] da escola estadual) quando comparado ao uso feito por alunos da escola particular (língua falada: PR de .58 [6.174/7.465] e língua escrita: (PR .64 [1.872/1.907])). Essa diferença entre escolas aponta para o fato de que as escolas privadas tendem a um maior incentivo da variante de prestígio, necessária para ascender socialmente.

Pode-se dizer que, no sistema educacional de ambas as nações, o uso da norma culta é uma meta tanto da escola pública quanto particular, porém, no caso do Brasil, é necessário

destacar que há uma carência de investimento material e pedagógico em escolas públicas, principalmente as de periferia, conforme sinalizado nas fichas sociais. A clientela da escola pública pertence a uma camada social mais baixa que geralmente não utiliza a norma culta.

#### **4.5.3.1.2**      *Escolaridade*

Estudos sociolinguísticos são unânimes em verificar que, quanto maior o nível de escolaridade de um informante, maior será a frequência de uso da variante de prestígio. Um ponto a considerar durante a análise dessa variável é a seguinte: no contexto brasileiro, o fato de o informante estar no último ano do Médio/Secundário não define sua classe social, principalmente, se for aluno de escola pública. No entanto, estando o informante nesse nível de escolaridade, espera-se que aplique bem mais a CN de número tanto na fala quanto na escrita, pelo fato de não apenas terem sido expostos à variante de prestígio por um maior tempo, mas também porque foram treinados por meio de exercícios escritos e demais atividades avaliativas para utilizá-la, desenvolvendo a “consciência” do “certo” e do “errado”.

#### **4.5.2.1.3**      *Faixa etária*

A faixa etária é uma variável clássica utilizada em muitos estudos sobre a CN de número. Em sua dissertação, Silva (2017) verificou que são os estudantes belojoardenses mais novos que usam mais a variante de prestígio (Faixa etária 1, de 9 a 11 anos de idade, com PR de .71 [2.957/3.961]), enquanto, na pesquisa de Lopes (2001), são os baianos mais velhos (maior que 65 anos, com PR de .59 [3.241/3.803]), valendo destacar que essas duas pesquisas foram realizadas com informantes da região Nordeste.

Discussões são levantadas sobre a variável faixa etária, como estudos em mudança aparente, haja vista que essa diferença de marcação entre os mais velhos e os mais novos permite observar em um mesmo período como utilizam as variantes em uma mesma comunidade de fala. Também são instigadas discussões nos estudos da CN de número no Brasil, sobre a mudança em tempo real, quando é possível voltar à mesma comunidade de fala, anos mais tarde e analisar a marcação entre os informantes dela.

No que se refere à variação estável, conforme já foi abordada na seção 3, caracteriza-se pelo igual uso de determinada variante por diferentes faixas etárias; mesmo porque, se existem traços linguísticos em comum em uma mesma comunidade de fala, é concebível que existam algumas variantes em comum por diferentes faixas etárias em uma mesma comunidade de fala.

#### 4.5.2.1.4 *Sexo*

Trata-se também de mais uma variável clássica abordada em quase todos os estudos sociolinguísticos sobre a CN de número. Labov (1996) observa que informantes do sexo feminino empregam menos variantes estigmatizadas e são mais sensíveis aos valores sociais impregnados no comportamento linguístico. Monteiro (2000, p. 75, grifo do autor), por sua vez, apresenta as seguintes considerações:

- a) As mulheres são extremamente sensíveis ao prestígio explícito, uma vez que é mais apurada a sua percepção dos sinais de estratificação social. Em nossa sociedade elas são, genericamente falando, mais conscientes de seu status do que os homens. É por essa razão que se mostram mais sensíveis à significação social das variáveis linguísticas relacionadas à classe social.
- b) Parece que a fala da classe trabalhadora, assim como outros aspectos da cultura dessa classe, tem conotações ou associações com masculinidade, o que pode deixar o homem mais favoravelmente propenso ao uso não-padrão do que a mulher. Tais conotações ou associações são de certo modo *prestigiadas*, configurando o que Labov denominou de *prestígio encoberto ou oculto*. Esse tipo de prestígio costuma ser carregado por formas que se afastam do padrão e afeta sobretudo o discurso de falantes masculinos, que inconscientemente lhe associam uma marca de virilidade.

Diante do exposto, é válida uma ressalva aqui: não se pode tomar a mesma realidade social da época em que Scherre (1988) recolheu seus dados em relação às comunidades da presente pesquisa, que apresentam realidades sociais com muitas diferenças entre si. Estudos brasileiros mostram que nem sempre as mulheres tendem a usar a forma de prestígio, e essa distinção pode estar associada a diferentes contextos e comportamentos sociais do sexo feminino.

Ainda discorrendo sobre o parágrafo anterior, pode-se pontuar que, por exemplo, Lopes (2001) e Dias (1993) observaram que informantes do sexo feminino aplicaram mais a CN de número, ao contrário dos resultados obtidos por Capellari (2004), Carvalho (1997) e Araújo (2015). Os resultados de Fiamengui (2011) apontam uma diferença entre o sexo masculino e o feminino no que se refere ao tipo de modalidade de uso da língua: o primeiro usa mais a forma padrão na língua falada (sexo masculino: PR .65 [430/680]), ao passo que o segundo usa mais na língua escrita (sexo feminino: PR .56 [2.590/2.663]).

Nas próximas seções, serão apresentadas as análises das variáveis consideradas neste estudo, em um primeiro momento, de forma isolada, e, em um segundo momento, de forma conjunta, por meio de alguns cruzamentos, seguindo o que já foi feito em outros estudos sobre o fenômeno.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA FALADA

Esta seção apresentará, inicialmente, os resultados referentes à variável dependente na fala de estudantes pernambucanos e portugueses, em uma perspectiva atomística e também não atomística, a fim de que se possa classificar o tipo de regra de CN de número encontrada nas localidades investigadas. Feito isso, e sendo a regra dessa concordância variável, serão levados em conta que fatores cujos PRs encontram-se acima do nível de neutralidade (.45 a .55) apresentam-se como condicionadores do uso da variante padrão. Nesse sentido, será analisada a possível influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre a CN de número, levando em conta a comparação dos resultados aqui obtidos com os de outros estudos apresentados na seção 2 desta tese.

### 5.1 SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NA ANÁLISE ATOMÍSTICA

Levando em consideração que, na análise atomística, a variável dependente é composta pela pluralização: (ex.: as casas) e pela ausência de pluralização (ex.: as casa~~s~~), serão apresentados os percentuais gerais para cada variante, conforme consta nas subseções a seguir.

#### 5.1.1 Sobre a variável dependente no PB

Antes de expor os resultados das variáveis independentes, é necessário abordar a variável dependente na língua falada do PB nas cinco mesorregiões pernambucanas. Portanto, observem-se os resultados:

**Tabela 70** – Percentual de CN+ na fala de cidades pernambucanas

<b>LOCALIDADE</b>	<b>CN+/TOTAL</b>	<b>PERCENTUAL</b>
	<b>GERAL</b>	
Belo Jardim	(1415/1884)	86%
Carpina	(2711/3326)	81,5%
Petrolina	(3213/3779)	85%
Recife	(3315/3.800)	87%
Serra Talhada	(3694/4197)	89%

Fonte: O autor (2022).

Com base nos resultados, a hipótese de a regra se apresentar variável se confirma, pois a regra linguística de CN de número em todas as localidades pernambucanas apresenta-se variável. O que se pode observar é que não apenas os percentuais, mas os números de ocorrências em cada cidade também são próximos, apresentando-se a aplicação da regra entre 81% e 89%. Vejam-se, a seguir, dados extraídos dos *corpora* que evidenciam as duas variantes que compõem a variável dependente nas cinco mesorregiões:

- *Belo Jardim:*

(21) Presença de pluralização: (SF1hp3mF nas pessoas

(22) Ausência de pluralização: (NF1np29M as coisas

- *Carpina:*

(23) Presença de pluralização: (SF1np16F As calçadas

(24) Ausência de pluralização: (NF2np16F Muitas dificuldades

- *Petrolina:*

(25) Presença de pluralização: (SF1np29F Dos vampiros

(26) Ausência de pluralização: (NF1hp29F Os vizinhos

- *Recife:*

(27) Presença de pluralização: SF2hp29M Meus pais

(28) Ausência de pluralização: (NF2np3mF Umas praias

- *Serra Talhada:*

(29) Presença de pluralização: (SF1np3mF Os personagens

(30) Ausência de pluralização: (NF1np3mF As casas

Comparando esses percentuais com os obtidos em outros estudos, verifica-se que a regra também é variável nestes últimos:

**Tabela 71** – Percentual de CN+ na fala do PB em outros estudos

<b>AUTOR/ LOCALIDADE</b>	<b>CN+/TOTAL GERAL</b>	<b>PERCENTUAL</b>
Scherre (1988) Rio de Janeiro-RJ	Adultos (7978/11086) Crianças (1407/2143)	Adultos: 72% Crianças: 66%
Dias (1993) Brasília-DF	Amostra Urbana: (856/1196) Amostra Rural (394/903)	Amostra Urbana: 72% Amostra Rural: 44%
Marques (2016) Maceió-AL	(2596/3432)	76%
Fiamengui (2011) São José do Rio Preto-SP	(814/1256)	64,8%
Martins (2013) Rio Branco-AC	(4264/7270)	58%
Fernandes (1996) Florianópolis-SC	(3829/5375)	71%

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Scherre (1988), Dias (1993), Marques (2016), Fiamengui (2011), Martins (2013) e Fernandes (1996).

Ao comparar o resultado de cada local, observa-se que não há grande diferença entre eles, exceto com os informantes da zona rural no Centro-Oeste, que apresentou menos de 50% de aplicação da CN de número, visto que os moradores da zona rural conservavam mais a variante não padrão no SN. No entanto, no que diz respeito aos demais, vê-se que quase todos estão no mesmo nível de aplicação, entre 64,8% e 72%, estando apenas a região Norte abaixo desse nível, levando em conta que a amostra urbana do Centro-Oeste apresentou 72% e os resultados das demais regiões são referentes a amostras urbanas.

Pode-se dizer que, em diferentes décadas e localidades, o comportamento linguístico da CN de número é praticamente o mesmo nas diferentes regiões, tomando por base o tipo de regra linguística encontrada. Vale salientar que os resultados percentuais obtidos nas cidades pernambucanas apresentam resultados percentuais mais altos que as demais regiões, algo que

pode ser explicado pelo perfil da população investigada, constituída por estudantes entrevistados em ambiente escolar, dentre os quais estão os da escola particular, cujos responsáveis, na maior parte das vezes, são pessoas que ocupam profissões consideradas de prestígio, com alto ou, pelo menos, médio nível de escolaridade.

### 5.1.2 Sobre a variável dependente no PE

No que diz respeito ao PE, seguem os resultados percentuais referentes ao uso da variante de prestígio nos dados da fala:

**Tabela 72** – Percentual de CN+ na fala de regiões portuguesas

LOCALIDADE	CN+/TOTAL GERAL	PERCENTUAL
Algarve	(1456/1466)	99,2%
Lisboa	(2773/2784)	99,4%

Fonte: O autor (2022).

Conforme os resultados obtidos em ambas as regiões portuguesas, os percentuais revelam uma regra categórica da CN de número, visto que, pautando-se na tipologia de regras proposta por Labov (2003), esses percentuais estão acima de 99%, apesar de diferenças socioeconômicas das duas amostras. Trata-se de um resultado que confirma a hipótese inicial do estudo de que a regra seria categórica no PE. Vejam-se, a seguir, os dados do *corpus* de Lisboa e de Algarve, que contemplam ora a *pluralização* ora a *ausência de pluralização*:

- *Lisboa:*

(31) Presença de pluralização: (SF1np29F os cães

(32) Ausência de pluralização: (NF1np29F aos países baixos

- *Algarve:*

(33) Presença de pluralização: (SF1nv16M das melhores

(34) Ausência de pluralização: (NF1nv16M nos telemóveis

Vejam-se os dados com ausência de marcação em Lisboa (11/2.784), cujos exemplos são vistos abaixo, do 35 ao 45, e os dados com ausência de marcação (10/1.466) em Algarve, do 46 ao 55):

- *Lisboa:*

- (35) **Do**s miradouros
- (36) **do**s **meu**s roupeiros
- (37) Rochas **gigante**s
- (38) dos **brasileiro**s
- (39) dos bifes mal **passado**s
- (40) aos países **baixo**s
- (41) das mais **evidente**s
- (42) Duas ou três **hipótese**s
- (43) Eles **mesmo**s
- (44) As **peessoa**s
- (45) As **peessoa**s

- *Algarve:*

- (46) **no**s telemóveis
- (47) Nas rodas **gigante**s
- (48) Sotaques **diferente**s
- (49) Olhos **verde**s
- (50) Muitas **vez**s
- (51) Essas **coisa**s
- (52) Os **passeio**s
- (53) As nossas **coisa**s
- (54) **Meu**s fins
- (55) pessoas **fixe**s

Diante dos exemplos extraídos nos dados da fala nas duas localidades portuguesas, pode-se observar que os SNs estão submetidos a contextos específicos, os quais são os mesmos em ambas as localidades:

- a) Há *adjetivos* e *substantivos* com ausência de pluralidade, ocorrendo mais em posições posteriores à 1ª no sintagma, sendo raros os cancelamentos em 1ª posição no PE (cf. 37 a 42; 44 e 45; 46 a 53; 55);
- b) Ausência de marcas em determinantes que estão em 1ª posição no sintagma (cf. 35, 36, 46 e 54);
- c) A maioria das ausências de pluralidade ocorre em elementos com 2 ou mais sílabas (cf. 37 a 45; 47 a 49; 51 a 53; 55);
- d) Os *substantivos* não marcados são *-coletivos*, + *animados* e +*humanos* (cf. 42, 44, 45, 51, 52 e 53). É necessário destacar que os exemplos 42, 51 e 54 não são +*humano* ou +*animado*, apenas *-coletivo*;
- e) Com exceção do exemplo 50, todas as ausências de marcação ocorrem em plural regular no que diz respeito a aspectos morfofonêmicos;
- f) Não há nenhum elemento informal ou em grau *aumentativo/diminutivo*, apresentando ausência de pluralidade.

Na obra *Origens do Português Brasileiro* (2007), Naro e Scherre (2007, p. 114-115) afirmam:

[...] que o português brasileiro e o português europeu partilham estruturas semelhantes e que as mesmas estruturas variáveis de uso comum no Brasil também podem ser encontradas em Portugal, com menos intensidade, tanto hoje, quanto antes da colonização do Brasil.

Tal afirmativa colabora com o pensamento até então tecido no presente texto de que princípios atuantes no PB também atuam no PE, em relação às ausências de pluralização observadas no presente estudo e também a outros fenômenos.

As condições em que os dados foram recolhidos podem não ter motivado um possível uso de variação linguística no PE, levando em conta que o trabalho foi realizado na presença de um pesquisador brasileiro e, possivelmente, se houvesse apenas portugueses no ambiente da pesquisa, alguma variação linguística do fenômeno em estudo seria expressa com mais espontaneidade.

Considera-se que os casos de cancelamento ocorridos no PE, tanto os dos dados incluídos quanto dos excluídos, constituem indício de ausência da CN de número do PE, sugerindo, assim, que outros estudos investiguem, em situações mais espontâneas e informais, a fala dos portugueses, no intuito de verificar o maior número de reduções sob o princípio da

economia atuante tanto na CN de número quanto em outros fenômenos, pois há grande possibilidade de que, se mais estudos forem realizados na variedade do PE, com mais localidades e mais informantes, mais ausências de pluralização e seriam encontrados a depender da espontaneidade na qual a produção de dados é realizada.

Retomando a distinção do perfil socioeconômico dos informantes de Lisboa e de Algarve, vale referir que os de Lisboa são alunos da escola particular, no 12º ano Secundário, tendo 92% de pais com curso superior, ao passo que, em Algarve, os informantes do Secundário têm 56% dos pais com curso Superior.

As diferenças são ainda maiores no 6º ou 7º ano, pois, em Lisboa, são 87,5% dos pais, enquanto, no Algarve, 25%; em relação aos do 8º ou 9º ano, em Lisboa, são 79% e, no Algarve, 12,5%. A distinção prossegue ao comparar os percentuais de pais que exercem profissões consideradas de prestígio: pais com filhos do 6º ou 7º ano (62,5% em Algarve e 87,5% em Lisboa); pais com filhos no 8º ou 9º ano (37,5% em Algarve e 67% em Lisboa) e, finalmente, pais com filhos no ensino Secundário (56% em Algarve e 92% em Lisboa).

Dessa forma, percebe-se que, apesar desses diferentes perfis socioeconômicos, a CN de número apresenta o mesmo comportamento. Portanto, por não ser uma regra variável, não serão analisadas nesta tese variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionem a variação, seguindo a perspectiva de análise adotada por Brandão e Vieira (2012) e por Brandão (2015), que também verificaram o mesmo tipo de regra nos dados de fala (regra categórica: 99,9%).

## 5.2 SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE ATOMÍSTICA

Mediante as rodadas por localidade no programa Goldvarb X, serão elencados os resultados para a marcação do elemento no SN para variáveis independentes de natureza linguística e extralinguística no PB.

### 5.2.1 Variáveis linguísticas

Vale referir que a seleção das variáveis e seus respectivos fatores a seguir foi realizada, em maior parte, com base em Scherre (1988).

## 5.2.1.1 Classe gramatical

Desde os primeiros estudos sobre a CN de número no PB (cf. SCHERRE, 1978; BRAGA, 1977), a variável *classe gramatical*, em geral, é submetida à análise. Nesta pesquisa, os resultados obtidos para as quatro mesorregiões pernambucanas estão apresentados a seguir<sup>12</sup>:

**Tabela 73** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável classe gramatical em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O<sup>13</sup>/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>O/TG=P)</b>
<i>Substantivo</i> (Sa2F7B3b7k)	440/1164= 72,6%	984/1541= 63,9%	1251/1747= 71,6%	1316/1744= 75,5%	1491/1892= 78,8%
Dos <b>vampiros</b>	PR .320	PR .313	PR .313	-	PR .229
<i>Categoria</i> <i>Substantivada</i> (Sb1A4B1d7k)	-	-	1/2= 50%	-	-
<b>Bens</b> materiais	-	-	PR .039	-	-
<i>Adjetivo</i> (Sd2F7A1/7k)	175/203= 74,3%	136/183= 74%	186/229= 81,2%	178/217= 82%	235/271= 86,7%
Notas <b>boas</b>	PR .504	PR .284	PR .410	-	PR .348
<i>Quantificador</i> (Se1A7B2///)	431/435= 98,5%	136/183= 74%	186/229= 97,5%	178/217= 98,6%	235/271= 98,7%
<b>Todos nós</b>	<b>PR .805</b>	<b>PR .712</b>	<b>PR .621</b>	-	<b>PR .665</b>
<i>Pronome</i> <i>Possessivo</i> (Sf2F7A1///)	104/105= 98,5%	64/65= 98,5%	99/102= 97,1%	-	131/134= 97,8%
<b>Os meus</b> vizinhos	<b>PR .674</b>	<b>PR .641</b>	PR .593	-	PR .556

<sup>12</sup> Os PRs acima do nível de neutralidade estão destacados em negrito.

<sup>13</sup> O = Ocorrência de CN+; TG = Total geral de dados; P = Percentual.

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>O/TG=P)</b>
<i>Adjetivo 2</i> (Sf1A7B2///	67/68= 98,2%	56/57= 98%	70/73= 95,9%	59/64= 92,2%	61/62= 98,4%
<b>Deles próprios</b>	<b>PR .731</b>	<b>PR .750</b>	PR .557	-	<b>PR .636</b>
<i>Artigo</i> <i>Indefinido</i> (Sh1A7B1///	-	-	74/77= 96,1%	-	-
<b>Umas coisas</b>	-	-	PR .145	-	-
<i>Artigo</i> <i>Definido e</i> <i>Demonstrativo</i> (Si1A7B1///	960/965= 99,8%	973/975= 99,8%	1016/1020= 99,6%	1096/1098= 99,8%	1135/1137= 99,8%
<b>As mulheres</b>	<b>PR .612</b>	<b>PR .864</b>	<b>PR .778</b>	-	<b>PR .852</b>

Fonte: O autor (2022).

Ao analisar cada fator, observa-se que os maiores PRs estão na classe *artigo definido e demonstrativo*, os quais estão bem acima do nível da neutralidade, exceto o que se observa na cidade de Belo Jardim. Esse resultado pode estar relacionado à tendência de os falantes do PB marcarem mais o 1º elemento no interior do SN, o que também é observado em outros trabalhos sobre o referido fenômeno (cf. CARVALHO, 1997; FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017). Segue um exemplo do *corpus* com esse fator:

(56) (Si1A7B3/// **Aqueles** negócio

Scherre (1988) considera que não se pode analisar apenas de forma individual a *classe gramatical*, sendo mais minucioso cruzá-la com a variável *posição do elemento no SN*. O fato de o informante brasileiro ser propenso a pluralizar com maior frequência o 1º elemento para referenciar a pluralização para todo o SN relaciona-se ao princípio da economia (cf. HAIMAN, 1983), pois não seria a classe gramatical em si, mas a que costuma ocupar as primeiras posições.

Sobre um maior detalhamento dessa correlação entre as duas variáveis, será realizado o cruzamento na subseção 5.4.3.1.5.

É necessário destacar que os *pronomes possessivos*, os *artigos indefinidos* e os *quantificadores* geralmente ocupam a 1ª posição e têm percentuais altos e PRs um pouco acima da neutralidade para a pluralização, o que revela uma maior marcação em *classes gramaticais* que estão entre as primeiras posições.

Diante de tal resultado, também pode-se observar que não foi a quantidade de matéria fônica, haja vista que os *artigos definidos* apresentaram mais pluralização pela posição em que ocupam no SN, pois possuem pouca matéria fônica, constituindo apenas uma sílaba.

No estudo de Carvalho (1997), também foi realizada uma análise individual da referida variável, tomando por base o número de ocorrências, os percentuais e PRs de cada fator:

**Tabela 74 – Uso de CN+ com base na variável classe gramatical**

CLASSE	FREQ/TOTAL %	PR	PR AMALGAMADO <sup>14</sup>
Quantificador	57/60= 95	.82	
Artigo Indefinido	208/227= 92	.48	
Artigo/demonstrativo	1016/1025= 99	.88	
Possessivo	94/106= 89	.85	.78
Substantivo	571/1459=39	.22	.22
Adjetivo	54/96= 56	.34	.34
Pronome	22/28=79	.79	.79

Fonte: Carvalho (1997, p. 122).

Esses resultados seguem a mesma direção dos resultados apresentados na tabela anterior, se observados os PRs: os *artigos* e *demonstrativos*, por exemplo, tendem a ser mais marcados que as demais classes, o que confirma a hipótese aventada na seção 2.

### 5.2.1.2 Posição linear

Nos estudos sobre o fenômeno da CN de número, a variável *posição do elemento no SN* é bastante correlacionada à *classe gramatical*, conforme já enunciado, tendo em mente o

<sup>14</sup> A autora integrou todas as classes gramaticais que ocupavam a função de determinante no sintagma.

seguinte questionamento: o que estaria motivando, de fato, a marca de plural no elemento seria sua *classe gramatical* ou a *posição* que ocupa no interior do SN?

Em geral, os sociolinguistas são unânimes ao afirmarem que elementos que ocupam as primeiras posições tendem a ser mais marcados, principalmente, a *1ª posição* (cf. BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978, 1988; FERNANDES, 1996; CARVALHO, 1997), ou seja, quanto mais à esquerda do sintagma, mais pluralizado. Diante disso, será verificado se, nas cinco cidades pernambucanas, obtém-se resultado semelhante. Para tanto, veja-se a tabela a seguir<sup>15</sup>:

**Tabela 75** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável posição linear do elemento no SN em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
1ª posição (Si1A7B1/// As regras	1633/1642= <b>99,5%</b>	1541/1550= <b>99,4%</b>	1783/1799= <b>99,1%</b>	1791/1797= <b>99,7%</b>	1934/1935= <b>99,4%</b>
	-	-	-	-	PR .778
2ª posição (Sa2F7B3b7k As dificuldades	1187/1633= 72,7%	1028/1551= 66,3%	1283/1780= 72,1%	1352/1783= 75,8%	1532/1920= 79,8%
	-	-	-	-	PR .276
3ª posição (Sa3G7A2d7k Meus dois irmãos	97/115= 84,3%	109/174= 62,6%	121/161= 75,2%	139/176= 79%	182/224 =81,2%
	-	-	-	-	PR .099
4ª posição (Sa4G7B2b7k As luzes nos postes	15/20= 75%	29/42=69%	27/39=69,2%	30/39=76,9%	39/50= 78%
	-	-	-	-	PR .122

<sup>15</sup> Na tabela 74 e em outras, encontram-se em destaque os maiores percentuais obtidos.

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
5ª posição (Na5C7B2b7k Muitos canhões, tanques de <b>guerra</b> )	1/2= 50%	1/5=20%	2/3=66,7%	5/6=83,3%	0
	-	-	-	-	0
6ª posição (Sa6H7B3b7k Vinte e cinco ou cinquenta <b>centavos</b> )	-	2/3=66,7%	-	-	-
	-	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

A análise para a referida variável foi feita com base nos percentuais, haja vista que apenas as rodadas de Serra Talhada obtiveram PR. à semelhança do que mostra a maioria dos estudos sobre a CN de número no PB em outros estudos, confirmando a hipótese inicial desta pesquisa de que o fator que mais favorece a marcação de pluralidade em todas as cidades pernambucanas é a *1ª posição*, conforme exemplo abaixo:

(54) (Si1A7B1/// **Os problemas**

À medida que os elementos avançam para outras posições mais à direita, diminui o percentual de realização da CN de número em cada localidade. Sendo a tese de Scherre (1988) pioneira sobre o fenômeno linguístico variável investigado, é oportuno apresentar sua tabela 6.2.3.23 (aqui, Tabela 74) que analisa a *posição linear* dos elementos de forma individual:

Tabela 76 – Posição linear dos elementos no SN: análises A e B

## TABELA 6.2.3.23

POSIÇÃO LINEAR DOS ELEMENTOS NO SN: ANÁLISES A e B<sup>16</sup>

POSIÇÃO	FALANTES	Apl./Total.A %	Prob. A	Prob. B
Primeira	Adultos	4230/4340 = 97	(0,58)	<b>(0,89)</b>
	Crianças	837/856 = 98	(0,44)	<b>(0,74)</b>
Segunda	Adultos	3263/5778 = 56	(0,56)	(0,53)
	Crianças	503/1149 = 44	(0,64)	(0,44)
Terceira	Adultos	454/884 = 51	(0,57)	(0,24)
	Crianças	60/107 = 56	(0,66)	(0,35)
Quarta e Quinta	Adultos	31/84 = 37	(0,30)	(0,26)
	Crianças	7/19 = 37	(0,27)	(0,45)

Fonte: Adaptada de Scherre (1988, p. 211).

A partir dos resultados acima, Scherre (1988, p. 211) conclui: “A primeira posição favorece mais a aplicação da regra do que as demais posições, principalmente se observarmos a análise B, que apresenta resultados linguísticos melhores dentro das nossas expectativas.” Corroborando essa conclusão, na tabela seguinte do seu trabalho (6.2.2.3.24), a pesquisadora não cruza, mas correlaciona *classe gramatical* com *posição do elemento no SN* e verifica um decréscimo nos percentuais de quase todos os fatores no que diz respeito ao percentual de pluralização. Por exemplo, para os *adjetivos em 1ª posição*, há .84 de PR, 98% (47/48) de pluralização; na *2ª posição*, há PR de .48 e percentual 78% (118/156) e, na *3ª posição*, há PR de .12 e percentual 31% (125/307).

Outro estudo que vai na direção da pesquisa de Scherre (1988) e desta pesquisa é o de Martins (2013), cujos resultados quantitativos são apresentados abaixo:

Tabela 77 – Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais de plural”, segundo a variável posição linear

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R.
1ª posição	2778/2882	<b>96%</b>	<b>0,79</b>
2ª posição	1335/3890	34%	0,28

<sup>16</sup> A autora integrou duas rodadas da variável *posição linear dos elementos no SN* para a constituição da tabela exposta.

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
3ª posição	145/466	31%	0,28
4ª posição	6/32	18%	0,20

Fonte: Adaptada de Martins (2013).

Martins (2013, p. 143) afirma, à semelhança de Scherre (1988), que “[...] é também a *primeira posição* que favorece a aplicação da regra, enquanto as outras posições a desfavorecem. Portanto, percebe-se que quanto mais à direita o elemento linguístico estiver no SN, menos ele apresenta a variante *presença de marcas formais/informais* de plural.

Diante dos resultados apresentados para a variável em análise, pode-se considerar atuante o princípio da economia: o falante tende a eliminar marcas redundantes no SN, pluralizando apenas aquele elemento que referencia concordância em todo o sintagma. Claramente, a hipótese lançada inicialmente de que o 1º elemento tende a ser mais pluralizado no SN foi confirmada.

Essa tendência de os brasileiros pluralizarem mais os primeiros elementos, conforme verificado em outros estudos, não ocorre de forma aleatória. Observa-se que há uma motivação econômica em pluralizar elementos que estejam mais à esquerda em relação ao núcleo do sintagma.

### 5.2.1.3 Processos morfofonológicos da formação do plural

Essa variável está diretamente relacionada à saliência fônica, tratando-se de uma das três dimensões selecionadas por Scherre (1988). Tal saliência constitui-se em um princípio já analisado por Naro e Lemle (1976), Naro (1981) e retomado por Scherre (1988) sob a forma de variável linguística, sendo analisada em outros estudos sobre a CN de número (*cf.* DIAS, 1993; LOPES, 2001). Sobre os resultados quantitativos referentes à realização dessa concordância obtidos para os fatores que compõem a dimensão *processos morfofonológicos da formação do plural*, observe-se a tabela a seguir:

**Tabela 78** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável processos morfofonológicos na formação de plural em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>Plural duplo</i> (Sa2F4B2d7k)	64/72= 88,9%	59/66=89,4%	129/144= 89,6%	112/122= 91,8%	155/171= 90,6%
<b>Aos jovens</b>	PR .355	<b>PR .682</b>	<b>PR .606</b>	<b>PR .635</b>	<b>PR .586</b>
<i>Itens terminados em -l</i> (Sd2F5A3/7k)	59/70= 84,3%	52/58=89,7%	56/60=93,3%	68/75= 90,7%	68/72= 94,4%
<b>Pessoas normais</b>	<b>PR .684</b>	<b>PR .843</b>	<b>PR .882</b>	<b>PR .748</b>	<b>PR .879</b>
<i>Itens terminados em -r</i> (Sa2F7B3b7k)	109/119= 91,6%	85/107=79,4%	105/122= 86,1%	93/101= 92,1%	110/115= 95,7%
<b>Outros cantores</b>	<b>PR .757</b>	<b>PR .593</b>	<b>PR .628</b>	<b>PR .743</b>	<b>PR .784</b>
<i>Plural regular</i> (Sa2F7B3d7k)	2429/445= 84,5%	2187/2758= 79,3%	2616/3128= 83,6%	2712/3165= 85,7%	3012/3427= 87,9%
<b>As pessoas</b>	PR .478	PR .474	PR .476	PR .470	PR .472
<i>Itens terminados em -s</i> (Sa2E8B2b7k)	14/17= 82,4%	14/16=87,5%	15/16= 93,8%	31/32= 96,9%	17/18= 94,4%
<b>Sete meses</b>	<b>PR .631</b>	<b>PR .819</b>	<b>PR .816</b>	<b>PR .908</b>	<b>PR .787</b>
<i>Itens terminados em -ão</i> (Sa2F9A3b7k)	34/35= 97,1%	34/37=91,9%	31/39=79,5%	32/35= 91,4%	32/39= 82,1%
<b>As religiões</b>	<b>PR .933</b>	<b>PR .871</b>	<b>PR .689</b>	<b>PR .811</b>	<b>PR .608</b>

Fonte: O autor (2022).

Na tabela anterior, foram obtidos altos PRs, destacando-se, por exemplo, *itens terminados em -ão* e *itens terminados em -s*. Apesar de o fator *plural duplo* apresentar PRs acima da neutralidade, exceto na cidade de Belo Jardim, com .35, eles ficam entre .58 e .68, o que, em certa medida, vai de encontro à hipótese inicial prevista que seria esse fator com maior nível de significância para a realização dessa concordância.

Em todo o caso, haveria uma violação do princípio se os maiores PRs fossem no *plural regular*, visto ter menos matéria fônica que os demais (cf. NARO; LEMLE, 1976). No estudo de Scherre (1988), foi o fator que apresentou menor nível de significância, sendo o PR .24. Além disso, exceto o *plural duplo* (.86), todos os demais fatores possuem nível de significância próximo ao nível de neutralidade ou abaixo dele, indo de encontro ao que se apresenta na tabela anterior.

**Tabela 79** – Processos morfofonológicos de formação do plural em todos os dados dos adultos

<b>TABELA 6.2.2.1</b>			
<b>PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL DE</b>			
<b>TODOS OS DADOS DOS ADULTOS</b>			
<b>PROCESSOS</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob.</b>
Duplo (maravilhoso) (maravilh <u>ó</u> so <u>s</u> )	63/68	= 93	0,86
-I (internacional) (internacion <u>a</u> is)	83/97	= 86	0,56
-ão (contradição) (contradiç <u>õ</u> es)	173/200	= 86	0,42
-R (pescador) (pescado <u>r</u> es)	237/268	= 88	0,48
-S (português) (portugues <u>e</u> s)	219/265	= 83	0,38
Regular (pequen <u>i</u> nha) (pequen <u>i</u> nhas)	7086/10071	= 70	0,24

Fonte: Scherre (1988, p. 79).

Outro trabalho que analisa a variável em destaque é o de Fonseca (2016), cujos resultados percentuais e PRs são apresentados a seguir:

**Tabela 80** – Processos morfofonológicos de formação do plural em Fonseca (2016)

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Plural Duplo	15/19	79%	0.84
Itens terminados em -s	47/84	56%	0.65
Itens terminados em -l	26/51	51%	0.60
Plural regular	2385/3902	61%	0.49
Itens terminados em -r	40/96	42%	0.48
Itens terminados em -ão	16/61	26%	0.35
<b>Total</b>	2529/4213	60%	

Fonte: Fonseca (2016, p. 72).

Em total concordância com Scherre (1988), Fonseca (2016) encontra o maior PR e percentual para o fator *duplo* e, embora o *plural regular* não apresente o menor PR (.49), está entre os fatores com menor PR. Dessa forma, Fonseca (2016) reitera que, quanto mais matéria fônica, mais pluralização.

#### 5.2.1.4 Tonicidade dos itens lexicais singulares

Tratando-se de mais uma dimensão da saliência fônica, seguindo a análise de Scherre (1988), vejamos os resultados para os fatores que compõem a variável *tonicidade dos itens lexicais singulares*, levando em conta a marcação de pluralização:

**Tabela 81** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tonicidade dos itens lexicais singulares em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>Oxítono e monossílabo tônico</i> (Si1A7B1/// <b>Das confusão</b>	578/608= 95,1%	511/551= 92,7%	585/630= 92,9%	652/682= 95,6%	666/694= 96%
	-	-	PR .382	-	PR .398
<i>Paroxítono e monossílabo átono</i> (Sa2F7B3d7k <b>Seis amigos meus</b>	2283/2712= 84,2%	2134/2682= 79,6%	2563/3049= 84,1%	2579/3007= 85,8%	2941/3330= 88,3%
	-	-	PR .531	-	PR .528
<i>Proparoxítono</i> (Sd2F7C3/7k <b>Cursos técnicos</b>	69/89= 77,5%	64/91=70,3%	68/103= 66%	86/113= 76,1%	87/122= 71,3%
	-	-	PR .331	-	PR .327

Fonte: O autor (2022).

Tomando por base os PRs apresentados de alguns dos fatores, observa-se que nenhum superou o nível de neutralidade: ou estão nesse nível (como é o caso dos *paroxítonos* e *monossílabos átonos* produzidos em Petrolina e em Serra Talhada), ou abaixo dele, conforme evidenciam os PRs obtidos para os *oxítonos*, *monossílabos tônicos* e *proparoxítonos* — as demais cidades não apresentaram PRs. Esse resultado vai de encontro ao que é verificado por Scherre (1988) e à hipótese inicialmente aventada de os *oxítonos* e *monossílabos tônicos* apresentariam mais marcação de pluralidade. Observem-se, na tabela a seguir, os resultados dessa pesquisadora:

Tabela 82 – Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares de todos os dados dos adultos

## TABELA 6.2.2.2

## TONICIDADE DA SÍLABA DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES DE TODOS OS DADOS DOS ADULTOS

TONICIDADE	Apl./Total	%	Prob.
Oxítono e monossílabo tônico (país/leitão) (meu/pé)	1028/1198	= 86	0,66
Paroxítonos e monossílabo átono (coisa/dólar/os/as)	6752/9615	= 70	0,39
Proparoxítono (fábrica) (indígena) (médico)	81/156	= 52	0,44

Fonte: Scherre (1988, p. 80).

Segundo Scherre (1988, p. 80-81):

[...] a tonicidade da sílaba do item singular influencia a concordância: ela ocorre mais, se a sílaba do item lexical singular for marcada, ou seja, se o item lexical for oxítono. Mas se o item lexical singular for paroxítono ou proparoxítono, apresentando, portanto, a sílaba final não marcada, a concordância ocorre menos.

Com as palavras da autora supramencionada, compreende-se que elementos com tonicidade mais intensa no último elemento, ou quando este tem apenas *uma sílaba*, tende a ser mais marcado, não sendo apenas uma questão de *número de sílabas*, mas o tipo de tonicidade que condiciona a produção de mais marcações pelo informante. Fonseca (2016), por sua vez, verifica, ao contrário de Scherre (1988), que os *monossílabos átonos* favorecem a realização de CN, com PR. .93, e não os *monossílabos tônicos*.

**Tabela 83** – Resultados da tonicidade na presença de CN

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
Monossílabos átonos	1211/1245	97%	0.93
Paroxítonos	1109/2480	45%	0.24
Oxítonos e monossílabos tônicos	188/421	45%	0.21
Proparoxítonos	21/67	31%	0.15
Total	2529/4213	60%	

Fonte: Fonseca (2016, p. 73).

O trabalho de Fernandes (1996), também realizado na região Sul, como foi o de Fonseca (2016), apresenta resultados discordantes do que consta na tabela acima, no sentido de que, tal como verificado por Scherre (1988), são os *monossílabos tônicos* que pluralizam mais, ao apresentar o maior PR, de .58 (391/569), um resultado não confirmado neste estudo.

#### 5.2.1.5 Número de sílabas dos itens lexicais singulares

Constituindo outra dimensão da *saliência fônica* (SCHERRE, 1988), a variável em análise tem uma relação muito próxima com *processos morfofonológicos* e *tonicidade*, levando em conta que diz respeito também à quantidade de matéria fônica. Sendo assim, foram selecionados os três fatores cujos resultados voltados à CN+ são apresentados a seguir (destacando-se em negrito os PRs que estão acima do nível de neutralidade):

**Tabela 84** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável número de sílabas dos itens lexicais singulares em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>Monossílabo</i> (Si1A7B1///	1081/1105= 97,8%	1030/1064= 96,8%	1182/1218= 97%	1223/1244= 98,3%	1347/1369 = 98,4%
As compras	<b>PR .630</b>	<b>PR .627</b>	<b>PR .595</b>	-	<b>PR .617</b>

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>Dissílabo</i> (Sa2F7B2b7k)	1066/1311= 78,9%	998/1308= 76,3%	1173/1490= 78,7%	1208/1461= 82,7%	1269/1512= 83,9%
<b>As coisas</b>	PR .428	PR .426	PR .386	-	PR .368
<i>+ de 2 sílabas</i> (Na2F7B3d7k)	786/996= 81,3%	681/952=71,5%	860/1073= 80,1%	885/1096= 80,7%	1079/1266= 85,2%
<b>Outros governo</b>	PR .447	PR .458	PR .552	-	PR .533

Fonte: O autor (2022).

Observa-se que o fator *monossílabo* apresenta-se significativa para a pluralização, corroborando com a hipótese inicial deste estudo e indo na direção do que foi verificado por Fiamengui (2011). Retomando aqui os resultados de Scherre (1988), verifica-se que os *monossílabos*, ao contrário do que se observa na tabela anterior, inibe a marcação de plural:

**Tabela 85** – Marcação de pluralidade na variável número de sílabas (adultos)

**TABELA 6.2.2.3**

**NÚMERO DE SÍLABAS DOS ITENS LEXICAIS  
SINGULARES DE TODOS OS DADOS DOS ADULTOS**

<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob.</b>
Monossílabo	2901/3056	= 95	(0,48)
Dissílabo	2943/4621	= 64	(0,51)
Mais de duas	1794/3070	= 58	(0,51)

Fonte: Scherre (1988, p. 81).

Sobre essa variável, Scherre (1988, p. 82) faz ainda importantes considerações:

- 1) 90% dos casos de monossílabos ocorrem antepostos ao núcleo, sendo 81% artigos e 09% possessivos, os quais são marcados por esta razão e não por serem monossílabos;
- 2) Os 10% restante são todos tônicos, e são marcados por causa da Tonicidade e não, também, pelo número de sílabas.

Observa-se que a autora insere as variáveis *classe gramatical* e *posição do elemento* na discussão para compreender melhor seus resultados. Nessa linha de pensamento, Scherre (1988) considera o alto percentual de pluralização obtido para os *monossílabos* por se constituírem de *artigos* ou *pronomes possessivos*, tal como exemplificam alguns dados extraídos do *corpus* desta pesquisa:

(57) (Si1A7B1/// **os** deuses

(58) (Sf1A7A1/// **Meus** primos

Visando ampliar a comparação entre os resultados encontrados, retomam-se os resultados de Carvalho (1997), advindos de uma amostra de cidadãos de Rio Branco, capital situada ao Norte do Brasil:

**Tabela 86** – Número de sílabas dos itens lexicais singulares: frequência, porcentagem e peso relativo referente à CN+

Nº DE SÍLABAS	APL/TOTAL	%	PR
Monossílabo	<u>989</u> 1113	=89	.42
Dissílabo	<u>675</u> 1126	=60	.52
Mais de duas sílabas	<u>358</u> 762	=47	<b>.60</b>
TOTAL	2022/3001	=67	
INPUT	=90		
SIGNIFICANCE	=016		

Fonte: Carvalho (1997, p. 108).

Em seu estudo, a autora levanta a seguinte hipótese:

No que se refere à terceira dimensão do Princípio da saliência fônica — o número de sílabas — o comportamento esperado é o que os termos com maior número de sílabas

(lâmpada, árvore, japonês) sejam mais marcados, pelo fato de conterem mais material fônico e, por isso, são mais perceptíveis (CARVALHO, 1997, p. 74).

Sendo assim, os resultados atestados por Carvalho (1997) mostram uma clara relação entre o PR do fator + *de 2 sílabas* com o princípio da saliência fônica, segundo o qual, quanto mais matéria fônica houver em um elemento, mais tendência para ser pluralizado. Esse resultado, portanto, diverge dos resultados de Scherre (1988), de Fiamengui (2011) e do presente estudo. Uma possível explicação para essa divergência pode se dar pelo tipo de princípio que atua sobre os dados: nos dados de Carvalho (1997), é atuante o princípio da saliência fônica, ao passo que, nos demais estudos, o princípio da economia, pelo fato de o informante pluralizar mais determinadas classes de palavras que geralmente estão na *1ª posição do SN*.

#### 5.2.1.6 Marcas precedentes

Constituindo-se em mais uma das variáveis analisadas por Scherre (1988), sua análise deverá levar em conta o princípio do paralelismo formal (SCHERRE, 1998): marcas levam a marcas e zero, ou ausência de marcação motiva mais ausência de marcação ou zero de marca. Para essa variável, foram obtidos os seguintes resultados para cada cidade pernambucana (encontram-se em negrito os PRs acima do nível de neutralidade):

**Tabela 87** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável marcas precedentes em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra</b> <b>Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>A — Ausência do elemento precedente, constituindo 1ª posição não marcada</i>	1631/1640=9 9,5%	1546/1555= 99,4%	1777/1792= 99,2%	1790/1795= 99,7%	1935/1947= 99,4%
	<b>PR .816</b>	<b>PR .775</b>	<b>PR .807</b>	<b>PR .907</b>	PR .454

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra</b> <b>Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
(Ni1A7B1/// <b>Pra</b> outras coisas					
<i>B — Elemento</i> <i>em segunda</i> <i>ordem na</i> <i>apresentação,</i> <i>precedido de</i> <i>elemento não</i> <i>marcado</i> (Ni1A7B1/// <b>Do shows</b>	3/4=75%  PR .145	-  -	4/5=80%  PR .192	-  -	-  -
<i>E — Numeral</i> <i>enquanto</i> <i>elemento</i> <i>precedente</i> (Sa2E7A1d7k <b>Três amigos</b>	88/110=80%  PR .318	80/152= 52,6%  PR .177	126/181= 69,6%  PR .229	127/153= 83%  PR .160	142/173= 82,1%  <b>PR .597</b>
<i>F — Marcas</i> <i>formais de</i> <i>plural em</i> <i>elementos da</i> <i>1ª posição</i> (Sd2F7B3/7k Textos <b>narrativos</b>	1109/1536= 72,2%  PR .187	944/1404= 67,2%  PR .275	1164/1606= 72,5%  PR .218	1222/1629= 75%  PR .110	1384/1743= 79,4%  PR .503

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra</b> <b>Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>G — Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado</i> (Sa3G7B3b7k Todos os aspectos	66/71=93%	89/127= 70,1%	104/124= 83,9%	127/152= 83,6%	34/154= 87%
	PR .518	PR .229	PR .287	PR .147	<b>PR .789</b>
<i>H — Um elemento precedente marcado e outro não marcado, nas seguintes situações:</i> (a) zero e marca formal: (Sa3H7B2b7k Pra outras coisas; (b) numeral e marca formal: (Nd5H7B3/7k Cinco ou seis caras <b>estranho</b>	36/51=70,6%	47/83= 56,6%	41/74= 55,4%	43/62= 69,4%	94/124= 75,8%
	PR .115	PR .112	PR .0.92	PR .71	<b>PR .636</b>

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra</b> <b>Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>(c) marca formal e numeral:</i> (Sa3G7A2d7k Meus dois <b>irmãos</b>					
<i>(d) marca formal e modificador:</i> (Sa3G7B3b7k Os maiores <b>problemas</b>					

Fonte: O autor (2022).

A partir dos resultados apresentados acima, verifica-se, por um lado, que o fator *ausência de elemento precedente* condiciona CN+ na maioria das cidades, sendo seus PRs concentrados acima de .75, um resultado que vai na direção do estudo de Scherre (1988), conforme mostra a tabela a seguir:

**Tabela 88** – Marcas precedentes em função da posição em Scherre (1988)

(continua)

**TABELA 6.2.3.21**

**MARCAS PRECEDENTES EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO: ANÁLISE B**

<b>MARCAS</b>	<b>POSIÇÃO</b> <b>DE</b> <b>ANÁLISE</b>	<b>FALANTES</b>	
		<b>Adultos</b>	<b>Crianças</b>
Ausência	1	Apl./Total % Prob 4225/4335= 97 <b>0,92</b>	Apl./total % Prob 836/855 = 98 <b>0,93</b>

**TABELA 6.2.3.21**  
**MARCAS PRECEDENTES EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO: ANÁLISE B**

MARCAS	POSIÇÃO DE ANÁLISE	FALANTES	
		Adultos	Crianças
Zero na 1 <sup>a</sup> posição	2	105/105 = 100 +	19/19 = 100 +
Numeral na 1 <sup>a</sup> posição	2	886/1529 = 58 <b>0,56</b>	146/258 = 57 <b>0,72</b>
s- na 1 <sup>a</sup> posição	2	2205/3974 = 55 0,49	326/796 = 41 <b>0,57</b>
Sprep(x)s-	2 e 3	11/16 = 69 <b>0,71</b>	1/1 = 100 +
Sprep(0)-	2 e 3	68/177 = 38 0,34	14/80 = 17 0,28
ss(s)-	3 e 4	258/368 = 70 <b>0,61</b>	38/50 = 72 <b>0,76</b>
y(x)x-	3,4,5	207/382 = 54 0,47	28/59 = 47 <b>0,58</b>
x(y)0-	3,4,5	13/200 = 6 0,04	1/25 = 4 0,01

Fonte: Scherre (1988, p. 205).

Por outro lado, nota-se que o fator *um elemento precedente marcado e outro não marcado* apresenta os menores PRs na tabela dos resultados da presente pesquisa, sendo uma das causas a atuação do princípio do paralelismo formal, levando em conta que marcas levariam a marcas, e zeros levariam a zeros.

O fator *duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado* no trabalho de Scherre (1988) tem seu PR em nível intermediário, pois não está entre os menores e também não é o maior. Já nos resultados da presente pesquisa, está entre os PRs mais baixos para a maioria das cidades pernambucanas, exceto em Serra Talhada, onde se obteve um PR de .789. Nesse caso, parece não ser atuante o princípio do paralelismo formal, mas, sim, o princípio da economia: permanece a maior pluralização no elemento que ocupa a 1<sup>a</sup> posição no SN.

#### 5.2.1.7 Animacidade dos substantivos

Para a composição desta variável, foram selecionados quatro fatores, cujos resultados quantitativos são apresentados a seguir:

**Tabela 89** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade dos substantivos em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b>	<b>Carpina</b>	<b>Petrolina</b>	<b>Recife</b>	<b>Serra Talhada</b>
<b>Fatores</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>
<i>+humano</i> (Sa2F7B37k)	37/77= 48,1%	29/41=41,4%	49/74= 66,2%	70/101=69,3%	47/75=62,7%
As <b>peessoas</b> negras	PR .264	PR .291	-	PR .466	PR .285
<i>-humano</i> (Sa2F7B3b7k)	668/958= 69,7%	576/971= 59,3%	798/1140= 70%	797/1116= 71,4%	962/1234= 78%
Aqueles <b>lixeiros</b>	PR .445	PR .438	-	PR .430	PR .496
<i>+coletivo</i> (Sa2E7B2c7k)	15/22= 68,2%	7/19=36,8%	21/35=60%	12/16=75%	20/27=74,1%
dois <b>times</b>	PR .346	PR .254	-	PR .486	PR .523
<i>-coletivo</i> (Sa2F6B3d7k)	452/553= 81,7%	387/494= 78,3%	401/514= 78%	452/530= 85,3%	476/569= 83,7%
os <b>professores</b>	<b>PR .635</b>	<b>PR .658</b>	-	<b>PR .652</b>	PR .537

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados apresentados e, ao contrário de Scherre (1988) e Mangabeira (2016), a hipótese inicial deste estudo não foi confirmada, pois o fator *+humano* não se mostra significante para a CN+. Analisando os fatores *+humano* e *-humano*, Scherre (1988) verifica que, pelos PRs, o fator *-humano* desfavorece a marcação de pluralidade, enquanto *+humano* é neutro em relação a essa marcação.

Ao realizar análises na página 272 da sua tese, entre os fatores (i) *+humano/-humano*, (ii) *-coletivo/+coletivo* e (iii) *+animado/-animado*, a autora chega à seguinte conclusão:

A oposição maior que temos com relação à Animacidade é [+humano] x [-humano]. Novamente os resultados correspondem à nossa expectativa linguística: se o traço humano é considerado mais saliente, é de se esperar, dentro da linha geral do nosso trabalho, que os substantivos marcados positivamente com relação a este traço tenham mais marcas de plural (0,55/0,54) do que com traço [-humano] (0,44/0,46), como mostram as probabilidades obtidas. (SCHERRE, 1988, p. 272).

Na consideração tecida pela autora, quanto mais humano for o traço, mais marcação obterá, e isso está diretamente relacionado à questão da saliência fônica, de maneira que, ao inserir os demais fatores supramencionados para diferentes análises, a autora observou que o fator *+humano* exerce influência sobre essa marcação.

**Tabela 90** – Animacidade dos substantivos nos dados de todos os falantes

<b>TABELA 6.2.6.3</b>						
<b>ANIMACIDADE DOS SUBSTANTIVOS NOS DADOS DE TODOS OS FALANTES</b>						
<b>ANIMACIDADE</b>	<b>FALANTES</b>					
	<b>Adultos</b>			<b>Crianças</b>		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
-humano	1988/3809 =	52	0,45	316/746 =	42	0,46
+humano	1294/2101 =	62	0,55	165/397 =	42	0,54

Fonte: Scherre (1988, p. 272).

Conforme mencionado anteriormente, Scherre (1988) também realizou uma análise individual das variáveis, na qual teve o intuito de observar mais nitidamente a marcação sobre o fator *+humano*, embora se observe que, conforme exposto na tabela anterior, não supera a neutralidade, o que implica dizer que não favorece a CN de número.

Pode-se dizer que houve um favorecimento para a CN de número quando a autora amalgamou o referido fator *+humano* com *-coletivo*, obtendo um PR de .59 (1192/1947) para marcação de pluralidade, e ao amalgamar com o fator *+coletivo*, obtendo PR de .65 (102/154). Sendo assim, não se pode dizer que o fator *+humano* é suficiente para propiciar mais marcação de pluralidade, mas é possível dizer que pode aumentar essa marcação, a depender de outros fatores com os quais se correlacione.

Outro estudo que analisou a referida variável da *animacidade dos substantivos* foi o de Mangabeira (2016):

**Tabela 91** – Animacidade x CN

	<b>Ocorrências</b>	<b>/</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Traços					
[+] humanos	171		380	45,0	<b>0,571</b>
[-] humanos	302		679	44,5	0,460
<b>Total</b>	<b>473</b>		<b>1059</b>	<b>44,7</b>	

Fonte: Mangabeira (2016, p. 267).

Nesse estudo, o PR, embora não tão alto, sai do nível de neutralidade (0,571), apontando o fator *+humano* como favorecedor de CN+. Pode-se dizer, pela tabela acima, que houve um favorecimento da pluralização para o fator *+humano*, independentemente de outros fatores para correlacionar, destacando que a saliência presente no fator *+humano* tende a marcar mais os elementos.

### 5.2.1.8 Grau dos substantivos e adjetivos

Ao considerar o grau de *aumentativo e diminutivo*, Scherre (1988) tinha em vista uma relação com a informalidade expressa em gírias e demais figuras de linguagem e o fator *normal* para aspectos de formalidade. Seguem os resultados obtidos nesta pesquisa para as cidades pernambucanas (destaca-se em negrito o maior PR):

**Tabela 92** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável *grau de substantivos e adjetivos em dados de fala do PB*

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
Normal (Sa2F7B2b7k) Algumas coisas	1408/1867 = 75,4%	1180/1779= 66,3%	1515/2046= 74%	1549/2017= 76,8%	1785/2211= 80,7%
	<b>PR .497</b>	-	-	-	-
Aumentativo (Sd2F9A3/8k) Os valentões	-	-	1/2= 50%	2/3=66,7%	-
	-	-	-	-	-
Diminutivo (Sa2E7B3d9y) Sete filhotinhos	7/17= 41,2%	9/15=60%	14/9=60,9%	10/19=52,6%	16/27=59,3%
	<b>PR .803</b>	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Se a análise fosse realizada apenas tendo em vista o PR, o único fator que seria favorecedor de CN+ seria o *grau diminutivo* na cidade de Belo Jardim, divergindo, assim, da hipótese inicial de que o *grau normal* seria o mais favorecedor da marcação de plural. Ao

observar a tabela acima como um todo, vê-se que a referida variável não foi relevante para o presente estudo, levando em conta que não obteve PR na maioria das cidades por não ser selecionada na rodada das demais localidades, apresentando apenas os percentuais de marcação.

Por outro lado, se observados apenas os percentuais, verifica-se que, na maioria das localidades, há uma maior frequência de marcação com o fator *grau normal*, seguindo os percentuais obtidos por Scherre (1988). Segundo essa pesquisadora, o uso do *aumentativo* e do *diminutivo* ocorreria em situações muito específicas, como no uso de gírias. Vejam-se seus resultados na tabela a seguir:

**Tabela 93** – Marcação de Pluralidade em Grau dos Substantivos

**TABELA 6.2.6.4**

**GRAU DOS SUBSTANTIVOS**

GRAU	FALANTES					
	Adultos			Crianças		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
Diminutivo/ Aumentativo	63/157	= 40	0,40	8/55	= 15	0,37
Normal	3219/5753	= 56	<b>0,60</b>	473/1088	= 43	<b>0,63</b>

Fonte: Adaptada de Scherre (1988, p. 274).

Conforme verificado, ao contrário do que se obtém nesta tese, é o *grau normal* que favorece a marcação de plural na pesquisa de Scherre (1988), com os PRs acima do nível de neutralidade (0,60 e 0,63). Outro trabalho que aborda a variável em análise é o de Mangabeira (2016), cujos resultados são apresentados a seguir:

**Tabela 94** – Grau dos substantivos e adjetivos x CN em Mangabeira (2016)

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
Normal	555	1172	47,4	0,511
Diminutivo e Aumentativo	1	19	5,3	0,06
<b>Total</b>	<b>556</b>	<b>1191</b>	<b>46,7</b>	

Fonte: Mangabeira (2016, p. 269).

É interessante perceber que, mesmo o percentual sendo alto para a marcação de plural no *grau normal* (47,4%), o PR encontra-se no nível de neutralidade para esse fator (.511), o que indica que nem favorece nem desfavorece essa marcação, ao contrário do que foi verificado por Scherre (1988).

Seria esperado que o fator *grau normal* apresentasse um PR acima da neutralidade, haja vista que no *diminutivo* ou no *augmentativo* há uma certa informalidade que pode motivar a ausência de pluralização. É possível que outros fatores tenham interferido para que esse fator não tenha superado a neutralidade, tais como a posição que o *substantivo* ocupava no sintagma, bem como a relação com as *marcas precedentes* ou outros aspectos intrínsecos aos elementos no sintagma.

#### 5.2.1.9 Formalidade dos substantivos e adjetivos no PB

A formalidade está diretamente relacionada ao princípio da marcação, levando em conta que quanto mais complexa for uma estrutura, mais ela tende a ser mais marcada. Com base nos fatores que compõem essa variável, segue a tabela com os resultados para a marcação da CN de número na fala das cidades pernambucanas:

**Tabela 95** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável formalidade dos substantivos e adjetivos em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b> (O/TG=P)	<b>Carpina</b> (O/TG=P)	<b>Petrolina</b> (O/TG=P)	<b>Recife</b> (O/TG=P)	<b>Serra Talhada</b> (O/TG=P)
<b>Fatores</b>					
<i>+Formal</i> (Sa2F7B3d7k)	1397/1839= 76%	1174/594= 66,4%	1510/2031= 74,3%	1537/1997= 77%	1782/2203= 80,9%
As <b>peessoas</b>	PR .514	-	PR .505	PR .506	PR.505
<i>-Formal</i> (Sa2E7B3d9y)	18/45= 40%	15/26= 57,7%	20/40= 50%	24/42= 57,1%	19/35=54,3%
Sete <b>filhotinhos</b>	PR .088	-	PR .249	PR .259	PR .221

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados, verifica-se que a hipótese inicial de que o fator *+formal* favoreceria mais a marcação de plural nos elementos não se confirma, pois os PRs obtidos para

as cidades estão no nível de neutralidade (entre .50 e .51). Se observado o fator *-formal*, verifica-se que é evidente o seu desfavorecimento para a realização dessa pluralização. Possivelmente, esse resultado deva-se ao fato de os estudantes considerarem a situação das entrevistas (embora informais) como sendo mais formal por serem realizadas em ambiente escolar diante do pesquisador, não se constituindo, portanto, em uma situação de conversa entre amigos.

Vale referir que, enquanto neste estudo foi analisado o *grau de substantivos e adjetivos*, na pesquisa de Scherre (1998), só foi analisado o *grau dos substantivos*, conforme consta na próxima tabela.

Embora a referida autora tenha analisado a *formalidade dos substantivos* em momentos distintos aos dos *adjetivos*, alegando que ambas as *classes gramaticais* possuem comportamentos diferentes no SN, justifica-se que optou-se, neste trabalho, por integrar ambas as classes em uma mesma variável da mesma forma que Mangabeira (2016) fez em sua tese, por considerar que ambas as *classes gramaticais* possuem a mesma flexibilidade quanto ao seu grau, e que, embora possam estar em posições diferentes no sintagma, será verificada a pluralização sobre a formalidade em ambas. Segue, assim, a tabela com os resultados obtidos por Scherre (1988), para a marcação dessa variável.

**Tabela 96 – Formalidade dos substantivos**

**TABELA 6.2.6.1**

**FORMALIDADE DOS SUBSTANTIVOS**

FORMALIDADE	FALANTES					
	Adultos			Crianças		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
+informal	130/459	= 28	0,39	34/192	= 18	0,33
-informal	3152/541	= 58	<b>0,61</b>	447/951	= 47	<b>0,67</b>

Fonte: Scherre (1988, p. 274).

Nos resultados apresentados, o fator *-informal* é o que favorece a pluralização dos elementos nas amostras de fala de adultos (0.61) e de crianças (0.67). A autora fez poucas considerações sobre a referida variável, mas de uma maneira bem consistente:

Os resultados acima - diminutivos/aumentativos desfavorecendo o número de marcas plurais - nos SNs (0,40/0,37) - explicam-se também em função das situações de mais informalidade; afetividade etc. E, conseqüentemente, de menos pressão social que envolve o uso dos diminutivos/aumentativos. Nestas circunstâncias, a ausência de marcas plurais nos SNs é comumente constatada (SCHERRE, 1988, p. 274).

Com as considerações de Scherre (1988), para a referida variável, corrobora-se que, quanto mais houver elemento no seu grau *normal* no sintagma, mais pluralização haverá, e que formas no *diminutivo/aumentativo* tendem a provocar a ausência de marcas. O trabalho de Scherre (1988) trouxe nitidamente o resultado de que *substantivos em grau normal* são mais pluralizados, com resultado acima da neutralidade, enquanto o presente trabalho, ao tentar integrar os *substantivos e adjetivos* nessa mesma variável, não superou o nível de neutralidade.

Vale referir que, ao contrário dos resultados da tabela acima, Mangabeira (2016) obteve resultados semelhantes aos apresentados na próxima tabela, em que o fator [-*informal*] encontra-se no nível de neutralidade (0.53):

**Tabela 97** – Formalidade dos substantivos e adjetivos no CT em Mangabeira (2016)

	<b>Ocorrências</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
- <i>informal</i>	544	1097	49,6	.537
+ <i>informal</i>	8	90	8,9	.139

Fonte: Adaptada de Mangabeira (2016).

Apesar de, no trabalho de Mangabeira (2016), não haver favorecimento para a CN de número nos resultados para a referida variável, foram feitas importantes considerações a respeito, ao comparar os seus resultados com os de Scherre (1988):

Ainda que a divisão dos fatores seja distinta nos dois trabalhos, a influência da variável (peso relativo dos fatores) aponta na mesma direção de ambos. A hipótese de que o item (+) informais desfavoreceriam a aplicação da marca (0,139), enquanto os (-) informais favoreceriam a presença de marcas (0,537) se confirmou nos dados do CT.

É preciso notar, no entanto, que, mais fortemente, o que se pode perceber no efeito desta variável sobre a CN é o desfavorecimento que os itens (+) informais exercem. Os itens (-) informais favorecem apenas levemente a presença de marcas, mas tem um efeito quase neutro sobre a variável, por ter um peso relativo muito próximo a 0,5 [...]. (MANGABEIRA, 2016, p. 268-269).

Pelas suas considerações, Mangabeira (2016) reforça o que foi dito acima, a respeito da organização da referida variável para o seu trabalho e para o presente estudo também realizado, no sentido de que a formalidade dos itens é o que está sendo analisada. Assim, pode-se compreender que os -*informais* ou *formais* são os que tendem a apresentar mais marcação, o que ficou atestado por meio do trabalho de Scherre (1988). Os baixos PRs encontrados no presente trabalho e no de Mangabeira (2016) para a pluralização seriam outras situações, tais

como: a posição em que os elementos se encontravam no sintagma analisado, questões de *marcas precedentes*, dentre outras.

### 5.3 SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PB E NO PE NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA

Vale destacar que, no presente estudo, a análise não atomística possui dois fatores em sua variável dependente: *marcação de todos os elementos no SN* e *ausência de marcação em pelo menos 1 dos elementos no SN analisado*.

#### 5.3.1 Sobre a variável dependente no PB

Conforme já explicitado, na análise não atomística, todo o sintagma é analisado, e o que se observa não é apenas a pluralização ou a marcação, mas sim a concordância em todo o sintagma. Para tanto, convoca-se para essa análise a possível influência de variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas.

Para a realização da CN de número desta variável dependente, seguem os resultados obtidos nas localidades pernambucanas:

**Tabela 98** – Percentual de CN+ na fala não atomística em cidades pernambucanas

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Belo Jardim	1207/1678	72%
Carpina	1007/1588	63,4%
Petrolina	1315/1847	71,2%
Recife	1317/1750	75,3%
Serra Talhada	1522/1961	77,6%

Fonte: O autor (2022).

A partir dos resultados percentuais obtidos, verifica-se que, tal como na análise atomística, a regra de CN de número apresenta-se como variável em todas as cidades, o que é de suma importância para o aspecto informativo e comparativo para estudos posteriores que busquem resultados gerais no presente estudo, não apenas em variáveis independentes, mas também da dependente.

No estudo de Scherre (1988), embora seja feito o diferencial entre a análise atomística e não atomística, não é apresentado um percentual geral de aplicação da CN de número para a segunda análise.

### 5.3.2 Sobre a variável dependente no PE na análise não atomística

Se, para os dados do PB, apresentar os percentuais gerais de aplicação da CN de número em uma análise não atomística é inédito na literatura produzida desde a década de 70 do século passado, muito mais o é para a variedade europeia. Dessa forma, seguem os percentuais gerais para aplicação da CN de número nessa última variedade:

**Tabela 99** – Percentuais de CN+ na fala não atomística em Portugal

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Algarve	658/668	98,5%
Lisboa	1243/1252	99,3%

Fonte: O autor (2022).

Da mesma forma que ocorre na análise atomística, Lisboa apresenta uma regra categórica, e Algarve, uma regra semicategórica; um resultado que pode ser explicado via aspectos sociolinguísticos mapeados pelas fichas sociais, dentre eles a de que, na primeira cidade, concentram-se mais instituições de ensino e há um maior padrão de vida socioeconômico.

Um ponto a destacar é que, ao contrário de Lisboa, Recife, embora seja a capital de Pernambuco e tenha muitas instituições e um maior padrão de vida, evidencia uma regra variável. Ambas as cidades são polos turísticos e comerciais, apesar de o número de habitantes ser discrepante, mas pode-se dizer que tanto Recife quanto Lisboa estão em constante acolhimento de turistas e imigrantes, e ainda pode-se dizer que Recife é um polo universitário dentro do estado pernambucano, e Lisboa, dentro de todo o país, o que concede igual possibilidade de proliferação das variações linguísticas, vindas de diferentes regiões e até países.

## 5.4 SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA

Ao realizar a rodada dos dados para cada localidade pernambucana, com os dados da fala, obtiveram-se os seguintes percentuais de pluralização:

**Tabela 100** – Percentuais de CN+ na fala não atomística em cidades pernambucanas

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Belo Jardim	1207/1678	72%
Carpina	1007/1588	63,4%
Petrolina	1315/1847	71,2%
Recife	1317/1750	75,3%
Serra Talhada	1522/1961	77,6%

Fonte: O autor (2022).

Nos padrões de Labov (2003), a regra para as cinco localidades pernambucanas, mais uma vez, apresenta-se enquanto variável, constituindo-se em um aspecto linguístico em comum de tais comunidades de fala do mesmo estado pernambucano. É interessante pontuar que os percentuais não foram baixos, visto que estão acima de 60% para pluralização. Já os percentuais de marcação para o PE nos dados da fala em análise não atomística seguem na próxima tabela:

**Tabela 101** – Percentuais de CN+ na fala não atomística em Portugal

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Algarve	658/668	98,5%
Lisboa	1243/1252	99,3%

Fonte: O autor (2022).

Vê-se uma pequena diferença de percentual de pluralização entre as localidades portuguesas (menos de 1%), o que implica dizer que o nível de pluralização é praticamente o mesmo entre tais comunidades de fala, embora, nos padrões labovianos (*cf.* LABOV, 2003), a regra seja categórica para Lisboa e semicategórica para o Algarve.

Apesar de a tipologia da regra ser diferente para cada localidade, pode-se dizer que partilham de uma pluralização no SN em quase todos os elementos, constituindo uma mesma comunidade de fala.

A respeito das variáveis linguísticas selecionadas para esse tipo de análise, só serão analisadas para as cinco cidades pernambucanas, haja vista o tipo de regra encontrada, a saber: variável. Para tanto, são apresentados e analisados os resultados nas próximas subseções.

#### 5.4.1 Grau e formalidade no SN

O único estudo onde foram encontrados resultados para a variável *grau e formalidade no SN* foi de Scherre (1988). Observem-se os resultados obtidos para os fatores que compõem essa variável nas cinco cidades pernambucanas:

**Tabela 102** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável grau e formalidade do SN em dados de fala do PB

<b>Localidade</b> <b>Fatores</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<i>SNs com todos os itens formais</i> (Sa2F7B3d7k)	1195/1644= 72,7%	997/1571= 63,5%	1300/1802= 72,1%	1305/1720= 75,9%	1508/1930= 78,1%
<b>As princesas</b>	PR .509	-	PR .509	PR .507	PR .505
<i>SNs com um item no aum./dim., em situação de informalidade</i> (Sa2F7B3d9y)	12/34= 35,3%	10/17= 58,8%	15/45=33,3%	12/30= 40%	14/31=45,2%
<b>Dos filhotinhos</b>	PR .138	-	PR .200	PR .165	PR .222

Fonte: O autor (2022).

Conforme os resultados, em quase todas as cidades, exceto Carpina, embora os percentuais sejam elevados para o fator *SNs com todos os itens formais*, seu PR encontra-se no nível de neutralidade, ao contrário do que se observa em Scherre (1988), cujo fator é favorecedor da realização da CN:

Tabela 103 – Grau e formalidade do SN em Scherre (1988)

## TABELA 6.3.3.9

## GRAU E FORMALIDADE DO SN

GRAU/FORMALIDADE	Apl./Total	%	Prob. 1	Prob. 9
Informal e/ou diminutivo/aumentativo	15/98	= 15	0,28	0,37
Não informal Não diminutivo Não aumentativo	469/850	= 55	<b>0,72</b>	<b>0,63</b>

Fonte: Adaptada de Scherre (1988, p. 343).

Tanto na análise atomística quanto na não atomística, o aspecto da formalidade tende a favorecer mais a realização da CN de número na pesquisa de Scherre (1988), algo que pode ser explicado pelo princípio da marcação: elementos em contexto formal possuem mais informação e favorecem mais a pluralização.

#### 5.4.2 Pluralidade do SN

Visto que, apenas no trabalho de Scherre (1988) até o presente momento, é trabalhada a variável *pluralidade no SN* e, de forma breve, com apenas uma tabela de resultados (que serão apresentadas mais adiante), abordaremos os resultados para seus três fatores (a saber: a) *pode ser apenas um*; b) *mais de um não inerente* e c) *partes do corpo*) nesta tese, visando ampliar a compreensão sobre a CN de número no PB. A autora justifica a inclusão do segundo fator em seu estudo nos seguintes termos:

Consideramos, então, que há SNs que se referem a conceitos, situações, eventos ou entidades que são necessariamente ou comumente mais de um. Os casos abaixo são exemplos destes SNs:

-minha mãe nunca interferiu nos meus problemas. (Ari39,fg,43a);

-ficam brincando com os nossos filhos direitos. (Hel44,fc,44a);

-nós não damos tanto valor às nossas raízes. (Mgl48,fc,52a);

-me identifico muito com isso, com as nossas coisas, né? (Pac20,mc,26a) [...]. (SCHERRE, 1988, p. 332).

Prosseguindo, Scherre (1988) apresenta as seguintes considerações sobre o fator *partes do corpo*:

[...] consideramos os SNs que fazem referência a partes do corpo, com quase todas as ocorrências listadas abaixo:

- desde que os seus olhos gostaram. (Dav24,mc, 31a);
- ficam com as cabeças é, como se diz? perturbadas, né? (Hel34,fg,62a);
- começaram a ingressá as duas perna. (Leo38,mc,18a);
- tá com os lábio vermelho, Patrícia. (Joa10,fp,27a);
- tinha isso aqui bem largo, as perna bem feita, né? (Nil12,fp,45a);
- uns cabelo tudo arrepido. (Jov26,mg,32a);
- alisá a cabecinha do velho, com aqueles cabelim branquim. (Sue05,fp,24a);
- tinha aqueles cacho escorridinho. (Nil21,fp,45a);
- diz que tá cos peito todo doendo. (Lei04,fp,25a).

Embora mesmo neste fator haja SNs de classificação discutível, estes seriam os casos menos dúbios. É interessante observar que há algumas partes do corpo que são inerentemente duas (olhos, lábios, pernas), já há outras que, em verdade, são apenas um (peito, cabeça) e há os casos em que as duas situações acima não se colocam: cache/cabelo (SCHERRE, 1988, p. 333).

O que se pode entender mediante os exemplos e as considerações feitas pela autora é que há duas possibilidades: tanto de a parte do corpo estar em situação cristalizada quanto em um contexto de pluralização. Essa questão é, portanto, compreendida pelo viés semântico, devendo ter sempre em mente o contexto em que o SN é produzido. Há casos, por exemplo, em que tanto é permitida a forma no plural quanto no singular, conforme exemplo extraído do *corpus* do PB:

(59) (SF3ne3mF As cinco cabeças

*Partes do corpo* como *peito* e *cabeça* podem ser pluralizáveis, pois, mesmo que cada ser vivo ou não vivo tenha apenas um, é possível que sintagmas se refiram a mais de um ser vivo (ex.: peitos de frango) ou não vivo (ex.: cabeças de alho). Sendo assim, considera-se que partes do corpo podem ser pluralizáveis, e os casos cristalizados para o singular podem ocorrer, mas em contextos muito específicos. Não há ocorrências de exemplos cristalizados para apresentar neste estudo e, portanto, não foram contemplados na codificação dos dados.

No que se refere ao fator *mais de um não inerente*, Scherre (1988, p. 332) entende que “[...] há SNs que se referem a conceitos, situações, eventos ou entidades que são necessariamente ou comumente mais de um [...]”. A autora prossegue apresentado exemplos desse fator, tal como: -minha mãe nunca interferiu no meus problemas. (Ari39, fg, 43a).

Diante do exposto, observem-se os resultados alcançados para os dados da língua falada nas cinco cidades pernambucanas:

**Tabela 104** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável pluralidade do SN em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<b>Fatores</b>					
<i>Pode ser apenas um</i> (SF1np16F) <b>As casas</b>	889/1266= 70,2% PR .467	765/1175= 65,1% -	955/1350= 70,7% -	951/1297= 73,3% PR .470	1047/1408= 74,4% PR .446
<i>Mais de um não inerente</i> (SF2np29F) <b>Uns três cachorros</b>	314/399= 78,7% <b>PR .612</b>	236/401= 58,9% -	347/478= 72,6% -	362/446= 81,2% <b>PR .590</b>	469/544= 86,2% <b>PR .638</b>
<i>Partes do corpo</i> (SF3np3mF) <b>Nas costas</b>	4/13=30,8% PR .233	6/12=50% -	13/19= 68,4% -	4/7=57,1% PR .378	6/9= 66,7% PR .481

Fonte: O autor (2022).

O fator que apresenta maiores PRs para a realização da CN entre as cidades é o *mais de um não inerente*, o que vai na direção dos resultados de Scherre (1988) apresentados a seguir (com exceção do segundo fator analisado que também favorece a variante de prestígio (0.63)), confirmando a hipótese inicial desta pesquisa.

**Tabela 105** – A pluralidade do SN  
**TABELA 6.3.3.13****A PLURALIDADE DO SN**

<b>FATORES</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob. 1</b>	<b>Prob. 9</b>
Mais de 1 não inerente	57/76 =	75	0,76	0,78
Pode ser apenas 1	424/858 =	49	0,51	0,63
Partes do corpo	3/14 =	21	0,23	0,14

Fonte: Scherre (1988, p. 350).

Por sua vez, se observados os outros dois fatores apresentados acima, verifica-se que seus PRs são baixos e muito próximos entre as cidades, o que indica ser característico da

comunidade de fala pernambucana investigada que partilha traços linguísticos em comum (cf. GUY, 2001).

### 5.4.3 Animacidade do SN

A seguir, são apresentados os resultados quantitativos obtidos para os fatores *+humano* e *-humano*. Vale salientar que os fatores selecionados para essa variável se pautaram na escolha também feita por Scherre (1988), tal qual se observa nos fatores de sua tabela (colocada aqui a seguir), visando testar a hipótese inicial de que os primeiros seriam favorecedores da realização da CN de número:

**Tabela 106** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade do SN em dados de fala do PB

Localidade	Belo Jardim (O/TG=P)	Carpina (O/TG=P)	Petrolina (O/TG=P)	Recife (O/TG=P)	Serra Talhada (O/TG=P)
<i>+humano</i> (SF1hp3mM <i>Dos</i> <i>professores</i> )	498/625= 79,7%	382/505= 75,6%	407/538= 75,7%	469/553= 84,8%	503/593= 84,8%
	<b>PR .628</b>	<b>PR .662</b>	PR .555	<b>PR .645</b>	<b>PR .643</b>
<i>-humano</i> (SF1np3mF <i>As</i> <i>ruas</i> )	709/1053= 67,3%	625/1083= 57,7%	908/1309= 69,4%	848/1197= 70,8%	1019/1368= 74,5%
	PR .423	PR .422	PR .477	PR .432	PR .437

Fonte: O autor (2022).

Conforme observado e esperado inicialmente, o fator *+humano* apresenta-se o mais favorecedor da referida variável. Em termos de percentuais, não há muita discrepância entre os fatores, mas, nos PRs, o referido fator supera o nível de neutralidade. Entre as cidades pernambucanas, os resultados são muito próximos, tanto em PRs quanto em percentuais, exceto Petrolina, que tem um PR dentro do nível de neutralidade.

A seguir, vejam-se os resultados obtidos por Scherre (1988):

Tabela 107 – Animacidade do SN em Scherre (1988)

<b>TABELA 6.3.3.15</b>			
<b>ANIMACIDADE DO SN</b>			
<b>ANIMACIDADE</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob. 9</b>
-humano	315/641	= 59	(0,47)
+humano	168/307	= 55	(0,53)

Fonte: Adaptada de Scherre (1988, p. 355).

A autora considerou que a variável não apresentou resultados expressivos para a aplicação da CN de número, destacando também que não havia sido selecionada na melhor rodada.

Embora no trabalho de Scherre (1988) não se tenha observado um favorecimento para a marcação na CN de número, no presente trabalho, vê-se que quase todas as localidades demonstram que a animacidade, ou seja, o fator *+humano* favorece claramente a pluralização nos elementos do SN, o que constitui um resultado inédito na literatura sobre a CN de número para essa variável.

#### 5.4.4 Variáveis extralinguísticas

É importante destacar que algumas variáveis extralinguísticas — como idade, sexo e escolaridade — foram selecionadas com base em Scherre (1988), sendo a variável extralinguística *tipo de escola* um diferencial desta pesquisa.

##### 5.4.4.1 Variável tipo de escola no PB

Apesar da vasta literatura produzida no PB sobre a CN de número e de o ambiente escolar poder favorecer pluralização dos elementos, visto que são transmitidas as normas prescritivas, ainda são muito poucos os estudos que analisam dados produzidos em escolas.

Até onde se saiba, no PB, existem apenas três trabalhos até o presente momento que realizaram a análise desse fenômeno com a produção falada ou escrita de alunos: Mariano (2013, 2019) e Silva (2017). Levando em conta que os dois trabalhos de Mariano abordam a CN de número apenas na escrita, serão feitos comparativos, nesta subseção, apenas com o trabalho de Silva (2017). Os resultados obtidos por Mariano (2013, 2019) serão retomados na seção 6.

De início, observem-se os resultados obtidos para a referida variável nas cinco cidades pernambucanas:

**Tabela 108** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística tipo de escola em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Carpina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Petrolina</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Recife</b> <b>(O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada</b> <b>(O/TG=P)</b>
<b>Fatores</b>					
<i>Particular</i>	732/868= 84,3%	618/781= 79,1%	852/992= 85,9%	686/852= 80,5%	887/1063= 83,4%
	<b>PR .663</b>	<b>PR .674</b>	<b>PR .702</b>	<b>PR .574</b>	<b>PR .581</b>
<i>Estadual</i>	238/326= 73%	159/264= 60,2%	197/333= 59,2%	192/285= 67,4%	106/268= 60,4%
	PR .469	PR .357	PR .133	PR .389	PR .280
<i>Municipal</i>	237/484= 49%	230/543= 42,4%	266/522= 51%	439/613= 71,6%	473/630= 75,1%
	PR .244	PR .319	PR .394	PR .449	PR .462

Fonte: O autor (2022).

Os resultados para essa variável extralinguística no PB são bem nítidos, revelando uma hierarquia de aplicação da CN ou ordem decrescente, na qual a *escola particular*, conforme esperado, favorece a realização da CN+, apresentando também os percentuais mais altos.

Dentre as localidades selecionadas, a que apresenta maior PR é Petrolina. Nesse contexto, pode-se dizer que não foi a cidade que mais favoreceu, mas a *escola particular*, cujos alunos entrevistados no Colégio Dom Bosco apresentavam um poder aquisitivo bem maior que os alunos da escola selecionada em Recife, capital do estado. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que há pouca diferença em relação aos PRs de marcação entre as *escolas particulares* de Petrolina, Belo Jardim e Carpina. As diferenças não são discrepantes, o que leva a afirmar que há uma motivação maior da *escola particular* para o favorecimento da realização da CN de número. Comparando os resultados obtidos com os de Silva (2017), veja-se a tabela:

**Tabela 109** – Peso relativo relacionado ao tipo de escola  
**VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA TIPO DE ESCOLA**

FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/OCORRÊNCIA DE CN+	PR (CN+)/Percentuais	
		ESTADUAL	2823/2287
PARTICULAR	7465/6174	<b>.58</b>	83%
MUNICIPAL	3958/1749	.28	44%

Fonte: Silva (2017, p. 81).

A *escola particular* e a *estadual* apresentam o mesmo PR. Segundo Silva (2017), isso se deve ao fato de haver, na amostra da escola particular e também da estadual, alunos que estavam no *3º ano do Médio*, maior nível de escolaridade da pesquisa, favorecendo a CN de número na amostra da respectiva escola, o que ao mesmo tempo desfavoreceria a pluralização pelos informantes da *escola municipal*, que não possui o *3º ano do Médio*. Tal aspecto observado no trabalho de Silva (2017) questiona se é o *tipo de escola* ou a *escolaridade* a ter mais força sobre a pluralização.

Quanto ao fato de a *particular* apresentar os maiores PRs nesta pesquisa, pode-se verificar, pelas respostas dadas pelos alunos nas fichas sociais, que o ensino de Língua Portuguesa baseia-se, em geral, numa atitude prescritiva mais intensa com base na norma contida nos manuais gramaticais, ao contrário do que é observado na escola pública (*municipal e estadual*).

#### 5.4.4.2 Variável faixa etária no PB

Pode-se dizer que a *faixa etária* é uma das variáveis extralinguísticas mais trabalhadas desde os primeiros estudos até os atuais sobre a CN de número (FERNANDES, 1996; FIAMENGUI, 2011; MARTINS, 2013; MARQUES, 2016).

Para as três faixas selecionadas nesta pesquisa, seguem os resultados encontrados:

**Tabela 110** – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística faixa etária em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b>	<b>Carpina</b>	<b>Petrolina</b>	<b>Recife</b>	<b>Serra Talhada</b>
	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>	<b>(O/TG=P)</b>
<b>Fatores</b>					
<i>Faixa 1</i>	368/535=	300/546=	378/555=	392/528=	458/593=
<i>(10 a 12 anos de idade)</i>	68,8%	54,9%	68,1%	74,2%	77,2%
	-	PR .413	PR .351	-	-
<i>Faixa 2</i>	296/463=	317/502=	349/550=	506/672=	630/772=
<i>(13 a 15 anos de idade)</i>	63,9%	63,1%	63,5%	75,3%	81,6%
	-	PR .514	PR .308	-	-
<i>Faixa 3</i>	543/680=	390/540=	588/742=	419/550=	434/596=
<i>(16 anos e acima)</i>	79,9%	72,2%	79,2%	76,2%	72,8%
	-	<b>PR .576</b>	<b>PR .742</b>	-	-

Fonte: O autor (2022).

Conforme mostram os resultados, a hipótese inicial de que seriam os informantes da *faixa 2* a realizarem mais CN de número não se confirma, pois aqui se sobressai a *faixa 3*, um resultado que pode ser explicado pelo fato de os estudantes com mais idade estarem no maior nível de escolaridade, o *3º Médio*, tendo, portanto, mais tempo de exposição ao ensino da norma prescritiva da Língua Portuguesa. Vale salientar que o contexto de produção foi o mesmo para todas as faixas etárias.

Conforme observado nos resultados acima, apenas as rodadas das cidades de Carpina e Petrolina consideraram a variável *faixa etária*, apresentando os PRs. Para realizar uma análise comparativa, serão expostos, a seguir, os resultados de Scherre (1988):

**Tabela 111** – Variável faixa etária CN+

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob.</b>
15/25 anos	2244/3126	= 72	0,49
26/49 anos	2891/3845	= 75	0,54
50/71 anos	2726/3998	= 68	0,47

Fonte: Adaptada de Scherre (1988).

Os resultados dos PRs apresentados na tabela acima não demonstram favorecimento para a marcação de pluralidade e, ao mesmo tempo, pode-se dizer que todas as faixas etárias estão quase no mesmo nível de realização da CN de número.

No estudo de Scherre (1988), as informações da tabela acima foram extraídas da tabela 8.5.1, e na tabela 9.4.1, dentre outras variáveis, a *faixa etária* aparece com um PR de .60 (2.891/3.845) para o fator 26/49a, que foi o maior PR de marcação encontrado para essa variável. Em linhas gerais, pode-se dizer que não há uma diferença relevante entre as *faixas etárias* no referido trabalho para a CN de número, o que leva a dizer que, da infância à fase adulta, os informantes cariocas, na década de 80, conservavam a variante utilizada, mantendo o mesmo nível de marcação dos elementos.

#### 5.4.4.3 Variável escolaridade no PB

Trata-se de mais uma variável clássica em praticamente toda a literatura da CN de número no PB, destacando-se, em geral, a conclusão de que informantes com maior escolaridade usam mais as marcas de plural nos constituintes do SN (*cf.* FERNANDES, 1996; MARTINS, 2013; MARQUES, 2016). A partir disso, a hipótese norteadora desta pesquisa baseia-se no fato de que, quanto maior o nível de instrução do falante, maior uso de CN+. Diante disso, apresentam-se os resultados a seguir:

**Tabela 112** – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralingüística escolaridade em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim (O/TG=P)</b>	<b>Carpina (O/TG=P)</b>	<b>Petrolina (O/TG=P)</b>	<b>Recife (O/TG=P)</b>	<b>Serra Talhada (O/TG=P)</b>
<b>Fatores</b>					
<i>6º ano</i>	368/535=	300/546=	378/555=	392/528=	458/593=
<i>Fundamental</i>	68,8%	54,9%	68,1%	74,2%	77,2%
	-	-	-	-	-
<i>9º ano</i>	296/463=	317/502=	349/550=	506/672=	589/726=
<i>Fundamental</i>	63,9%	63,1%	63,5%	75,3%	81,1%
	-	-	-	-	-
<i>3º Médio</i>	543/680=	390/540=	588/742=	419/550=	475/642=
	79,9%	72,2%	79,2%	76,2%	74%
	-	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

A ausência dos PRs em todas as localidades deve-se ao fato de que, dos grupos selecionados (variáveis) na melhor rodada de cada localidade, essa variável não foi considerada

significativa, obtendo apenas os percentuais, os quais são apresentados na tabela anterior.

Pode-se dizer que os percentuais obtidos são próximos tanto entre as cidades quanto entre os diferentes níveis de *escolaridade*, de maneira que não é possível atestar a hipótese inicialmente levantada, que corrobora com praticamente toda a literatura, no sentido de que quanto maior a *escolaridade*, maior será a aplicação da CN de número.

Há, nessa variável, a mesma situação que se observou em Scherre (1988) em relação à *faixa etária*, ou seja, os fatores têm uma proximidade de pluralização, sem diferenças relevantes, pois não há uma diferença no *3º ano do Médio* concernente à aplicação da CN de número que permita dizer que é o fator com maior aplicação da CN, uma vez que há percentual de realização da CN, inclusive, mais alto no *9º ano Fundamental*.

Sendo assim, os resultados para a CN de número dos pernambucanos, expostos na tabela anterior, permitem dizer que os alunos do *6º ano Fundamental*, utilizam a variante de prestígio em um certo nível percentual e praticamente a conservam até o fim do *Ensino Médio*, constituindo a mesma situação que ocorre com a *faixa etária* em Scherre (1988).

Para fins comparativos, será apresentada uma tabela adaptada da tabela 8.5.1 de Scherre (1988):

**Tabela 113** – Marcação de pluralidade na variável escolaridade em Scherre (1988)

<b>ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob.</b>
1 a 4	2413/3903 =	62	0,32
5 a 8	2605/3613 =	72	0,53
9 a 11	2843/3453 =	82	0,65

Fonte: Adaptada de Scherre (1988).

Os resultados de Scherre (1988) apontam que informantes mais escolarizados tendem a usar mais a variante de prestígio, visto que o PR está acima do nível de neutralidade, um resultado diferente do que foi obtido no presente trabalho. Sendo assim, em trabalhos como o de Scherre (1988), essa variável foi considerada significativa, mas não no presente trabalho, que demonstrou apenas um conservadorismo da variante de prestígio no decorrer dos anos escolares na Educação Básica.

#### 5.4.4.4 Variável sexo no PB

Sobre a variável em análise, observem-se, de início, os resultados obtidos (destacando-se, em negrito, os maiores PRs):

**Tabela 114** – Resultados para o uso de CN+, tomando por base a variável extralinguística sexo em dados de fala do PB

<b>Localidade</b>	<b>Belo Jardim</b>	<b>Carpina</b>	<b>Petrolina</b>	<b>Recife</b>	<b>Serra Talhada</b>
<i>Masculino</i>	507/767= 66,1%	432/834= 51,8%	574/902= 63,6%	605/835= 72,5%	715/965= 74,1%
	PR .432	PR .381	PR .397	PR .458	PR .545
<i>Feminino</i>	700/911= 76,8%	575/754= 76,3%	741/945= 78,4%	712/915= 77,8%	807/996= 81%
	PR .558	<b>PR. 631</b>	<b>PR .598</b>	PR .538	PR .457

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados, apenas nas cidades de Carpina e de Petrolina, estudantes do *sexo feminino* tendem a favorecer o uso de CN+, pois os PRs encontram-se acima do nível de neutralidade. Há uma boa diferença entre os PRs obtidos nas cidades, o que demonstra que em cada cidade há um comportamento linguístico distinto. Embora cidades como Carpina, Belo Jardim e Serra Talhada tenham quantidade parecida de habitantes e mesma condição socioeconômica, tratam-se de traços linguísticos compartilhados em cada comunidade de fala pernambucana. Sendo assim, não se trata de diferenças sociais, mas de comportamentos linguísticos específicos.

Em relação ao trabalho de Scherre (1988), o sexo feminino tende ao uso da variante de prestígio, tal como verificado nesta pesquisa:

**Tabela 115** – Variável sexo (CN+) em Scherre (1988)

<b>Sexo</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Prob.</b>
Feminino	4397/5680	77	0,59
Masculino	3464/5289	65	0,41

Fonte: Scherre (1988).

Diante da estratificação realizada nos estudos sociolinguísticos, o que se pode dizer é que a possível causa para o fato de as mulheres utilizarem mais a norma culta deve-se ao fato de estarem mais sujeitas a padrões estabelecidos pela sociedade brasileira, dentre os quais está o padrão linguístico do que é considerado esperado para cidadãs do sexo feminino desde crianças. No entanto, na tabela anterior, observa-se que as informantes cariocas, na década de 80, apresentam uma proximidade com o nível de neutralidade, de maneira que não se pode dizer que há um favorecimento para a CN de número de forma acentuada.

#### 5.4.4.5 Cruzamentos

Seguindo não apenas a análise de Scherre (1988), mas também de estudos posteriores que abordam a CN de número, o presente trabalho também realiza o cruzamento não somente entre variáveis linguísticas, mas também entre as extralinguísticas.

##### 5.4.4.5.1 Cruzamentos variáveis linguísticas

Os cruzamentos realizados nas próximas subseções investigam qual das variáveis possui mais força para realizar a CN de número, ou se há um percentual próximo de pluralização entre as variáveis cruzadas.

#### Cruzamento posição linear e marcas precedentes

O propósito de selecionar o cruzamento entre *posição linear e marcas precedentes* deve-se ao fato de que há uma relação bem coesa entre ambas as variáveis, visto que a posição que o elemento ocupa no SN também tem relação com o elemento que o antecede. O que se investiga na variável *marcas precedentes* é se o elemento que o antecede no sintagma favorece ou desfavorece a pluralização.

Diferente dos resultados individuais das variáveis, serão apresentadas tabelas com os resultados dos cruzamentos de cada localidade, iniciando pelos de Belo Jardim:

**Tabela 116** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Belo Jardim-PE

Marcas precedentes	Posição				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	Apl./total= %	Apl./total= %	Apl./total=%	Apl./total= %	Apl./total= %
<i>Ausência do elemento precedente</i>	1627/1636= 99%	4/4=100%	-	-	-
<i>Elemento em segunda ordem na apresentação</i>	-	3/4=75%	-	-	-
<i>Numeral enquanto elemento precedente</i>	3/3=100%	82/104= 79%	3/3=100%	-	-
<i>Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição</i>	3/3=100%	1094/1517 = 72%	12/16=75%	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado</i>	-	3/3=100%	59/64=92%	4/4=100%	-
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	-	1/1=100%	23/32=72%	11/16=69%	1/2= 50%

Fonte: O autor (2022).

Pode-se dizer que, para esse cruzamento na cidade de Belo Jardim, há duas vias para considerar o(s) fator(es) mais marcado(s): a primeira diz respeito ao fator *ausência de elemento precedente*, visto que a pluralização mais intensa é sobre o elemento em *1ª posição no SN* sob a atuação do princípio da saliência fônica.

A segunda via consiste em dizer que, entre os fatores que apresentaram pelo menos dois fatores com número de ocorrências consideráveis, há dois cruzados com maiores percentuais para marcação: *ausência de elemento precedente* (fatores em *1ª posição*) e os fatores cruzados em um *elemento precedente marcado* e o outro *não marcado* (*3ª e 4ª posição*).

Sendo assim, a hipótese inicial de que o fator cruzado com mais marcação, baseado nos resultados de Scherre (1988), seria elemento em *2ª posição*, com elemento precedente em 0 de marcação, não foi atestada em nenhuma das vias aqui pontuadas. A razão da disparidade nos resultados entre ambas as pesquisas pode ser apontada pelo número de ocorrências produzidas entre ambas as localidades, de uma maneira que houve contraste entre as duas localidades quando se observou o resultado em pluralizações entre ambas as variáveis.

Observem-se agora os resultados de Carpina:

**Tabela 117** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Carpina-PE

Marcas precedentes	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>	<i>7ª posição</i>
	Apl./total=%						
<i>Ausência do elemento precedente</i>	1535/1544=99%	11/11=100%	-	-	-	-	-
<i>Elemento em segunda ordem na apresentação</i>	-	5/5=100%	-	-	-	-	-
<i>Numeral enquanto elemento precedente</i>	-	-	1/5=20%	-	-	-	-

Marcas precedentes	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
	posição						
	Apl./total=%						
<i>Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição</i>	6/6=100%	931/1386=67%	7/12=58%	-	-	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado</i>	-	2/2=100%	77/113=68%	10/12=83%	-	-	-
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	-	-	24/44=55%	19/30=63%	1/5=20%	2/3=67%	1/1=100%

Fonte: O autor (2022).

Para a tabela acima, pode-se dizer que os resultados mais expressivos estão na 1ª posição do SN e ao mesmo tempo *ausência de elemento precedente*, visto que há uma marcação categórica e com uma boa representação de ocorrências. Tal resultado corrobora com as análises individuais dessas variáveis, que observam esses mesmos resultados.

Tal resultado corrobora com o que foi observado na cidade de Belo Jardim. Sendo assim, ambas as cidades possuem praticamente o mesmo resultado, com exceção da 2ª via de maior marcação apresentada na localidade anterior (*um elemento precedente marcado e o outro não marcado* [3ª e 4ª posição])). Pode-se dizer que, em ambas as localidades, há atuação do princípio do paralelismo formal sobre a variável *marcas precedentes* e do princípio da economia sobre a *posição do elemento no SN*.

A terceira localidade é Petrolina, cujos percentuais foram os seguintes:

**Tabela 118** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Ausência do elemento precedente</i>	1774/1789= 99%	1/1=100%	1/1=100%	1/1=100%	-
<i>Elemento em segunda ordem na apresentação</i>	-	4/5=80%	-	-	-
<i>Numeral enquanto elemento precedente</i>	-	123/178= 69%	3/3=100%	-	-
<i>Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição</i>	8/9=89%	1153/1594= 72%	3/3=100%	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado</i>	-	2/2=100%	96/115=83%	6/7=86%	-

<b>Posição</b>					
<b>Marcas precedentes</b>	<b>1ª posição</b>	<b>2ª posição</b>	<b>3ª posição</b>	<b>4ª posição</b>	<b>5ª posição</b>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	1/1=100%	-	18/39=46%	20/31=65%	2/3=67%

Fonte: O autor (2022).

Novamente, os fatores cruzados com maior marcação e o mesmo percentual de 99% para marcação é ausência de elemento precedente (*1ª posição*). Além disso, tem-se observado que, com muitas ou poucas ocorrências, no fator *ausência de elemento precedente*, independentemente da posição, os percentuais de marcação são mais altos em relação aos demais fatores.

Prosseguindo com a comparação dos resultados para o referido cruzamento, tem-se os seguintes percentuais para a localidade de Recife:

**Tabela 119** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Recife-PE

<b>Posição</b>						
<b>Marcas precedentes</b>	<b>1ª Posição</b>	<b>2ª posição</b>	<b>3ª posição</b>	<b>4ª posição</b>	<b>5ª posição</b>	<b>6ª Posição</b>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Ausência do elemento precedente</i>	1782/1787=99,7%	8/8=100%	-	-		-

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>					
	<i>1<sup>a</sup> Posição</i>	<i>2<sup>a</sup> posição</i>	<i>3<sup>a</sup> posição</i>	<i>4<sup>a</sup> posição</i>	<i>5<sup>a</sup> posição</i>	<i>6<sup>a</sup> posição</i>
	<b>Apl./ total=%</b>	<b>Apl./ total=%</b>	<b>Apl./ total=%</b>	<b>Apl./ total=%</b>	<b>Apl./ total=%</b>	<b>Apl./ total=%</b>
<i>Elemento antecedido de sintagma preposicionado</i>	-	-	-	0/1=0%	0/1= 0%	-
<i>Elemento antecedido de SN com núcleo nomi- nal mais alto sem marca formal de plural</i>	-	-	1/1=100%	-	-	-
<i>Numeral en- quanto ele- mento prece- dente</i>	-	123/148= 83%	4/5=80%	-	-	-
<i>Marcas for- mais de plural em elementos da 1<sup>a</sup> posição</i>	8/9=89%	1211/1616= 75%	3/4=75%	-	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento ana- lisado</i>	1/1=100%	6/6=100%	100/123= 81%	18/20= 90%	2/2= 100%	-

<b>Posição</b>						
<i>Marcas precedentes</i>	<i>1ª Posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>
	<b>Apl./ total=%</b>					
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	-	4/4=100%	26/38=68%	10/16=62%	3/3=100%	0/1=0%
<i>Presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediada por zero em elemento que admite marca</i>	-	0/1=0%	5/5=100%	2/2=100%	-	-

Fonte: O autor (2022).

O percentual mais alto para a cidade de Recife corrobora com os resultados obtidos para as localidades pernambucanas anteriormente abordadas, apresentando os mesmos fatores cruzados mais marcados, um resultado diferente do que foi encontrado por Scherre (1988), o que não confirma a hipótese inicial.

Além do fator ausência de elemento precedente (*1ª posição*), que é o considerado mais marcado em pluralidade e com número considerável de ocorrências nessa localidade, observa-se também que outros fatores cruzados apresentam percentuais altos, embora alguns deles estejam com poucas ocorrências, tais como: *duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado* e também um *elemento precedente marcado e o outro não marcado*, sendo este último um dos mais marcados em pluralidade, também em Belo Jardim. É importante salientar que esses fatores mais pluralizados vão até *5ª* ou *6ª posição*.

Nesses últimos fatores, é interessante destacar que apresentam percentual alto de pluralização em 3ª e 4ª posição, contrariando o princípio da economia, mas, ao mesmo tempo, reafirma o que é dito pelo princípio do paralelismo formal: marcas levam a marcas.

Por fim, observem-se os resultados obtidos na cidade sertaneja de Serra Talhada:

**Tabela 120** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>					
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Ausência do elemento precedente</i>	1931/1942 =99%	3/3=100%	1/2=50%	-	-	-
<i>Elemento em segunda ordem na apresentação</i>	-	6/6=100%	-	-	-	-
<i>Numeral em quanto elemento precedente</i>	-	139/168= 83%	3/5=60%	-	-	-
<i>Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição</i>	3/3=100%	1379/1737 =79%	1/2=50%	1/1=100%	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado</i>	-	4/4=100%	122/142 =86%	7/7= 100%	1/1= 100%	-

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>					
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	-	1/2=50%	55/73=75%	31/42=74%	6/6=100%	1/1=100%

Fonte: O autor (2022).

À semelhança das demais cidades, com resultado de maior percentual para os fatores cruzados *ausência de elemento precedente* na *1ª posição*, Serra Talhada mantém o nível de 99% para pluralização dos referidos fatores. Porém, há uma quebra de alto percentual na *3ª posição*, com apenas 50% da pluralização. A esse fato, pode-se atribuir o aspecto de que, quanto mais o elemento avança para a direita, menos pluralização há de receber, sendo essa quebra uma exceção/um caso isolado entre as cinco localidades.

Ademais, assim como ocorreu nas outras localidades, os segundos fatores cruzados em Serra Talhada são mais pluralizados por serem um elemento precedente pluralizado e o outro não pluralizado, estando estes, em *3ª* e *4ª posição*, reforçando o que prevê o princípio do paralelismo formal.

Para fins comparativos, é necessário trazer resultados de alguns trabalhos no PB que também realizaram esse cruzamento, a saber: Scherre (1988) e Carvalho (1997). Segue a tabela com os resultados dos fatores mais pluralizados nesses estudos:

<b>Autor</b>	<b>Fator mais marcado</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>
Scherre (1988)	<i>Zero no primeiro elemento precedente (2ª posição)</i>	Adultos 105/105 Crianças 19/19	100%
Carvalho (1997)	<i>Elemento ant. pluralizável com marca presente</i>	31/32	97%

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Scherre (1998) e Carvalho (1997).

Diante dos resultados apresentados, vê-se que são distintos entre a região Centro-Oeste (CARVALHO, 1997), a região Sudeste (SCHERRE, 1988) e a região Nordeste, contemplada pelo presente estudo. Dessa forma, cada comunidade de fala, em cada região, possui um comportamento linguístico diferente, mas o que prevalece é que os elementos na 1ª posição têm algum tipo de relação com a maior pluralização, mesmo cruzando com a variável *marcas precedentes*.

#### Cruzamento processos de formação e tonicidade

Para a análise do cruzamento das variáveis, serão apresentados os resultados, de início, da cidade de Belo Jardim:

**Tabela 122** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Belo Jardim-PE

Formação	Tonicidade		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	Apl./total=%	Apl./total=%	Apl./total=%
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	1980/2396=83%	385/394=98%	65/85=76%
<i>Plural duplo</i>	38/43=88%	26/29=90%	-
<i>Terminados em -s</i>	14/15=93%	-	-
<i>Terminados em -ão</i>	-	34/35=97%	-
<i>Terminados em -r</i>	105/110=95%	1/6=17%	3/3=100%
<i>Terminados em -l</i>	1/2=50%	59/69=86%	-

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que existe a atuação do princípio da marcação, mas não da saliência fônica, visto que a hipótese inicial, baseada em Scherre (1988), não foi confirmada, pois não foi o fator cruzado *plural duplo e oxítono monossílaboônico* que apresentou maior ou um dos maiores percentuais de pluralização, mas itens terminados em *vogal ou vogal +vogal nasal com oxítono monossílaboônico*.

Outro fator que apresenta percentual alto para marcação e próximo do fator cruzado com maior percentual foi o fator *itens terminados em -ão, com oxítono monossílaboônico*, o que

leva a crer que existe uma tendência para esse último fator que reincidiu em maior percentual de pluralização.

Para que, de fato, houvesse atuação do princípio da saliência fônica, deveria haver maior pluralização para os fatores *plural duplo* e *proparoxítonas*, por conterem mais matéria fônica, mas, ao cruzar os fatores das referidas variáveis, observa-se, pelo menos para a localidade de Belo Jardim, que o que favorece mais a pluralização é a *tonicidade*, mesmo que não haja muitas sílabas ou elementos morfofonêmicos.

Verifiquem-se agora os resultados para Carpina:

**Tabela 123** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Formação</i>	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	1830/2361=78%	293/306=96%	64/91=70%
<i>Plural duplo</i>	36/41=88%	23/25=92%	-
<i>Terminados em -s</i>	14/15=93%	-	-
<i>Terminados em -ão</i>	2/2=100%	33/36=92%	-
<i>Terminados em -r</i>	82/90=91%	3/17=18%	-
<i>Terminados em -l</i>	7/8=88%	45/50=90%	-

Fonte: O autor (2022).

Novamente, há um maior percentual para *oxítono e monossílaboônico* e itens terminados em *vogal ou vogal + vogal nasal*, divergindo também da hipótese inicial, porém, o *plural duplo*, dessa vez, está entre os fatores mais marcados. Nesse sentido, há uma maior inclinação para o princípio da *saliência fônica*.

Algo que merece ser destacado é a quase ausência de *elementos proparoxítonos*, visto serem elementos com mais sílabas, pois observa-se que, dentre os elementos produzidos no interior do SN, há muitos *artigos definidos, possessivos*, dentre outros itens morfofonológicos que apresentam poucas sílabas.

Há percentuais altos para a pluralização dos fatores acima, os quais estão próximos ou acima dos 90%, sendo que alguns deles apresentam poucas ocorrências; por isso, não podem ser considerados os que mais favorecem a marcação. Diante dos resultados obtidos, pode-se

dizer que, embora com algumas diferenças em relação à localidade anterior, o fator com maior percentual de aplicação é o mesmo para ambas as cidades.

Prosseguindo na análise dos resultados para o referido cruzamento, são observados, neste momento, os percentuais obtidos para Petrolina:

**Tabela 124** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Processos morfofonológicos</i>	<b>Tonicidade</b>		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	2214/2679=83%	335/347=47%	67/102=66%
<i>terminados em -s</i>	14/14=100%	1/2=50%	-
<i>Terminados em -ão</i>	2/2=100%	29/37=78%	-
<i>Terminados em -r</i>	101/107=94%	3/14=21%	1/1=100%
<i>Terminados em -l</i>	7/8=88%	49/52=94%	-

Fonte: O autor (2022).

A tabela de resultados acima apresentou-se diferente em relação às localidades anteriores. Em Petrolina, há uma maior aproximação para a hipótese inicial: *o plural duplo* está entre os maiores para a marcação formal quando cruzado com *paroxítonas e monossilábicas*. Os outros fatores que se aproximam desse fator em maiores percentuais são *itens terminados em -r* com o fator *paroxítonas e monossilábicas* e também os *itens terminados em -l* cruzados com o fator *oxítonos e monossílabos tônicos*.

Ao analisar o conjunto de fatores da tabela anterior, vê-se que a *tonicidade* apresenta um percentual maior de pluralização para os seus elementos do que *processos morfofonológicos*, o que implica dizer que, para os informantes de Petrolina, é a primeira variável mencionada que mais motiva a pluralização na saliência fônica.

Para a capital pernambucana, foram apresentados os seguintes percentuais para os fatores do referido cruzamento:

**Tabela 125** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Recife-PE

<i>Processos morfofonológicos</i>	<i>Tonicidade</i>		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	2237/2650=84%	394/408=97%	82/109=75%
<i>Plural duplo</i>	65/71=92%	45/49=92%	2/2=100%
<i>Terminados em -s</i>	29/30=97%	2/2=100%	-
<i>Terminados em -ão</i>	-	32/35=91%	-
<i>Terminados em -r</i>	91/95=96%	0/4=0%	2/2=100%
<i>Terminados em -l</i>	10/13=77%	58/62=94%	-

Fonte: O autor (2022).

Com os resultados reunidos dos fatores cruzados, observa-se uma força maior da variável *processos morfofonológicos* de formação de plural, por meio do fator *itens terminados em -s*, o qual apresenta os percentuais mais altos para pluralização, com um bom quantitativo de ocorrências, que embora não ateste a hipótese inicial, demonstra atuação do princípio da saliência fônica, levando em conta as alterações fonêmicas feitas pela inserção do -s, que provoca a pluralização do elemento analisado — (Sa2F8B3d7k Muitos **países**).

Vejam-se, agora, os resultados de Serra Talhada-PE:

**Tabela 126** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na fala da cidade de Serra Talhada-PE

(continua)

<i>Processos morfofonológicos</i>	<i>Tonicidade</i>		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	2506/2876=87%	420/430=98%	87/122=71%
<i>Plural duplo</i>	92/102=90%	64/70=91%	-
<i>Terminados em -s</i>	16/17=94%	1/1=100%	-

<i>Processos morfofonológicos</i>	<b>Tonicidade</b>		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em -ão</i>	6/7=86%	26/32=81%	-
<i>Terminados em -r</i>	111/113=98%	0/3=0%	-
<i>Terminados em -l</i>	11/12=92%	57/60=95%	-

Fonte: O autor (2022).

O fator cruzado com maior destaque em percentual de pluralização é o fator *itens terminados em -r* com *paroxítonas monossilábicas*, com expressivo número de ocorrências. Sendo assim, para essa localidade, não é atestada a hipótese inicial. Pode-se dizer que, para a localidade de Serra Talhada, não se observou uma maior força para a pluralização por uma das variáveis acima cruzadas, obtendo apenas uma dupla de fatores cruzados, com o maior percentual de pluralização e boa quantidade de ocorrências.

No que diz respeito a outros estudos que realizaram esse cruzamento, Scherre (1988) verificou que o fator com maior pluralização foi *plural duplo* com o fator *paroxítono*, com 92% (58/63) de pluralização. Embora os resultados dessa autora não sejam exatamente iguais aos obtidos no presente trabalho, nota-se que geralmente há uma participação do *plural duplo*, o que leva a considerar a atuação do princípio da saliência fônica.

No estudo de Lopes (2001), há uma grande proximidade entre os percentuais dos fatores, mas também uma grande disparidade entre o número total de ocorrências, visto que o fator *plural duplo* cruzado com *oxítonos e monossílabos* de uso tônico apresenta 100% (13/13) de pluralização, enquanto o fator *plural regular* cruzado com *monossílabos* de uso átono tem 99% (3.751/3.771) de pluralização.

Considera-se, dessa maneira, que, devido ao total de ocorrências, o fator cruzado mais favorecedor da pluralização é o último mencionado, divergindo em relação ao princípio da saliência fônica, posto que possui menos matéria fônica.

Em uma visão panorâmica para essa variável, pode-se dizer que as localidades não confirmam a hipótese inicial.

## Cruzamento entre classe gramatical e posição do elemento

Vários estudos têm correlacionado as duas variáveis em análise, visando à ampliação do entendimento sobre a CN de número (cf. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; ANDRADE, L., 2003; SANTOS, 2010; SCHNEIDER, 2012). Em sua pesquisa, Scherre (1988) correlaciona a variável *classe gramatical* com *posição do elemento no SN* na língua falada de crianças e adultos, conforme resultados abaixo apresentados:

Tabela 127 – Marcação de plural na 1ª posição do SN e classe gramatical

## TABELA 6.2.3.10

## PRIMEIRA POSIÇÃO DO SN E CLASSE GRAMATICAL

CLASSE	FALANTES					
	Adultos			Crianças		
<i>Substantivo</i>	153/161	=	95%	16/18	=	89%
<i>Pronome pessoal</i>	12/12	=	100%	Xxx		
<i>Adjetivo</i>	47/48	=	98%	4/4	=	100%
<i>Quantificador</i>	133/133	=	100%	23/23	=	100%
<i>Possessivo</i>	184/184	=	100%	42/43	=	98%
<i>Adjetivo 2</i>	9/10	=	90%	Xxx		
<i>Indefinido</i>	424/429	=	97%	80/80	=	100%
<i>Art. e dem.</i>	3268/3363	=	97%	672/688	=	98%

Fonte: Scherre (1988, p. 164).

Os resultados percentuais sugerem que, de fato, a classe que ocupa a 1ª posição no SN tende a ser mais pluralizada.

A hipótese inicial baseou-se no fato de que a 1ª posição influenciaria em uma maior pluralização, destacando-se, na maioria dos casos, *artigos (definidos ou indefinidos)*, *possessivos* ou *demonstrativos* nessa posição. Para a testagem dessa hipótese, observem-se os dados obtidos em Belo Jardim:

**Tabela 128** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Belo Jardim-PE

<i>Classe gramatical</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total =%</b>
<i>Quantificador</i>	372/374= 99%	42/44= 95%	15/15= 100%	2/2=100%	-
<i>Substantivo</i>	90/93=97%	1024/1449=71 %	42/49=86%	7/12=58%	1/1=100%
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	954/958= 99,7%	6/6=100%	0/1=0%	-	-
<i>Adjetivo</i>	29/29=100%	103/120=86%	38/48=79%	5/5=100%	0/1=0%
<i>Pronome possessivo</i>	96/96=100%	6/7=86%	2/2=100%	-	-
<i>Adjetivo 2</i>	60/60=100%	6/7=86%	-	1/1=100%	-
<i>Artigo indefinido</i>	30/30=100%	-	-	-	-
<i>Pronome pessoal da 3ª</i>	1/1=100%	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Os resultados de Belo Jardim mostram que elementos em *1ª posição* apresentam os maiores percentuais para pluralização e ocorre com todas as classes de palavras, um resultado que vai na direção dos resultados de Scherre (1988).

A respeito dos resultados encontrados para Carpina, segue a tabela a seguir com o cruzamento:

**Tabela 129** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Classe gramatical</i>	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª Posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>	<i>7ª posição</i>
	<b>Apl./ total=%</b>						
<i>Quantificadora</i>	385/389= 99%	51/52= 98%	22/24= 92%	2/2= 100%	1/1= 100%	1/1= 100%	
<i>Substantivo</i>	54/58= 93%	875/1379= 63%	39/76= 51%	14/22= 64%	0/3= 0%		
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	949/950= 99,9%	18/19= 95%	4/4= 100%	2/2= 100%	-	-	-
<i>Adjetivo</i>	13/13= 100%	73/88= 83%	40/66= 61%	10/15= 67%	0/1= 0%	-	-
<i>Adjetivo 2</i>	49/49= 100%	5/6=83%	1/1= 100%	1/1= 100%	-	-	-
<i>Pronome possessivo</i>	56/56= 100%	5/6= 83%	3/3= 100%	-	-	-	-
<i>Artigo indefinido</i>	32/32= 100%	1/1= 100%	-	-	-	-	-
<i>Pronome pessoal da 3ª</i>	3/3= 100%	-	-	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Ocorre, em Carpina, a mesma situação que ocorreu em Belo Jardim: a *1ª posição*, em todas as classes gramaticais, apresenta mais pluralização. É interessante pontuar que, mesmo as cidades pertencendo a regiões bem distintas, os estudantes pernambucanos apresentam o mesmo comportamento linguístico.

Ao fazer a rodada dos dados para a Mesorregião do São Francisco, foram obtidos os seguintes resultados:

**Tabela 130** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Classe gramatical</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>
<i>Quantificador</i>	462/468= 99%	38/40=95%	16/21=76%	1/1=100%	-
<i>Substantivo</i>	68/71=86%	1124/1598= 70%	46/59=78%	11/17=65%	2/2=100%
<i>Categoria substantivada</i>	1/1=100%	-	-	0/1=0%	-
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	1008/1009= 99,9%	5/6=83%	2/4=50%	1/1=100%	-
<i>Adjetivo</i>	19/21=90%	101/118= 86%	52/70=74%	14/19=74%	0/1=0%
<i>Adjetivo 2</i>	62/63=98%	8/10=80%		-	-
<i>Pronome possessivo</i>	88/88=100 %	6/7=86%	5/7=71%	-	-
<i>Artigo indefinido</i>	74/77=96%	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Em Petrolina, observa-se, também, como nas cidades abordadas anteriormente para esse cruzamento, uma força maior da variável *posição do elemento no SN*, levando em conta que elementos em *1ª posição* tendem a ser mais marcados, assim como tem sido visto no presente estudo ao se referir a outros estudos produzidos.

Sendo assim, conforme as classes que ocupam a *1ª posição* na tabela acima, há um elevado percentual de pluralização, confirmando a hipótese inicial. Vale referir que não foi encontrada ocorrência de pronome pessoal da *3ª pessoa*.

A partir de agora, vejam-se os resultados do cruzamento em Recife:

**Tabela 131** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Recife-PE

<i>Classe gramatical</i>	<b>Posição</b>					
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>
	<b>Apl./ total=%</b>					
<i>Quantificador</i>	418/419= 99,9%	57/61= 93%	21/22=95%	7/8=88%	-	-
<i>Substantivo</i>	80/81=99%	1161/1566= 74%	55/71= 77%	18/22= 82%	2/3=67%	0/1½
<i>Categoria substantivada</i>	-	1/2=50%	-	0/1=0%	-	-
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	1082/1082= 100%	4/5=80%	11/12= 92%	-	-	-
<i>Adjetivo</i>	24/28= 86%	99/115= 86%	47/63= 75%	5/8=62%	3/3= 100%	-
<i>Adjetivo 2</i>	40/40=100%	16/19=84%	2/4=50%	-	-	-
<i>Pronome possessivo</i>	109/109= 100%	9/10=90%	2/3=67%	-	-	-
<i>Artigo indefinido</i>	34/34= 100%	2/2=100%	-	-	-	-
<i>Pronome pessoal da 3ª</i>	2/2=100%	1/1=100%	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Ao comparar os percentuais obtidos para a capital pernambucana, observa-se que há maior pluralização nos fatores da *1ª posição* e uma hierarquia decrescente da pluralização dessa posição à *3ª posição*. Os elementos que ocupam a *4ª posição* apresentam percentuais de pluralização mais baixos do que os observados nas localidades abordadas anteriormente, de maneira que se pode dizer que o princípio da economia atua com mais destaque na capital pernambucana do que nas cidades anteriormente abordadas.

Seguindo a ordem da apresentação dos resultados, tem-se a cidade de Serra Talhada, que apresentou os seguintes resultados para a pluralização da CN de número:

**Tabela 132** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Classe gramatical</i>	<b>Posição</b>					
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>	<i>6ª posição</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Quantificador</i>	483/489= 99%	69/69= 100%	28/30= 93%	7/7=100%	-	-
<i>Substantivo</i>	100/101= 99%	1302/1679 =78%	70/91= 77%	14/16= 88%	5/5= 100%	-
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	1125/1127 =99,8%	6/6=100%	4/4= 100%	-	-	-
<i>Adjetivo</i>	10/11= 91%	127/135= 94%	78/96= 81%	17/26= 65%	2/2= 100%	1/1= 100%
<i>Adjetivo 2</i>	54/54= 100%	6/7=86%	-	1/1=100%	-	-
<i>Pronome possessivo</i>	108/109= 99%	21/23= 91%	2/2= 100%	-	-	-
<i>Artigo indefinido</i>	53/53= 100%	-	-	-	-	-
<i>Pronome pessoal da 3ª</i>	1/1=100%	-	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

Mesmo situando-se em uma localidade bem distante da cidade de Recife, os resultados de Serra Talhada mostram que os sertanejos pluralizam tão intensamente o 1º elemento quanto os recifenses.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a hipótese inicial foi corroborada entre as cinco cidades pernambucanas. A *classe gramatical* praticamente não exerce influência sobre os resultados, visto que, ao observar elementos na *1ª posição*, seja qual for a sua *classe gramatical*, vê-se que são mais pluralizados.

Quando se comparam os resultados encontrados neste estudo com os de outras pesquisas, verificam-se os fatores que possuem maiores percentuais de pluralização:

**Tabela 133** – Fatores mais marcados nos cruzamentos entre classe gramatical e posição do elemento no SN em estudos do PB

<b>AUTOR</b>	<b>FATORES CRUZADOS COM MAIOR MARCAÇÃO</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>% da CN+</b>
Scherre (1988)	Adultos: adjetivo na 1ª posição; Crianças: Determinantes na 1ª posição	a) 47/48; b) 752/768.	a) 98% b) 98%
Lopes (2001)	Artigo em 2ª posição	118/118	100%
Andrade, L. (2003)	Artigo e Demonstrativo em 1ª posição	969/986	98%
Schneider (2012)	Substantivo em 1ª posição	27/27	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Scherre (1988), Lopes (2001), Andrade, L. (2003) e Schneider (2012).

Pela *classe gramatical*, os *determinantes*, nos quais se destaca o *artigo*, são os mais pluralizados por ocuparam a *1ª posição*. Conforme já mencionado, os estudantes brasileiros tendem a marcar mais as *classes gramaticais* que estejam mais à esquerda do sintagma, cujo ápice dessa pluralização seria a *1ª posição* no SN, e pelos poucos casos de cancelamento de marcas pluralizadas no PE, pode-se dizer que o cancelamento mais à direita no SN no PE também é tendência.

#### Cruzamento entre grau e formalidade dos substantivos e adjetivos no PB

O cruzamento entre o *grau e a formalidade dos substantivos e adjetivos* foi contemplado no trabalho de Mangabeira (2016), cujos resultados serão comparados mais adiante com os resultados obtidos neste estudo para as cinco cidades pernambucanas.

De antemão, vale referir que ocorreram vários *knockouts* nas rodadas dos dados para tais variáveis quando colocadas individualmente, visto serem encontrados mais elementos formais, sendo bem mais raras as ocorrências de elementos informais ou no grau

*augmentativo/diminutivo*. Dessa forma, ao obter os resultados em cada cidade, algumas vezes, só havia o resultado para o fator *formal* ou *grau normal*.

Vejam-se, inicialmente, os resultados obtidos em Belo Jardim:

**Tabela 134** – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Belo Jardim-PE

<i>Grau dos substantivos e adjetivos</i>		
<i>Formalidade</i>	<i>Normal</i>	<i>Diminutivo</i>
	Apl./total=%	Apl./total=%
<i>+formal</i>	1397/1839=76%	-
<i>-formal</i>	11/28=39%	7/17=41%

Fonte: O autor (2022).

Pode-se dizer que os resultados mostram que a hipótese inicial foi atestada: quanto mais formalidade e *grau normal*, mais pluralização haverá. O favorecimento para pluralização em estruturas mais complexas que aderem ao aspecto da formalidade revela que há atuação do princípio da marcação.

A seguir, vejam-se os dados obtidos em Carpina:

**Tabela 135** – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Formação</i>	<i>Normal</i>	<i>Diminutivo</i>
	Apl./total=%	Apl./total=%
<i>+formal</i>	1174/1768=66%	-
<i>-formal</i>	6/11=55%	9/15=60%

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que os fatores *+formal* e *grau normal* tendem a ser mais favorecedores da pluralização. Além disso, um aspecto a considerar é que o fator *-formal* apresenta maior marcação em Carpina do que em Belo Jardim, pois observa-se percentuais muito baixos em Belo Jardim para esse fator, e isso poderia ser explicado pelo contexto em que o sintagma foi inserido na entrevista, que, conforme já foi dito, por restrições temporais, não foi possível considerar o contexto dos sintagmas na análise, por meio de determinadas variáveis na análise não atomística que pedissem a transcrição completa das entrevistas.

Comparando com os resultados de Petrolina, a seguir, verifica-se que a hipótese continua sendo atestada, evidenciando o princípio da marcação:

**Tabela 136** – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Grau dos substantivos e adjetivos</i>			
<i>Formalidade</i>	<i>Normal</i>	<i>Diminutivo</i>	<i>Aumentativo</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>+formal</i>	1509/2030=74%	-	1/1=100%
<i>-formal</i>	6/16=38%	14/23=61%	0/1=0%

Fonte: O autor (2022).

A maior pluralização pelo fator *+formal* está nítida na tabela acima, atestando a hipótese de que, quanto mais formalidade houver, também mais pluralização será produzida nos elementos do SN.

Para a capital pernambucana, foram obtidos os seguintes percentuais:

**Tabela 137** – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Recife-PE

<i>Grau dos substantivos e adjetivos</i>			
<i>Formalidade</i>	<i>Normal</i>	<i>Diminutivo</i>	<i>Aumentativo</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>+formal</i>	1536/1996=77%	-	1/1=100%
<i>-formal</i>	13/21=62%	10/19=53%	1/2=50%

Fonte: O autor (2022).

Os fatores *+formal* e *grau normal* continuam sendo mais favorecedores da pluralização, corroborando com as demais localidades pernambucanas e atestando a hipótese inicial. Em percentuais gerais, os fatores cruzados ou isolados têm permanecido no mesmo aspecto de mais favorecedores (*+formal/normal*), poucas ocorrências (*aumentativo*) e percentual mediano ou um pouco acima da média (*diminutivo/-formal*).

A última localidade a se analisar é a cidade de Serra Talhada, cujos resultados são os seguintes:

**Tabela 138** – Cruzamento entre grau dos substantivos e adjetivos e formalidade dos substantivos e adjetivos na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Grau dos substantivos e adjetivos</i>			
<i>Formalidade</i>	<i>Normal</i>	<i>Diminutivo</i>	<i>Aumentativo</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>+formal</i>	1782/2203=81%	-	-
<i>-formal</i>	3/8=38%	16/27=59%	-

Fonte: O autor (2022).

A tabela de resultados mostra também que o fator *normal*, cruzado com o *+formal*, apresentou o percentual mais alto de pluralização, atestando a hipótese inicial, haja vista que a entrevista foi realizada em um ambiente e contexto de formalidade, por mais que se tenha motivado a espontaneidade na entrevista.

A dupla de fatores cruzada com maior percentual de pluralização foi o grau *normal* com o *+formal* também nas localidades anteriormente abordadas. Dessa forma, os resultados são corroborados, destacando que aspectos de formalidade tendem a pluralizar mais os elementos no SN, de maneira que as cinco localidades pernambucanas partilham desse aspecto.

#### 5.4.4.5.2 *Cruzamentos das variáveis extralinguísticas*

A presente seção e suas subseções tecerão considerações sobre o cruzamento entre diferentes variáveis extralinguísticas.

##### Cruzamento entre sexo e escolaridade

Tal como já realizado em outras pesquisas sobre a temática maior deste estudo (*cf.* FERNANDES, 1996; CARVALHO, 1997; ANDRADE, L., 2003; MARTINS, 2013; MARQUES, 2016), optou-se por cruzar a variável *sexo* com a variável *escolaridade*, a fim de verificar se esta exerceria algum efeito sobre aquela. Sendo assim, inicia-se a discussão pelos seguintes resultados de Belo Jardim:

**Tabela 139** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Belo Jardim-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental (6)</i>	<i>9º ano do Fundamental (9)</i>	<i>3º ano do Médio (m)</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	208/304=68%	209/260=80%	283/347=82%
<i>Masculino</i>	160/231=69%	87/203=43%	260/333= 78%

Fonte: O autor (2022).

A realização da CN de número pelas estudantes belojardinenses supera em percentuais a dos estudantes. Há uma ordem crescente para essa realização à medida que os anos escolares sobem; no *masculino*, ocorre uma quebra no fator intermediário *9º ano Fundamental*, porém é possível observar uma discrepância entre o *6º e 3º Médio*, visto que este último ano escolar apresenta-se bem maior em percentual para aplicação do que no *6º Fundamental*.

Diante do exposto no parágrafo anterior, atesta-se a hipótese inicial de que o *sexo feminino* e o *3º Médio* apresentariam maior aplicação da CN de número, fatores estes que também são os mais favorecedores na análise individual das variáveis. O que se observa, portanto, é que não se trata de uma variável ter uma influência sobre a outra.

Prosseguindo, seguem abaixo os percentuais encontrados para os carpinenses:

**Tabela 140** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental</i>	<i>9º ano do Fundamental</i>	<i>3º ano do Médio</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	169/246=69%	201/248=81%	205/260=79%
<i>Masculino</i>	131/300=44%	116/254=46%	185/280=66%

Fonte: O autor (2022).

Novamente, o *sexo feminino* e o *3º Médio* atestam a hipótese inicial, porém não há mais uma hierarquia à medida que os anos de escolaridade avançam, visto haver uma oscilação no fator intermediário. Para o *sexo masculino*, dessa vez, observa-se uma ordem crescente à medida que os anos escolares avançam.

No intuito de verificar se a cidade de Petrolina também tem mulheres mais escolarizadas que procuram utilizar a norma culta mais que os indivíduos do *sexo masculino*, segue a tabela com os percentuais:

**Tabela 141** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental</i>	<i>9º ano do Fundamental</i>	<i>3º ano do Médio</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	249/310=80%	213/288=74%	279/347=80%
<i>Masculino</i>	129/245=53%	136/262=52%	309/395=78%

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados expostos, observa-se que a hipótese inicial continua sendo atestada, visto que o *sexo feminino* permanece na liderança de aplicação da CN de número. Pode-se dizer que a variável *escolaridade* se destaca em seus percentuais de marcação na 3ª coluna concernente ao *3º ano do Médio*, mas também se observa que os fatores do *sexo feminino* têm percentual bem mais alto de marcação do que os do *masculino*.

No que diz respeito à capital pernambucana, foram obtidos os seguintes percentuais para a aplicação da CN:

**Tabela 142** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Recife-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental</i>	<i>9º ano do Fundamental</i>	<i>3º ano do Médio</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	183/252=73%	300/383=78%	229/280=82%
<i>Masculino</i>	209/276=76%	206/289=71%	190/270=70%

Fonte: O autor (2022).

O *sexo feminino* mais uma vez lidera a aplicação da CN de número, fator este que, cruzado com o maior nível de *escolaridade*, mais uma vez atesta a hipótese inicial.

A última localidade pernambucana a ser analisada, Serra Talhada, tem os seus resultados apresentados a seguir:

**Tabela 143** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental</i>	<i>9º ano do Fundamental</i>	<i>3º ano do Médio</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	227/279=81%	283/360=79%	297/357=83%
<i>Masculino</i>	231/314=74%	306/366=84%	178/285=62%

Fonte: O autor (2022).

O fator *masculino* novamente diverge do que geralmente é encontrado nos estudos sobre a CN de número, visto que a escolaridade, quando cruzada com esse fator, desfavorece a realização da CN de número, pois o maior ano de *escolaridade* apresenta o menor percentual de marcação, valendo ressaltar que se encontra acima de 50%.

Pelo exposto nas localidades pernambucanas, vê-se que, entre as duas variáveis, é o *sexo* do informante que influencia a aplicação no ano de *escolaridade*, sendo assim, se o informante é do *sexo feminino*, quanto maior a *escolaridade*, mais aplicará a CN de número, mas, se for do *sexo masculino*, os percentuais serão imprevisíveis, com oscilações, de maneira que o maior ano de escolaridade poderá apresentar o menor percentual de aplicação.

No que diz respeito aos estudos no PB que utilizaram o referido cruzamento, fez-se um levantamento dos trabalhos que realizaram o cruzamento com as referidas variáveis, dos quais constam os resultados abaixo:

**Tabela 144** – Fatores mais marcados no cruzamento entre sexo e escolaridade em estudos do PB

<b>AUTOR</b>	<b>Fatores cruzados com maior marcação</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>% da CN+</b>
Fernandes (1996)	Fe Feminino/Colegial	881/1043	84%
Carvalho (1997)	Masculino/5ª a 8ª série	422/475	89%
Andrade, L. (2003)	Feminino/Colegial	Não apresentou	80%
Martins (2013)	Feminino/9 a 11 anos de escolaridade	1290/1958	66%
Marques (2016)	Feminino/Ensino Superior	366/407	90%

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que o ano de *escolaridade* mais alto em cada pesquisa é o mais favorecedor da CN de número. Em relação à variável *sexo*, com exceção de um único trabalho

(CARVALHO, 1997), o *sexo feminino* é o que mais utiliza a variante de prestígio da mesma maneira que ocorre com a análise individual dessa variável nos estudos do PB.

No caso deste estudo, mesmo a amostra sendo de informantes pré-adolescentes e *acima de 18 anos no 3º Médio*, o *sexo feminino* parece adequar-se ao comportamento linguístico esperado pela sociedade, no sentido de encaixar-se nos padrões da sociedade cristã, regida por uma cultura patriarcal <sup>17</sup>, cuja mulher deve utilizar aquilo que é considerado correto e íntegro; e aos indivíduos do *sexo masculino*, é concedido um maior relaxamento em relação às imposições sociais e conseqüentemente linguísticas.

#### Cruzamento entre faixa etária e sexo

Nesta seção, ao cruzar a *faixa etária* com o *sexo*, ergue-se o questionamento: será que os padrões sociolinguísticos exigidos para indivíduos do *sexo feminino* de uma geração mais velha são os mesmos para as novas gerações do mesmo *sexo*?

Para iniciar a discussão em torno do cruzamento das variáveis extralinguísticas, observem-se os resultados de Belo Jardim:

**Tabela 145** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Belo Jardim-PE

<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>		
	<i>Faixa 1</i>	<i>Faixa 2</i>	<i>Faixa 3</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	208/304=68%	209/260=80%	283/347=82%
<i>Masculino</i>	160/231=69%	87/203=43%	260/333=78%

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que, à medida que as informantes ficam mais velhas, mais aplicam a CN de número, enquanto, para o *masculino*, não se observa a mesma ordem crescente, visto haver uma quebra no fator intermediário. Embora exista uma diferença relevante de marcação de pluralidade entre os informantes *masculinos da faixa 1 e 3*, não ocorre, como no *sexo feminino*, uma elevação do percentual de pluralidade na *faixa 2* — pelo contrário, há uma acentuada queda na pluralização.

Os maiores percentuais para aplicação da CN de número são para o *sexo feminino*, atestando parcialmente a hipótese inicial, cuja expectativa era que as informantes da *faixa etária*

<sup>17</sup> Conforme é visto nas fichas sociais, a maioria dos informantes pertencem a religiões cristãs.

intermediária apresentassem mais marcação nos elementos do SN. Também se percebe que os percentuais de marcação para os informantes mais velhos tendem a ser mais altos em relação aos da *faixa 1*, e com acentuada diferença.

Ao reunir o cruzamento de todos os fatores na tabela acima para Belo Jardim, observa-se que há uma igual influência da variável *sexo* com a *faixa etária* na marcação dos elementos no SN.

Prosseguindo com a análise do cruzamento entre as variáveis, seguem os percentuais obtidos na cidade de Carpina:

**Tabela 146** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>		
	<i>Faixa 1</i>	<i>Faixa 2</i>	<i>Faixa 3</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	169/246=69%	201/248=81%	205/260=79%
<i>Masculino</i>	131/300=44%	116/254=46%	185/280=66%

Fonte: O autor (2022).

Observa-se que, à semelhança de Belo Jardim, informantes do *sexo feminino* continuam a aplicar mais a regra da CN de número em todos os anos de escolaridade, sobretudo, nos dois últimos anos. Sobre o *sexo masculino*, por sua vez, percebe-se um aumento crescente de aplicação dessa regra à medida que os anos de escolaridade aumentam, saindo de 44% para 66%.

No intuito de verificar se as informantes de Petrolina continuam a manter o mesmo comportamento linguístico das informantes de Belo Jardim e de Carpina, vejam-se os resultados apresentados a seguir:

**Tabela 147** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>		
	<i>Faixa 1</i>	<i>Faixa 2</i>	<i>Faixa 3</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	249/310=80%	213/288=74%	279/347=80%
<i>Masculino</i>	129/245=53%	136/262=52%	309/395=78%

Fonte: O autor (2022).

O *sexo feminino* permanece sendo aquele que mais utiliza a variante de prestígio. Porém, a hipótese inicial foi parcialmente atestada, visto que não é possível definir a faixa etária que mais utiliza a CN de número.

No cruzamento realizado na tabela acima, vê-se que há uma clara definição do fator que mais favorece a pluralização na variável *sexo*, mas na *faixa etária* há diferentes percentuais e em diferentes níveis para cada *faixa etária*. Dessa forma, na cidade de Petrolina, a variável que mais apresenta força para motivar a pluralização, é a variável *sexo*, por meio do fator *feminino*.

Quanto aos informantes do *sexo masculino*, os da *faixa etária 3* são os que mais utilizam a variante de prestígio.

A capital do estado, por sua vez, tem os resultados apresentados abaixo:

**Tabela 148** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Recife-PE

<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>		
	<b>Faixa 1</b>	<b>Faixa 2</b>	<b>Faixa 3</b>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	183/252=73%	300/383=78%	229/280=82%
<i>Masculino</i>	209/276=76%	206/289=71%	190/270=70%

Fonte: O autor (2022).

Novamente, a hipótese inicial é parcialmente atestada para o referido cruzamento, visto que não são as informantes de faixa 3 a favorecer mais a aplicação da CN de número, e sim as mais velhas.

Os diferentes resultados para a *faixa etária* em diferentes localidades demonstram que não há uma geração específica que esteja a utilizar mais ou menos a norma culta em Pernambuco, mas existe um padrão sociolinguístico para informantes do *sexo feminino* nesse estado.

Fechando a análise das cidades pernambucanas no que se refere a esse cruzamento, seguem os percentuais obtidos em Serra Talhada:

**Tabela 149** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>		
	<i>Faixa 1</i>	<i>Faixa 2</i>	<i>Faixa 3</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	227/279=81%	283/360=79%	297/357=83%
<i>Masculino</i>	231/314=74%	347/412=84%	137/239=57%

Fonte: O autor (2022).

Tal como verificado em outras regiões, obtém-se o mesmo comportamento linguístico para as mulheres em Serra Talhada, pois tendem mais à aplicação da CN de número em quase todas as faixas etárias do que os do *sexo masculino*.

Em relação aos estudos que realizaram o mesmo cruzamento, segue a tabela com os percentuais dos fatores mais favorecedores para a CN de número:

**Tabela 150** – Fatores mais marcados nos cruzamentos entre sexo e faixa etária em estudos do PB

<b>AUTOR</b>	<b>FATORES CRUZADOS COM MAIOR MARCAÇÃO</b>	<b>APL./TOTAL</b>	<b>% CN+</b>
Lopes (2001)	homens/65 anos em diante	1830/2078	88%
Schneider (2012)	Meninas/5,1 a 6 anos	715/739	97%
Silva (2014)	a) alagoanos: Masculino/Faixa etária 2 (menor percentual de cancelamento) b) paulistanos: Feminino/Faixa etária 2 (menor percentual de cancelamento)	a) 56/530; b) 34/419	a) 10% b) 8%
Dória (2014)	Mato Grosso-BA: Feminino/Faixa etária 1	35/54	65%
Fonseca (2016)	Mulheres/25 a 45 anos	Não apresentou (gráfico 4 da página 86)	39%
Marques (2016)	Feminino/Faixa etária 1 (16 aos 35 anos)	612/723	85%

Fonte: Elaborada pelo autor (2022) com base nos dados de Lopes (2001), Schneider (2012), Silva (2014), Dória (2014), Fonseca (2016) e Marques (2016).

De acordo com o que se observa, são informantes do *sexo feminino*, na *faixa etária 1*, ou seja, as mais jovens que aplicam mais a CN de número: dos seis estudos, apenas em dois os do *sexo masculino* fazem mais uso da norma culta (cf. LOPES, 2001; SILVA, 2014).

Vale salientar que, com exceção do trabalho de Lopes (2001), todos os demais trabalhos pertencem à mesma década marcada pelo maior acesso dos informantes aos meios digitais e às diversas fontes de informação tecnológicas. Sendo assim, uma possível causa para os resultados apresentarem uma maior aplicação da regra de CN de número pela geração mais jovem pode ser a maior acessibilidade à norma culta por meio do acesso a distintos meios de comunicação.

#### Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade

Ao realizar um levantamento sobre os cruzamentos realizados nos estudos sobre a CN de número no PB, observa-se, até onde se tem pesquisado, que ainda não foi contemplado o cruzamento entre o *tipo de escola* com a *escolaridade*. Ademais, a variável *tipo de escola* ainda é muito pouco abordada na literatura produzida, mesmo isoladamente, haja vista que a maioria dos estudos não contempla essa concordância no ambiente escolar. Diante disso, esta pesquisa visa ampliar a compreensão sobre o fenômeno linguístico variável em análise. Para tanto, inicia-se a apresentação dos resultados pela cidade de Belo Jardim:

**Tabela 151** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Belo Jardim-PE

<i>Escolaridade</i>	<i>Particular (p)</i>	<i>Municipal (m)</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>6º ano do Fundamental</i>	273/314=87%	95/221=43%
<i>9º ano do Fundamental</i>	154/200=77%	142/263=54%
<i>3º ano do Médio</i>	305/354=86%	-

Fonte: O autor (2022).

A hipótese inicial não foi atestada, visto que o *3º ano do Médio* não se apresenta com o maior percentual na *escola particular*, ao contrário do que se observa na *escola municipal*: aumenta-se o ano de *escolaridade*, aumenta-se a aplicação da regra. Essa distinção entre as escolas pode ser explicada nos seguintes termos: na *escola particular*, o nível socioeconômico dos estudantes é maior, e o ensino prescritivo da Língua Portuguesa é intenso em todos os anos escolares, ao contrário do que ocorre na pública, conforme constam nas fichas sociais. É

necessário mencionar que, no *3º ano Médio*, na *escola estadual*, o percentual de pluralização foi 73% (238/326).

Prosseguindo na análise de tal cruzamento, apresentam-se os resultados de Carpina na seguinte tabela:

**Tabela 152** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Carpina-PE

<i>Escolaridade</i>	<i>Particular</i>	<i>Municipal</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>6º ano do Fundamental</i>	177/256=69%	123/290=42%
<i>9º ano do Fundamental</i>	210/249=84%	107/253=42%
<i>3º ano do Médio</i>	231/276=84%	-

Fonte: O autor (2022).

À semelhança dos resultados de Belo Jardim, o *tipo de escola* exerce influência na aplicação da regra da CN de número: na *escola particular*, favorece-se essa aplicação em todos os anos de *escolarização*, ao contrário do que se verifica na escola municipal. Mais uma vez, a possível explicação para os elevados percentuais na *escola particular* reside no perfil socioeconômico do alunado e no ensino que enfoca, em grande medida, a prescrição de regras gramaticais. Quanto à *escola estadual*, só há um fator, que é o *3º ano do Médio*, com 60% (159/264) de pluralização.

Quanto aos resultados obtidos em Petrolina, verifiquem-se os resultados a seguir:

**Tabela 153** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Petrolina-PE

<i>Escolaridade</i>	<i>Particular</i>	<i>Municipal</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>6º ano do Fundamental</i>	256/307=83%	122/248=49%
<i>9º ano do Fundamental</i>	205/276=74%	144/274=53%
<i>3º ano do Médio</i>	391/409=96%	-

Fonte: O autor (2022).

Em Petrolina, a hipótese inicial desta pesquisa é completamente corroborada, visto que o *3º ano do Médio* na escola particular apresenta um alto percentual de aplicação para a CN, com uma diferença percentual acentuada em relação aos percentuais dos demais fatores, enquanto na *estadual* o percentual de marcação obtido foi de apenas 59% (197/333). Em relação

aos percentuais da *escola municipal*, seguem o mesmo padrão das *escolas municipais* de Belo Jardim e Carpina.

A questão que se coloca, portanto, é: informantes da *escola municipal*, na metrópole pernambucana, podem apresentar altos percentuais de pluralização por estarem na capital e terem uma maior acessibilidade aos bens culturais e intelectuais que os do interior? Para tal verificação, segue a tabela com os percentuais obtidos em Recife:

**Tabela 154** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Recife-PE

<i>Escolaridade</i>	<i>Particular</i>	<i>Municipal</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>6º ano do Fundamental</i>	209/247=85%	183/281=65%
<i>9º ano do Fundamental</i>	250/340=74%	256/332=77%
<i>3º ano do Médio</i>	227/265=86%	-

Fonte: O autor (2022).

Ao contrário das cidades anteriores, em Recife, a aplicação da regra da CN de número é favorecida em todos os anos de *escolaridade*, tanto na *escola particular* quanto na *escola municipal*; nesta, há uma ordem crescente: aumenta-se o ano de *escolaridade*, aumenta-se a aplicação dessa regra.

No que se refere à *escola particular*, observa-se um resultado semelhante ao que se observa em Belo Jardim e Petrolina: nos primeiros e últimos anos, há um alta marcação de pluralidade pelas razões socioeconômicas e educacionais já mencionadas. É necessário informar que o *3º ano do Ensino Médio* na *escola estadual* obteve o percentual de 67% (192/285) da CN de número.

Por fim, observem-se os resultados verificados em Serra Talhada:

**Tabela 155** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na fala da cidade de Serra Talhada-PE

<i>Escolaridade</i>	<i>Particular</i>	<i>Municipal</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>6º ano do Fundamental</i>	246/292=84%	212/301=70%
<i>9º ano do Fundamental</i>	328/397=83%	261/329=79%
<i>3º ano do Médio</i>	313/374=84%	-

Fonte: O autor (2022).

Tal como ocorre nas outras cidades pernambucanas, os maiores percentuais de aplicação da regra da CN de número encontram-se na *escola particular*, sendo muito próximos em todos os anos de *escolaridade*. Quanto à *escola municipal*, observa-se que o comportamento linguístico dos estudantes se assemelha aos de Recife no sentido de que há um favorecimento da CN de número, evidenciando uma ordem crescente de aplicação da regra à medida que os anos de *escolaridade* aumentam. O 3º ano Médio da *escola estadual* obteve um percentual de 60% (162/268) da variante de prestígio.

Para que não sejam omitidos os resultados sobre a ordem de significância e as variáveis selecionadas na melhor rodada do programa para cada localidade, eles serão apresentados em uma tabela para a análise atomística e, posteriormente, em outra tabela para a análise não atomística. No entanto, antes, segue a ordem das variáveis na codificação — ao mesmo tempo, vale salientar que a ordem significativa é apresentada na rodada das variáveis individuais. Segue a ordem numérica das variáveis:

1. *Classe gramatical;*
2. *Posição linear do elemento;*
3. *Marcas precedentes;*
4. *Processos morfofonológicos;*
5. *Tonicidade dos itens lexicais singulares;*
6. *Número de sílabas dos itens lexicais singulares;*
7. *Animacidade dos substantivos;*
8. *Grau dos substantivos e adjetivos;*
9. *Formalidade dos substantivos e adjetivos.*

**Tabela 156** – Ordem de significância das variáveis nas rodadas da análise atomística

<b>LOCALIDADE</b>	<b>VARIÁVEIS SELECIONADAS EM SUA ORDEM SIGNIFICATIVA</b>
Belo Jardim	3 7 9 4 6 1 8
Carpina	1 3 7 4 6
Petrolina	3 6 4 1 5 9
Recife	3 7 4 9
Serra Talhada	1 2 6 4 9 5 7 3

Fonte: O autor (2022).

Segue a ordem de codificação das variáveis na análise não atomística:

1. *Grau e formalidade do SN;*
2. *Pluralidade do SN;*
3. *Animacidade do SN;*
4. *Tipo de escola;*
5. *Faixa etária;*
6. *Escolaridade;*
7. *Sexo.*

**Tabela 157** – Ordem de significância das variáveis nas rodadas da análise não atomística

<b>LOCALIDADE</b>	<b>VARIÁVEIS SELECIONADAS EM SUA ORDEM SIGNIFICATIVA</b>
Belo Jardim	4 3 1 7 2
Carpina	4 7 3 5
Petrolina	4 5 7 1 3
Recife	3 4 1 2 7
Serra Talhada	4 3 2 1 7

Fonte: O autor (2022).

Um trabalho que poderia ser comparado com o presente estudo seria a tese de doutorado de Martins (2013), levando em conta que analisou o fenômeno da CN de número na fala de habitantes de cinco localidades da região no alto Solimões, no Amazonas. Tal trabalho apresentou em ordem significativa o resultado das variáveis com os dados gerais unificados das cinco localidades e depois essas variáveis foram analisadas por ordem de significância por localidade.

Compreende-se que Martins (2013) conseguiu realizar essa análise das variáveis por ordem significativa mesmo com cinco localidades, pelo fato de ter analisado apenas a fala, em um número bem menor de variáveis que os do presente estudo e também por lidar apenas com uma variedade do português, o que não é possível no presente estudo devido ao desenho da amostra, que apresenta, com números bem maiores, as variáveis, o total de informantes e os demais já mencionados.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA

Conforme é sabido, a literatura sobre a CN de número na modalidade escrita ainda é muito escassa. Nesse sentido, o presente trabalho se inscreve como um contributo ao entendimento dessa concordância nessa modalidade.

Por meio da análise dos dados de Carpina, será possível verificar, com as rodadas no Goldvarb X, como esses dados se comportam diante de variáveis linguísticas e extralinguísticas, haja vista que foi a única cidade que apresentou uma regra variável para a CN de número. Para tanto, serão apresentados e comparados os percentuais e PRs das variáveis isoladas e também os percentuais dos cruzamentos realizados.

Para as demais cidades, a regra apresenta-se como categórica ou semicategórica, conforme será discutido.

### 6.1 SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PB NA ANÁLISE ATOMÍSTICA

No intuito de verificar como a regra se apresenta na escrita de cada localidade pernambucana, serão apresentados, na próxima tabela, os percentuais de aplicação da CN de número:

**Tabela 158** – Percentuais de CN+ (análise atomística) na escrita em cidades pernambucanas

LOCALIDADE	OCORRÊNCIAS/TOTAL=PERCENTUAL
Belo Jardim	442/459 = 96,3%
Carpina	261/279 = 93,5%
Petrolina	310/322 = 96,3%
Recife	415/433 = 95,8%
Serra Talhada	325/337 = 96,4%

Fonte: O autor (2022).

Conforme observado, a única cidade onde a regra se revela variável é Carpina; nas demais cidades, caracteriza-se como semicategórica. Diante disso, a hipótese inicial foi atestada em quase todas as localidades — exceto, em Carpina. Salienta-se também que são pequenas diferenças entre os percentuais (1% a 3%), estando muito distantes de um aspecto categórico.

A seguir, são apresentadas as pouquíssimas ocorrências de [CN-]:

(60) Ausência de marcação em Recife: (NF2np16F Todas **elas**

- (61) Ausência de marcação em Belo Jardim: (NF1np16M Das **paredes**)  
 (62) Ausência de marcação em Serra Talhada: (NF1np29M suas **ordens**)  
 (63) Ausência de marcação em Petrolina: (NF1np29F seus **poderes**)

Conforme verificado, os casos de [CN-] encontram-se submetidos a alguns contextos estruturais, a saber:

- a) cancelamentos de marcas, na maioria das vezes, a partir da 2ª *posição*;
- b) elementos *paroxítonos* tendem a apresentar mais ausência de pluralização;
- c) elementos que não têm outros precedentes, recebem mais pluralização;
- d) contrariando o princípio do paralelismo formal, elementos precedidos de elementos marcados recebem mais cancelamentos, especificamente se o elemento precedente estiver na 1ª *posição*;
- e) elementos antepostos ao núcleo tendem a ser mais pluralizados.

Sobre Carpina, em particular, é curioso perceber também que, em seus dados da fala, o percentual de aplicação da regra da CN de número foi o menor em relação às outras cidades, o que implica considerar que o fato de um habitante morar em uma cidade que fica próxima da capital (em relação às demais cidades selecionadas) não influencia em um maior uso da norma culta.

Também é curiosa a proximidade dos percentuais da aplicação da CN de número entre Petrolina, Serra Talhada e Belo Jardim, visto que essas três cidades partilham praticamente do mesmo percentual de aplicação da CN de número. Nesse aspecto, pode-se presumir que há uma questão geográfica envolvida, levando em conta que Serra Talhada e Petrolina pertencem ao mesmo contexto cultural e situam-se em regiões sertanejas, e Belo Jardim é uma das cidades mais próximas do Agreste em relação ao Sertão — nesse caso, Recife e Carpina são as mais distantes em relação ao Sertão.

Já era esperado que os percentuais de aplicação da CN de número fossem maiores que os da fala, visto que os informantes podem ter se automonitorado um pouco em relação a como seu texto estava sendo produzido, levando em conta o ensino prescritivo no ambiente escolar, que se volta, sobretudo, à língua escrita.

Outros estudos realizados no Brasil também apresentam altos percentuais de [CN+] na escrita:

**Tabela 159** – Percentuais CN+ na escrita do PB da variável dependente em outros estudos

<b>AUTOR</b>	<b>LOCALIDADE</b>	<b>CN+</b>
Fiamengui (2011)	São José do Rio Preto-SP	$(3875/4025) = 96,3\%$
Mariano (2013)	Rio de Janeiro-RJ	$(2.507/2.659) = 94,5\%$
Araújo (2015)	Palmas do Monte Alto- BA	$(1099/1265) = 86,9\%$
Silva (2017)	Belo Jardim-PE	$3159/3373 = 94\%$
Mariano (2019)	Rio de Janeiro-RJ	$(4.100/108) = 97,3\%$

Fonte: O autor (2022).

De uma forma geral, os estudos praticamente se dividem entre os que apresentam uma regra variável (*cf.* MARIANO, 2013; ARAÚJO, 2015; SILVA, 2017) e os que têm uma regra semicatórica (*cf.* FIAMENGUI, 2011; MARIANO, 2019). Um aspecto a considerar é que esses diferentes tipos de regras apontam para o fato de que o maior percentual de uso da variante de prestígio parece não estar diretamente associado apenas ao ambiente escolar. Por exemplo, Araújo (2015) realizou a pesquisa no ambiente escolar e apresentou menor percentual que o resultado obtido por Fiamengui (2011), que não coletou os dados em ambiente escolar.

Diante do exposto acima, o que pode estar em jogo, nesse caso, tem a ver com os procedimentos de recolha dos dados (ex.: tipo de texto/gênero textual; momento da produção textual [se diante do pesquisador ou não] etc.). No caso deste trabalho, conforme enunciado na seção da metodologia, os dados foram recolhidos em escolas públicas e particulares, recolhidos sob forma de entrevista para os dados da fala, e os dados da escrita, sob uma proposta de narrativa a ser continuada, mediante um início de enredo já constituído. Tais tipos de estabelecimentos para recolha de dados e formas de recolha foram iguais para todas as localidades da presente pesquisa.

## 6.2 SOBRE A VARIÁVEL DEPENDENTE NO PE

Para a análise atomística dos dados na língua escrita no PE, os percentuais de aplicação da regra de CN de número apontam para o mesmo tipo de regra verificado nos dados de fala dessa variedade, a saber: regra categórica em Lisboa e semicatórica no Algarve; neste último caso, há uma aproximação com as cidades pernambucanas — com exceção de Carpina:

**Tabela 160** – Percentuais de CN+ (análise atomística) na escrita em localidades portuguesas

<b>Localidade</b>	<b>Percentuais</b>	<b>Marcações/Ocorrências</b>
Algarve	98,2%	161/164
Lisboa	99,3%	422/425

Fonte: O autor (2022).

O fato de Lisboa ter apresentado uma regra categórica pode ser explicado pelo fato de a escola onde a recolha de dados ocorreu ser constituída por alunos da alta classe social, cujos pais, em geral, possuem formação a nível de mestrado/doutorado.

Vejam-se agora as poucas ocorrências de [CN-] no Algarve (*cf.* 64 a 66) e em Lisboa (*cf.* 67 a 69):

(64) (NF1hv16F Umas **pessoa**∞

(65) (NF2nv16F Passado dois **minutos**∞

(66) (NF2nv29M Tantas **televisão**∞

(67) (SF1np3mF **da folhas**∞

(68) (NF1np3mM **a criaturas**∞

(69) (NF1np3mM essas **mesmas**∞

Diante dos exemplos extraídos nos dados da escrita, nas duas localidades portuguesas, podem-se observar os seguintes aspectos:

- a) Diferentemente do que foi observado nos dados da fala, os cancelamentos ocorrem também na 1ª posição e não se distanciam da 2ª;
- b) Enquanto no Algarve há mais cancelamentos em *substantivos e adjetivos em 2ª posição*, em Lisboa, há mais cancelamentos em *artigos definidos em 1ª posição*;
- c) Os cancelamentos observados no PE violam o princípio da economia, visto que são justamente os primeiros elementos a apresentarem ausência de pluralização;
- d) Todos os elementos estão em *grau normal*, o que demonstra que o informante português evita flexibilizar o grau de substantivos e adjetivos na modalidade escrita em contexto escolar;
- e) Semelhante ao que ocorre na modalidade falada, na escrita, os cancelamentos ocorrem, em maioria, em *processos morfofonológicos de plural regular*, ou seja, adere ao princípio da saliência fônica, no sentido de que quanto menos matéria fônica, menos pluralização haverá;

f) No Algarve, os cancelamentos ocorrem em elementos que apresentam pelo menos 3 sílabas, ao contrário de Lisboa, cujos cancelamentos de marca ocorrem em elementos com 1 ou 2 sílabas.

Na próxima subseção, será feita a análise resultante da rodada dos dados de escrita no Goldvarb X apenas na cidade de Carpina, cuja regra da CN de número é variável.

### 6.3 SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Vale mencionar que, para a análise dos dados escritos de Carpina, foram selecionadas as mesmas variáveis linguísticas<sup>18</sup> e extralinguísticas na análise atomística e não atomística dos dados de fala. Sendo assim, a apresentação dos resultados dessas variáveis e de seus cruzamentos seguirá a mesma ordem da seção destinada à análise dos dados da fala.

#### 6.3.1 Classe gramatical

Sobre as *classes gramaticais* que se encontram no domínio do SN nos dados escritos de Carpina, observem-se os resultados abaixo, valendo referir que, devido ao fato de essa variável não ter sido considerada significativa na rodada do programa, não se obteve o PR para essa variável:

**Tabela 161** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável classe gramatical em dados de escrita de Carpina

Localidade	Carpina
<b>Fatores</b>	
<i>Substantivo</i>	259/269=96,3%
(Sa2F7B3d7k Muitas <b>peessoas</b>	-
<i>Adjetivo</i>	49/53=92,5%
(Sd2F7B3/7k Lugares <b>bonitos</b>	-

<sup>18</sup> As variáveis *grau dos substantivos e adjetivos* e *formalidade dos substantivos e adjetivos* não foram contempladas devido às raras ocorrências de *substantivos* ou *adjetivos* fora do *grau normal* e à inexistência de *substantivos* e *adjetivos* [-informais], o que impossibilitou a rodada dessas variáveis no Goldvarb X.

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
<i>Quantificador</i> (Se1A7B2/// <b>Todos</b> os lados)	47/49=95,9%
<i>Artigo indefinido</i> (Sh1A4B1/// <b>Ums</b> remédios)	-
<i>Artigo definido e demonstrativo</i> (Si1A7B1/// <b>Os</b> policiais)	182/184=98,9%
	-

Fonte: O autor (2022).

Dos fatores observados, o que apresenta maior percentual em relação aos demais é o *artigo definido* e o pronome *demonstrativo* que, conforme já pontuado, pode ter relação com a posição (*1<sup>a</sup>*) que geralmente ocupam no sintagma, um resultado que vai na direção do que foi obtido em outras pesquisas sobre a CN de número na língua escrita (cf. FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017).

Além desse fator, ganham destaque os *substantivos*, os quais, muitas vezes, além de estarem em *1<sup>a</sup> posição*, observou-se também que são, nas ocorrências da presente pesquisa, *+formais, -coletivos e +animados* — conforme será visto, tende a favorecer a marcação da pluralidade.

### 6.3.2 Posição linear

Sobre a posição dos elementos no interior do sintagma nominal, seguem os resultados na tabela a seguir:

**Tabela 162** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável posição do elemento no SN em dados de escrita de Carpina

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
<i>1<sup>a</sup> posição</i>	279/283=98,6%

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
(Si1A7B1/// <b>Os bandidos</b>	-
<i>2ª posição</i>	269/280=96,1%
(Sa2F7B1b7k <b>Suas praias</b>	-
<i>3ª posição</i>	52/56=92,9%
(Sd3G7B2/7k <b>Suas belezas ricas</b>	-
<i>4ª posição</i>	8/8= 100%
(Sd4H7B3/7k <b>Das cidades mais famosas</b>	-

Fonte: O autor (2022).

Os resultados da tabela acima mostram que é atuante o princípio da economia: os primeiros elementos do SN são os que mais recebem pluralização.

Mesmo sem obter PR, vê-se que há uma hierarquia com os percentuais apresentados, visto que, à medida que os elementos se distanciam da esquerda, possuem uma queda nos percentuais de aplicação, confirmando não só a hipótese inicialmente levantada neste trabalho investigativo, mas também indo na direção dos resultados dos poucos estudos realizados sobre a CN de número na modalidade escrita (FIAMENGUI, 2011; MARIANO, 2011, 2019; ARAÚJO, 2015; SILVA, 2017).

### 6.3.3 Processos morfofonológicos da formação do plural

No âmbito da saliência fônica, foram obtidos os seguintes resultados para a variável *processos morfofonológicos da formação do plural*:

**Tabela 163** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável processos morfofonológicos em dados de escrita de Carpina

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
<i>Plural Duplo</i> (Sa1A4B3b7k Paisagens lindas)	59/66=89,4% PR .682
<i>Terminados em -l</i> (Sa2F5A3d7k Os policiais)	52/58=89,7% PR .843
<i>Terminados em -r</i> (Sa2F6B3b7k Os poderes)	85/107=79,4% PR .593
<i>Plural Regular</i> (Sa2F7B2b7k os carros)	2187/2758= 79,3% PR .474
<i>Itens Terminados em -s</i> (Sa2F8B2b7k Cinco meses)	14/16=87,5% PR .819
<i>Itens Terminados em ão</i> (Sa2F9A2d7k Os vilões)	34/37=91,9% PR .871

Fonte: O autor (2022).

Pode-se dizer que a referida variável foi relevante para a cidade de Carpina no tocante ao fenômeno da CN de número, levando em conta os altos PRs obtidos para a pluralização, nos quais se observa a atuação do princípio da saliência fônica, pois os maiores PRs são de fatores que requerem mais alterações morfofonológicas no elemento do SN.

Em relação ao fator com menor marcação, é possível ver que o *plural regular* apresenta PRs abaixo do nível de neutralidade, demonstrando a atuação do princípio da saliência fônica, uma vez que quanto menos matéria fônica, menos se espera pluralização.

No que se refere ao *plural duplo*, era esperado que fosse obtido um PR muito elevado, mas o resultado apresenta-se com valor mediano quando comparado a outros fatores que obtiveram PR acima de .80.

Em linhas gerais, verifica-se a atuação do princípio da saliência fônica e da marcação, na medida em que estruturas mais complexas, ou seja, com mais matéria fônica ou que sofrem alterações morfofonêmicas ao serem pluralizadas, tendem a receber mais marcação de pluralidade, indo na direção do resultado obtido por Silva (2017).

### 6.3.4 Tonicidade dos itens lexicais singulares

No que se refere à tonicidade dos itens lexicais singulares, observem-se os resultados:

**Tabela 164** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tonicidade dos itens lexicais singulares em dados de escrita de Carpina

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
<i>Oxítonos/monossílabos tônicos</i>	511/551=92,7%
(Sa2F7A2d7k os <b>irmãos</b>	-
<i>Paroxítonas/monossilábicas</i>	2134/2682=79,6%
(Sa2F7B3b7k Os <b>bandidos</b>	-
<i>Proparoxítonos</i>	64/91=70,3%
(Sd2F7B3/7k Seus <b>fantásticos</b> poderes	-

Fonte: O autor (2022).

Vê-se que o maior percentual de marcação está no fator *oxítono/monossílabos tônicos*, que atesta a hipótese inicial, respaldando-se nos resultados de Scherre (1988), o que permite afirmar que o comportamento linguístico do informante na fala para a variável *tonicidade* é o mesmo para a modalidade escrita. Além disso, os percentuais seguem uma ordem: o terceiro fator *proparoxítonos* é o que apresenta menor percentual.

A possível causa do favorecimento para os *oxítonos/monossilábicos* pode ser o fato de *classes gramaticais*, como os *artigos definidos* e *pronomes possessivos*, geralmente estarem inseridos nesse grupo e, como geralmente estão em *1ª posição*, tendem a ser mais marcados.

### 6.3.5 Número de sílabas dos itens lexicais singulares

No intuito de verificar se o *número de sílabas* influencia em uma maior pluralização dos elementos no SN na modalidade escrita, selecionou-se a variável *número de sílabas*, a qual também está inserida no contexto da *saliência fônica* (cf. SCHERRE, 1988). Seguem os resultados obtidos para essa variável na tabela a seguir:

**Tabela 165** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável número de sílabas dos itens lexicais singulares em dados de escrita de Carpina

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
<i>Monossílaba</i> (Si1A7A1/// <b>As</b> pessoas	265/268=98,9% PR .706
<i>Dissílaba</i> (Se1A7B2/// <b>Todas</b> as vezes	162/169=95,9% PR .380
+ <i>de 2 Sílabas</i> (Sa3G6B3b7k <b>Dos</b> seus <b>poderes</b>	182/191=95,3% PR .310

Fonte: O autor (2022).

Tanto pelos PRs quanto pelos percentuais, é, no fator *monossílaba*, que se encontra o maior favorecimento para a marcação em relação aos demais fatores. Com base nisso, verifica-se que a hipótese inicial não foi confirmada e que não há a atuação do princípio da saliência fônica ou da marcação, visto que são os menores elementos a obterem mais marcação de pluralidade. Isso pode ser explicado pelo fato de esses elementos, na maioria das ocorrências, estarem na *1ª posição*, uma posição que favorece essa marcação.

### 6.3.6 Marcas precedentes

Conforme Scherre (1988) pontua em sua tese, a expectativa para a variável *marcas precedentes* é que marcas levem a marcas. Dessa maneira, no intuito de verificar se nos dados da escrita se cumpre essa regra, foram analisados os percentuais de Carpina, visto que não há os PRs, pelo fato de essa variável não ter sido também considerada significativa para essa cidade:

**Tabela 166** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável marcas precedentes em dados de escrita de Carpina

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
A (Ausência de elemento precedente) (Si1A7B1/// <b>Os</b> seus pais	280/284=98,6% -

<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<b>Fatores</b>	
E	6/7=85,7%
<i>(Numeral enquanto elemento precedente)</i>	-
(Sa2F9A2d7k Dois <b>ladrões</b> )	
F	265/275=96,4%
<i>(Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição)</i>	-
(Sa2F7B2b7k Suas <b>mentes</b> )	
G	52/55=94,5%
<i>(Duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado)</i>	-
(Sa3G6B3b7k Dos seus <b>poderes</b> )	
H	4/5=80%
<i>Um elemento precedendo marcado e outro não marcado</i>	-
(Nd3H7B3/7k Tantas coisas <b>passada</b> )	

Fonte: O autor (2022).

Os fatores com percentuais mais elevados são: *ausência do elemento precedente* (fator A) e *marcas formais de plural em elementos da 1ª posição* (fator F), cujos elementos encontram-se em *1ª posição no SN* e, portanto, tendem a ser mais pluralizados, um resultado que vai na direção dos resultados obtidos por Fiamengui (2011) e Mariano (2013), corroborando o princípio do paralelismo formal (marcas levam a marcas) e o princípio da economia (os primeiros elementos são os mais marcados).

### 6.3.7 Animacidade dos substantivos

Sobre a variável *animacidade dos substantivos*, seguem os resultados obtidos para a cidade de Carpina:

**Tabela 167** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade dos substantivos em dados de escrita de Carpina

<b>Fatores</b>	<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
-Animado		177/181=97,1%
(Sa2F7B2a7k os <b>carros</b>		-
+Animado		05/05=100%
(Sa2F7A2b7k As <b>irmãs</b>		-
+Coletivo		02/02=100%
(Sa2F7B2c7k Dos <b>povos</b>		-
-Coletivo		125/126=93,3%
(Sa2E7B3d7k Cinco <b>indivíduos</b>		-

Fonte: O autor (2022).

Os fatores organizados para essa variável se basearam em Scherre (1988), o que ocasionou certa dificuldade na codificação dos dados, levando em conta que, em sintagmas como (Sa2F7B3d7k Seus **amigos**, o elemento em destaque tanto possibilita a codificação em *+animado* quanto em *-coletivo*, o que ocasionou que boa parte dos fatores que estão enquadrados em *-coletivo* também pudessem estar em *+animado*. Observe-se como a autora seleciona esses fatores, os breves conceitos atribuídos e os seus respectivos exemplos:

A classificação dos substantivos como [+humano] ou [+animado], em princípio, não apresenta problemas, mas, mesmo assim, há casos limítrofes e discutíveis. Os substantivos lojas, colégio, fábrica, por exemplo, podem adquirir o traço [+humano] quando empregados no sentido de agrupamento de pessoas (no sentido metonímico). Eles foram, por isso, neste emprego, classificados como [+humano] e [+coletivo]. Estabelecemos inicialmente quatro categorias obtidas através da combinação dos traços [+humano], [+animado] e [+coletivo]. Este último caso foi usado apenas para os itens com o traço [+humano]. Obtivemos, portanto, o seguinte:

1) [-humano] e [-animado]

- tirou as árvores fora... (Lui08, mp, 57a);

- ia dar três capítulos... (Fat23, fg, 15a);

2) [-humano] e [+animado]

- até a comida dos cachorros eu... (Mgl48, fc, 52a);

- em cima das codorna... (Ago33, mp, 60a);

3) [+humano] e [-coletivo]

- com meus pais eu já viajei... (Val24, fg, 15a);

- as professoras novinhas gostavam... (Mgl48, fc, 52a);

- 4) [+humano] e [+coletivo]  
 - as quadrilhas disputavam para... (San01, mp, 18a<sup>a</sup>);  
 - as lojas ficaram desesperada... (Lau28, fc, 43a);  
 - contra as melhores equipe lá... (Man14, mp, 59a) (SCHERRE, 1988, p. 270-271).

Os fatores *+humano/-humano* foram distribuídos na variável *animacidade do SN*, pois, ao observar que a autora elencou tais fatores na sua tabela 6.2.6.2 em *-humano/-animado*, *-humano/+animado*, *+humano/-coletivo*, *+humano/+coletivo* para a variável *animacidade dos substantivos*, observou-se, no presente estudo, que seria viável selecionar os fatores de forma individual. Dessa forma, para a variável *animacidade dos substantivos* na presente pesquisa, selecionaram-se os fatores: *+animado*, *-animado*, *+coletivo* e *-coletivo*, haja vista que os fatores *+humano* e *-humano* já estão na variável *animacidade do SN*.

Mesmo realizando tal adaptação nos fatores, houve dificuldade para codificá-los, conforme foi dito acima, pois, como a própria autora menciona, trata-se de casos “limítrofes e discutíveis”, de maneira que o que é *+animado* também o pode ser *-coletivo*, e ainda *+humano* (amigo, pessoa, mulher, criança, inimigo etc.).

Dessa forma, é possível referir que, embora o maior percentual esteja em *-coletivo*, com uma boa representação de ocorrências, levando em consideração o que é observado em outros trabalhos (cf. SCHERRE, 1988; MARIANO, 2013), quanto *+animado* for um elemento, maior a chance de ser pluralizado. Pode-se dizer que o resultado para *-coletivo* também pode ser considerado para o *+animado*.

Considere-se, então, que no presente estudo, o fator *-coletivo* obteve o maior percentual em Carpina, porém, isso não descarta que o *+animado* também tenha a maior marcação de pluralidade, até mesmo porque, das cinco ocorrências codificadas, todas receberam marcação. O presente estudo, pela situação exposta em tal variável, não descarta que a *animacidade* tende a favorecer a pluralidade.

A respeito de outro estudo no PB sobre a variável em análise na língua escrita, tem-se o trabalho de Mariano (2013), que coletou dados extraídos de textos (redações escolares)<sup>19</sup>, cujos resultados vão de encontro aos apresentados na tabela acima, pois o fator *+humano e -coletivo* é o único que favorece a aplicação da regra da CN de número, com o PR acima do nível de neutralidade (.72):

---

<sup>19</sup> A autora não explicita o tipo textual utilizado na pesquisa e também não apresenta nenhum anexo em sua dissertação.

**Tabela 168** – Variável Animacidade CN+ em Mariano (2013)

<b>FATOR</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
[+humano] e [-coletivo]	365/375	97%	.72
[-humano] e [-animado]	2.117/2.248	94%	.46
[-humano] e [+animado]	27/36	75%	.22

Fonte: Adaptada de Mariano (2013).

A autora do estudo dos resultados acima menciona rapidamente que outros trabalhos que tratam do referido fenômeno com a variável *animacidade* (sem delimitar *adjetivos ou substantivos*), como o de Scherre (1988) e Brandão (2012), atestaram que elementos *+humanos* tendem a favorecer mais pluralização nos elementos do SN, corroborando com o resultado encontrado na tabela acima.

Mariano (2013, p. 80) finaliza suas considerações sobre a presente variável no fenômeno da CN de número com a seguinte consideração: “Com os resultados encontrados nesta pesquisa, pode-se inferir que o traço [+humano] é uma motivação importante para o não cancelamento da marca morfológica de número, fato comprovado também em outras pesquisas.”.

Não é possível especular aspectos inerentes ao tipo textual utilizado pela autora supramencionada, porque não há um detalhamento e nem um modelo exposto que permita discutir aspectos que tenham motivado uma maior pluralidade em elementos *+humanos*, divergindo dos resultados encontrados na presente pesquisa.

Destaque-se que, na rodada para os dados da escrita em Carpina, a variável *grau dos substantivos e adjetivos* obteve apenas ocorrências do fator *normal*, e na variável *formalidade dos substantivos e adjetivos*, houve apenas ocorrências do fator *+formal*. Dessa forma, o programa não pôde rodar os resultados com apenas um fator.

#### 6.4 SOBRE AS VARIÁVEIS DEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA

Nesta seção, será realizada a análise não atomística das variáveis e, de início, será investigado o tipo de regra de CN de número no PB e no PE, partindo da tripartição de regras proposta por Labov (2003).

#### 6.4.1 Sobre a variável dependente no PB na análise não atomística

Para que seja possível verificar o tipo de regra relacionada à CN de número nas cinco cidades pernambucanas, verifiquem-se os percentuais relacionados à aplicação da regra dessa concordância na tabela a seguir:

**Tabela 169** – Percentuais de CN+ (análise não atomística) na escrita em cidades pernambucanas

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Belo Jardim	(442/459)	96,3%
Carpina	(261/279)	93,5%
Petrolina	(310/322)	96,3%
Recife	(415/433)	95,8%
Serra Talhada	(325/337)	96,4%

Fonte: O autor (2022).

Ao observar os percentuais, considera-se que a maioria das localidades pernambucanas apresenta uma regra semicatórica para o fenômeno da CN de número, com exceção de Carpina, cuja regra é variável (93,5%), uma situação que se assemelha ao que foi verificado na análise atomística. O predomínio da regra semicatórica, ao contrário do que se verifica na análise atomística e não atomística dos dados de fala, pode estar associado ao fato de, durante a produção escrita, os estudantes poderem monitorar um pouco mais como o texto está sendo construído e, nesse monitoramento, usarem mais variantes de prestígio, conforme é exigido pelo ensino prescritivo da Língua Portuguesa no ambiente escolar.

Diante disso, ergue-se o questionamento: será que, em ambiente fora da escola, a escrita do pernambucano, e por que não dizer do brasileiro, continua sendo semicatórica? Tal questionamento pode abrir caminhos para novas pesquisas sobre a CN de número, enfocando, por exemplo, a variação contextual onde a produção escrita ocorre. O fato é que o informante tem domínio da norma culta na escrita e percebe-se que faz uso dessa norma conforme a situação comunicativa.

#### 6.4.2 Sobre a variável dependente no PE na análise não atomística

Pode-se dizer que a análise não atomística dos elementos permite ter uma visão mais panorâmica sobre a realização do fenômeno da CN de número, visto que não se analisa cada

elemento que constitui o SN, mas todo o SN. Sendo assim, para fins comparativos entre as variedades do português contempladas neste estudo, seguem os resultados obtidos no PE para a variável dependente:

**Tabela 170** – Percentuais de uso de CN+ na análise não atomística dos dados de escrita do PE

<b>Localidade</b>	<b>Ocorrências/Total=Percentual</b>	
Algarve	(67/70)	95,7%
Lisboa	(179/181)	98,9%

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados, Lisboa apresenta uma regra semicatórica (98,9%) bastante próxima de uma regra catórica. O Algarve, por sua vez, continua tendo uma regra semicatórica. Esse resultado deve-se ao fato de a análise não atomística exigir a pluralização não apenas de um elemento, mas de todos os elementos do sintagma.

Dessa forma, pode-se dizer que os resultados percentuais de pluralização são muito próximos, tornando-se inviável a comparação entre tais percentuais, pois embora a tipologia da regra estabelecida por Labov (2003) as enquadre em tipos diferentes, ambas têm praticamente o mesmo nível de marcação de pluralidade, demonstrando que, embora os informantes residam em regiões diferentes e distantes, têm o mesmo comportamento linguístico, constituindo uma comunidade de fala que partilha esse aspecto da pluralização em quase todos os elementos do SN.

## 6.5 SOBRE AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES NA ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA

Tendo em vista que apenas a cidade de Carpina apresenta uma regra variável para CN de número, somente seus dados de escrita foram rodados no Goldvarb X, tomando por base as variáveis linguísticas<sup>20</sup> e extralinguísticas apresentadas nas próximas subseções.

### 6.5.1 Pluralidade do SN

Sobre a variável *pluralidade do SN*, foram obtidos os seguintes resultados:

<sup>20</sup> A variável relacionada ao *grau e formalidade do SN* não foi contemplada devido a razões já mencionadas.

**Tabela 171** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável pluralidade do SN em dados de escrita de Carpina

<b>Fatores</b>	<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<i>Pode ser apenas um</i> (SF1np29F Os <b>casos</b> )		212/227=93,4%
		-
<i>Mais de 1 não inerente</i> (NF2np16F Muitos <b>cachorro</b> )		38/41=92,7%
		-
<i>Partes do Corpo</i> (SF3np16M As <b>mãos</b> )		11/11= 100%
		-

Fonte: O autor (2022).

Ao analisar os resultados dos dois fatores, observa-se que há uma pequena oscilação de percentuais de aplicação da CN de número. Isso pode ter levado o Goldvarb X a não selecionar essa variável como significativa para a cidade de Carpina.

Vale destacar que não houve ocorrências para o fator *partes do corpo*, o que é compreensível, levando em conta que nem sempre os informantes encontram um contexto que lhes permita utilizar terminologias de membros corporais no enredo produzido. Sendo assim, a proposta do texto não motivava a produção de tal fator.

Em relação aos demais fatores da referida variável, vê-se quase o mesmo percentual, o que leva a dizer que não há uma diferença que permita uma comparação sobre tais fatores. Dessa forma, pode-se dizer que, para o presente estudo, essa variável não se mostrou relevante.

### 6.5.2 Animacidade do SN

Embora todo o sintagma seja considerado na rodada dos dados, é o *substantivo* ou o *adjetivo* a ser focado na análise dessa variável. É necessário destacar que os fatores selecionados se respaldam em Scherre (1988), cuja tabela de resultados é encontrada na página 355. Os resultados da presente pesquisa, nos dados da escrita, são apresentados a seguir:

**Tabela 172** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável animacidade do SN em dados de escrita de Carpina

<b>Fatores</b>	<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
+ <i>humano</i> (SF1hp16M os <b>meninos</b> )		111/119=93,3%
- <i>humano</i> (SF1np3mF Nas <b>ruas</b> )		150/160=93,8%

Fonte: O autor (2022).

Os resultados acima mostram uma diferença muito discreta em percentuais de aplicação da CN de número entre os fatores.

A respeito da variável *grau e formalidade do SN*, não foram obtidos resultados para essa variável em Carpina, pois houve apenas uma ocorrência do fator *SNs com um item no aumentativo/diminutivo*, caracterizando situação de informalidade ou que se expressem gírias. Dessa forma, com apenas ocorrências para um fator (*SNs com todos os itens formais*), o programa não apresentou resultados para essa variável.

## 6.6 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Considerando que as variáveis extralinguísticas estão inseridas na análise não atomística, na presente seção, analisa-se se exercem influência sobre o uso da CN de número na cidade de Carpina.

### 6.6.1 Variável tipo de escola

À semelhança da pesquisa de Silva (2017), a única que trabalha com três *tipos de escola* (*particular, estadual e municipal*), este estudo contempla diferentes escolas e verifica se há alguma distinção entre elas no que se refere à aplicação da regra da CN. Vejam-se os resultados:

**Tabela 173** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável tipo de escola em dados de escrita de Carpina

Localidade	Carpina
<i>Particular</i>	158/164=96,3%
	-
<i>Estadual</i>	42/48=87,5%
	-
<i>Municipal</i>	61/67=91%
	-

Fonte: O autor (2022).

Os percentuais obtidos para a aplicação da CN de número mostram que o maior percentual está para a *escola particular*, conforme previsto pela hipótese inicial desta pesquisa. Mariano (2019, p. 200-201), ao obter os resultados para a variável tipo de instituição, conclui:

Em relação à variável Tipo de instituição, selecionada pelo programa como significativa, o resultado deste estudo mostrou que os alunos da rede pública apresentaram um percentual maior de não concordância do que os alunos da rede privada. Esse resultado deixa transparecer, mais uma vez, a influência de fatores de ordem social, econômica e cultural para o fenômeno da concordância, e não uma diferença de instituições [...].

Mediante o que considera Mariano (2019), assume-se, neste trabalho, que o resultado obtido na variável tipo de escola está diretamente relacionado a aspectos sociais ligados à realidade dos discentes. Nesta investigação, aponta-se para uma relação bem estreita entre a *escola particular* (que enfoca um ensino mais prescritivo voltado à língua escrita) e a situação socioeconômica dos estudantes, tais como: maior acessibilidade aos bens culturais, mais contato com a variante de prestígio e materiais de leitura ou midiáticos mais formais, dentre outros aspectos.

### 6.6.2 Faixa etária

Por meio da referida variável, será possível verificar o comportamento linguístico dos estudantes, buscando verificar se os mais novos, em faixa intermediária, aplicam mais a CN de número. Para tanto, verifiquem-se os seguintes resultados:

**Tabela 174** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável faixa etária em dados de escrita de Carpina

Localidade	Carpina
<b>Fatores</b>	
<i>Faixa 1</i>	74/78=94,9%
	-
<i>Faixa 2</i>	75/80=93,8%
	-
<i>Faixa 3</i>	112/121=92,6%
	-

Fonte: O autor (2022).

Observa-se, na tabela acima, que os fatores têm praticamente o mesmo nível de pluralização, o que implica dizer que da *faixa etária 1* até a *3*, os informantes conservam a variante utilizada, o que caracterizaria um comportamento linguístico típico da cidade de Carpina, semelhante ao que se observou em Scherre (1988) — embora este trabalho seja da modalidade falada.

Contrariamente, os resultados obtidos por Silva (2017) e Fiamengui (2011), ao obterem PRs para diferentes faixas etárias, demonstram que a *faixa 1*, de fato, é a única que favorece a aplicação da regra de CN de número: .64 no primeiro estudo e .63 no segundo estudo. Fiamengui (2011, p. 122), por exemplo, justifica seu resultado da seguinte maneira:

Chama a atenção, ainda, a queda brusca nos dados de escrita entre os informantes de 13 a 14 anos de idade (de 0.60 para 0.33), o que implica ir do favorecimento ao desfavorecimento de uso da regra de concordância nominal no SN, já que entre 10 e 13 anos e 14 e 15 anos os valores são bastante próximos. Esses dados comprovam que uma mesma faixa etária revela diferenças significativas no uso de concordância nominal na escrita.

Similarmente, os resultados da análise não-atômica, assim como os da atômica, permitem afirmar que a escrita da fase pré-adolescente, principalmente entre 10 e 12 anos, adere às normas prescritas pelo ensino. Entretanto, conforme a idade avança, o desempenho escrito é inversamente proporcional ao acréscimo de maturidade.

Além disso, observou que a faixa etária dos informantes mais novos selecionados em sua pesquisa, que corrobora com a de Silva (2017), tende a apresentar mais aderência à norma culta. As considerações que a autora faz justificam os resultados encontrados também no presente estudo, para a cidade de Carpina, visto que, por certo período de tempo, especificamente na adolescência, uma determinada variante pode ser conservada. Dessa forma, o que se observou, nos resultados de Carpina para os dados da escrita na faixa etária, foi um

conservadorismo dos informantes para a variante de prestígio, motivada continuamente pela escola, por meio do seu ensino prescritivo.

### 6.6.3 Variável escolaridade

No intuito de verificar se informantes mais escolarizados em Carpina aplicam mais a regra de CN de número, observem-se os resultados percentuais abaixo:

**Tabela 175** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável escolaridade em dados de escrita de Carpina

<b>Fatores</b>	<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<i>6º ano Fundamental</i>		72/74=97,3%
		-
<i>9º ano Fundamental</i>		77/84=91,7%
		-
<i>3º Médio</i>		112/121=92,6%
		-

Fonte: O autor (2022).

Por meio dos percentuais, nota-se que há uma leve oscilação entre os fatores, havendo um maior percentual de uso da variante de prestígio por alunos que estão no *6º ano do Ensino Fundamental*, o que não está previsto na hipótese inicial deste estudo.

Em linhas gerais, estudos sociolinguísticos, baseados em resultados de PRs, apontam para um resultado distinto do apresentado na tabela acima, pois quanto maior o ano de escolaridade do informante, maior uso da variante de prestígio (FIAMENGUI, 2011; MARIANO, 2013; SILVA, 2017).

### 6.6.4 Variável sexo

A seleção da referida variável justifica-se pelo fato de investigar se há diferenças no uso da CN de número em dados escritos por estudantes do sexo feminino e do sexo masculino no sentido de que as estudantes usariam mais a forma de prestígio, confirmando a hipótese inicial. Dessa forma, segue a tabela com os resultados para cada fator que compõe a variável:

**Tabela 176** – Resultados sobre o uso de CN+, tomando por base a variável sexo em dados de escrita de Carpina

<b>Fatores</b>	<b>Localidade</b>	<b>Carpina</b>
<i>Masculino</i>		120/136=88,2%
		PR .241
<i>Feminino</i>		141/143=98,6%
		PR .749

Fonte: O autor (2022).

Os PRs confirmam a hipótese de estudo: estudantes do *sexo feminino* favorecem o uso de [CN+], ao contrário do sexo masculino. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 176),

Quase todos os estudos sociolinguísticos correlacionais conduzidos desde meados da década de 1960 investigaram a covariância entre normas linguísticas e o parâmetro de gênero. Os resultados confirmaram a crença ampla de que as mulheres são mais preocupadas com o *status* do que os homens, tanto em sua fala efetiva, quanto em suas atitudes em relação à língua. Esse fenômeno pode ser encontrado em todas as classes sociais, mas está especialmente presente na classe média baixa e na classe trabalhadora mais alta, mais atingidas pelo problema da insegurança linguística [...].

Trabalhando também com a modalidade escrita da língua, outros estudos sobre a CN de número no PB reforçam o resultado aqui apresentado (FIAMENGUI, 2011; SILVA, 2017).

Acredita-se, por fim, que padrões de comportamento linguístico ou não são estabelecidos para as meninas desde a sua mais tenra idade, tais como: maneira de sentar, de se vestir, de se comportar e de falar. Tal situação pode ser evidenciada pela maneira como usam a CN de número tanto na fala quanto na escrita.

## 6.7 CRUZAMENTOS ENTRE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

Nesta seção, serão realizados cruzamentos entre diferentes variáveis, tais como realizados na seção dedicada aos dados da língua falada. Assim, será possível obter uma compreensão mais ampliada da CN de número a partir da possível correlação entre essas variáveis.

### 6.7.1 Cruzamentos das variáveis linguísticas

No que diz respeito ao comparativo com outros trabalhos no PB, dos poucos estudos que existem a respeito da CN de número na língua escrita, foram encontrados apenas alguns cruzamentos na dissertação de Fiamengui (2011), os quais serão tratados em momento oportuno.

#### 6.7.1.1 Cruzamento posição linear e marcar precedentes

No intuito de verificar a relação entre as variáveis *posição linear e marcas precedentes*, visto que ambas têm relação com o lugar em que o elemento se encontra no domínio nominal, apresenta-se o cruzamento dessas variáveis:

**Tabela 177** – Cruzamento entre marcas precedentes e posição linear na escrita da cidade de Carpina-PE

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>
<i>Ausência do elemento precedente</i>	278/282= 99%	1/1=100%	1/1=100%	-	-
<i>Elemento em segunda ordem na apresentação</i>	-	2/2=100%	-	-	-
<i>Numeral enquanto elemento precedente</i>	-	6/7=86%	-	-	-

<i>Marcas precedentes</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Marcas formais de plural em elementos da 1ª posição</i>	1/1=100%	260/270= 96%	4/4=100%	-	-
<i>Duas ou mais marcas formais, precedendo o elemento analisado</i>	-	-	47/50=94%	5/5=100%	-
<i>Um elemento precedente marcado e outro não marcado</i>	-	-	0/1=0%	3/3=100%	1/1=100%

Fonte: O autor (2022).

Diante dos resultados apresentados, seguem as seguintes considerações:

- a) a variável *posição do elemento no SN* exerce influência sobre a variável *marcas precedentes*;
- c) a *ausência do elemento* precedente com elemento em *1ª posição* de análise tende a favorecer a marcação de pluralidade;
- d) uma parte dos fatores cruzados apresenta 100% de marcação e apresenta número não representativo de ocorrências;
- d) os fatores cruzados *marcas formais de plural em elementos da 1ª posição* e *duas ou mais marcas formais precedendo o elemento analisado em primeiras posições do SN* sucedem o fator *ausência de elemento precedente*, com diferenças muito próximas de percentuais de marcação,

o que permite dizer que são os elementos nas primeiras posições que mais apresentam pluralização, confirmando a atuação do princípio da economia.

#### 6.7.1.2 Cruzamento processos de formação e tonicidade

Considerando que Scherre (1988) correlacionou a saliência fônica a diferentes dimensões ao analisar o fenômeno da CN de número, a presente subseção trata do cruzamento de duas dimensões. Para investigar a possível influência de uma sobre a outra, segue a tabela com os percentuais:

**Tabela 178** – Cruzamento entre processos morfofonológicos da formação do plural e tonicidade na escrita da cidade de Carpina-PE

<i>Processos morfofonológicos</i>	Tonicidade		
	<i>Paroxítonas e monossilábicas</i>	<i>Oxítonos e monossilábicos tônicos</i>	<i>Proparoxítonas</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Terminados em vogal ou vogal+vogal nasal</i>	388/403=96%	100/102=98%	9/10=90%
<i>Plural duplo</i>	10/11=91%	9/9=100%	-
<i>Terminados em -s</i>	1/1=100%	-	-
<i>Terminados em -ão</i>	-	13/13=100%	-
<i>Terminados em -r</i>	40/40=100%	-	1/1=100%
<i>Terminados em -l</i>	2/2=100%	15/15=100%	3/3=100%

Fonte: O autor (2022).

Levando em consideração um quantitativo com um bom número de ocorrências e um dos mais altos percentuais, pode-se dizer que o fator *itens terminados em -r* com o fator *paroxítonas e monossilábicas* é o que mais favorece a pluralização dos elementos, embora com uma proximidade grande de percentual de pluralização com o fator *oxítonos e monossílabos tônicos*. Ao observar a totalidade da tabela acima, veem-se muitos fatores com poucas ocorrências e percentuais muito próximos de pluralização entre os fatores.

Pode-se dizer, para os resultados da tabela acima, que a pluralização para Carpina é limítrofe nos referidos fatores, e tal aspecto deve-se à grande pluralização na maioria dos dados

da escrita. Dessa forma, há a influência do automonitoramento do informante na produção escrita e em ambiente escolar.

### 6.7.1.3 Cruzamento das variáveis classe gramatical e posição do elemento

A fim de verificar a possível correlação entre a *classe nominal* e a posição ocupada no interior no SN, observem-se os seguintes resultados:

**Tabela 179** – Cruzamento entre classe gramatical e posição linear na escrita da cidade de Carpina-PE

<i>Classe gramatical</i>	<b>Posição</b>				
	<i>1ª posição</i>	<i>2ª posição</i>	<i>3ª posição</i>	<i>4ª posição</i>	<i>5ª posição</i>
	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>	<b>Apl./total= %</b>
<i>Quantificador</i>	38/40=95%	6/6=100%	3/3=100%	-	-
<i>Substantivo</i>	19/19= 100%	201/210= 96%	36/37=97%	2/2=100%	1/1=100%
<i>Artigo definido e demonstrativo</i>	171/172= 99%	10/10=100%	1/2=50%	-	-
<i>Adjetivo</i>	3/3=100%	30/32=94%	10/12=83%	6/6=100%	-
<i>Adjetivo 2</i>	1/1=100%	6/6=100%	2/2=100%	-	-
<i>Pronome possessivo</i>	44/44= 100%	16/16=100%	-	-	-
<i>Artigo indefinido</i>	3/4=75%	-	-	-	-

Fonte: O autor (2022).

A partir da *3ª posição*, há uma queda acentuada no número de ocorrências dos fatores cruzados. Assim, classes de palavras que ocupam a *1ª e 2ª posição* tendem a receber mais pluralização em relação às posteriores. Fica mais uma vez atestada a força da variável *posição do elemento* sobre a pluralização nos elementos no SN, demonstrando que elementos mais à esquerda no PB tendem a ser mais marcados, o que constitui comportamento típico do informante brasileiro.

É necessário informar que o cruzamento entre o *grau e formalidade de substantivos e adjetivos* foi removido pelo fato de não haver análise por ausência de ocorrências suficientes de dados.

## 6.7.2 Cruzamentos das variáveis extralinguísticas

No intuito de analisar a correlação entre os aspectos sociais dos informantes nos dados da escrita no fenômeno da CN de número, nas próximas subseções, serão apresentados cruzamentos entre as variáveis extralinguísticas.

### 6.7.2.1 Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade

Torna-se importante analisar se, mesmo diante de um gênero textual que exige um certo grau de monitoramento durante sua produção em ambiente escolar, os discentes do *sexo masculino e feminino* apresentam comportamento semelhante quanto ao uso da CN de número em diferentes níveis de escolaridade. Para tanto, vejam-se os resultados obtidos:

**Tabela 180** – Cruzamento entre sexo e escolaridade na escrita da cidade de Carpina-PE

<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>		
	<i>6º ano do Fundamental</i>	<i>9º ano do Fundamental</i>	<i>3º ano do Médio</i>
	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>	<b>Apl./total=%</b>
<i>Feminino</i>	37/37=100%	52/53=98%	52/53=98%
<i>Masculino</i>	35/37=95%	25/31=81%	60/68=88%

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que, em todos os níveis de *escolaridade*, o *sexo feminino* é o que realiza mais aplicação da regra de CN de número na escrita, confirmando-se a hipótese inicial, de maneira que a variável *sexo* é mais influente do que a escolaridade do informante, embora o ensino prescritivo seja o mesmo para ambos os sexos em ambiente escolar, conforme foi observado na realização da coleta dos dados em visita a cada instituição.

### 6.7.2.2 Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo no PB

Até onde se tenha verificado, não há estudos sobre a CN de número na escrita que utilizem o referido cruzamento, o que justifica, portanto, a sua realização no presente estudo. Diante disso, observem-se os resultados na tabela a seguir:

**Tabela 181** – Cruzamento entre faixa etária e sexo na escrita da cidade de Carpina-PE

Sexo	Faixa etária		
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
	Apl./total=%	Apl./total=%	Apl./total=%
<i>Feminino</i>	37/37=100%	52/53=98%	52/53=98%
<i>Masculino</i>	37/41=90%	23/27=85%	60/68=88%

Fonte: O autor (2022).

Para a variável *sexo*, confirmou-se a hipótese inicial, visto que o *sexo feminino* obteve percentuais de aplicação da CN de número com diferencial relevante em relação ao *masculino*; mas, no que diz respeito à *faixa etária*, não há uma ordem crescente ou decrescente de resultados, de maneira que a variável *sexo* tem influência sobre a aplicação da CN de número em relação à variável *faixa etária*.

Sobre a *faixa etária*, os mais novos, independentemente do *sexo*, apresentam um percentual maior de uso da CN+, um resultado que contraria a hipótese inicial.

### 6.7.2.3 Cruzamento das variáveis tipo de escola e escolaridade

Para o cruzamento entre as variáveis *tipo de escola e escolaridade*, foram obtidos os seguintes percentuais de uso da variante de prestígio:

**Tabela 182** – Cruzamento entre tipo de escola e escolaridade na escrita da cidade de Carpina-PE

Escolaridade	Particular	Municipal
	Apl./total=%	Apl./total=%
<i>6º ano do Fundamental</i>	37/39 = 95%	35/35 = 100%
<i>9º ano do Fundamental</i>	51/52 = 98%	26/32 = 81%
<i>3º ano do Médio</i>	70/73 = 96%	-

Fonte: O autor (2022).

Os resultados mostram que a *escola municipal* apresenta 100% de aplicação da CN de número para os alunos com menos *escolaridade*, o que não apenas refuta a hipótese inicial, mas também contrasta em relação ao que vem sendo observado no presente estudo a respeito dos alunos mais escolarizados e que estão na *escola particular*, implicando considerar que a *escolaridade* exerce mais influência para o uso de CN+ do que o *tipo de escola*, resultante da atuação do ensino prescritivo da Língua Portuguesa. É necessário informar que o *3º ano Médio* na escola *estadual* apresentou  $42/48 = 88\%$  para pluralização.

Em linhas gerais, compreende-se, a partir dos resultados encontrados na modalidade escrita, tanto das variáveis isoladas quanto em seus cruzamentos, que há altos percentuais de marcação da CN de número na cidade de Carpina. Vale referir que, na análise atomística, a ordem de significância das variáveis apresentada pelo Goldvarb X foi a seguinte: primeiro, a variável *processos morfofonológicos* e, segundo, a variável *número de sílabas em itens lexicais singulares*. Por sua vez, na análise não atomística, só há destaque, em termos de significância, para a variável *animacidade dos substantivos*.

Por fim, os resultados, nesta seção, evidenciam mais aproximações entre o PB e o PE, pois a regra de CN de número, em sua maioria, é semicategórica em quatro cidades pernambucanas à semelhança do que se observa, por exemplo, no Algarve, cujos casos de ausência de marcação demonstram os mesmos aspectos estruturais dos elementos não marcados entre ambas as variedades.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a CN de número nas variedades do PB em cinco mesorregiões pernambucanas: Mesorregião do Agreste: Belo Jardim; Mesorregião da Zona da Mata: Carpina; Mesorregião do Sertão: Serra Talhada; Mesorregião do São Francisco: Petrolina; Mesorregião Metropolitana do Recife: Recife; e do PE, em duas localidades e quatro respectivas sublocalidades portuguesas: Lisboa: Lisboa; Algarve: Albufeira, Portimão e Faro. Para tanto, no intuito de estabelecer uma análise comparativa entre essas variedades do português, foram recolhidos dados de informantes estratificados por faixas etárias, sexo e nível de escolaridade equivalentes em ambos os países.

A revisão da literatura permitiu observar três aspectos: a) há uma vasta produção sobre a CN de número na língua falada no PB; b) há uma escassa produção sobre o referido fenômeno na escrita do PB e de sua comparação com a fala de um mesmo informante e c) são quase inexistentes pesquisas sobre essa concordância no PE. Com base nas duas últimas lacunas mencionadas, esta pesquisa inscreve-se como uma análise adicional que visa contribuir com uma maior compreensão dessa concordância não só por comparar duas modalidades de uso da língua, mas também por comparar duas variedades do português em diferentes regiões.

Levando em conta que as rodadas foram realizadas em prol da marcação dos elementos, ou seja, da realização da norma culta, obtiveram-se resultados em que a variante de prestígio prevaleceu sobre a estigmatizada. Em virtude de a regra de CN de número ser variável em todas as cidades pernambucanas, nos dados da língua falada seja sob o enfoque atomístico e não atomístico, apenas os dados dessa variedade foram submetidos ao programa Goldvarb X por ser exclusivo à análise de regra variável (*cf.* SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Nos dados orais do PE, a regra apresentou-se categórica em Lisboa (99,4%) e no Algarve (99,2%) na análise atomística; ao passo que, na análise não atomística, apresentou-se semicategórica nesta (98,5%) e continuou sendo categórica naquela (99,3%), o que culminou em uma análise diferencial (não quantitativa) por não se tratar de uma regra variável, seguindo a linha de análise de Brandão e Vieira (2012), haja vista os escassos contextos de não realização da CN de número.

No que se refere aos dados orais do PE, verifica-se que: a) em Lisboa, dos poucos casos de cancelamento da regra de CN de número na análise atomística (*fala*: 11 do total geral de 2.784 e *escrita*: 3 do total geral de 425), e não atomística (*fala*: 10 do total geral de 1.252 e *escrita*: 3 do total geral de 181). Uma situação verificada também no Algarve na análise atomística (*fala*: 10 do total geral de 1.466 e *escrita*: 3 do total geral de 164) e não atomística

(*fala*: 10 do total geral de 668 e *escrita*: 3 do total geral de 70). Tais cancelamentos apresentam os seguintes aspectos estruturais:

(i) Na modalidade falada do PE:

- a) Há *adjetivos e substantivos* com ausência de marcação, ocorrendo mais em posições posteriores à *1ª* no sintagma, sendo raros os cancelamentos em *1ª posição* no PE (*cf.* 37 a 42; 44 e 45; 46 a 53; 55);
- b) Ausência de marcas em determinantes que estão em *1ª posição* no sintagma (*cf.* 35, 36, 46 e 54);
- c) A maioria das ausências de pluralização ocorre em elementos com *2 ou mais sílabas* (*cf.* 37 a 45; 47 a 49; 51 a 53; 55);
- d) Os *substantivos* não marcados são *-coletivos*, *+animados* e *+humanos* (*cf.* 42; 44; 45; 51; 52; 53). É necessário destacar que os exemplos 42, 51 e 54 não são *+humano* ou *+animado*, apenas *-coletivo*;
- e) Com exceção do exemplo 50, todas as ausências de pluralização ocorrem em plural regular no que diz respeito aos aspectos morfofonêmicos;
- f) Não há nenhum elemento informal ou em grau *aumentativo/diminutivo* apresentando cancelamento de pluralização.

(ii) Na modalidade escrita do PE:

- a) ausência de pluralização, na maioria das vezes, a partir da *2ª posição*;
- b) elementos *paroxítonos* tendem a apresentar mais ausência de pluralização;
- c) elementos que não têm outros precedentes recebem mais pluralização;
- d) contrariando o princípio do paralelismo formal, elementos precedidos de elementos marcados recebem menos pluralização, especificamente se o elemento precedente estiver na *1ª posição*;
- e) elementos antepostos ao núcleo tendem a ser mais pluralizados.

Em se tratando dos dados escritos, Lisboa apresenta uma regra categórica na análise atomística (*fala*: 2.773 do total geral de 2.784 e *escrita*: 422 do total geral de 425) e semicategórica na análise não atomística (*fala*: 1.241 do total geral de 1.252 e *escrita*: 422 do total geral de 425), ao passo que, no Algarve, a regra é semicategórica em ambas as análises:

a) análise atomística: (*fala*: 658 do total geral de 668 e *escrita*: 161 do total geral de 164) e b) análise não atomística (*fala*: 658 do total geral de 668 e *escrita*: 67 do total geral de 70).

Em se tratando dos dados de escrita do PB, há um resultado muito diferente ao encontrado na fala: apenas os dados escritos de Carpina, na análise atomística e não atomística, revelam uma regra linguística variável, ao contrário das demais cidades pernambucanas, cuja regra é semicategórica, o que culminou na análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas apenas para os dados de Carpina.

Centrando a atenção nos dados de escrita das cidades de Petrolina, Serra Talhada, Belo Jardim e Recife, observa-se que os escassos casos de não realização da CN de número estão submetidos aos mesmos contextos verificados no Algarve, em que a regra também se apresentou como semicategórica.

Ademais, os resultados revelam que, na variedade europeia do português, há uma tendência em conservar a variante de prestígio independentemente do *tipo de escola*, *região* e *sexo* dos informantes, ao passo que, no PB, a *escolaridade* tem um importante papel para o uso dessa variante, conforme já verificado por Brandão e Vieira (2012) e Brandão (2015): quanto maior a escolaridade, maior realização da CN de número.

Observa-se também que a regra variável da CN de número se encontra no PB em todos os dados de fala produzidos nas cinco cidades pernambucanas e apenas nos dados de escrita da cidade de Carpina, o que implica considerar que há mais frequência de variação linguística na fala do que na escrita do PB, corroborando resultados de outros estudos (*cf.* BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978, 1988; CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; ANDRADE, L., 2003; FIAMENGUI, 2011; ARAÚJO, 2015; MARIANO, 2013, 2019; SILVA, 2017).

Observando os fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos dados da língua falada do PB, destacam-se:

(i) Na análise atomística:

a) *classe gramatical* (*quantificador* em Belo Jardim (.805); *artigos definidos e demonstrativos*: Carpina (.864), Petrolina (.778) e Serra Talhada (.852) — Recife não obteve PR, pelo fato de a rodada não ter considerado essa variável enquanto significativa. Pode-se dizer que os fatores com PRs altos geralmente estão em *1ª posição* no SN, e é isso o que favorece mais as suas marcações;

b) *posição linear*: apresentou poucos PRs para marcação de pluralidade, os quais estavam abaixo do nível de neutralidade;

c) *processos morfofonológicos da formação de plural*: (Belo Jardim: *itens terminados em -ão* (.933), Carpina (.871); Petrolina: *itens terminados em -l* (.882), Serra Talhada (.879), Recife: *itens terminados em -s* (.908)). Embora as localidades se subdividam com relação ao fator mais favorecedor da pluralização, vê-se que todos os fatores com maiores PRs têm mais matéria fônica, logo, são mais pluralizados;

d) *tonicidade dos itens lexicais singulares*: poucos PRs foram obtidos e abaixo da neutralidade, o que demonstra que a variável não é significativa na modalidade falada no fenômeno da CN de número;

e) *número de sílabas nos itens lexicais singulares*: quase todas as cidades obtiveram maior PR de pluralização no fator *monossílabo*, com os seguintes resultados: Belo Jardim, com PR de .630; Carpina com .627; Petrolina com .595; Serra Talhada com .617; Recife não obteve PRs de pluralização. Acredita-se que elementos de *1 sílaba* são aqueles que estão na *1ª posição* do sintagma, tais como os *artigos definidos*, que só têm 1 sílaba e geralmente são mais pluralizados;

f) *marcas precedentes*: Serra Talhada obteve o maior PR, de .597 no fator *numeral enquanto elemento precedente*, mas as demais obtiveram maior PR com o fator *ausência de elemento precedente*, com os seguintes resultados: Belo Jardim (.816), Carpina (.775), Petrolina (.807), Recife (.907). A explicação geral para esse resultado na maior parte das cidades pernambucanas dá-se pelo fato de tal elemento estar na *1ª posição do SN*, cuja literatura sobre o fenômeno da CN de número mostra que geralmente é a mais pluralizada;

g) *animacidade dos substantivos*: Belo Jardim obteve PR de .635, Carpina de .658 e Recife de .652 para o fator *-coletivo*, enquanto Serra Talhada obteve apenas PRs abaixo de neutralidade para essa variável. O que se pode considerar com os resultados obtidos é o que foi dito no texto, no sentido de que os elementos *+humanos* também podem ser enquadrados nos *-coletivos*, e foi isso que gerou um maior PR de pluralização para esse último fator; ao mesmo tempo, nos *corpora* analisados de cada cidade, uma boa parte dos elementos nos SNs poderia ser considerado *-coletivo*. O que ficou entendido para essa variável no estudo é que a *animacidade* tende a motivar a marcação nos elementos do SN, sendo que os *-coletivos* podem se enquadrar nos *+animados*;

h) *grau dos substantivos e adjetivos*: a maioria das localidades não obteve PR, e Belo Jardim obteve PR de .803. O fator *diminutivo* apresentava pouquíssimas ocorrências, conforme é visto na seção de análise dos dados da fala;

i) *formalidade dos substantivos e adjetivos*: os PRs obtidos estavam abaixo do nível de neutralidade.

(ii) Na análise não atomística:

- a) *grau e formalidade do SN*: apresentou PRs abaixo do nível de neutralidade;
- b) *Pluralidade do SN*: o fator *mais de 1 não inerente* obteve maior PR para pluralização nas cidades de: Belo Jardim (.612), Recife (590), Serra Talhada (.638), enquanto as cidades de Carpina e Petrolina não obtiveram PR de pluralização para essa variável. Acredita-se que a maior motivação para a pluralização desse fator seja a formalidade que está nesses elementos analisados. Também há muito ainda a se descobrir em estudos posteriores sobre essa variável quase não selecionada na literatura sobre o fenômeno da CN de número;
- c) *animacidade do SN*: com exceção de Petrolina, que apresentou PRs abaixo do nível de neutralidade para marcação da CN de número, o fator que apresentou maiores PRs nas localidades foi *+humano*, sendo: Belo Jardim (.628), Carpina (.662), Recife (.645) e Serra Talhada (.643). Quanto ao aspecto motivador da pluralidade nesse fator, conforme foi exposto no texto, considera-se que fatores *+humanos* têm mais animacidade e, conseqüentemente, produz-se mais pluralização nos elementos;
- d) *tipo de escola*: conforme já pontuado no estudo de Silva (2017), os alunos da *escola particular* utilizam mais a norma culta do que os da *pública*, e essa consideração é corroborada com os resultados da presente pesquisa nas localidades pernambucanas: Belo Jardim (.663), Carpina (.674), Petrolina (.702), Recife (.574) e Serra Talhada (581). Conforme já foi discutido no decorrer do presente estudo, questões socioeconômicas têm uma relação com o maior uso da CN de número pelos informantes da *escola particular*;
- e) *faixa etária*: apenas as cidades de Carpina (.576) e Petrolina (.742) obtiveram PR acima da neutralidade para a *faixa etária 3*, enquanto as demais cidades não obtiveram PR, por não terem sido consideradas significativas na rodada do programa. É natural que os informantes mais velhos utilizem mais a norma culta, por terem mais anos de frequência escolar em relação aos demais (no contexto do presente trabalho), havendo mais convívio com a norma prescritiva;
- f) *escolaridade*: a variável não foi considerada significativa pelo programa e, conseqüentemente, não apresentou PRs;
- g) *sexo*: novamente apenas as cidades de Carpina (.631) e Petrolina (.598) obtiveram PRs de favorecimento para marcação de pluralidade pelo *sexo feminino*, o que, mais uma vez, atesta que indivíduos do *sexo feminino* tendem a utilizar mais a variante de prestígio no contexto brasileiro.

Para os dados da escrita, conforme foi mencionado no decorrer do presente trabalho, apresentou-se apenas os resultados da pluralização para Carpina, haja vista que foi a única localidade da pesquisa que apresentou regra variável nos dados da escrita, tanto na análise atomística quanto na não atomística. Nesse aspecto, o estudo realizado demonstra que o informante brasileiro que frequenta escola tem o domínio da norma culta da CN de número e a utiliza em situações comunicativas em que a variante de prestígio é cobrada.

Após a rodada dos dados e sua respectiva análise, mediante a rodada dos dados no programa Goldvarb X, observaram-se os seguintes aspectos no que diz respeito aos PRs mais favorecedores da CN de número:

(i) Atomística:

a) *classe gramatical*: não obteve PRs, por não ser considerada significativa na rodada dos dados;

b) *posição linear dos elementos no SN*: também não obteve PR dos fatores;

c) *processos morfofonológicos da formação de plural: itens terminados em -ão* (.871), o que ainda enquadra dentro do princípio da saliência fônica, haja vista que tem matéria fônica em saliência nesse tipo de alteração morfofonêmica;

d) *tonicidade dos itens lexicais singulares*: não obteve PR de marcação;

e) *número de sílabas dos itens lexicais singulares: monossílabas* (.706). Tal resultado diverge do princípio da saliência fônica, mas ao mesmo tempo pode ser explicado por causa dos elementos em 1ª posição, os quais são mais marcados no SN, na maioria das vezes terem apenas 1 sílaba;

f) *marcas precedentes*: não obteve PR de marcação nos fatores;

g) *animacidade dos substantivos*: não obteve PR de marcação nos fatores;

h) *grau dos substantivos e adjetivos*: apresentou apenas ocorrências para o grau normal, impossibilitando a rodada de obter resultados para apenas um fator;

i) *formalidade dos substantivos e adjetivos*: apresentou apenas ocorrências para o fator +formal, impossibilitando a rodada de obter resultados para apenas um fator.

(ii) Não atomística

a) *pluralidade do SN*: não obteve PR para marcação dos fatores;

- b) *animacidade do SN: +humano* (.662). Acredita-se que a motivação para tal fator apresentar maior PR e superar a neutralidade seja uma maior animacidade presente nos itens que estão mais relacionados a aspectos humanos;
- c) *grau e formalidade do SN*: obteve ocorrências apenas para o fator *SN com todos os itens formais*, inviabilizando a obtenção de resultados na rodada;
- d) *tipo de escola*: não obteve PR para marcação dos fatores;
- e) *faixa etária*: não obteve PR para marcação dos fatores;
- f) *escolaridade*: não obteve PR para marcação dos fatores;
- g) *sexo: feminino* (.749). O *sexo feminino*, conforme observou-se ao longo deste trabalho, demonstrou, de uma forma nítida, que é o que utiliza a variante de prestígio, visto que, na maioria dos resultados, em ambas as modalidades de uso da língua, é o que mais favorece a CN de número.

A partir do cruzamento entre variáveis, tal como feito por Scherre (1988) e outros sociolinguistas, foi possível observar:

- a) *na análise não atomística dos dados orais*: a influência da variável *sexo* sobre a *faixa etária* exercendo mais força sobre a marcação dos elementos no SN apresentou os seguintes aspectos por meio dos seus percentuais de marcação: em Belo Jardim, o *sexo feminino* apresentou o maior percentual de marcação, de 82% para a *faixa etária 3* dos informantes. Em tal situação, observou-se que, nas demais localidades pernambucanas, praticamente todos os resultados são bem semelhantes aos encontrados em Belo Jardim, haja vista que quase sempre é o *sexo feminino* e a *faixa etária 3* a apresentarem o maior percentual de marcação. Contudo, o que se observa de forma mais nítida é que o *sexo feminino* é o mais favorecedor da CN de número, sem oscilações de percentuais para outros fatores, como ocorre com a variável *faixa etária*;
- b) *na análise não atomística dos dados escritos*: novamente o *sexo feminino* apresentou maiores percentuais para marcação de pluralidade, mas na modalidade escrita, em Carpina, não ocorreu apenas para a *faixa etária 3*, mas em todas as *faixas etárias*, e são as informantes do *sexo feminino* a aplicarem mais a CN de número.

Vale salientar que esta pesquisa aponta para necessidade de realização de estudos vindouros, sobretudo, no PE, por aventar a hipótese de que possa haver uma frequência maior de cancelamento da CN por razões como:

- a) constante contato entre portugueses e brasileiros em ambos os países;
- b) constante imigração de brasileiros em Portugal;
- c) grande influência dos *youtubers* brasileiros sobre a linguagem das crianças e adolescentes portugueses;
- d) grande presença da mídia televisiva e indústria cinematográfica brasileira em território português.

Em linhas gerais, pode-se dizer, por um lado, que o estudo aqui realizado é o pontapé inicial para uma agenda de pesquisa sociolinguística que contemple a CN de número em diferentes regiões portuguesas, visto que a literatura produzida sobre essa concordância ainda é bastante escassa.

Diante da pouca quantidade de regiões e falantes portugueses investigados, ainda seria muito cedo para afirmar que essa concordância no PE possui um comportamento similar ao que foi encontrado na língua falada e escrita de estudantes de Lisboa ou do Algarve. Por outro lado, este trabalho investigativo constitui-se como pioneiro na medida em que compara não só duas modalidades de uso da língua por um mesmo falante em diferentes regiões de um só país (comparação intralinguística), como também realiza uma comparação interlinguística (Brasil e Portugal).

Ademais, espera-se que futuros trabalhos possam investigar a realização ou não realização da CN de número com uma recolha de dados mais ampla em mais localidades portuguesas, selecionando informantes com escolaridade mais baixa, no intuito de verificar se permanece o uso da variante padrão em alto percentual, e se é possível encontrar mais semelhanças entre o fenômeno em estudo nas variedades do PB e do PE.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANDRADE, L. M. **Rupturas e contínuos na concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.
- ANDRADE, M. C. de O. (coord.). **Atlas Escolar de Pernambuco**. João Pessoa: GRAFSET, 2003.
- ARAÚJO, C. N. **Estudo da Concordância Nominal de Número em Textos Escritos de Alunos do Ensino Fundamental II**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- ASSESSORIA COMUNICAÇÃO ISNEB. Carpina e Natal: Festa de São José. **Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil**, 22 mar. 2017. Disponível em: <https://nhsalesiano.blogspot.com/2017/03/carpina-e-natal-festa-de-sao-jose.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- BAGNO, M. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARRETO, F. V. V. **A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português europeu**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BASSO, R.; ILARI, R. **O português da Gente: A língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: Evitando Confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 17-36.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEZERRA, F. J. A. *et al.* (org.). **Perfil socioeconômico de Pernambuco**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRAGA, M. L. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1., 1976, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-477.

BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. **Veredas: Revista de Estudos Linguístico**, v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25102>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em três variedades do português: resultados gerais, novas indagações. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 7, p. 36-52, mar. 2015.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 3, p. 1035-1064, 2012.

CANGACEIRA, Célia. Danças típicas do Nordeste: grupo de xaxado Os Cabras de Lampião. [20-]. Pinterest: @cellia2012. Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/483925922449031512/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CAPELLARI, E. T. C. **Concordância Nominal de Número na Fala Infantil: Análise Variacionista**. 2004. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CARDEIRA, E.; MATEUS, M. H. M. **Norma e Variação**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

CARVALHO, R. C. **Concordância de número no sintagma nominal, na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CEZÁRIO, M. M.; COSTA, M. A.; CUNHA, M. A. Pressupostos Teóricos Fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F.; MARTELOTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.

CHAVES, Raquel Gomes. Princípio de Saliência Fônica: Isso Não Soa Bem. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez., 2014.

COELHO, I. L. *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DIAS, D. F. P. **O Que Todos Precisamos de Saber: História de Portugal**. Lisboa: Verso de Kapa, 2017.

DIAS, M. C. A. **A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense**. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

DÓRIA, T. P. L. **Um Estudo da Variação no Sintagma Nominal: A Concordância de Número em Comunidades Baianas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

DUBOIS, John W. Competing motivations. *In*: HAIMAN, John. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 342-65.

EMBAIXADA DE PORTUGAL NO BRASIL. [20--]. Economia. Disponível em: <https://brasil.embaixadaportugal.mne.gov.pt/pt/sobre-portugal/economia>. Acesso em: 26 jan. 2022.

EURODICAS. Queima das fitas em Portugal: como funciona a festa acadêmica. 2019. Disponível em: <https://www.eurodic.com.br/queima-das-fitas/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, M. **Concordância Nominal na Região Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FERRAZ, M. J. **Ensino de Língua Materna**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

FIAMENGUI, A. H. R. **A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto**. 2011. Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

FONSECA, T. L. W. **Concordância Nominal em Guarapuava**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2016.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GIVÓN, T. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**. Amsterdã: Jonh Benjamins, 1990.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

GUY, G. R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões da variação linguística. **Ornanon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, v. 14, n. 28-29, 2000.

GUY, G. R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Boletim da ABRALIN**, v. 26, n° esp., 2001. Disponível em: [https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN\\_26.pdf](https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

HAIMAN, John. The iconicity of grammar. **Language**, LSA, v. 56, n. 3, p. 515-40, set. 1980.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, LSA, v. 59, n. 4, 1983.

IBGE. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&part=3&tid=25&destaques=&t=destaques>. Acesso em: 14 set. 2021.

IBGE. **Panorama de Recife**. [202-]a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2021.

- IBGE. **Panorama de Serra Talhada**. [202-]b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/serra-talhada/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- IBGE. **Panorama de Petrolina**. [202-]c. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- IBGEeduca. [202-]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- KOCH, Ingedore Villaça; VANDA, Maria Elias. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principals. PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachussets: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LEFBVRE, Claire. Variation in plural marking: the case of cuzco quechua. *In*: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta. (ed.). **Variation Omnibus**. Canadá: Linguistic Research Inc., 1981. p. 125-133.
- LEMLE, M; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro: Mobral, Fundação Ford, 1977.
- LIMA, Alessandra. Cidade de Faro Portugal: o que fazer na Capital da Região do Algarve. **Viagens de Cá pra Lá**. [20--]. Disponível em: <https://viagensdecaprala.com.br/cidade-de-faro-portugal/>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- LOPES, L. O. J. **A Concordância Nominal de Número no Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina/ES**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- LOPES, N. S. **Concordância Nominal, Contexto Linguístico e Sociedade**. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- LUIS, Isilda. Images of Portugal: A popular ball in Santo António festivities in Lisbon, Festas de Portugal, Arrial, Portugal. [20--]. Pinterest: @abelha21. Disponível em: [www.pinterest.de/pin/512566001314213675/](http://www.pinterest.de/pin/512566001314213675/). Acesso em: 15 jun. 2019.
- MANGABEIRA, A. B. A. **Variação na Concordância Nominal, Prática Social e Identidade Entre Jovens e Adultos do Centro do Trabalhador (Porto Alegre-RS)**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa**. 2012. Disponível em: [http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino\\_2012\\_1/ELABORACAO\\_QUESTIONARIOS\\_PESQUISA\\_QUANTITATIVA.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARIANO, M. P. **O Fenômeno da Concordância Nominal em Redações Escolares**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARIANO, M. P. **Análise da Concordância Nominal na Escrita de Aprendizagens do Fundamental II: Avaliação Subjetiva e Reflexões Sobre o Ensino**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MARQUES, A. K. L. O. M. **A Concordância de Número no Sintagma Nominal: uma Análise Sociolinguística da Língua Falada em Maceió**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

MARTINS, F. S. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, F. S. **Variação na Concordância Nominal de Número na Fala dos Habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MATEUS, M. H. M. Diversidade linguística na escola portuguesa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 18, p. 13-24, 2011.

MIEIRA, G. A. **Estudo Comparativo Entre As Normas Popular e Culta do Português de Vitória da Conquista: Concordância Nominal de Número**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NARO, Anthony J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, LSA, v. 57, n. 1, p. 63-68, 1981.

NARO, Anthony J.; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. *In*: STEEVER, Sandord B. Et alii (ed.). **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-41.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ODISSEIAS. **Muthu Ouro Praia Hotel** [...]. [20--]. Disponível em: <https://www.odisseias.com/hoteis-e-viagens/experiencia/muthu-oura-praia-hotel-4-albufeira-ferias-em-familia-em-apartamento-junto-a-praia/174398>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, M. A. de; NASCIMENTO, M. do. Da Análise de “Erros” aos Mecanismos Envolvidos na Aprendizagem da Escrita. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 12, p. 33-43, dez. 1990.

PEREIRA, C. C. **O apagamento do plural em sintagmas nominais numa comunidade de fala da cidade de Goiás**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

PEREIRA, D. K. F. **A realização do artigo definido no português falado na região do Sertão do Pajeú – PE**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

PINHEIRO, L. R. **A Concordância Nominal no Português de Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV: William. (ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

PORDATA. Escolaridade da população. **Fundação Francisco Manuel dos Santos**, [20--]. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Escolaridade+da+Popula%C3%A7%C3%A3o-45>. Acesso em: 10 out. 2020.

PORTUGAL DE NORTE A SUL. [20--]. Disponível em: <https://www.portugaldenorteesul.pt/4914/mapa-de-portugal-de-norte-a-sul>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PREFEITURA DE BELO JARDIM. Belo Jardim passa a integrar Mapa do Turismo Brasileiro. Belo Jardim, [20--]. Disponível em: <https://belojardim.pe.gov.br/belo-jardim-passa-integrar-mapa-do-turismo-brasileiro/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PREFEITURA do Recife anuncia suspensão do Carnaval em 2022. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 jan. 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2022/01/prefeitura-do-recife-anuncia-suspensao-do-carnaval-em-2022.html#.YfNuVqrAa-c.whatsapp>. Acesso em: 28 jan. 2022.

PREFEITURA DO RECIFE. [202-]a. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PREFEITURA DO RECIFE. Cultura. [202-]b. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/cultura>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PRODUÇÃO de uvas e vinhos no Vale do São Francisco, uma história que começa na década de 1960. **G1 Petrolina**, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/producao-de-uvas-e-vinhos-no-vale-do-sao-francisco-uma-historia-que-comeca-na-decada-de-1960.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2021.

RIBEIRO, Susana. Mapa de Portugal: roteiro e guia para visitar. [20--]. Pinterest: @ViajeComigo. Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/430164201903758491/>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Tagliamonte; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Canadá: Department of Linguistics,

University of Toronto, 2005.

SANTOS, L. E. R. S. **A Variação da Concordância Nominal de Número em Cartas Inábeis do Sertão Baiano (1906-2000)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SANTOS, Lília Soares Miranda. **Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG: uma abordagem variacionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. Paralelismo Linguístico. **Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

SCHNEIDER, S. D. **Concordância Nominal na Fala de Crianças de 3 a 6 Anos de Idade do Município de Novo Hamburgo: Variação Linguística na Infância**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, C. K. B. **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?** 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SILVA, Fernando Gomes da. **Alagoanos em São Paulo e a Concordância Nominal de Número**. 2014. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUSA, A. M. e; THERIAGA, Antônio; INVERNO, Catarina. **CNE, Portugal e Escutismo**. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2013.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.

TABOSA, M. V. S. **A Variação na Concordância Nominal de Número no Falar do Cariri Cearense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VALENTE, R. S. **Diferenças e Similaridades Colocacionais Entre o Português Brasileiro e o Português Europeu: Estudo Baseado na Noção de Função Lexical da Teoria Sentido**. 2002. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07\\_9.htm](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_9.htm). Acesso em: 20 nov. 2020.

VIAGENS E CAMINHOS. Portimão – Portugal: Praias, dicas, pontos turísticos. [20--]. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/2020/05/o-que-fazer-em-portimao-portugal.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VISITANDO PORTUGAL. Mapa do Algarve. [20--]. Disponível em: <https://visitandoportugal.wordpress.com/mapas-de-portugal/mapa-do-algarve/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, v. 19, n. 1, p. 29-58, 1983.

ZILLES, A. **A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos**. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

ZORZI, J. L. Alterações Ortográficas nos Transtornos de Aprendizagem. *In*: Maluf, M. I. (org.). **Aprendizagem**: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 144-162.

**APÊNDICE A – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA OS CICLOS 2 E 3  
DO ENSINO BÁSICO NO PE**

ALUNO(A): \_\_\_\_\_

ESCOLA: \_\_\_\_\_

TIPO DE ESCOLA: ( ) Pública ( ) Particular

ANO QUE CURSA: \_\_\_\_\_

IDADE DO(A) ALUNO(A): \_\_\_\_\_

SEXO: ( ) Masculino ( ) Feminino

SUGESTÃO PARA 6º a 9º ANOS

### Castelos de Areia

Natércia Rocha; Isabel Pissarra-*Castelos de areia* (Venda Nova, Bertrand Editora, 1995)

Junto a uma serra há uma praia pequenina, de areia macia, onde as crianças gostam de brincar. É ali que se encontram muitas vezes a Rita, o Miguel e o André, três primos cuja melhor brincadeira é construir castelos, ali à beira do mar. Mas são sempre uns senhores castelos! Altos, com torres e torreões, com portas e portões!

E é ver quem faz o castelo mais alto, mais complicado, mais... tudo!

Um dia, os primos resolveram construir um castelo com pessoas, cavalos, portas, janelas, árvores e tudo o mais que lhes viesse à cabeça. E o castelo ali se ergueu, maior do que todos os outros.

— Castelo sem princesa, nunca se viu! — disse a Rita.

E logo os primos puseram uma princesa à janela. Em seguida, tiveram outras ideias:

---



---



---



---



---



---



---

## APÊNDICE B – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA O SECUNDÁRIO NO PE

ALUNO(A): \_\_\_\_\_

ESCOLA: \_\_\_\_\_

TIPO DE ESCOLA: ( ) Pública ( ) Particular

ANO QUE CURSA: \_\_\_\_\_

IDADE DO(A) ALUNO(A): \_\_\_\_\_

SEXO: ( ) Masculino ( ) Feminino

SUGESTÃO PARA ENSINO SECUNDÁRIO

### O Canteiro dos livros

José Jorge Letria — *O canteiro dos livros* (Lisboa, Texto Editores, 2006)

(Adaptação)

Francisco nem queria acreditar no que os seus olhos viam. No canteiro das hortênsias, ao fundo do quintal, tinham começado a sair da terra mole pedaços de folhas com palavras impressas e mesmo algumas lombadas de livros. O que estaria a acontecer no seu quintal, onde tudo parecia viver na maior paz e harmonia, sem espaço nem tempo para acontecimentos inexplicáveis?

A primeira coisa em que pensou foi ir a correr para casa e dizer à mãe: «Vem depressa, que estão a acontecer coisas muito estranhas no canteiro das hortênsias!»

Porém, teve medo que a mãe, conhecendo como conhecia a sua tendência para inventar fenómenos fantásticos, nem sequer perdesse tempo a dar-lhe atenção, ou então que, depois de ver o que estava a passar-se, fosse levada a pensar que tudo aquilo não passava de um truque bem apanhado.

Nessa noite, antes de se deitar, foi sorrateiramente ao quintal com uma lanterna na mão e descobriu que aquelas estranhas criaturas inanimadas mas cheias de letras continuavam a emergir da terra em que vira nascer as mais belas hortênsias da sua rua, trazidas pela tia da ilha da Madeira.

Algo inesperado aconteceu:

---



---



---



---



---



---



---

**APÊNDICE C – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS NO 2º E  
3º CICLOS NO PE**

**Entrevista com alunos de textos selecionados  
6º e 9º anos**

**Perguntas**

1. Com quem tu moras? Descreve as características físicas e comportamentais das referidas pessoas.
2. Comenta sobre teu filme, série ou livro preferido.
3. Descreva tua escola.
4. Qual disciplina preferes?
5. Descreva tua cidade.
6. Lembras do último passeio que fizeste? Conta como foi.
7. Qual é teu estilo musical? Fala sobre tua banda ou cantor(a) preferido(a).
8. Tens amigos em tua rua? Descreva tua rua.
9. Conta o que tens costume de fazer nos finais de semana.
10. Quais são teus animais preferidos? Justifica tua resposta.
11. Lembra de um momento alegre que vivenciaste? Conta como foi.
12. Relata um facto interessante que aconteceu em tua escola.
13. Gostas mais de criar uma estória ou de escrever tua opinião sobre um fato.
14. Se pudesses visitar outro país, qual seria e o que mais gostarias de ver por lá?
15. Já aprendeste a preparar algum prato? Se sim, como é feito?
16. Qual é o teu maior sonho?

**APÊNDICE D – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O ENSINO SECUNDÁRIO  
NO PE**



**Entrevista com alunos de textos selecionados  
10 ao 12º do Ensino Secundário**

**Perguntas**

1. Qual a importância do estudo? Qual profissão pretendes exercer e como planejas conquistá-la?
2. Fala sobre tua escola.
3. Qual é a tua disciplina favorita?
4. Conheces algum(a) brasileiro(a)? Faça uma descrição sobre ele(a).
5. Preferes ler livros, assistir filmes ou séries? Narra uma estória preferida do teu género favorito.
6. Qual é teu estilo musical? Fala sobre tua banda ou cantor(a) preferido(a).
7. Se tivesses muito dinheiro, o que farias?
8. Tua cidade recebe muitos turistas? Se sim, o que pensas sobre seus idiomas?
9. Descreva tua cidade.
10. O que entendes por preconceito? Comenta casos do quotidiano.
11. Fala sobre um momento feliz que vivenciaste.
12. Descreva tua festa preferida do ano.
13. Quais as características de uma pessoa educada?
14. O que pensas sobre o uso das redes sociais na actualidade?
15. Fala sobre teu país. Faça uma descrição.
16. Fala sobre teu/tua melhor amigo(a).

**APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADOR NO PE****Declaração do Entrevistador**

Declaro para os devidos fins que, enquanto português nativo, realizei a entrevista na cidade de \_\_\_\_\_ do participante \_\_\_\_\_, sob a presença do pesquisador Cícero Kleandro Bezerra da Silva, doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e Centro Linguístico na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Portugal, \_\_\_\_\_

---

Assinatura do Entrevistador

---

Assinatura do Participante

## APÊNDICE F – FICHA SOCIAL PARA O PE

### INSTUMENTO 1: Ficha Social



**INFORMANTE:**

\_\_\_\_\_

**AGRUPAMENTO:**

\_\_\_\_\_

**TIPO DE ESCOLA ONDE ESTUDA:** ( ) Pública ( ) Particular

**ANO QUE CURSA:** \_\_\_\_\_

**IDADE DO(A) ALUNO(A):** \_\_\_\_\_

**SEXO:** ( ) Masculino ( ) Feminino

#### 1 Dados do pai:

Idade:

Nível de Escolaridade:

Profissão:

#### 2 Dados da mãe:

Idade:

Nível de Escolaridade:

Profissão:

#### 3 Situação habitacional

3.1 Reside em moradia:

( ) própria

( ) alugada

( ) financiada

( ) cedida

( ) outro

#### 4 Outras informações

4.1 Assinala o tipo de programa de TV preferido:

( ) desenho animado ( ) novela ( ) telejornal ( ) Entretenimento ( ) filmes nacionais

( ) filmes internacionais

4.2 Costumas viajar para outros concelhos ou distritos? Se costumas, diga quais são.

4.3 Há quanto tempo moras nesse distrito?

4.5 Já moraste fora do teu distrito? Há quanto tempo e em que sítio?

4.6 Preferes amizade com:

crianças  adolescentes  jovens  adultos  idosos

4.7 És interessado por leitura?

sim

não

Se sim, que tipo de leitura?

4.8 Qual o meio de comunicação que utilizas?

rádio

jornal

revista

TV

internet

outro

nenhum

4.9 Costumas assistir telejornal?

sim

não

Se sim, com que frequência?

Qual jornal?

Em que período do dia?

4.10 Sempre estudaste em escola pública?

sim

não

Se não, quais os anos em que estudaste na escola particular?

4.11 Frequentas algum curso de língua estrangeira?

sim

não

4.12 Qual a tua atividade de lazer?

4.13 Costumas discutir sobre assuntos da atualidade com outras pessoas?

( ) sim

( ) não

**5 Nas aulas de português, há mais assuntos sobre gramática ou leitura e produção de texto?**

5.1 Nas aulas de português, vivencias mais assuntos de gramática para a fala ou escrita?

5.2 Tens colegas de outros países na escola? De quais países?

5.3 O que mais gostas nas aulas de português?

**6 Costumas ler:**

( ) um livro por mês

( ) dois ou mais livros por mês

( ) um a dois livros por ano

( ) mais de dois livros por ano

( ) não costuma ler livros

**7 Com que frequência usas as redes sociais na internet?**

( ) pouco

( ) razoavelmente

( ) muito (passo várias horas me comunicando via internet)

( ) não gosto das redes sociais

## APÊNDICE G – FICHA SOCIAL PARA O PB



<p><b>INFORMANTE:</b></p> <p>_____</p>
<p><b>ESCOLA:</b></p> <p>_____</p>
<p><b>TIPO DE ESCOLA:</b> ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Particular</p>
<p><b>ANO QUE CURSA:</b> _____ ( ) Ensino Fundamental I ( ) Ensino Fundamental II ( ) Ensino Médio</p>
<p><b>IDADE DO(A) ALUNO(A):</b> _____</p>

### 1 Dados do pai:

Idade:

Nível de Escolaridade:

Profissão:

Horário de trabalho:

Religião:

### 2 Dados da mãe:

Idade:

Nível de Escolaridade:

Profissão:

Horário de trabalho:

Religião:

### 3 Situação habitacional

3.1 Reside em moradia:

( ) própria

( ) alugada

( ) financiada

( ) cedida

( ) outro

### 4 Outras informações

4.1 Assinale o tipo de programa de TV preferido:

( ) desenho animado ( ) novela ( ) telejornal ( ) Entretenimento ( ) filmes nacionais

( ) filmes internacionais

4.2 Você costuma viajar para outras cidades ou estados? Se costuma, diga quais são.

4.3 Há quanto tempo, você mora nessa cidade?

4.5 Você já morou fora de sua cidade? Há quanto tempo e em que lugar?

4.6 Você prefere amizade com:

crianças  adolescentes  jovens  adultos  idosos

4.7 Você é interessado por leitura?

sim

não

Se sim, que tipo de leitura?

4.8 Qual o meio de comunicação usado por você?

rádio

jornal

revista

TV

internet

outro

nenhum

4.9 Você costuma assistir telejornal?

sim

não

Se sim, com que frequência?

Qual jornal?

Em que período do dia?

4.10 Você sempre estudou em escola pública?

sim

não

Se não, quais as séries que você fez na escola pública e quais as séries que você fez na escola particular?

4.11 Você frequenta algum curso de língua estrangeira?

sim

não

4.12 Qual a sua atividade de lazer?

4.13 Você costuma discutir sobre assuntos da atualidade com outras pessoas?

- sim
- não

**5 Nas aulas de português, existem mais assuntos sobre gramática ou leitura e produção de texto?**

5.1 Nas aulas de português você vivencia mais assuntos de gramática para a fala ou escrita?

5.2 Você perde pontos se escrever palavras ou frases na prova ou trabalho com “erros” gramaticais ou ortográficos?

5.3 O que você mais gosta nas aulas de português?

**6 Você costuma ler:**

- um livro por mês
- dois ou mais livros por mês
- um a dois livros por ano
- mais de dois livros por ano
- não costuma ler livros

**7 Com que frequência você usa as redes sociais na internet?**

- pouco
- razoavelmente
- muito (passo várias horas me comunicando via internet)
- não gosto de redes sociais

## APÊNDICE H – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O 6º E 9º ANOS DO FUNDAMENTAL NO PB



### Entrevista com alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental

**INFORMANTE:**

\_\_\_\_\_

**ESCOLA:**

\_\_\_\_\_

**TIPO DE ESCOLA:** ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Particular

**ANO QUE CURSA:** \_\_\_\_\_ ( ) Ensino Fundamental I ( ) Ensino Fundamental II ( ) Ensino Médio

**IDADE DO(A) ALUNO(A):** \_\_\_\_\_

**SEXO:** ( ) Masculino ( ) Feminino

### ROTEIRO

1. Com quem você mora? Fale como elas são e o que gostam de fazer.
2. Qual seu filme favorito? Por quê? Conte o que acontece no filme.
3. Como é a sua escola?
4. De qual disciplina você mais gosta e por quê?
5. Quais são os maiores problemas de sua cidade? Como poderia resolvê-los?
6. Lembra do último passeio que você fez? Conte como foi.
7. De que música você gosta? Por quê? Fale sobre sua banda ou cantor(a) preferido(a).
8. Fale sobre a rua onde você mora. Como são seus amigos e o que mais gostam de fazer?
9. Conte o que você costuma fazer nos finais de semana.
10. De que animais você gosta? Por quê? Como você acha que as pessoas tratam os animais em sua cidade?
11. Lembre de um momento alegre ou de um perigo que você passou. Conte como foi.

12. Relate um fato interessante que aconteceu em sua escola.
13. O que acontece nas aulas de português?
14. Se pudesse visitar outro país, qual seria, o que mais gostaria de ver por lá? Fale sobre esse país.

## APÊNDICE I – SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA O 3º ANO DO MÉDIO NO PB



### Entrevista com alunos de textos do 3º ano do Ensino Médio

**INFORMANTE:** \_\_\_\_\_

**ESCOLA:** \_\_\_\_\_

**TIPO DE ESCOLA:** ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Particular

**ANO QUE CURSA:** \_\_\_\_\_ ( ) Ensino Fundamental I ( ) Ensino Fundamental II ( ) Ensino Médio

**IDADE DO(A) ALUNO(A):** \_\_\_\_\_

**SEXO:** ( ) Masculino ( ) Feminino

### ROTEIRO

1. O estudo é importante? Por quê? Que profissão você pretende exercer e como planeja conquistá-la após seus estudos?
2. Como é a sua escola? De que disciplina você mais gosta e por quê?
3. Você acha que a maconha deveria ser legalizada? Por quê?
4. Fale sobre um livro que você já leu ou um filme que já assistiu. Que episódio ou cena foi marcante para você? Narre o que acontece na história.
5. Qual é seu estilo musical? Fale sobre sua banda ou cantor(a) preferido(a).
6. Se tivesse muito dinheiro, o que você faria?
7. Como você explicaria a violência que ocorre em nosso país? Fale sobre alguma situação de violência que marcou a sua cidade ou região.
8. Quais são os maiores problemas de sua cidade? Como poderia resolvê-los?
9. O que você entende por preconceito? Comente casos do cotidiano.
10. Lembre de um momento alegre que você passou e conte como foi.

11. Eu gostaria que você falasse sobre algum perigo de vida sofrido por você ou por alguma pessoa conhecida.
12. Você acha que os brasileiros deveriam falar seguindo as normas de sua língua? Justifique.
13. Fale o que pensa sobre esse país.
14. Descreva seu(sua) melhor amigo(a) e sua convivência com ele(a).



**ANEXO A – DECLARAÇÃO DE ENTREGA DE RELATÓRIO FINAL PARA A  
GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO SERTÃO DO MÉDIO SÃO  
FRANCISCO**



SECRETARIA DE  
EDUCAÇÃO E ESPORTES



GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO SERTÃO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO  
COORDENAÇÃO GERAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que, recebemos de CÍCERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA o Relatório Final da Pesquisa intitulada O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM PRODUÇÕES ESCRITAS E ORAIS DE ALUNOS PERNAMBUCANOS E PORTUGUESES, em 11/07/2022.

Petrolina, 11 de julho de 2022.

  
**Maria Josenilda do Nascimento de Souza**  
Coordenadora Geral de Desenvolvimento da Educação

Maria Josenilda do Nascimento de Souza  
Coordenadora Geral de Desenvolvimento da Educação  
Matrícula 154.540-0

## ANEXO B – DECLARAÇÃO DE ENTREGA DE RELATÓRIO FINAL PARA O INSTITUTO PAULO FREIRE DA PREFEITURA DO RECIFE

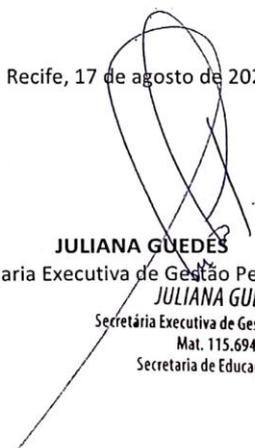
Prefeitura da Cidade do Recife  
Secretaria de Educação  
Secretaria Executiva de Gestão Pedagógica



### DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que recebemos do Sr. Cícero Kleandro Bezerra da Silva, Dr. em Linguística (UFPE) / Prof. Faculdade do Belo Jardim, em 08 de Agosto de 2022, o relatório final sobre os resultados da pesquisa “O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PRODUÇÕES ESCRITAS E ORAIS DE ALUNOS PERNAMBUCANOS E PORTUGUESES”.

Recife, 17 de agosto de 2022

  
**JULIANA GUEDES**  
Secretaria Executiva de Gestão Pedagógica  
**JULIANA GUEDES**  
Secretária Executiva de Gestão Pedagógica  
Mat. 115.694-2  
Secretaria de Educação - PCR

Prefeitura do Recife  
Av. Cais do Apolo, 925, Bairro do Recife/Recife-PE | CEP: 50.030-230  
www.recife.pe.gov.br

Secretaria Executiva de Gestão Pedagógica  
Fone: 3355.5965

**ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFPE**

## DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

## – DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O fenômeno variável da concordância nominal em produções escritas e orais de alunos pernambucanos

**Pesquisador Responsável:** Cícero Kleandro Bezerra da Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 72343817.0.0000.5208

**Submetido em:** 29/03/2018

**Instituição Proponente:** Centro de Artes e Comunicação

**Situação da Versão do Projeto:** Aprovado

**Localização atual da Versão do Projeto:** Pesquisador Responsável

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_1103438